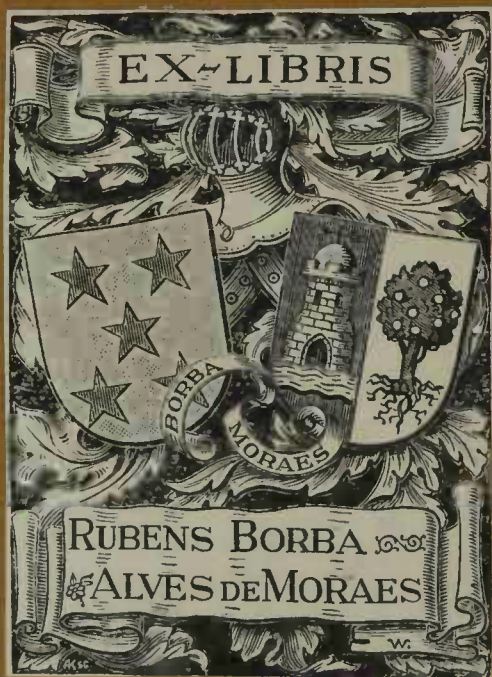




EX-LIBRIS

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES



OLAVO BILAC

ULTIMAS
CONFERENCIAS
E
DISCURSOS

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166, RUA DO OUVIDOR, 166 — Rio de Janeiro

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

129, Rua Libero Badaró

Rua da Bahia, 1055

ULTIMAS CONFERENCIAS
E DISCURSOS

Nº 705

I

ALFREDO PUJOL

(S. Paulo, 30 de Dezembro de 1917)

“Alfredo Pujol! Quizeram os nossos amigos que viesse de longe o encarregado de interpretar, nesta alegre festa, a affeição de tantos que tão perto vivem eontigo. Não haveria signífieação notavel no seu appello e na minha vinda, si esta particularidade da distancia se limitasse ao sentido do espaço. Com a estrada de ferro, que daqui a poueo será substituida por esquadras de machinas voadoras, o Rio de Janeiro e S. Paulo já são vizinhos, e em breve serão dois bairros de uma mesma eidade; e mais velozes do que as loemotivas e os aeroplanos são o pensamento e a amizade, que instantaneamente me deixam ficar ao teu lado, eomo ao lado de tantos eompanheiros queridos que tenho nesta amada Paulicéa, apesar das não sei quantas leguas que afastam as nossas resideneias. Aqui, a expressão interessante da distancia está no sentido do tempo. Digo que venho de longe para saudar-te, porque venho do passado, da tua e da minha

moeidade. Desejaram os nossos amigos que, neste dia de premio, o prégoeiro da victoria fosse um dos mais antigos, sinão o mais antigo dos teus eompanheiros de esperanças e fadigas. Na hoste dos irmãos de armas, a primazia não eoube ao mais digno; coube ao mais velho. Mais de trinta annos de amizade fiél dão dominio e autoridade... Sinto muito que esta referencia á minha veteranice não te remoce. Perdôa-me este “memento” doloroso; resigna-te, como me resigno, com uma certa vaidade. A mais trivial dessas trivialidades, a que chamamos “calinadas” é a que nos aeonseilha paciencia no envelhecimento, lembrandonos que o unieo proeesso para viver muito é envelheer; e o orgulho sobredoura a paciencia, quando o que se eneaminha para a velhiee traz na bagagem a dignidade e a alegria.

O movel desta brilhante reunião foi a tua eleição á Academia Brasileira. Mas não falo aqui em nome da Aeademia. No seio da eorporação já uma outra voz foi chamada para dar-te a boavinda e a justa aeollhida; lá dentro serás reebido por um mestre das letras e do direito, um nobre homem raro, euja benevolencia dá felicidade, cujo louvor é sempre condeoração altissima, e em eujo espirito se alliam o talento e a virtude. Não trago delegação do gremio a que vais dar tanto lustre. Mas como ealar aqui a prineipal razão deste signal da estima dos teus admiradores, quando é tão bello o motivo da festa e tão justo o galardão que reeberam os teus serviços? E como poderia eu aqui despir-me da investidura de aeademicio?

este cargo é vitalício, inamovível e inamissível, irrevogável e fatal; nem uma pena infamante me privaria da tonsura académica! os estatutos da nossa Companhia são tyrannicos como os da Igreja: dão ao ordinando para a vida e para além da vida a imposição de ordens perpetuas — tunica terrível, que não pôde ser arrancada sem levar consigo retalhos da carne e da alma. Vê bem, novo Hercules, o que conseguiste com vinte e sete votos de immortaes!

Honrou-se a Academia, quando accitou a tua candidatura. Entre outros trabalhos, com que poderias negociar a tua admissão no cenaculo, um houve, que bastou para obrigar o castello da nossa fragil immortalidade a aplanar os seus appoxes e a abaixar a sua ponta levadiça ao primeiro signal da tua presença: o teu trabalho sobre Machado de Assis.

Não sei si é um livro de crítica, o que escreveste sobre o romancista das “Memorias Posthumas de Braz Cubas”. E’, certamente, um livro encantador e commovedor, de admiração e piedade.

Receio mostrar-me irreverente e paradoxal, duvidando da necessidade de critica ê criticos em material de arte. Sempre haverá critica, porque critica é philosophia; a philosophia, sendo a sciencia dos principios e das causas, é principalmente a disciplina da logica: e sem logica não pôde haver esclarecimento e encadeamento das cousas do espirito. Compreendo o valor indiscutível da critica, quando é grammatical e historica, annotadora e revisora da authenticidade e pureza de textos e de datas, commentadora de

tendencias geraes de costumes, de religiões, de literaturas. Mas não a acredito capaz de crear ou anniquilar aptidões, de inventar e matar escolas e correntes artisticas. Nunca tive conhecimento de um verdadeiro escriptor de genio, ou, mais propriamente, de invenção, de poder creador e de expressão, que se tenha feito á custa de conselhos de criticos; nunca vi que bons temperamentos artisticos se estraguem por falta ou por maus ensinamentos de censores, nem que literatelhos sem nervo se transformem em architectos de primores por obra e graça de aristarchos didactas. De criticos sabemos, que são artistas creadores, e só por defastio abandonam a creação pela critica. Mas os Taines são raros. Abundantes e pullulantes são outros, que são artistas mallogrados: naufragos da litteratura, immoveis na praia ou nos cachopos a que foram arrojados, não sabendo ou não podendo navegar, e ficando de longe, a examinar e censurar os navegadores, que, de vélas soltas e proa corajosa, singram pelo mar alto. Alguns, quando invadem o dominio da victima, armados de picareta e microscopio, levam, como guia unica, a má vontade; o preconcebido desejo de encontrar muitas jaças nos diamantes, muita areia no ouro, muito cascalho inutil e muito lodo na mina esquadrinhada: e, quando a colheita das impurezas é rica — que triumpho! Esta antipathia é o despeito dos estereis que, incapazes de gerar filhos bellos, nem feios, rejubilam com os senões dos filhos alheios; e, si não ha nesta pesquisa de taras uma desforra da impotencia, ha ao menos a ancia de viver e

brilhar á custa da vida e do brilho dos outros: criticos ha, que subsistem ás costas dos criticados, — seres parasitarios ou commensaes, como a epiphyta, que viça pegada ao tronco generoso, ou como o epizoario, que passeia ao sol, agarrado á casca do caranguejo complacente.

Si és critico, pertences a famosa e privilegiada familia, á qual não se entroncam por parentesco proximo nem remoto aquelles mirrados rabecedores.

De admiração e piedade, de grande amor foi feito o teu livro. Por aquella vasta e poderosa obra de genio, entraste com o espirito forçado de enthusiasmo; e, porque sabias que aquella obra era de um infeliz, entraste com o coração cheio de misericordia. Mostraste bem o prodigio daquelle escriptor e dos seus escriptos: o creador e a creação milagrosamente brotados de tão obscura origem e tão acanhado ambiente social, — tão extranho o philosopho como a sua philosophia, tão inesperado e perturbador o poeta como a sua poesia. Contaste bem a honrada vida daquelle heróe das letras, — a modestia e o recato daquelle corajoso, a tenacidade naquelle timido. Indicaste o mundo de idéas que referve nos seus livros, e a maravilhosa fórmula em que foram vasadas estas idéas, a nova perfeição, tecida de graça e leveza, que o melhor dos nossos escriptores, soube dar á nossa lingua. Estudaste, passo a passo, o artista e o homem, a sua gloria e a sua tristeza, o seu valor e os seus soffrimentos. Ao contrario daquelles duros cavouqueiros, de que ha pouco falámos, que propositadamente es-

condem debaixo das impurezas as pepitas fulgidas encontradas no acervo, — foste, nesta excavação carinhosa, um catador de bellezas occultas, um descobridor de riquezas ignoradas; aqui, deste realce a uma phrase que passava sem reparo; ali, feriste um recanto de commoção que se apagava na sombra; além, apprehendeste uma subtiliza que fugia; adeante, fizeste brilhar uma lagrima que se mascarava num riso; mais adeante, fizeste expandir-se um gesto de generosidade que se manietava numa ironia. Não foste um critico. Foste um crente devotado, um guarda abnegado do thesouro, um entusiasta conservador do museu.

A Academia saberá agradecer o culto, que soubeste dar ao seu fundador. Não vim aqui interpretar o que pensa a Academia; e os nossos amigos não estão aqui unicamente para felicitar-te pela tua eleição, e unicamente porque és um homem de letras victorioso e premiado.

Aqui estamos para mostrar-te que, sobre sermos admriadores teus, somos teus amigos; queremos exaltar, sobre o teu talento, a tua bondade e a tua lealdade.

Quem te conhece, Alfredo Pujól, e já viveu alguns minutos dentro da tua bibliotheca, não pôde mais separar, no espirito, da lembrança da admiravel casa dos teus livros a lembrança da tua vida intima. Ordenaste a tua bibliotheca á feição da tua alma. . .

Um verdadeiro bibliophilo e sempre um bom homem, e um amigo de todas as cousas boas e bellas.

Amar os livros é como amar as flores: é amar tudo que perfuma e encanta a vida; “si hortum cum bibliotheca habes, nihil neerit”, como escreveu o sobrio e elegante Cicero. E’s um bibliophilo, e não um bibliomano. Nos bibliomanos reside a furia inconsciente, que governa o grosso dos colleccionadores maniacos, paixão pela posse dos livros e não pelo entendimento delles, enthesouramento atabalhoado de codices preciosos e bacamartes inuteis: é a mesma cobiça desordenada, a mesma avareza doentia dos que guardam indistinctamente, sem serventia, moedas de ouro e cachimbos rachados, pedras preciosas e fechaduras ferrugentas, cabellos femininos e cacos de louça. Ao passo que, nos bibliophilos, em vez da mania desarrazoada, reside o culto consciente dos livros, a vaidade da posse e o goso da leitura, a guarda e o conhecimento do thesouro, o cuidado pelo deposito e o enternecimento pelo seu valor. Na bibliophilia, ha intelligencia, discernimento, bom gosto, e erudição. Num bibliomano, ha um desequilibrado; num bibliophilo, ha um sabio.

Dentro da tua bibliotheca, estou dentro de ti, porque aquella capella do Saber, admiravelmente povoada de idéas e alfaiada de obras de arte, é a reprodução da tua vida. Espanejas todas as manhãs o teu cerebro e o teu coração, como espanejas as tuas estantes. Todas as manhãs, arejas os teus volumes, para livral-os desses pequeninos insectos roazes, incolos do papel impresso, que voluptuosa e indistinctamente destroem obras primas e semsaborias, comendo

admiraveis versos e aleijões poeticos, pensamentos deliciosos e dislates insossos, conselhos consoladores e perversidades venenosas. E com o mesmo zelo hygienico, arejas a tua alma, livrando-a dessas outras devoradoras traças, peores do que as dos livros, roedores que bicham as existencias ociosas e safaras: a indifferença, o egoismo, o tédio, a maldade.

Desejam os teus amigos que muitos annos largos e pacificos ainda corram sobre ti, prolongando a tua vida actual de labor, de coragem, de alegria. Uma rissonha velhice corôe a tua existencia! e encham-se a tua bibliotheca de novos livros formosos, a Academia de trabalhos teus, e o teu lar de netos que sejam dignos do teu nome!

II

MACHADO DE ASSIS

Inauguração de uma placa de bronze, commemorativa, na casa em que falleceu o escriptor. — 29-9-1912.

“Poucas palavras, poucas e carinhosas, devem ser ditas aqui, para que em tudo a commemoração seja digna do commemorado. Seria uma offensa á memoria do Mestre qualquer manifestação que destoasse da sobriedade encantadora e do recato severo que governaram a sua vida artistica e a sua vida intima, a sua theoria litteraria e o seu estylo. O culto deve ser sempre adequado ao nune: bulhento e borbulhante, para os que tiveram ou têm o amor da adoração pomposa, — e simples e pensado e mais tecido de ternura e de respeito do que de enthusiasmo, para aquelles cuja sublimidade reside mais na solidez do que no brilho, mais na verdade do que na apparencia, mais na harmonia temperada e justa do que no exaltamento nem sempre fecundo.

Quando se dirige a certos homens, ainda a mais ardente admiração ha de ser calma e raciocinada, se

quizer honrar o seu objecto. Machado de Assis temia acima de tudo o barulho e a scintillação das palavras vãs, que tanto agradam aos espiritos futeis. A sua face triste e suave, o seu modo natural, a brandura da sua palavra e do seu gesto, a modestia dos seus gostos, a moderação dos seus juizos, a sua philosophia que condemnava como crimes as cegueiras da paixão, e o seu estylo que repudiava como vícios os exaggeros rhetoricos — tudo nelle aconselhava e pedia, não o applauso frenetico, mas a affeição sincera e a consideração intelligente; tudo nelle parecia dizer: não me admireis; amai-me, e comprehendei-me. . .

Amaram-n'o com extremada ternura os seus intimos; comprehenderam-no e comprehendem-no os seus companheiros e condiscipulos, os seus irmãos em arte, aquelles que, pelo habito de pensar e de escrever, podem sentir e entender o inegualavel thesouro de idéas e de expressões que se encerram nos seus livros, monumento perenne votado á gloria da lingua vernacula. Não o comprehendeu ainda todo o seu paiz, porque elle foi de algum modo um homem superior á sua época e ao seu mcio; mas essa comprehensão unanime ha de vir com o tempo, com o aperfeiçoamento progressivo e fatal dos homens, com a fixação definitiva de uma cultura geral que já começa a affirmarse. Então, o Mestre será admirado, com a admiração consciente e precisa que a sua obra requer; e a historia da nossa civilização ha de guardar com orgulho esse formoso legado, esses livros em que o scepticismo vive de par com a piedade, em que a misericordia pela miseria humana tempera o amargor da ironia, em que a descrença é adoçada pela bondade, e em que as idéas

meigas ou duras, de tolerância ou de revolta, sempre se vestem de uma fôrma pura e nobre, simples e majestosa, alliando a força á graça, a energia ao bom gosto.

A cerimonia de hoje é íntima. E' a romaria dos primeiros fieis. E' a primeira peregrinação dos que assentam as bases do culto. E é a homenagem da familia litteraria ao chefe que perdeu.

Um dia, descrevendo a austera figura de Spinosa, em um soneto de rara belleza, Machado de Assis mostrou-nos o philosopho, grave e solitario, no seu retiro de lida e pensamento, apartado das vãs ambições e das cobiças grosseiras, captivo apenas do mundo interior das suas idéas:

“Sôem cá fóra agitações e lutas,
Sibile o bafo asperrimo do inverno,
Tu trabalhas, tu pensas e exêcutas,
Sobrio e tranquillo, desvelado e terno,
A lei commum, e mórres, e transmutas
O suado labor no premio eterno. . .”

Inspirou e dictou estes versos uma affinidade real entre dous espiritos de eleição. Sem o temperamento combativo do sombrio Spinosa, o nosso grande escriptor teve a mesma dignidade de vida, a mesma abnegação modesta, a mesma escravização ao dominio exclusivo das idéas, — e o mesmo gosto da solidão, que em certos homens não é timidez nem orgulho, mas sómente a tristeza de quem se reconhece diverso do commum das gentes, e fadado a viver, senão ignorado, ao menos mal entendido dos seus contemporaneos.

Como não recordar esses versos, na visita que hoje fazemos á casa do escriptor philosopho, um anno depois da extincção da sua vida?

Aqui viveu Machado de Assis vinte e quatro annos de trabalho sem tregua e de pensamento incessante. Neste quieto recanto da cidade, longe de “agitações e lutas”, fugindo á curiosidade publica, ao louvor da multidão, á popularidade facil, e á seducção brilhante mas esteril da politica, — dividiu elle o melhor da sua existencia, vinte e quatro annos da sua maturidade fecunda, entre o gozo recatado da sua felicidade domestica e o gozo igualmente discreto da sua arte. Aqui sonhou, aqui pensou, aqui edificou a sua gloria. Noite alta, entre estas folhagens amigas, que resguardavam zelosamente o ninho do seu affecto e a officina do seu pensamento, brilhava o clarão da lampada que alumiaava a sua operosa vigilia. Conheciam-no bem estas arvores, estas flôres, e as aves que o saudavam ao romper da manhã; todas as coisas inanimadas e todos os sêres innocentes deste poetico retiro conheciam e amavam aquelle austero poeta e aquelle meigo benedictino, voluntariamente clausurado na tarefa paciente e no sonho creador. Aqui experimentou elle, com a satisfação de ser amado e com as agruras dos padecimentos physicos, o prazer de tratar o idioma que prezava tanto, as torturas da analyse interior, os sobrcsaltos e angustias da creação litteraria, a febre a um tempo deliciosa e cruel da composição, e a ancia dos que correm atraz da perfeição esquiva... Daqui sahiram muitos dos seus melhores livros, vasta cadeia de primores, coroada por essa flôr de saudade e amargura, por esse amavel “Memorial de Ayres”,

onde, sob o véo de uma ficção romanesea, a alma viuva e ferida do escriptor celebra na virtude e na ventura de um lar modelo a antiga ventura e a antiga virtude do seu proprio lar enlutado. Aqui, por vinte e quatro annos, elle trabalhou, pensou, exeeutou a lei commum, e morreu e transmutou

“o suado labor no premio eterno...”

E aqui vem hoje a Aeademia Brasileira trazer-lhe a expressão commovida do seu respeito da sua saudade. Perdendo o Mestre não peruemos o exemplo constante, a viva lição, o modelo nobre que elle sempre nos foi. Ha de aeompanhal-o na morte o mesmo affeto que lhe dedicámos em vida. Aqui vimos, e viremos; e aqui virão, quando tivermos desaparecido, aquelles que nos succederem. Já tres de nós, depois de Machado de Assis, no eseasso prazo de um anno, desertaram tambem, levados pela morte, o seio da Companhia. Mas toda a nossa força reside na continuidade moral da nossa missão. Não nos succedemos apenas: tambem nos continuamos; mudam-se os nomes, mas fica o idéal que os encadeia: ha de perdurar na Academia, exemplar e consoladora, a memoria do Mestre. E ha de o tempo morder e devorar esta plaeca de bronze; hão de as soalheiras e as ehuvras arruinar e aluir esta casa; — mas, se um horroroso cataclysmo social não dispersar esta nossa raça, e não anniquilar a lingua que fallamos, a nossa romaria de hoje terá sido o inieio de uma gloria perpetua.”

A ALBERTO DE OLIVEIRA

28 de Abril de 1917.

Um discurso, por que? O teu nome glorioso, meu mestre e meu amigo, diz tudo: toda a poesia, toda a intelligencia, toda a cultura moral da nossa terra. A tua presença, e a presença desta brilhante sociedade, e a recitação dos teus versos perfeitos, que daqui a pouco ouviremos, enchem e explicam esta linda festa. Todos os olhares estão aqui, pousados sobre a tua formosa cabeça, exprimindo um grande respeito e uma grande ternura; e, pelo immenso Brasil, milhares de almas estão abençoando a tua vida pura e generosa, tecida de força e modestia, de brilho e brandura, e desabrochada, numa constante primavera, em versos e consolações. E's um artista raro: integram-se, em ti, o talento, a honradez, a bondade. Dizem todos de ti: "que admiravel poeta!"; e, immediatamente, o louvor tem uma extensão: "que homem admiravel!". A tua glorificação é feita pelos teus livros e pelos teus actos. Todos te admiram, e todos te amam.

A grandeza do teu trabalho e a simplicidade do teu trato convertem os egoistas e desarmam os invejosos. A tua lealdade confunde e envergonha os perfidos. A tua misericórdia levanta os tristes. Os teus versos são exaltações e os teus gestos são balsamos. E's um educador de cerebros, e um domesticador de corações. E's tudo, e tudo vales... Em que poderão as minhas palavras augmentar o teu lustre?

Estou aqui, talvez, movido por um sentimento de vaidade. Quando fallo de ti, fallo de mim, porque moralmente sou uma emanação tua, porque ha mais de trinta annos vivo da tua gloria e da tua amizade: do amor, que te devotam, sinto que uma parcella vem alegrar e orgulhecer a minha vida... Mas não! fallando de ti, não fallo só de mim: fallo de uma geração de artistas. Foste o gonfaleiro de uma cruzada de idéal e de belleza. A' roda de ti, sonharam, trabalharam e venceram muitos poetas, graças ao teu valor e ao teu exemplo. Assim, ha explicação para a minha presença. Seriam inúteis as minhas palavras, se nellas apenas houvesse elogios ao teu nome, já desnecessarios; mas serão uteis, como documento fornecido á nossa historia litteraria.

Foste e és o chefe da nossa escola poetica. E não sei que nome deva dizer a esta doutrina, que me ensinaste, e ensinaste a tantos outros. Será ella essa famosa escola parnasiana, tão apregoada, tão defendida e tão combatida, sempre tão pouco comprehendida? Pouco comprehendida, — porque não se póde bem comprehender o que não existe...

Nunca houve uma escola parnasiana, nem aqui, nem na Europa, se nesta designação quizermos ex-

primir uma revolução poetica, trazendo invenções de novidade. Houve aqui, como na Europa, uma brilhante logomachia, sonora e vasia batalha de palavras em torno de uma palavra. Os corypheus do parnasianismo nada inventaram, como nada tinham inventado os românticos. Os paladinos de 1830 apenas tinham pretendido dar seiva nova de idealizações e de elocuições á planta da poesia, mirrada e anemica, empobrecida pela secura do classicismo. E os de 1865, rebellando-se contra os ultimos discipulos daquelles, sómente quizeram restaurar estas qualidades, tão simples e tão bellas, que estavam a ponto de ser esquecidas: a simplicidade e a correccão. A extravagancia da imaginação e o desalinho da fórma iam expellir dos poemas a sobriedade, a clareza e a justeza, virtudes maximas do genio greco-latino. Porque já eram sobrios, claros e justos, na rudeza da vida pastoril, os primeiros poetas da nossa civilização, apercebidos de cajado e avena, sonhando, ao pé da montanha da Phócida, consagrada a Apollo e ás Musas; aquelles foram os primeiros e verdadeiros parnasianos; e parnasianos foram, pelas idades fóra, todos os artistas que amaram e praticaram as idéas limpidas, os sentimentos altos e as expressões puras. Os poetas francezes, arregimentados no *Parnasse Contemporain*, não quizeram estabelecer uma theoria, em que se prégasse “a poesia sem paixão e sem pensamento, o desprezo dos sentimentos humanos, o culto dos versos bem feitos e ôcos, e, em summa, a fórma pela fórma”. Quizeram apenas lembrar que, em materia de arte, não se comprehende um artista sem arte; que, sem palavras precisas, não ha idéas

vivas; que, sem locução perfeita, não ha perfeita communicação, de sentimento; e que não pôde haver simplicidade artistica sem trabalho, e mestria sem estudo.

Estas mesmas idéas preconizaste, no Brasil, pela palavra e pela acção, meu nobre mestre. Foi esta a instrucção, de que foste o maior e melhor professor. Não digamos “a escola parnasiana”. Nem digamos ainda “escola”, nem theoria; chamemos “a disciplina do bom gosto”, — á aula tua, em que me matriculei, antes dos meus vinte annos de idade, graças á boa estrella, que levou os meus passos á tua sombra.

Sempre haverá uma poesia popular sem arte, e poetas populares sem apuro grammatical e metrico, versejando com o fallar da gente rustica. Acredito que é esta a verdadeira poesia, sentimento instinctivo e pensamento espontaneo da terra e dos homens, nascendo do coração do povo, como o canto sahe da garganta dos passaros e o aroma da corolla das flores. Esta será a legitima poesia, anonyma e rude; e talvez seja esta a que mais dure... Mas, ao lado desta, inspirando-se della, e della aproveitando a seiva e o encanto, uma outra sempre haverá, culta e difficil; e sempre haverá, entre os bardos sem technica, os artifices do estro litterario. Quantos prégadores illetrados, quantos padres sem estudos classicos, quantos modestos curas de aldeia sem brilho de eloquencia viveram no Brasil e em Portugal, no seculo XVII? não tinham talento, nem estylo, nem rhetorica; entretanto, commoviam e consolavam as almas simples e soffredoras, e eram bons e necessarios, como os nossos trovadores campesinos. Pois bem,

entre elles appareceu Antonio Vieira, constructor entre tantos operarios, architecto estheta entre tantos pedreiros sem esthetica, artista entre tantos mestieiraes. . . Não queiramos que toda a extensão da terra seja dada ao trabalho dos hortelões; demos uma nesga da horta á fantasia e ao labor dos jardineiros! E' justo que, entre tantos latoeiros e funileiros, vivam alguns ourives!

Admittida esta necessidade, não admittamos confusões entre os que se resignam ao poetar espontaneo e os que ambicionam ao sacerdocio do poetar artistico. Não tragam os aprendizes para a officina da joalheria um material indigno, vocação errada, incapacidade, pechisbeque e missangas, em vez de ouro e perolas, preguiça em vez de paciencia, negligencia em vez de vontade e gosto. Não entrem no verso culto o calão e o solecismo, a syntaxe truncada, o metro cambaio, a indigencia das imagens e do vocabulario, a vulgaridade do pensar e do dizer. Não seja a arte fancaria e biscate: seja tarefa difficil, consciente, asseada, em que haja sacrificio e orgulho! Só assim será bella e simples a obra. A propria Natureza não trabalha de improviso. De que suados labores, de que longos e pacientes esforços, de que complicado mecanismo de metamorphoses nascem a singeleza de uma flor e a naturalidade de uma borboleta!

Aos chamados poetas parnasianos tambem se deu outro nome: "impassiveis". Quem póde conceber um poeta que não seja susceptivel de padecimento? Ninguem e nada é impassivel: nem sei se as pedras podem viver sem alma. Uma estatua, quando é verda-

deiramente bella, tem sangue e nervos. Não ha belleza morta: o que é bello vive de si e por si só.

Mas, sem sahir do terreno poetico, tu és, meu grande Alberto, a demonstração palpitante desta verdade: o cuidado não exclue o sentimento, a perfeição não mata a commoção. Tu, tão meticoloso na metrica, tão zeloso do vernaculo, tão escorreito no estylo, tão inimigo dos desmandos e tão amigo do apuro, és o poeta da ternura e da piedade... Ha nos teus livros um largo e generoso sôpro de compaixão, que envolve, embala e conforta todos os entes, e todas as cousas. Impassivel, tu? Tens pena de todos e de tudo, porque, soffrendo, sabes que a vida é o soffrimento; tens misericordia pelos homens que não amam, pelas mulheres que envelhecem, pelas crianças que não sabem queixar-se, por todas as creaturas que vivem e morrem, pelos antigos deuses que foram derribados dos solios, pelas deusas que foram exiladas do céu e andam errantes pela terra. Tens commiseración da lagarta feia, arrastando a sua pelle asquerosa entre as plantas, “por ser desgraçada”; tens dó da borboleta morta, “fantasma azul de uma illusão da aurora”; tens caridade do cadaver de um ébrio, na estrada, apodrecendo entre hervas más, ao sol indifferente... Nunca houve, na poesia brasileira, mais longo gemido do que o daquellas estrophes magnificas, em que chora o baque d’*A arvore*, quando o machado sacrilego a abate; e não della sómente te compadeces, senão tambem de outras vidas que della viviam, lichens e lianas, ninhos e passaros, perfumes e cores, flores e fructos, homens e insectos que dormiam á sua sombra. E que existencia moral dás

ás cousas inanimadas! Dizes e cantas a alma das casas, das florestas, das aguas, da luz e dos sons; contas a visão de uma torre arruinada, a solidão de uma estrada deserta, a amargura de um portão de chacarra abandonada, e interpretas a dôr de uma pedra que se aborrece no caminho esquecido, o cansaço das azas de um velho moinho que já não pôde trabalhar, e a saudade, cheia de doloroso aroma, da alva roupa que a custo se despede de um formoso corpo de mulher... E' esta a tua impassibilidade!

Mas as tuas idéas, que são as da nossa geração litteraria, estão victoriosas. Feita a apologia da didactica, que nos dêste, vou dar espaço aos que vão dizer os teus versos: não quero demorar o gozo que esperamos.

Entre estes versos, ouviremos provavelmente a tua *Aspiração*. Ha nesta poesia admiravel um voto, quasi impiedoso, que desejo conjurar.

Disseste que, depois de ser homem, queres ser palmeira, para que, com os leques, a tua alma eternamente entôe o seu canto triumphal á Mãe-Natureza, e fiques lá em cima, perto do firmamento. Espero que Deus não attenda á tua prece... Amo todas as arvores; mas, de todas, a que menos amo é a palmeira; rica de altanaria, pobre de indulgencia, secca de coração, avara de sombra, inimiga de ninhos. Residencia mais digna da tua essencia seria uma destas nossas immensas arvores brasileiras, muito copadas, cobrindo muito espaço, ao mesmo tempo muito altas e muito baixas, com umas ramarias topetando o céu e outras arrastando-se pelo chão, boas, fecundas, simples, familiares e maternas como a tua alma. A

tua alma, porém, é grande demais para morar em uma só arvore... Viverás em todas as nossas arvores, e no sólo e no céu em que ellas se embebem; viverás em nosso ar e em nossas aguas, nas hervas que pizamos e nas estrellas que miramos, em toda esta doce e amada terra, que honraste com a tua passagem e o teu sonho. Para entôar o teu hymno triumphal á Mãe-Natureza, todas as nossas florestas, todas as nossas montanhas, todos os nossos rios, todas as nossas cidades, todas as nossas almas se concertarão: e, celebrando a gloria da vida e a grandeza da patria, todas essas vozes exaltarão o nome do alto poeta que as amou e cantou, como a minha voz está proclamando, ó meu mestre, o teu genio, e, ó meu amigo, as tuas virtudes!

AFFONSO ARINOS

Num banquete, em Bello Horizonte. — 27 de Agosto de 1916.

Quizera dizer, senhores, para dignamente agradecer-vos esta confiança e esta fraternidade, o enlevo e o desvanecimento, que já, muitas vezes, me deram a leitura e a admiração de paginas de muitos vós, — a vossa litteratura, larga e meiga como a vossa terra, prosa e poesia, historia e philosophia, sciencia e imprensa diaria. Mas perdoai-me; não posso repartir o meu coração em tantos pedaços, nomeando cada um dos credores do meu affecto. Tomai em globo a minha gratidão, recebei inteiro o amor que vos consagro.

Se quereis que, forçosamente, ao menos um nome aqui se diga, um nome que possa resumir toda a força e todo o brilho de Minas, a grandeza destas montanhas, a irradiação deste céo, a riqueza das entranhas deste sólo, natureza e pensamento, ouro e ca-

racter, viço e intelligencia, fertilidade e bondade, — permitti que esse nome seja o de um morto.

Não receeis que, neste agape jovial, a animização de um morto vos entristeça. Não somos selvagens supersticiosos, para quem a evocação da morte sempre inspire terror e consternação. Para nós, homens de arte e de consciencia, a morte é, ás vezes, um complemento feliz e fausto da vida, ou, se me consentis esta expressão um pouco nebulosa, a sancção da vida: porque, coroando uma existencia bem occupada e bem trabalhada, é apenas um motivo de alegria e de gloria.

Fallar-vos-hei de Affonso Arinos de Mello Franco, meu amigo querido, meu companheiro de vinte annos. Fallando delle, fallo de todos vós.

Conheci-o, a principio, em Ouro Preto, na austera Villa Rica; alli vivi com elle, no silencio e na poeira dos archivos; e alli comecei a admirar o profundo brasileiro organico, que forrava o seu espirito. Conheci-o depois, e melhor, na Europa, no tumulto de Pariz, em longas viagens, romarias a cathedraes e a castellos, passeios por cidades e campos. Na Europa, Affonso Arinos era ainda mais Brasileiro que no Brasil. Alto, robusto, elegante, de uma estatura e um ar de gigante amavel, em que se alliavam a energia e a graça, conservando no olhar e na alma o nosso céu e o nosso sol, elle era como uma das arvores das vossas mattas, exilada nas frias terras do velho continente. Nos *boulevards*, nos salões, nos theatros de Pariz, e ainda nas geladas galerias de Rambouillet e Versailles, onde erravam os espectros da côrte de Francisco I e Luiz XIV, — Affonso Arinos conservava, sob a

polidez das suas maneiras de fidalgo, o andar firme, um pouco pesado, o geito reservado, um pouco tímido, o fallar comedido, um pouco hesitante, de um sertanejo forte, andeiro e cavalleiro, caçador e escoiteiro, simples e ousado.

Ainda hoje o vejo, e me vejo, claramente, num dia de fevereiro de 1909, quando visitámos juntos a cathedral de Chartres. Era duro o inverno. Quando chegámos á velhissima cidade episcopal, cahia neve. De pé, insensíveis ás lufadas cortadas dos flocos brancos, quedámos na praça, admirando a maravilhosa fabrica do templo, a sua caprichosa ossatura de contrafortes e botaréos, diante da fachada, a um tempo leve e severa, com a graciosa majestade da primeira phase da architectura ogival; as tres portas baixas, sobrecarregadas de estatuas, a grande rosacea fulgurante em côres multiplas, e as duas torres, uma lisa, a outra rendada, esguias e longas, — preces de pedra num surto para o céu. . . Dentro, na mysteriosa crypta, na resoante nave, nas capellas cheias de sombras, passámos duas horas, esmagados pela grandeza da cathedral, anciã de sete seculos, em que vivem, numa vida muda, mais de dez mil pinturas e esculturas, entes de sonho e terror, — santos, apostolos, bispos, anjos, demonios, animaes e monstros fabulosos, gryphos, dragões e chimeras. Ao cabo da longa conversação, em que nos haviam preocupado tantos aspectos da historia e da arte do Christianismo, houve um momento em que, por não sei que vaga associação de idéas, Affonso entrou a dizer-me episodios de uma das suas recentes caçadas no Districto Dia-

mantino, nas cercanias do Serro. Estavamos no centro do cruzeiro, entre o coro e as naves collateraes. Sabeis que a architectura gothica, reacção contra a frieza geometrica da architectura romanica, inspiro-se immediatamente das impressões da natureza... Do ponto em que estavamos, o nosso olhar abrangia um trecho fantastico de sombria floresta de pedra: as columnas, em duas filas, rodeavam-nos, esbeltas estipes de palmeiras, misturando em cima, na abobada, as suas palmas em leques, entre lianas, entre folhas e flores, lóvão e vinha, hera e nenufar. Milagre da palavra.. A voz de Affonso animava-se, exaltava-se, e sacudia a cathedral. Dizia as brenhas, as escarpas, os vallados, a matta, e os relinchos dos cavallos, e os estampidos dos tiros, e a alegria dos caçadores, e as cantigas dos camaradas, — e o sol mineiro. E a floresta gothica transformava-se em floresta tropical: a pedra negra verdecia; a abobada frondejava e sussurrava; a treva alagava-se de luz offuscante; e um verão brasileiro incendiava o inverno europeu. Já não estavamos em Charters: estavamos no Brasil...

Narro esta reminiscencia, porque ha nella uma photographia moral de Affonso Arinos. O seu talento litterario e o seu nacionalismo combinavam-se, integravam-se, completavam-se. Foi sempre assim que o conheci, homem e artista, novellista e dramaturgo, historiador e paizagista, sempre Brasileiro, — Brasileiro na palavra e no coração. Duas virtudes maximas dominaram a sua vida. Como escriptor, era adorador e servidor da correcção da lingua portugueza e nossa. Como cidadão, era um fiel amante e filho fer-

voroso da sua patria. Pouco antes da sua morte, o seu cerebro e o seu coração pensaram e rythmaram as suas obras primas supremas: o admiravel curso sobre as lendas e tradições nacionaes, feito na Sociedade de Cultura Artistica de S. Paulo, e a magistral conferencia sobre a “A Unidade da Patria”, feita nesta mesma cidade de Bello Horizonte. O seu occaso foi uma apothcose e uma benção: uma apotheose para o seu nome, e uma benção para a sua terra.

Meus amigos, estou vendo Affonso Arinos nesta sala, bem vivo, sentado a esta mesa, entre vós, nosso conviva, bello e sereno, coroadado de rosas e louro, symbolos da arte e da victoria... Levantemo-nos, e bebamos ao esplendor do seu nome! Saudando a sua memoria querida, saudo toda a gloria da litteratura de Minas e do Brasil.”

V

GARIBALDI

(Discurso aos Italianos de S. Paulo).

Pela segunda vez, como Brasileiro, venho aos Italianos de São Paulo falar deste soldado inimigo da guerra, deste batalhador amigo da paz, — guerrilheiro cujo ideal era o estabelecimento da concordia entre todos os homens, ultimo glorioso cavalleiro andante que andou pela terra, vagabundo sublime, offerecendo o seu sangue em holocausto á liberdade humana.

Ha tres annos, quando ainda este monumento era um simplès projecto, um sonho do vosso enthusiasmo, vim dizer-vos que o meu paiz, liberal, emancipado da tyrannia politica e religiosa, veria com orgulho firmar-se nesta terra forte, sob este céo querido, uma expressão concreta e perpetua da gratidão que os republicanos brasileiros devem a Garibaldi. . .

Nunca esquecemos e nunca esqueceremos, Italianos, que foi o Brasil o primeiro trecho da Terra em que se cultivou e apurou o heroismo do vosso grande homem; aqui se emplumou a sua bravura; aqui

padeceu elle as primeiras torturas physicas e moraes, que enrijiram o seu corpo e temperaram a sau alma; aqui pôde elle, pela primeira vez, de modo efficaz, arriscando a vida, soffrendo os assaltos da fadiga, da fome, da sêde, da injuria, da calunnia, affirmar o absoluto sacrificio da sua pessoa á victoria das idéas liberaes, e ensaiar aquelle enthusiasmo, aquelle devotamento, aquella abnegação, que lhe valeram depois o nome de “Paladino da Humanidade”. Já em 1836, muito antes da campanha da unificação da Italia, o joven guerreiro illustrava a sua vida no Rio Grande do Sul, em terra e no mar, batendo-se ao lado dos “Farrapos”.

Garibaldi, para honra nossa e para honra sua, foi tambem um “Farrapo” . Este nome, criado pelo desprezo, foi nobilitado pela gloria; a inevitavel justiça do Tempo transformou o epitheto injurioso em titulo de suprema honra. Eram desgraçados, sim, eram pobres, eram maltrapiihos, aquelles guerreiros que, para não morrer de fome, contentavam-se com um bocado de carne crua; acampavam e dormiam ao relento, com a face voltada para as estrellas; não tinham dinheiro, nem uniforme, e não podiam renovar as botas e os “ponches” que o pó da estrada, as balas, as cutiladas, as chuvas estraçalbavam e apodreciam; — mas prezavam o seu nome de “Farrapos”, e tinham o orgulho da sua pobreza: — e eram mais ricos assim, possuindo apenas o seu cavallo, a sua garrucha, a sua lança e a sua bravura... Cenobitas da religião civica, anachoretas da guerra, vivendo no immenso e fulgido asceterio do “pampa”, esses primeiros criadores da nossa liberdade politica não olha-

vam para si: olhavam para a estepe infinita que os cercava, para o infinito céu que os cobria, — e nesses dois infinitos viam dilatar-se, irradiar e vencer no ar livre o seu grande idéal de justiça e de fraternidade. Foi ao lado desses rudes gauchos que o desertor do navio real “De Geneys”, o ardego “Cleombroto”, o moço conspirador da “Giovane Italia”, o admirador e amigo de Mazzini, veio fazer as suas primeiras armas, de 1836 a 1842... Assim, o “vosso” Garibaldi foi a principio o “nosso” Garibaldi, como é hoje o Garibaldi de todos os povos livres, porque todos o podem chamar seu, reivindicando para a communhão a posse de uma gloria grande demais para caber nos limites moraes de uma só patria!

Hoje, o vosso sonho tomou corpo, e ha sobre a face da Terra, em pedra e bronze, mais um padrão, attestando o enthusiasmo humano pelo heróe.

Mais um monumento a Garibaldi!... Quantos são os que perpetuam a sua memoria, espalhados pela superficie do planeta? E’ difficil contal-os, como é difficil reter na memoria as attitudes varias em que a estatuaria immortalizou aquella presença de leão, de ferosa energia, adoçada por um ar de triste bondade, que a espiritualisava e humanisava. Vêm-no os homens no Janiculo, em Roma, em attitude de repouso, antes de uma daquellas arremettidas loucas, que o levavam a atravessar como um raio as hostes inimigas; em Palermo, apontando aos seus soldados o caminho do sacrificio e da victoria, — e, ali mesmo, no baixo relevo do monumento, ao desembarcar em Marsala, por elles recebido e adorado como um semi-deus; em Veneza, sobre uma rocha, dominando com

o vulto um leão que lhe jaz aos pés, symbolo admiravel da bondade e da intelligencia, superiores á força inconsciente; em Milão, fitando o céo, como desafiando o Destino illusorio; em Siena olhando para traz, como revendo as cem batalhas em que se empenhou, e as mil torturas a que o expôz a sua sêde de justiça; em Turim, repousando sobre o joelho a espada vingadora, com que cortou em Roma os laços que aprisionavam o pensamento humano; em Buenos Aires, a cavallo, no impeto do combate, sobre o pedestal em que fulgem a Liberdade e a Victoria; em Pariz, com a mão esquerda apertando o gladio contra o coração, e a mão direita impellida e aberta num fecundo gesto de sementeiro de desaffrontas e redempções; em Perugia, já cansado, já velho, — sereno e pensativo, como a recordar o bem já feito, e triste, como a pensar na grande somma de injustiças e de escravidões, que depois de morto ainda deixará após si, maculando o mundo. .

Mas é impossivel lembrar de momento todas as estatuas, todos os quadros que constituem a iconographia de Garibaldi. A sua figura invadiu os dominios da Arte Plastica, depois de haver occupado os dominios da Poesia. E quando pensamos na profusão e na majestade dessas glorificações universaes, não podemos deixar de recordar aquella monstruosa e ridicula sentença do conselho de guerra de 1834, condemnando o desertor do “De Geneys”, á morte infamante e ignominiosa, — “in contumacia, esposto alla publica vendetta, come nemico della Patria e dello Stato, incorso in tutte le pene e pregiudizi imposti

contro i banditi di primo catalogo, in cui é mandato a essere descritto...”

Morte infamante e ignominiosa!... Assim se aniquilam, destruidos pela sua propria monstruosidade, os erros da estupidez e da maldade. Em vez da infamia e da ignominia, decretadas pela tyrannia imbecil, o que se vê, acompanhando e eternizando o nome e o espirito do grande Libertador, é esta apotheo-se unanime, é a fecundidade estupenda e infindavel desta flora de metal a granito, rebentando aqui e alli, do solo da Eúropa e do solo da America!...

Hoje, mais uma arvore dessa floresta de estatuas se apruma ao sol. E não sabendo com que palavras minhas poderia eu assignalar este momento historico, e celebrar este festival de civismo, de arte e de progresso, — lembrei-me de vir evocar aqui a sombra majestosa de outro grande homem vosso, Italianos! — a grande sombra de Giosué Carducci, o poeta do livre pensamento, o cantor da eterna revolta do espirito humano contra o captiveiro moral... Para saudar Garibaldi dignamente, na livre terra do Brasil, quiz que a vossa lingua e a minha lingua, idiomas gemeos, saídos do mesmo idioma, ancião e sagrado, se alliassem aqui, ao pé do monumento do heróe. Tentei por isso traduzir em versos portuguezes uma “Ode Barbara”, de Carducci, a ode magnifica, primor de concepção e de metrica, que o poeta dedicou ao Unificador da Italia, ao Hercules que desencadeou do rochedo de Roma o Prometheu moderno, — a alma da Italia luminosa.

Carducci mostra-nos Garibaldi, á frente dos seus
poucos bravos, marehando em soccorro de Roma es-
crava:

O inclito chefe precede a lugubre
Fila de bravos; sósinho e tacito,
Mareha, embuçado; — e o eú e a terra
Em torno, frios, plumbeos se estendem.

Do seu cavallo, num surdo estrepito,
Sôam as patas no lodo; escutam-se
Passos rythmados e suspiros
De heroicos peitos na escura noite...

Porém das relvas pisadas, lividas,
Tintas de sangue, das moitas humidas,
De tudo quanto em roda existe,
— Mães italianas, das vossas almas,

Rebentam channas como astros fulgidos,
Erguem-se vozes como altos cantieos;
Roma serena esplende ao fundo...
E corre os ares um sacro Péan:

“Foi em Mentana que o Papa e Despota
“Criaram juntos o horror dos seculos:
“Tu, em Mentana, ó Garibaldi,
“Aos pés calcaste Cesar e Pedro.

“O’ de Aspromonte rebelde indomito,
“Que de Mentana vingaste o opprobrio,
— “O que valem Palermo e Roma
“No Capitolio mostra a Camillo!”

Assim, secreto vozear de espiritos
Soava, áquella hora, no céu da Italia,
— Emquanto uivavam os covardes,
Cães ameaçados, tontos de medo...

Hoje, venera-te a Italia... Adora-te
A nova Roma, moderno Romulo!
Sobes... E os paramos da morte
Enches, dominas com a tua frente.

Sobes, acima do rio esplendido
Das almas todas; chamam-te os seculos
Para a alta séde do concilio
Dos numes fortes que a Patria regem.

Sobes... e Dante diz a Virgilio:
“Nunca idéamos alma tão rutila
De heróe! “E Livio, sorridente:
“Poetas, é toda a civica historia,

E’ toda a historia da Italia olympica
Esta nativa coragem épica,
Que, firme em baixo na justiça,
No ideal se expande, brilhando no alto!”

Gloria a ti! Do Etna nos torvos fremitos,
E nos alpinos gelidos vortices,
 Teu coração leonino ruge
Contra os selvagens, contra os tyrannos,

E esplende meigo no riso cêrulo
Do mar, no riso do céu, e alastra-se
 Em primaveras sobre as tumbas,
Que os ossos guardam dos teus guerreiros!...

(G. Carducci, — Odi Barbare. — A Garibaldi, nel
3 novembre 1880).

Senhores! Como o pinta Carducci nas primeiras estrophes desta ode, — taciturno, mas illuminado de fé civica, imagem sobrehumana de um peregrino do Bem, sem tempo para pensar em si, porque toda a força do seu cerebro é pouca para pensar nos povos humilhados e opprimidos, — assim ficará para sempre na memoria dos homeis o vulto deste Paladino.

Mas os versos de Carducci não dizem tudo. Não é sómente sobre a tumba dos seus guerreiros que a alma de Garibaldi se alastra em primaveras perpetuas; é sobre todas as nações que os seus serviços resgataram ou procuraram resgatar da escravidão. De entre tantas sombras de guerreiros, que a alma humana amaldiçôa, — conquistadores e escravizados, escravos da propria ambição, ou instrumentos de ambições alheias, — a sombra de Garibaldi se alteia,

formosa e veneranda, como a do talvez unico guerreiro de profissão que odiava o morticínio e amava ardentemente a paz. Elle mesmo dizia, em Caprera, olhando a sua panoplia, que só se servira daquellas armas para aniquilar outras armas peores, propagadoras da iniquidade e mantenedoras da infamia; ainda assim, era com tristeza que as olhava, lamentando não ter podido fazer com palavras de amor e beijos o que fizera com cutiladas e sangue.

Alguem escreveu uma vez, ironicamente, que “a harmonia da natureza é a carnificina universal”, querendo dizer com isso que os homens sempre se devorarão como feras, e que a crueldade da luta é uma condição essencial da vida. Ironia estúpida e vaticínio inepto! A Humanidade já não admira os guerreiros: esta glorificação universal de um soldado não é a apothese da guerra. E', sim, a apothese das ultimas guerras que foram e ainda serão necessarias para combater os que vivem da Guerra, — Cesares de coroa ou de tiára, mercadores de corpos humanos, detentores de almas livres.

Por ter dado combate ás duas tyrannias irmãs, inimigas da liberdade civil e da liberdade da crença, Garibaldi deixou de ser italiano, para ser “cidadão do mundo”...

O seu tumulo, em Caprera, é de uma singeleza tocante; um immenso bloco de pedra tosca, sem um ornato, esmagando com o seu posto os despojos mortaes do heroe... Assim quizeram piedosamente os italianos fixar, prender, chumbar os ossos do liberta-

dor ao solo da ilha sagrada, que elle celebrizou e santificou com os seus ultimos dias de vida, de soffrimento e de agonia. Mas o que alli está, debaixo do rochedo formidavel, é apenas um pouco de materia morta; o que verdadeiramente resta de Garibaldi não está alli; está vivendo, palpitando, sorrindo, cantando, refulgindo nas consciencias humanas, em horror do captivo, em amor da liberdade, em ancia de justiça, em ardente desejo de perfeição moral!

VI

O BRASIL E A GUERRA

Sessão civica do Directorio Regional da Liga da Defesa Nacional no Estado do Rio de Janeiro.—Nichteroy, 15 de Novembro de 1917.

“Senhores:

E’ com a mais viva commoção que me vejo entre vós, pela primeira vez, depois da installação da Liga da Defesa Nacional, neste Estado. Sinto que esta mesma commoção vos domina. Enlêa-nos-a todos, nesta phase augusta da vida brasileira, a comprehensão perfeita da solidariedade que se impõe a todos os companheiros de uma ardua tarefa social, carregada de perigosas obrigações e de pezados compromissos. E’ o mesmo sentimento complexo, misturado de energia e de cuidado, de firmeza e de sobresaltos, que subjuga os soldados de um exercito no minuto que precede a batalha: roçam-se os corpos, tocam-se as almas, fecha-se o circuito, e a corrente creadora de resistencia e de impeto electriza, de élo em élo, a cadeia, — concentração de forças intimas, de sensa-

ções e volições, que, conjugadas e coesas, vão levar a massa humana á victoria ou á morte.

Esta reunião conforta os nossos espiritos.

Certamente, ha neste sentimento muito cuidado e muito sobresalto. Mas cuidado e sobresalto não são medo. São, ao contrario, confiança, porque sendo filhos da consciencia do perigo, são geradores de coragem. A coragem inconsciente não é heroismo: é exploração de força impulsiva, e, ás vezes, manifestação de animalidade grosseira. A verdadeira coragem é a que raciocina e governa-se, vê e prevê, induz e deduz, mede a extensão do risco, e, percebendo que ao longo da jornada talvez encontre surpresas e ciladas, aceita de antemão, com plena liberdade de arbitrio, a responsabilidade da empresa.

Tendes, mais e melhor do que eu, Srs. directores da Liga Fluminense da Defesa Nacional, o senso e o criterio deste momento e da nossa attitude.

Mas haverá, em todo o Brasil, esta percepção nítida da gravidade dos acontecimentos que nos preoccupam?

O Brasil ainda não está feito, como patria completa. E a culpa é nossa, como foi dos nossos antepassados, porque a nossa cegueira ou o nosso egoismo, a nossa vaidade, a nossa pequenina politica de rasteiras paixões deixaram a massa do povo privada de fartura, de instrucção, de hygiene, de “humanidade” Temos vivido e gozado no littoral do paiz, numa esteril fruição de orgulho, de mando, de rhetorica, e não nos dirigimos ao coração da terra, á alma da gente simples, aos milhões de homens que

pêlos sertões abandonamos á incuria, á pobreza, ao analphabetismo.

Não podemos agora, em quatro dias, construir o que, por incapacidade ou má vontade, não construímos em quatro seculos. Não podemos, agora, mostrar, por todo este infinito mundo de leguas e leguas, a todos os Brasileiros a seriedade da hora que atravessamos. Não podemos fazer milagres. . .

Mas podemos, ao menos, ás ellasses eultas, de que fazemos parte, indicar, accentuar, aggravar a necessidade deste discernimento, desta clara e positiva intelligencia do que se quer, do que se fez e do que se vae fazer, que se ehama: consciencia.

Estamos assistindo, nas capitaes e nas grandes eidades do paiz, a um formoso e evidente fervor de alto patriotismo. Mas, ao lado deste patriotismo, ainda ha muita frivolidade, que devemos combater, e ainda ha muito excesso de palavras a que devemos oppôr um dique previdente. E' desejavel que em breve acabe este tumulto de discursos e de passeatas, de concertos e de festas. Era indispensavel que, no começo desta jornada, fosse despertado e activado o enthusiasmo popular com o calor da palavra, faisca divina, que inflamma e precipita multidões em vozeio, musica, movimento, febre, delirio, ereando heróes e levantando mortos. . . Mas, depois deste necessario desperdieio de forças vitaes, é urgente que se reprimam agora e se eondensem os fluidos, para novas reservas de energia mais fecunda. Agora, o que se exige é a modestia das palavras e dos gestos, a preeaução e a tenacidade, a força e a calma. Nos campos, nas fabricas, nas escolas, nos quarteis, o que

ora se reclama é a serenidade do trabalho, a austeridade da acção, a desvelada diligencia, que nos possa dar, para estes dias difficeis, corpos bem adestrados e almas bem temperadas, armas e pão, provisões e munições, alimento e carácter, — nutrição physica para as populações e nutrição moral para a honra do Brasil.

Neste momento, a sorte do Brasil está sendo jogada. Viveremos ou morreremos: diante desta alternativa tremenda, não pôde haver inconsciencia. Esta guerra não é uma convulsão passageira da nossa historia; não é uma agitação accidental, como os tumultos civis ou dissensões politicas, em que temos vivido durante os vinte e oito annos da Republica; e não é tambem uma campanha como aquellas que o Brasil contra estrangeiros sustentou durante o dominio colonial e durante o Imperio. Não é esta uma guerra do Brasil. E' a guerra da Humanidade.

E é uma guerra de exterminio: ou será anniquilada a Civilisação, ou será anniquilada a Brutalidade. De um lado, os que protestam contra a resurreição da treva e da violencia; os que estão morrendo pela patria, pelo direito, pela justiça; os que não querem que o punho de qualquer huço entrave e impeça o vôo largo do genio humano para a bondade, e que o halito de um demonio destruidor estiole e mate todo o trabalho de belleza moral, de generosidade, de liberdade, de poesia, que tantos seculos de soffrimento e de abnegação crearam para o orgulho e o beneficio da especie humana. Do outro lado, os

que querem viver, vencer, enriquecer, expandir-se pela barbaridade, pela opressão, pelo assassinio frio e premeditado dos fracos, dos dignos, dos bons, dos pacientes, dos justos; os que só querem fallar pela garganta dos canhões e obrar pelo gesto que destróe e infama, e conquistar pelo guante de púas, pelo calcanhar ferrado, pelo veneno traizociro, pela espionagem covarde...

Alistando-se entre os povos que combatem pelo bem, o Brasil dá a sua honra e o seu futuro, e deve dar, sem restricções, o seu sacrificio.

Até onde irá este sacrificio? Disse que devemos esperar, ao longo desta campanha, ciladas e surpresas. . Quem póde agora dizer: "faremos isto" ou "não faremos aquillo"? A cataracta está desabando do alto, e ainda está rolando: em que páramo poderá estender a mólc que se despenha? Ninguem póde assegurar que o nosso apoio se limitará, ou não, no campo de uma simples solidariedade moral e economica. Quem se entrega com consciencia e com amor, — entrega-se todo, desde o applauso até o sangue.

Encarecemos sem receios, mas tambem sem temeridade e levandade, o caminho que a sorte nos deparou. Não haverá para nós, nesta estrada, um só passo facil ou insignificante. Tudo para nós, neste momento, é sério e difficil. Daqui a pouco uma bifurcação da senda se nos antolhará: uma recta vai á vida e á gloria; a outra vai á morte e á ignominia: entre as duas, não haverá atalho que attenuo o nosso

destino; e não seremos perdoados, se tomarmos o caminho errado.

Mas, senhores, não é propriamente este o motivo desta reunião. Considero que esta guerra marca para o desenvolvimento historico do Brasil uma phase culminante, uma crise suprema. Porém, até certo ponto, podemos dizer que, especialmente para a vida da nossa Liga da Defesa Nacional, esta guerra é apenas um incidente. Ella acabará; e acabará para nós com honra e brilho, com a ajuda de Deus, do nosso calmo valor, e da força moral que a justiça da causa nos incute. Terminada esta crise, o programma da Liga da Defesa Nacional ficará de pé. Não fundamos este centro de propaganda para as necessidades do presente, senão para as do futuro.

Se o fundámos, foi porque reconhecemos, como disse no começo desta pobre allocução, que o Brasil ainda não está feito, como patria completa. Como fazel-o? Dar-lhe novas gerações de homens fortes e conscientes, dando-lhe estas duas necessidades, primordias, basicas da defesa: o trabalho e a instrucção. Sem o pão e o livro, sem a riqueza e o ensino, não pôde ter saude, nem alegria, nem dignidade, nem alma, quem tem fome e não pôde pensar.

Não nos embalemos com palavras inuteis e illusões perniciosas: reconheçamos que o Brasil é um dos paizes mais pobres e menos instruidos do mundo. Reconheçamos isto, para que enfrentemos com denodo o mal que nos acabrunha.

Defesa nacional é impossivel sem farta produ-

ção da terra, sem beneficio esclarecimento dos espiritos. O Governo da Republica, em boa hora, acaba de augmentar os effectivos das nossas forças armadas. Em boa hora, porque é esta a verdadeira, a justa, a unica opporrtunidade em que poderemos crear o nosso indispensavel Exercito. Mas como alimentaremos, fardaremos, equiparemos e armaremos estes cincoenta mil homens, e os muitos outros milhares de homens que se lhes succederão, se a nossa terra não nos puder dar eom a lavoura, com a criação, com a industria, eom o commercio, as sommas formidaveis eom que teremos de apparellhar essas massas de defensores? e como poderemos arrolar essas legiões presentes e futuras de homens livres, se não dermos instrucção aos milhões de analphabetos que vivem, ou vegetam pelo Brasil, se não dermos amparo e assistencia a cada berço, se não plantarmos em cada legua quadrada do territorio uma escola, se não transformarmos cada escola em um viveiro de heroes?

Estes são os pontos principaes do nosso programma; este foi, sempre, desde o começo do nosso trabalho, o pensamento do Directorio Central, que neste comicio immerecidamente represento.

Entregue ás vossas luzes e á vossa solicitude, a Liga da Defesa Nacional será, no Estado do Rio de Janeiro, uma grande e admiravel lavradora da terra e da alma brasileira. Esperamos e confiamos que a vossa actividade será constante, continua, abnegada e vigilante. Antes de morrer, cada um de vós pode-

rá ver, de dia em dia, o premio do vosso esforço, em cada novo palmo de terreno que se cultivar, e em cada novo coração fluminense que se encher do amor da verdade.

Senhores, neste dia em que commemoramos a proclamação da Republica, levantemos as nossas almas numa fervorosa prece pelo futuro do Brasil e pela victoria das armas dos Alliados, que será a victoria da Justiça e da Paz!”

VII

NEC NOS LABOR ISTE GRAVABIT!

*(No banquete de 2 de Abril
de 1917. — em S. Paulo).*

Senhores.

E' bem verdade que o presente não existe. A vida é o passado e o futuro; vivemos de lembranças e de ambições, entre a saudade e a esperança. Este mesmo momento já não é nosso: fugiu, dissipou-se, desapareceu na grande treva e no grande silencio em que tudo e todos nos sumiremos. O hoje é uma illusão; o que chamamos "agora" é uma vaga mistura de recordação e desejo, um pouco do gosto ou do pezar que já tivemos — e um pouco da felicidade ou do desgosto que adivinhamos. Já tenho saudade de vós, da vossa companhia e desta noite de tão suave encantamento para mim; e já estou prelibando os minutos, que daqui a pouco viverei, embalado pela evocação das vossas physionomias e das vossas vozes. . .

Que importa o presente, que é engano e ficção? O que não é engano é o passado, que sempre vive nas almas sensíveis; o que não é ficção é o futuro, cujo valor depende do valor das nossas acções. Felizes os que, no instante da morte, não se envergonham do seu passado, e, ainda, nesse extremo passo, conservam tranquillidade e esperança: esperança de outra vida, para os que crêem, e ao menos esperança, para os outros, de um somno feliz sem pesadelos, sem que no ultimo lampejo da consciencia haja a oppressão de um remorso.

Meu caro Alfredo Pujol, meu bom amigo de mais de trinta annos; este momento já passou; o presente não existe; estamos vivendo do passado, e estamos vivendo para o futuro.

A tua palavra resuscitou a nossa mocidade. Ao lado do esplendor da actual cidade de S. Paulo, acaba de estampar-se de leve, em tremula nevoa, esfumando-se, a visão do antigo burgo de estudantes, em que vivemos ha mais de seis lustros. Que quer dizer "actualidade"? é o que tem estado effectivo. Mas nada é effectivo, senão uma transição entre o que passou e o que chega. Nada é permanente. Esta admiravel capital está em formação perpetua: as ruas estão cheias de andaimes, de ossaturas de novos palacios em construcção; avenidas novas entroncam-se nas velhas avenidas; em todas as arvores ha a palpitacão de gomos que rebentam; em todos os lares ha vagidos de berços; e pela grande terra paulista novas cidades estão nascendo. A nossa querida São Paulo de 1885 era pequena, feia e escura. Mas ampliava-a a nossa mocidade; aquecia-a o calor do nos-

so sangue; illuminava-a o clarão da nossa jovialidade. Naquelles dias de pouco sol e naquellas noites de muita garôa, já tínhamos dentro de nós esta actual cidade, esta esplendida metropole; e já tínhamos connosco, dentro de nós, o actual Brasil. Riamos, cantavamos, amavamos, versejavamos: eramos dois adolescentes; mas trabalhavamos pelo futuro do Brasil; eramos abolicionistas e republicanos; dentro destes dois estudantes bohemios, havia dois soldados e dois constructores. Felizes nós, que nos orgulhamos do que fizemos, e que, depois de tantos annos, ainda nos empenhamos, unidos, em nova campanha de civismo!

Senhores. A alta honra, que hoje me dais, é excessiva, pelo exaggero do applauso que ella encerra; mas é, até certo ponto, justa, porque, descontada a generosidade dos louvores immerecidos, é uma retribuição ao grande amor que devoto a S. Paulo, — amor, que é feito de admiração e de gratidão.

Vir a S. Paulo, e aqui passar alguns dias, é como demandar um retiro espirital do patriotismo. Aqui, como numa nascente magica, o enthusiasmo se retempera e a crença se avigora.

Este Estado, pela predestinação do seu nome, pela virtude que lhe deu o baptismo onomastico, tem sido, e será, até o final do doutrinação eivico do Brasil, o novo Apostolo dos Gentios. Daqui têm partido, em torrentes fertilisadoras, para a catechese dos pagãos, actos e palavras, que valem as viagens do evangelizador de Tarso aos paizes idolatras da Asia Menor, e as suas epistolas aos Corinthios e aos Ephesios.

Não dariam talvez fruto as palavras, que aqui foram ditas, ha dezoito mezes, iniciando esta campanha, se ellas tivessem cahido em outro terreno. A leiva era fertil, o plantio foi acertado. E a seára já transbordou do campo nativo, e a mésse está dando nutrição a todo o paiz.

E' desnecessario que se indiquem, neste momento, os effeitos já produzidos pela propaganda, que o vosso patriotismo enthuasiasticamente aceitou e amparou. Assististes, e estais assistindo a uma nova e radiante floração da energia, da coragem, do fervor, do patriotismo, de todas as antigas e formosas virtudes do povo brasileiro. Homens de cerebro e de coração, de acção e de affecto estão dirigindo este exercito de apóstolos, em que me alisto soldado obscuro, mas dedicado.

Acredito que acabaram os dias mais arduos da empresa. Agora, a tenacidade, temperada de paciencia, e a energia, misturada de tolerancia, ultimarão o trabalho. Dos pontos do nosso programma, um só foi a principio discutido e atacado: o da necessidade da execução da lei do sorteio militar. Mas a discussão foi curta, e o ataque fraco. Foi a lei executada, e é geral o contentamento, e grande o allivio.

Ha poucos dias, visitei nesta capital o quartel de um dos nossos admiraveis batalhões de caçadores. Diariamente, chegam levas de voluntarios; e alguns destes são trazidos por seus paes, por suas mães, por suas irmãs, por suas noivas. E' o lar que entrega as suas flôres ao quartel; é a familia que entrega a sua honra ao Exercito. Porque já todos sabem que o quartel não é mais estufa abafada em que os corpos

se estiolem, prisão vergonhosa em que o amor proprio feneça, degredo aviltante em que a dignidade se rebaixe. Já todos sabem que o alojamento militar é escola, gymnasio e officina. Vi os sorteados, que juraram ou vão jurar bandeira e são instruidos; vivos, na fileira e fóra da fileira, no acantonamento e na rua; não os achei revoltados, nem submettidos, nem resignados, mas contentes e orgulhosos; e encontrei-os cantando e sorrindo, — e obedecendo aos officiaes, não como rezes obedecem a pastores, mas como almas que escutam outras almas, como homens disciplinados que aprendem com os seus irmãos mais velhos.

A opposição á lei do sorteio desapareceu. E, depois do que estamos observando, a opposição seria um crime.

Das innumeradas lições, que já nos deu a primeira experiencia deste regulamento, uma avulta, que devemos cuidadosamente guardar. Dos sorteados, que vieram dos mais distantes pontos do Brasil, muitos são analphabetos, ignorantes da nossa geographia e da nossa historia, leigos na vida administrativa, economica e politica do paiz, inconscientes do seu valor moral como cidadãos. Numa guarnição do Rio Grande do Sul, — a cidade de São Gabriel, — os officiaes, quando receberam as primeiras turmas dos sorteados, estabeleceram um inquerito, que deu resultados acabrunhadores. Dos conscriptos, Brasileiros natos e filhos de Brasileiros, 60% não tinham a mais ligeira noção sobre a nossa grandeza territorial; 46,66 % desconheciam a nossa fôrma de governo; 73,33 %, eram analphabetos; 73,33 % ignoravam a residencia

official do presidente da Republica, e 86,66 % nunca ouviram o nome do barão do Rio Branco. E dos Brasileiros natos, de origem alemã, 61,53 % não falavam nem entendiam uma só palavra do nosso idioma, — e de todos elles NEM UM SO' conhecia o nome do barão do Rio Branco!

Conservemos esta lição. Daqui a um anno, depois de poucos mezes de instrucção intensiva no quartel, estes homens, agora sem nacionalidade, serão excellentes e dignos Brasileiros. O quartel está dando força e saude a estes corpos, e consciencia, altivez, dignidade, heroismo e patria a estas almas.

Perseveremos, senhores! Não queiramos calcular a somma de trabalhos e de sacrificios, que ainda vai custar-nos a tarefa. Não trabalhamos para nós, nem para os nossos dias. Os missionarios desaparecerão, outros os substituirão, — e a missão será prolongada até o triumpho.

Nesta jornada, carregamos o Brasil sobre os nossos hombros. E não é um corpo morto o que conduzimos, como aquelle que opprimia e enregelava as costas de Zarathustra, no poema de Nietzsche. Não transportamos a morte; transportamos a vida. Se aguentassemos um cadaver, seriamos loucos. A morte é contagiosa; o contacto do cadaver esfriaria e paralyzaria os braços dos vivos que o conduzissem. Que robustez, que coragem, que alegria poderia haver no corpo e na alma de quem apenas esteiasse e defendesse ridiculos erros, absurdas superstições e estupidos preconceitos? A vida quer a vida; a força quer a força.

O que carregamos é um corpo vivo, palpitante, fulgido, espirrando saúde em sangue generoso e luz fecunda. São quatrocentos annos de vida, — de gloria, em que nunca houve arrogancia, e de soffrimento, em que nunca houve ignominia. E' o que foi o Brasil, e é o que o Brasil será. São as caravelas, em que os nossos avós, de aço para a energia e de cera para a ternura, entresachando batalhas com trovvas, se iam pelo mysterio das aguas em busca de mundos; são o rude machado, e a leve canôa, e as mãos e os pés em sangue, que desbravaram brenhas, vararam rios, galgaram cordilheiras, e semearam cidades; é a cruz, que levantada por mãos generosas, e mal defendendo peitos inermes, criou almas em corpos sem almas; é o arado, que gerou o trabalho e a fartura; é a espada, que assegurou a confiança e impoz o respeito; é o livro, que esclareceu os cerebros, e é a lyra, que abrandou os corações; são trinta milhões de homens, que querem viver, amar, brilhar, com ventura e dignidade; e são os tempos vindouros, que serão gloriosos, se soubermos preparal-os.

Mostra-nos Virgilio, na "Eneida", a fuga de Enéas, sahindo de Troya assaltada, saqueada e incendiada. A terra está assolada e morta; mas a raça não morreu; o guerreiro vencido vai transportar a flamma do seu heroismo para outras paragens em que o tronco desenraizado reflorescerá; e põe-se a caminho, precedendo a esposa Creúsa, tendo á mão o filho Ascanio, e trazendo sobre si o velho pae Anchises. O ancião, carga sagrada, segura ás mãos tremulas os deuses penates... Assim, sobre os hombros do heróe vai a familia, vai a religião, vai a patria; e elle

caminha agil e corajoso, lepidio e alegre, exclamando: “nec me labor iste gravabit!”

Assim tambem podemos sem esforço amparar, supportar, defender este corpo immenso, que levamos ao futuro. O peso, que opprime, acabrunha e mata, é o do opprobrio, o da covardia, o da indifferença, o do egoismo. A infamia é sempre penosa, a maldade é sempre fatigante. A honra sempre é leve, o sacrificio nobre sempre é suave.

Tenhamos fé, e teremos força; tenhamos esperança, e seremos alegres!

Lisa ou abrupta seja a estrada, calma ou tempestuosa a róta, felizes ou infelizes os accidentes da jornada, não sentiremos o peso, sempre que tivermos a consciencia da grandeza moral que está sobre nós. Caminharemos, sorriremos, cantaremos, exultaremos, — e diremos, com o olhar inundado de amor e a voz ungida de respeito: “nec nos labor iste gravabit!”

VIII

A PÁTRIA NA ESCOLA

(Na Escola Normal de S. Paulo. — 22 de Março de 1917).

“Senhores professores.

Facultando a minha visita a esta Escola Normal, alegrastes o meu coração; o favor do convite veio contentar um dos meus maiores desejos. Sorria-me a felicidade de passar alguns minutos entre vós, nesta casa, que já é sagrada e tradicional, se não pela idade, porque ainda não a nobilitou a pátina da velhice, ao menos pelo fulgor de força e de generosidade, que já a recommendou ao carinho e á gratidão de todo o Brasil.

Deste horto de energias e estudos, têm sahido centenaes e centenaes de mudas viçosas, que, transplantadas do viveiro natal, foram florescer e frutificar nas cidades e povoações que esmaltam a forte e bella terra de S. Paulo; e, honra mais alta para vós, os governos de outros Estados vêm procurar aqui

educadores para a sua gente, — tão clara é a fama que rodeia esta “alma parens”. Sou avesso ao exaggero dos elogios, como a todas as demasias. Mas quando penso nesta casa, não posso furtar-me a uma inclinação para comparal-a, resalvadas as disparidades do tempo e da indole, áquella veneranda Sorbonna, que é ainda hoje o centro da academia universitaria de Pariz, e, durante seculos, foi o alfobre dos theologos do mundo. Antigamente, os doutores da Sorbonna formavam todos os doutores da catholicidade, e as suas decisões, em materia de crença, eram artigos de fé. Aqui, os vossos professores estão formando professores para todo o Brasil; e o vosso cuidado no estudo e no methodo, e o vosso fervor no civicismo e na probidade já são modelares e exemplares.

Só vos devo louvores e bençãos, portanto, e não conselhos. Mas todos os applausos, que vos sejam dados, serão avisos e animações para todos os que se destinam á educação da nossa mocidade.

A vossa profissão e o spectaculo do vosso esforço dão enternecimento, pela sua abnegação, e medo, pela sua responsabilidade. Já disse o que já disseram muitos outros, com outra e melhor fórma: “A escola é o primeiro reducto da defesa nacional; a menor falha do ensino, e o menor descuido do professor podem comprometter sem remedio a segurança do destino do paiz”.

Quando um verdadeiro professor primario sente a completa e clara responsabilidade do seu cargo, a sua alma é invadida de uma anagogia extatica, como o arrebatamento de espirito, que, nos primeiros tem-

pos da vida monastica, transfigurava o aseta. Na sua cadeira de edueador, o mestre reeebe a visita de um deus: é a Patria, que se installa no seu espirito. O professor, quando professa, já não é um homem; a sua individualidade annulla-se: elle é a Patria, visivel e palpavel, raeiocinando no seu cerebro e falando pela sua boeea. A palavra, que elle dá ao disepulo, é como a hostia, que, no templo, o saerdote dá ao eommungante. E' a eucharistia eiviea. Na lição, ha a transubstaneiação do corpo, do sangue, da alma de toda a naeionalidade.

Este é o mais bello dever, e o mais nobre saerificio do professor: a abdieação de si mesmo. Abdicação, que é conquista e engrandeecimento. Porque, depois da investidura, o sacerdote é tudo, quando deixa de ser homem: é a Nação.

Diz-lhe a Patria quando lhe dá a honra do saerdoeio: "E's o representante direto da minha força e da minha neecessidade. Aqui dentro desapareees: sou eu quem em ti appareee e se affirma. E's a minha pessoa, a minha razão de ser, a minha vontade de viver e de ser forte. Quero viver e ser forte: para isto, é necessario que me defendas. Aqui dentro, sou senhora absoluta, — aeima do homem, aeima da familia, aeima do poder paterno, aeima da idolatria materna. Bemdito serás, se te mostrares digno da missão que te eonfio; serás maldito, se rasgares, por ineapaeidade, ou por desidia, ou por vaidade, o paeto sublime que assignaste commigo! Sustento-te e honro-te, mantenho a tua nutrição, dou á tua existencia eonforto e gloria. Em troca disto, has de dar-me homens dignos da humanidade, Brasileiros dignos do

Brasil, eidadãos dignos de mim. Has de dar-me filhos consciences e disciplinados, e não filhos desnaturados e perfidos. Elevo-te a este caracter divino, para que sejas um criador, e não um destruidor, — um gerador de patriotas, e não um formador de anarchistas. Se fizeres o que deves fazer, serás digno de mim e de ti. Se o não fizeres, terás desperdiçado e infamado o teu tempo e o teu salario, terás perdido a tua honra, terás mentido ao teu juramento, terás assaltado e trahido a minha confiança. Aqui dentro, não tens opinião tua, nem interesse teu, nem religião tua: aqui tens apenas a minha opinião sagrada, o meu interesse vital, a minha religião indiscutivel. Lá fóra, no teu lar e na rua, na tua vida domestica e na tua vida politica, podes ter o teu arbitrio, o teu credo, o teu partido; mas, quando aqui entras, quando passas o umbral deste templo, és apenas um instrumento passivo da minha acção. E que grande affirmacção de vigor e de brilho é aqui a tua abdieacção! Que maravilhoso orgulho será para ti o estrangulamento da tua vaidade! Lá fóra, como qualquer dos homens, sem a sagração que te dou, serias apenas um filho meu; mas, aqui, és ao mesmo tempo meu filho e meu pae, criatura do meu corpo e da minha alma, e eriator da minha grandeza e do meu futuro! Entrego-te a minha vida: é preciso que a fixes em immortalidade!”

Esta alta palavra da Patria foi ouvida e aceita, nesta casa, pelas almas que aqui estão criando tantas outras almas. A Patria reside immanente neste recinto. Recebei, senhores professores, a minha saudacção enthusiaslica e enterneccida. E permitti que, em

poucas palavras de amor, eu entregue toda a minha alma aos alumnos e ás alumnas desta radiante officina.

Ha dezoito mezes, no Theatro Municipal desta cidade, ouvi, com inolvidavel encantamento, um concerto dos admiraveis corpos coraes da Escola Normal. Houve um momento, em que, entre dois numeros da festa, tive a honra de dizer alguns dos meus pobres versos, no meio de vós, meus irmãos e minhas irmãs, no palco esplendido em que a vossa mocidade sorria e os vossos sorrisos brilhavam. Desci, entre vós, pelo declive do tablado, rampa de corações em flôr, doce vertente em que rios de graça e de esperança rolavam e sussurravam. . . E descí, enlevado, tonto de musicas divinas. As vossas vozes tinham expirado no final de um dos côros. Mas outra harmonia secreta, que só o meu ouvido percebia, rebentava da vossa multidão, levantando o meu espirito num arroubo de vertigem. E este côro era mais doce e mais claro do que os outros que haveis cantados. Ereis um corpo só, uma alma só, e uma voz unica. O latejar do vosso sangue e a palpitação do abrolhar dos vossos sonhos eram uma symphonia magica: havia naquillo clamores e soluços, vozes humanas e sons de coisas, cachoar de aguas, murmurio de selvas, barulho de cidades, estralejar de festas, ribombo de tempestades. Toda a nossa vida vibrava em vós, porque creis toda a nossa terra, toda a nossa historia, e nosso futuro. . .

Agora, entre vós, continúa a embalar-me e maravilhar-me esta musica. Os versos, que naquella noite eu vos dizia, eram vozes sahidas de vós; e o que ora

vos estou dizendo é um dos accents do grande acórde que em vós reside.

Guardae e cultivae esta cadencia intima, que é o vosso enthusiasmo e a vossa crença. Conservae e desenvolvei esta vibração harmonica, — esperanza e coragem, energia e serenidade, — hoje encanto natural da vossa juventude, amanhã defesa e resignação para os vossos dias da idade madura, e consolação e gloria para a vossa velhice.

Sêde fortes, bons e alegres, meus irmãos e minhas irmãs, para felicidade vossa e felicidade do Brasil.”

IX

A' CIDADE DE SANTOS

(Santos, 28 de Março de 1917).

Senhores.

Esta commovedora prova de carinho é uma altíssima honra para mim. A cidade de Santos, maravilhoso emporio e venerando templo, em que vibra o trabalho e esplende a virtude, tem tantos fóros de nobreza, que tem o direito de ennobrecer os que conseguem merecer o seu amor e o seu applauso. Nobilitaes o meu nome e illustraes a minha vida.

Esta sympathia e este louvor acompanharão sempre os meus ultimos dias de existencia, amparando a minha coragem e premiando a minha confiança.

Comprehendo bem que não estais animando e acclamando o homem e o poeta. Vedes em mim uma idéa que marcha para a victoria, — uma idéa que accidentalmente represento neste momento, um programma que indica ao Brasil um futuro de incalculavel grandeza, — a Liga da Defesa Nacional, que pre-

tende restituir á nossa patria a gloria antiga apagada pelo criminoso labor de longos annos de indifferença e tristeza. Encho-me de orgulho e de alegria, recebendo o favor da vossa amizade, — porque estimo e avalio o radiante concurso do vosso enthusiasmo á grande campanha em que nós estamos empenhados.

Pisando o sólo de Santos, relembro uma scena tragica e sublime, que revive na minha memoria, traçada a fogo vivo. Tinha eu pouco mais de vinte annos de idade. A propaganda abolicionista chegava ao termo. Em massa, tinham fugido das fazendas os escravos. Era o exodo do soffrimento, da desesperação e da revolta. Rio humano, a torrente dos captivos esfomeados e nús rolára em vagas tumultuosas e bravas, despenhada e irreprimivel, evadida da tortura e da ignominia, na levada delirante para a liberdade ou para a morte, descendo o Cubatão. Já não era rio: era oceano rude e negro, que se precipitava do alto da serra, inundação victoriosa, para a qual já não haveria diques...

Assisti, senhores, á chegada dessas legiões de desesperados a Santos. Os infelizes choravam entre sorrisos, e cantavam entre lagrimas, renasciam. Para acolhel-os, esta cidade abriu maternalmente o seu seio, que, sendo regaço de misericordia, era fonte de redempção. Aqui, naquelle dia, a sombra augusta de José Bonifacio de Andrada e Silva, patriarcha da Independencia, e autor da “Representação á Assembléa Constituinte sobre a escravatura”, pairava sobre esta urbe amada, abençoando-a por aquelle acto...

Hoje, evóco esta mesma grande aparição da nossa dignidade civica. E sinto que José Bonifacio nos sorri e nos protege.

Não está acabada a obra da Independencia, da Abolição e da Republica. Ainda não é independente a nação, que ainda não tem a força necessaria para se impôr ao respeito das outras e para assegurar o seu trabalho e a sua paz; ainda tem escravos o paiz, que ainda tem milhões de filhos analphabetos e inconscientes; ainda não é republicana uma patria, em que grande parte da massa publica é feita de automatos, governados por ambiciosos sem escrupulos, ou de insubordinados, dirigidos por paixões dispersivas.

Recomcemos e prolonguemos as grandes lutas, que já nos honraram! Venham connosco todos os homens de fé, — e estes irão connosco á terra de promissão que queremos conquistar! Nós, os da Liga da Defesa Nacional, nada queremos para nós; queremos tudo para o Brasil; não queremos nós o mando, nem o proveito, nem a gloria: somos apenas Brasileiros, e apenas queremos que todos os Brasileiros sejam verdadeiramente Brasileiros!

Senhores! o povo de Santos, nutrido de tradições civicas, já recebeu com calor a nossa campanha. Como sempre, este nucleo de radiante civilização é e será um dos baluartes das nossas forças.

Saúdo-te, forte e formosa cidade!

Este porto é, para o Brasil, um estuario sagrado, como o era o Pireu para a Grecia antiga, rasgando-se aos pés de Athenas.

O Pireu era o golfo prodigioso do Commercio e da Civilização; as suas aguas coalhavam-se de navios,

que arfavam ao peso das mercadorias vindas de todos os pontos do mundo, e a industria florescia nas plagas em que formigavam multidões de Gregos e de forasteiros; mas, sobre aquella actividade febril, pairava a Acrópole serena: sobre a vida material, a vida do espirito; sobre a necessidade, a dignidade; sobre o ganho, a crença.

Aqui, o Parthenon é o sacrario dos Andradas. Aqui vimos e aqui viremos, em romaria civica, afevorar o nosso patriotismo... Saúdo-te, nobre e formosa cidade!

SOBRE A MINHA GERAÇÃO LITERARIA

(No banquete offerecido pela sociedade do Rio de Janeiro no Palace-Théâtre, — Rio de Janeiro).

Nunca senti, minha scnhoras e meus senhores, tão ardentemente, tão commoivamente como hoje, a gloria, o jubilo, o orgulho de viver; nunca até hoje agradei tanto aos poderes mysteriosos que governam o universo a graça extrema, a divina esmola da vida.

Disse um poeta grego que “os que morrem moços são os amados dos deuses”. Essa phrase de tão amargo pessimismo mostra quão frequentemente a linguagem literaria serve para exprimir um falso “estado de alma”, um sentimento artificial, em contradicção flagrante com a inalteravel esperanza e a instinctiva resignação que são as companheiras fieis e as constantes consoladoras do coração humano. O povo da velha Grecia, vivendo sob um lindo céu, e dotado de uma natural sobriedade, e occupado sempre no culto do heroismo, da força, da belleza e da graça, era um

povo feliz e alegre, reconhecendo a ventura da vida, e agradecendo-a sempre aos seus deuses, a esses extraordinarios e ás vezes extravagantes deuses da Hellade, a quem os Gregos, com o seu profundo e humanissimo anthropomorphismo, attribuiam a apparencia physica, a estructura moral, as qualidades, as virtudes, os defeitos, as paixões, e até os vicios dos homens. Aquella phrase sceptica, dita por um poeta grego, seria sorprendente e inexplicavel, se não soubessemos que quasi sempre é preciso ver no que diz um poeta apenas a sua intenção litteraria ou artistica; nem os poetas valeriam o que valem, senão fossem os eternos creadores da eterna Mentira, geradora de symbolos e de mythos. Não podemos crer que os homens que morrem moços sejam os amados dos deuses. Se os deuses, como acreditavam os Hellenos, dirigem a nossa existencia, e se interessam por nós, e nos conduzem para o mal e para o bem, — os homens mais favorecidos do seu amor devem ser justamente os que vivem muito, — aquelles que por um favor especial podem ficar longo tempo na Terra, para mostrar o que vieram fazer sobre a fragil casca do nosso pequeno e errante planeta. Devem ser esses os amados dos deuses; pois que a vida, senão é o resultado de um acaso, de um encontro fortuito e incomprehensivel de moleculas e de vibrações, é um favor divino, uma divina dadiva, o mais alto de todos os favores, a mais generosa de todas as dadivas. Por que? Porque a mais triste, a mais faminta, a mais miseravel de todas as vidas tem sempre um minuto, um só que seja, de suprema satisfação; porque a mais obscura, a mais humilde, a mais apagada de todas as

existencias tem sempre um momento, um só que seja, de suprema gloria; e esse momento de gloria e esse minuto de satisfação, quer venham de um contentamento de amor, quer nasçam de um deleite da vaidade, que se originem da consciencia do dever bem cumprido, são sempre tão bellos, tão intensos, tão compensadores, que fazem esquecer annos e annos de obscuridade ou de soffrimento: e quem os vive reconhece, com a alma cheia de gratidão, que foi uma fortuna o ter vindo ao mundo, só para ter a felicidade de viver-os. . .

Eu estou hoje gozando aqui, minhas senhoras e meus senhores, um desses raros, exclusivos, absorventes, entontecedores instantes de alegria suprema e de suprema ventura. Ver reunida em torno de mim, nesta noite inolvidavel para a minha intelligencia e para o meu affecto, a representação real e legitima da mais culta sociedade do abençoado ponto da terra em que nasci; ver-vos aqui, minhas senhoras, dando luz, perfume, encanto a esta sala, honrando e nobilitando com o vosso concurso a esta festa o meu trabalho e o meu desejo de ser bom e util; ver-vos aqui, e lembrar-me que entre os nomes dos que assignaram os convites para este banquete havia seis nomes de senhoras, — seis condecorações rutilantes que até a hora da morte estrellarão o meu peito; ver aqui altas autoridades da Republica e da cidade, Ministros de Estado, o Sr. Prefeito do Districto Federal, Senadores, Deputados, Ministros Plenipotenciarios do Brasil no extrangeiro, representantes da industria, do commercio e da imprensa, e tantos amigos intimos e queridos, cuja amizade carinhosa tantas vezes tem ani-

mao e protegido a minha agitada vida de labor e de sonho; ver aqui presente, na pessoa do Sr. Ministro de Portugal, a patria veneranda, mãe de minha patria, a heroica nação ancestral, cuja gloria sagrada o Brasil zelosamente resguarda e acautela dentro do coração, como uma hostia dentro de uma custodia; ver-vos aqui, ó meus mestres e ó meus irmãos de letras, poetas e trabalhadores da geração anterior á minha, poetas e trabalhadores da minha geração, e poetas e trabalhadores da geração nova que estais agora crescendo para a gloria; ver-vos, e ver entre vós o chefe amado da nossa literatura, encanecido no culto da Belleza moral, — Machado de Assis, cuja vida é um nobre exemplo de talento, de coragem e de bondade, uma incomparavel lição de devotamento á Arte divina da Palavra; ver-vos a todos, e ver que está entre vós, concedendo-me uma distincção que nunca poderia agradecer, o homem eminente que ora é hospede do Brasil, o filho illustre da Loba immortal que amamentou Romulo e Remo e cujo leite fecundo e inesgotavel ainda se espalha pela face da Terra, creando civilizações, como a Via-Lactea, nebulosa geradora, se espalha pelo espaço infinito, creando mundos, — o Sr. Guilherme Ferrero, o historiador da velha Roma, o resuscitador das eras mortas da civilização latina, o homem que comprehendeu e explicou tão bem o passado, como se, á imitação do fabuloso Epimenides, houvesse adormecido na antiguidade para acordar agora, trazendo-nos a revelação da vida material e moral dos homens antigos; ver-vos a todos aqui, e ouvir o que acabam de dizer-me os oradores deste banquetc; ouvir o que me disse Henrique Cha-

ves, esse homem puro, que só não é santo porque a santidade completa seria uma monstruosidade na vida humana, esse homem que vive a dissipar o talento e a bondade, espalhando prodigamente pedaços do cerebro e pedaços do coração, como essas arvores ricas, que, despojadas dos seus fructos pela mão dos homens e pelo bico dos passaros, ainda teem fructos que deixam cahir ao chão para matar a fome dos insectos rasteiros; ouvir o que me disse esse admiravel orador, que veio, — honra nunca esperada! — abandonando o seu retiro de trabalho e de estudo em Minas, trazer-me o seu affectuoso abraço de irmão, — Augusto de Lima, o grande poeta dos *Symbolos*, cuja inspiração, a um tempo elevada e profunda, mystica e humana, lyrica e philosophica, tem, como o tronco sagrado da mythologia escandinava, as raizes mergulhadas no amago da terra e as franças emmaranhadas no fervedouro das estrellas; ouvir o que me disse Oliveira Lima, Embaixador da nossa intelligencia no estrangeiro, o Warnhagen de hoje, o reconstructor consciencioso do nosso passado, cujo livro sobre D. João VI será o mais bello monumento de quantos possa o Brasil erguer para celebrar o centenario da abertura dos seus portos ao commercio mundial; ouvir nesta festa a palavra prodigiosa do meu querido irmão Coelho Netto, mestre consagrado, maravilhosa flôr da ardente terra brasileira, e symbolo perfeito, admiravel incarnação, demonstração palpitante da nossa extraordinaria aptidão para sonhar, amar, conceber e realizar; ouvir o que me disse Martins Fontes, porta-ideal da nova geração, um adolescente que já produz obras primas, e cujo cerebro, pela fogosa ger-

minação de idéas que nelle sinto, me faz ás vezes lembrar a palpação que teria a Terra, na sua idade paleozoica, quando, estalando e anciando, explodia e rebentava nas primeiras manifestações da vida; — ver-vos a todos aqui, e ouvir o que acabo de ouvir, tudo isto me parece um sonho. . . E, se já não tivesse achado, como vos direi daqui a poucos minutos, a explicação unica desta festa, e se pudesse estar convencido de merecer realmente pelo meu valor pessoal a honra que me conferis, — então eu, apesar do grande e grato amor que a Vida me inspira, desejaria morrer aqui, fulminado pela felicidade, alcançando assim a doce euthanasia completa, a morte deliciosamente feliz num momento supremamente feliz!

Mas nem é bom pensar na morte, neste dia em que tão preciosa me fazeis a vida. . . E nem ha motivo para que o orgulho me fulmine, porque não me illudo, nunca me illudi sobre a significação desta festa. Os meus pobres versos e os meus pobres artigos de jornal não teriam jámais, pelo seu valor proprio, provocado este movimento de tão alta sympathia e de tão honroso carinho. Dentro desta moldura fantastica, de tão fino gosto e de tão apurada elegancia, diante desta assistencia tão culta, não sou eu pessoalmente o honrado. E já me basta, para satisfação da vaidade, o ter sido escolhido para symbolizar aquillo que quereis louvar e premiar.

O que estais, como Brasileiros, louvando e premiando nesta sala, é o trabalho arduo, fecundo, revolucionario, corajoso da geração literaria a que pertenço, e o papel definido, preciso, dominante, que essa geração conquistou, com o seu labor, para o

homem de letras, no seio da civilização brasileira. E agora, sim! agora tenho eu o direito de crer que é justa e de aceitar sem espanto esta glorificação. Das glórias collectivas de um grupo de homens, cabe sempre uma pequenina porção de gloria ao mais fraco dos que contribuíram para o éxito do trabalho commum; e qualquer dos trabalhadores pôde falar em nome de todos, quando a victoria da causa foi devida á combinação perfeita, á fusão completa, á cohesão intima de todos os elementos que conquistaram o triumpho.

Não nego, não negamos, ninguém pôde negar o valor das gerações que precederam a nossa. Seria ingravidão monstruosa, tão monstruosa como a da flôr que, vaidosa da sua garridice, desprezasse a singeleza da folha que a formou, ou como a do fructo que, orgulhoso do seu sabor e da sua utilidade, mofasse da inutil belleza da flôr de que nasceu. Tudo se encadeia, tudo se prolonga, tudo se continúa no mundo; e o melhor, se não o unico, meio de aproveitar o presente e preparar o futuro ainda é honrar e respeitar o passado.

E não é precisamente do trabalho literario que falo aqui: é do trabalho moral de reacção contra a indifferença e o desdém. Ha quarenta annos, — e quantos nomes fulgidos, quantas legitimas glórias já contava então a literatura brasileira! — ha quarenta annos, não havia propriamente homens de letras no Brasil; havia estadistas, parlamentares, professores, diplomatas, homens de sociedade, ou homens ricos, que, de quando em quando, invadiam por momentos o bairro literario, — alguns delles com um certo ve-

xame, encapotando-se, disfarçando-se, escondendo-se, cosendo-se ás paredes, com medo da murmuração da gente séria, como se entrassem em lugares prohibidos, centros de frivolas ou condemnaveis diversões. E esse vexame não era descabido, porque raramente a gente séria lhes perdoava a fraqueza moral revelada por essas rapidas e furtivas incursões no dominio das letras; é sabido que certa vez, no Parlamento, um adversario politico do grande José de Alencar, levado á parede pelo argumentação do creador do nosso romance, ficou durante alguns segundos embaraçado, attonito, engasgado pela raiva impotente, e, quando recuperou a voz e a presença de espirito, fulminou o seu vencedor com uma só palavra, em que poz todo o bramir tempestuoso das coleras vingadoras: "*poeta*"!; — e já muito antes do tempo em que floresceu e brilhou Alencar, o nosso forte José Bonifacio, o Velho, o Patriarcha, quasi ficou irremediavelmente desmoralizado para a politica, no dia em que se descobriu, com grande indignação publica, que, sob o pseudonymo de Americo Elysio, era o Ministro do Reino e dos Negocios Extrangeiros, Conselheiro do Regente D. Pedro, quem rimava sonetos apaixonados a uma certa Alcina, gabando-lhe:

"a linda face de jasmims e rosa,
"o branco peito, e a bocca perfumosa,
"onde os amores teem gentil morada..."

Depois dessa phase, houve outra. Apareceram poetas e escriptores, querendo ser exclusivamente escriptores e poetas, e orgulhando-se dessa occupação;

mas commetteram o erro de mostrar desdém pela consideração que a sociedade lhes recusava, — como se, desde a mais remota antiguidade, não soubessem todos os grandes capitães que o melhor meio de conquistar uma praça é estar dentro della, ganhando-a pela brandura e pela astucia, para possuil-a sem batalha... Era até então a sociedade que fechava as suas portas aos homens de letras; eram agora os homens de letras que se afastavam dessas portas com um bello, mas estulto gesto de pouco caso. Foi essa a época em que os poetas faziam o possivel para ser homens á parte, distinguindo-se dos outros homens pelo furor dos paradoxos e pela extravagancia das maneiras. Nem todos esses poetas foram bohemios desvairados, cavando entre si e a sociedade um largo fosso de escandalo; mas todos ostentavam um soberano desprezo pelas coisas mesquinhas, ou que mesquinhas lhes pareciam, da vida humana; e ainda os que não deixavam crescer sobre as costas cabelleiras incriveis, nem iam improvizar elegias nos cemiterios alta noite, nem procuravam outro processo pueril como esse para traçar, bem firme e bem nítida, uma linha de defesa entre os seus costumes e as suas maneiras e os costumes e as maneiras daquelles a quem a linguagem bohemia da época, importada de França, dava os qualificativos despreziveis de “burguezes” e de “philistinos”, — esses mesmos viviam dentro de uma alta e isolada torre de sonho e de orgulho, considerando que, como contemplativos, eram superiores aos homens de acção que, cá em baixo, tambem viviam, trabalhavam, amavam e soffriam no mundo vario... Como se fosse possivel, nesta vida

breve e contingente, em que todos vivem sonhando e soffrendo, os cultos como os incultos, os nobres como os plebeus, os artistas como os trabalhadores da industria, — estabelecer distincção entre uns e outros, separando o sonho e o soffrimento dos poetas do sonho e do soffrimento dos que cavam a terra e desbastam as pedreiras...

Destruir essa estultice e esse equivoco, creados e alimentados pelas gerações que precederam a nossa, tal foi, meus companheiros, o nosso melhor trabalho e a nossa maior gloria. Dos que batalharam a bôa batalha, daquelles a cujo lado estive, menino e moço, nos momentos difficeis, como o mais humilde, mas não como o menos confiante de todos, — dos camaradas dessa nobre campanha, já muitos estão dormindo o grande somno compensador, que sempre deve ser doce aos que bem cumpriram a sua tarefa na vida. Muitos, porém, estão vivos, muitos estão aqui, e alguns devem neste momento olhar-me com os olhos escurecidos de lagrimas pela saudade dos companheiros mortos... Amigos e irmãos! eu não aceito para mim só esta festa: esta festa é vossa, é nossa! Que fizemos nós? Fizemos isto: transformamos o que era até então um passatempo, um divertimento, naquillo que é hoje uma profissão, um culto, um sacerdocio; estabelecemos um preço para o nosso trabalho, porque fizemos desse trabalho uma necessidade primordial da vida moral e da civilização da nossa terra; forçámos as portas dos jornaes e vencemos a inepecia e o medo dos editores; e, como, abandonando a tollice das gerações anteriores, haviamos conseguido senharear-nos da praça que queriamos

conquistar, tomámos o logar que nos era devido no seio da sociedade, e incorporámo-nos a ella, honrando-nos com a sua companhia e honrando-a com a nossa; e nella nos integrámos de tal modo que, hoje, todo o verdadeiro artista é um homem de boa sociedade, pela sua educação civilizada, assim como todo o homem de boa sociedade é um artista, se não pela pratica da Arte, ao menos pela cultura artistica. Foi isso o que fizemos. De certo ponto de vista, podemos dizer que representamos, para o progresso intellectual do Brasil, na ultima metade do seculo XIX, o mesmo papel que para o seu progresso material representaram no seculo XVII os heróes das “bandeiras”: nós também varámos leguas e leguas de desertos Moraes, nós também desbravámos sertões, nós também fundamos cidades; ha ainda, de certo, muitas leguas por varar, muitos sertões por desbravar, muitas cidades por fundar; mas nem tudo ha de ser feito por uma só geração; e o grande historiador italiano, que é hoje nosso conviva, e que tem dentro do cerebro maravilhosamente fixado pelo estudo, o extensissimo panorama de tantos seculos de civilização romana, bem nos poderia hoje provar a grande verdade do nosso proloquio, segundo o qual “Roma não se fez em um só dia”...

E permitti-me que insista em poucas palavras no valor do serviço que me parece o maior de quantos prestámos ao Brasil. Aluímos, desmoronámos, pulverizámos a pretenciosa torre de orgulho e de sonho em que o artista queria conservar-se fechado e superior aos outros homens; viémos trabalhar cá em baixo, no seio do formigueiro humano, anciando com

os outros homens, soffrendo com elles, padecendo com elles todas as desillusões e todos os desenganos da vida; e isso, porque comprehendemos em boa hora que um homem, por mais superior que seja, ou por mais superior que erradamente supponha ser, aos outros, não tem o direito de fechar os olhos, os ouvidos, a alma, ás aspirações, ás esperanças, ás duvidas da época em que vive: — quem faz isso commette um crime de lesa-humanidade. Assim, não nos limitámos a adorar e a cultivar a Arte pura, não houve problema social que não nos preoccupasse, e, sendo “homens de letras”, não deixámos de ser “homens”. O artista tem certamente o dever de sempre reservar na sua vida um lugar, recatado e sagrado, para o culto exclusivo da sua Arte; mas, para isso, não é mistér que viva, entre os outros homens, como um espectro sem vida real, numa ataraxia que o isole da existencia da communhão. Nem o culto da Arte pura é de modo algum incompativel com o exercicio da agitada vida publica; eu mesmo, se me permittis a refereneia, talvez pretenciosa, — eu mesmo, mergulhado na agitação absorvente da vida da imprensa diaria, nunea deixei de consagrar algum tempo dos meus dias ao labor puramente literario; e se o resultado de tal trabalho ainda não appareceu, é porque o trabalho do outono, com as suas responsabilidades de fruetificação, de amadurecimento e de colheita, não póde ser tão rapido como o da primavera, em que tudo é graça espontanea e leve facilidade...

Minhas senhoras e meus senhores, esta é a verdadeira significação da festa esplendida, á qual quizestes associar o meu humilde nome. Considero que

quizestes honrar a minha geração literaria, e em nome della aceito e agradeço este extraordinario, este incomparavel favor.

Quem recebe uma tal glorificação, apenas pôde agradecer-a de um modo: desejando viver muito, viver muitissimo, para continuar a trabalhar e continuar a merecer tão honrosos louvores...

Mas é força que este meu agradecimento termine por um brinde. Em nossas festas de familia, quando ha ainda a felicidade de estar viva, illuminando e abençoando a casa com a sua presença, a mãe sacrosanta que com o seu amor nos guiou na vida, — é sempre a ella que dirigimos a ultima e a mais carinhosa saudação. Sigamos aqui esse exemplo, e respeitemos essa tradição. Podem todos os que aqui estão acompanhar-me neste brinde uma vez que no Brasil não ha, e praza aos céos que jámais haja, estrangeiros, sendo todos os que vivem nesta terra iguaes, amigos e irmãos, pelo trabalho e pelo affecto. Levanto a minha taça em honra de uma grande Mãe: a Patria Brasileira!”

XI

BOCAGE

*Sociedade de Cultura Artística de
S. Paulo. — 19 de Março de 1917.*

“Se o Destino cruel me não consente
Que o ferro nú brandindo, irado e forte,
Lá nos horrendos campos de Mavorte
De louros immortaes guarneça a frente:

Se prohibe que, em solio refulgente,
Faça os povos felices, de tal sorte
Que o meu nome, apesar da negra morte,
Fique em padrões e estatuas permanente:

Se as suas impias leis inexoraveis
Não querem que os mortaes em alto verso
Contem de mim façanhas memoraveis:

Submisso á má ventura, ao fado adverso,
Ao menos por desgraças lamentaveis
Terei perpetua fama no Universo. . .”

Relembrei-me, tristemente, este desalentado soneto de Bocagê, uma tarde, em Lisboa, numa loja do Rocio, em que se vendiam tabaco, jornaes, revistas, e edições baratas de literatura equivocada. Sobre o balcão, havia um folheto mal impresso, de capa mascarada, com um titulo vistoso, de chamariz, e um retrato do poeta:

“Magro, de olhos azues, carão moreno,
Bem servido de pés, meão na altura,
Triste de facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio, e não pequeno...”

Abri o livreco, e folhee-o. Entre alguns poucos versos authenticos de Bocage, e ainda assim errados, cheios de aleijões, cobria as paginas uma germinação de pantano, anedotas insulsas, quadrinhas obscenas, motes e glosas de repugnante facecia, — tudo isso flagrantemente apocrypho, de gosto plebeu, de metro cambado, de grammatica mascarada, revoltantemente attribuido ao talento de um dos melhores vernaculistas, do melhor metrificador da poesia portugueza, de quem Theophilo Braga escreve “que é, depois de Camões, o unico poeta de quem o povo portuguez verdadeiramente se lembra”. E voltaremos já a esta phrase, para mostrar até que ponto um singular concurso de circumstancias fataes deu a um dos mais bellos e correctos cultores da nossa lingua a mais triste e lastimavel das reputações.

Atirei, com asco, a desavergonhada brochura. Pobre Bocage! Nem ao menos só pelas suas “desgraças lamentaveis” teve elle “perpetua fama no universo”!

A fama lhe foi dada por esta ignobil literatura de pornéa! Era a sua estatua, aquelle opusculo torpe! — a estatua, que lhe foi erigida, amassada de lama, no coração da sua amada Lisboa, naquelle mesmo Rocío, em que pompeou e brilhou, no fim do decimo-oitavo seculo, e no começo do decimo-nono, o famoso Botequim das Parras, theatro das glorias do inspirado repentismo de Elmano!... Como poderia Elmano, naquellas noites de triumpho, embriagado pelas palmas e pelas aclamações, pallido e descabellado, no arrebatamento da improvisação, adivinhar que aquelle elogio geral, aquelle louvor dos letrados e applauso da plebe, aquelle incensamento de excessivas lisonjas em vida, seriam, depois da sua morte, desfigurados em labéus?

Triste fraqueza humana, esta, talvez a mais triste das fraquezas que nos diminuem e envergonham: o amor da popularidade!

E' tão facil ser popular! terriveis assassinos, eximios ladrões, grandes devassos alcançam facilmente uma celebridade mais vasta do que a que logram os mais altos bemfeitores da humanidade e os mais claros servidores da arte. Nem é preciso para ganhar notoriedade ser um chapado criminoso, nem um rematado louco; para subir ao galarim, não é necessario ser Nero, nem Erostrato; a escalada para o fastigio não requer sublimidades de crueldade nem de megalomania: nem a carnificina de cem mil christãos, nem o incendio do templo de Diana. Para guindar um homem ao Capitolio, bastam tolices vulgares, extravagancias jocosas ou escandalosas, e pequeninas infamias: cortar, como Alcibiades, a cauda de um cão

de preço; ou exaggerar, á guisa dos bufões de feira, momices e chalaças, originalidades de vestuario ou preciosidades de dizer; ou ainda, como Aretino, armar na praça publica um pelourinho para as reputações alheias, restaurando para espantallo dos timoratos as estatuas de Marforio e Pasquino. E nem tanto! A ascensão para o renome é ainda mais facil... Esses pobres diabos, a quem chamamos “typos de rua”, que divertem ou incommodam os transeuntes, com a sua bebedeira ou a sua maluquice, são populares sem querer, inconscientes da sua popularidade... Pobres dons, os da fama publica!

Dir-se-á que ha exaggero nesta objurgatoria contra a celebridade, porque não se deve confundir o renome, que se attribue a um horrendo facinora ou a um descarado palhaço, com o que se dá a um nobre estadista, ou a um bello poeta, ou a um admiravel homem de sciencia. Mas até a esses, até aos mais dignos e puros sacerdotes da Verdade e da Belleza, sempre a celebridade dá uma deturpadora tacha. O vulgo não perdôa nem supporta facilmente superioridades intellectuaes ou moraes. Quando um homem se realça sobre o commum dos mais, logo nasce contra elle, entre os applausos, um sentimento hostile, que, se não é de inveja, é ao menos de instinctivo despeito e vaga irritação. E começa o trabalho da curiosidade malevola, o inquerito perverso... “E’ possivel que este homem, tão elogiado, não tenha todas as inferioridades, todas as mesquinhasarias, todas as miserias, que viçam em tantos entes sem talento e sem brilho? Exhumemos desta vida gloriosa alguns mysterios, que se mudem

em escandalos! catemos caramujos neste rosal! esvurmemos espurcias deste astro! espiolhemos torpezas na grandeza desta intelligencia e na limpeza desta moral! abaixemos esta montanha até o nosso pantano!” E lá vae a malignidade esperta, de olhos furadores e dedos mettediços. Este sábio deve ter algum segredo triste; este artista deve possuir algum lastro de materialismo grosseiro; este santo deve disfarçar debaixo da aureola alguma tinda de peccado! E, se não apparece immediatamente alguma verdade, que dê pasto á anciedade dos inquisidores, a calúnia abre o seu campo immenso, de fertil imaginação. E ahí rebenta sobre o tronco da alta arvore humana a lepra da vegetação parasitaria, escamas de podridão, lichens verde-negros, ferrugem voraz, numa pullulação de aleives... O grande homem não é tresnoitado jogador, nem temulento borrachão contumaz, nem frequentador de viellas escusas, commensal de tavolagens, de tascas, de prostibulos? Pouco importa! Inventem-se sobre elle e contra elle inclinações mostruosas, vagos desvios, inconcebiveis perversões, em que se não possam estabelecer verificações nem desmentidos; ou o celebre deve ser avarento, ou ganancioso, ou venal, ou secco de alma; ou talvez haja no recesso de sua familia, alguma infelicidade, que, assoalhada, respingue vergonha ou ridiculo sobre o seu nome... Que homem celebre já se livrou deste imposto sobre a celebridade? Sobre o lar domestico de Victor Hugo, houve quem despejou o cantaro da lama infecta, maculando a doce mulher que perfumou a casa, a lyra e toda a vida do extraordinario poeta; de Goethe, disse-se que o seu coração era

arido como uma rocha alpestre, e que o seu desamor infernou todas as mulheres que o amaram, até aquella que lhe deu o sêr e o leite; e de Shakespeare inventou-se que acabou os dias, usurario sordido, emprestando dinheiro a agio cruel, e desgraçando viúvas e orphams...

Além do mais, e principalmente, o renome em vida tem esta desvantagem: o captiveiro. O homem renomeado perde a propriedade de si mesmo, e fica escravo da peor das tyrannias, que é a tyrannia exercida pela multidão. Aquelle, que é constantemente falado, deificado e diffamado pela voz publica, é como o ouro amoedado, que corre de mão em mão, roçando o tapete de todas as tavolas, sujando-se no zinco de todos os balcões, perdendo o peso e o brilho. Mais vale para qualquer homem, e sobretudo para um artista, ser como o ouro, que se affeição em custodia e se guarda na velada paz do santuario...

Isto apenas se refere, está claro, á popularidade em vida. Depois da morte, a aura popular muda de nome, e é a gloria. E aqui cabe completar a phrase de Theophilo Braga: "E' certo que o povo portuguez só conhece dois poetas pelos seus nomes — Camões e Bocage; não porque repita os seus versos, como os gondoleiros de Veneza as estancias de Tasso ou os romanos as canções de Salvator Rosa, já que em Portugal se deu uma forte separação entre os escriptores e o povo, mas porque Camões synthetisa o amor da patria, e Bocage o repentismo muitas vezes cynico das suas anedotas picarescas..." Ahi apparece, em plena luz, a funda differença que ha entre os dois renomes: o que é grangeado durante a vida, e o que

é fruido depois da morte. Camões ficou celebre, de uma celebridade sem macula, porque, depois de ter vivido desconhecido ou quasi desconhecido, appareceu, depois da morte, aureolado da gloria de ser o enterneccido e puro cantor da sua nacionalidade, e revestido de uma mysteriosa penumbra de legenda; as suas aventuras de espadachim e de arruador duraram pouco, em Lisboa, antes das suas campanhas e do seu exilio; os seus 16 annos da Asia mataram o seu nome; e este nome, depois, fulgiu ao povo, como o de um deus invisivel. Ao contrario, Bocage, que apenas viveu quatro annos fóra de Portugal, foi sempre uma figura infallivel de Lisboa; conhecido (infelizmente conhecido demais!), adulado e diffamado, elogiado e injuriado, amado e odiado, celebre em vida, conservou depois da morte a nodoa d'essa triste celebridade de rua e botequins, reputação de repen-tista facil, equivoco lustre de rimador e contador de historietas immundas...

O pobre Elmano teve a consciencia disto, quando escreveu em Macau este admiravel soneto:

“Camões! grande Camões! quão semelhante
Acho o teu fado ao meu, quando os cotejo!
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,
Arrostar com o sacrilego gigante.

Como tu, junto ao Ganges sussurrante,
Da penuria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Tambem carpindo estou, saudoso amante.

Ludibrio, como tu, da sorte dura,
Meu fim demandando ao céo, pela certeza
De que só terei paz na sepultura.

Modelo meu és tu... Mas, ó tristeza!
Se te imito nos transes da ventura,
Não te imito nos dons da Natureza!"

A differença não consistiu nos dons da Natureza. Consistiu na disparidade dos destinos. O Destino não se importa muito com os dons da Natureza... Bocage nasceu cento e oitenta e cinco annos depois da morte de Camões — quasi dois seculos. A época em que Camões viveu era ainda épica; a de Bocage era sensual — e burlesca.

Bocage, nasceu em 1765, e nasceu poeta, pela influencia do sangue e pela da atmospherá de poesia que lhe cercou o berço. O pae era poeta; poeta era o tio-avô, Pierre Joseph Fiquet du Bocage, casado com uma poetisa franceza, Marie Anne Lepage; e poetisa era a irman mais nova de Manuel Maria, dona Maria Francisca, nobre e carinhosa senhora, que acompanhou sempre o infeliz poeta na gloria, na miseria, na enfermidade e na morte. Manuel Maria nasceu poeta:

“Das faixas infantis despido apenas,
Senti o sacro fogo arder na mente:
Meu tenro coração inda innocente
Iam ganhando as placidas Camenas.

Faces gentis, angelicas, serenas,
De olhos suaves o volver fulgente
Da idéa me extrahiam de repente
Mil simples, maviosas cantilenas.

O Tempo me soprou fervor divino,
E as Musas me fizeram desgraçado,
Desgraçado me fez o deus menino:

A Amor quiz esquivar-me, e ao dom sagrado;
Mas vendo no meu genio o meu destino,
Que havia de fazer? cedi ao fado.”

Cresceu o menino, a ouvir e fazer versos; fez-se rapaz, assentou praça no exercito, obteve baixa, matriculou-se na Academia de Marinha; e veio cahir em Lisboa, no anno de 1781, aos 16 annos de idade. Que era Lisboa, que era Portugal, naquelle tempo? Já não era governo o grande Pombal, que morreu no anno seguinte. Corria, para a historia de Portugal, uma phase triste, em que é difficil dizer o que mais dominava: o fanatismo ou a luxuria, a intolerancia politica e religiosa ou a depravação dos costumes.

No paço, Lisboa era isto, segundo Oliveira Martins: “O palacio era um convento. O rei esposo, feissimo, com um aspecto de idiota, o olhar esgazeado, a peruca desgrenhada, parecendo bebedo, era um sacristão, ou coisa nenhuma... Por toda parte, se murmuravam terços, e havia santos por todos os cantos, em oratorios e nichos, com velas e lampadas accesas. E o exercito era uma confraria.” Nas ruas,

era isto: “A capital do reino recordava aos viajantes sabios, que tinham visto mundo, Fez ou Mequinez em Marrocos. Mas sobre a Lisboa africana havia uma outra Lisboa afrancezada; e a reunião das duas produzia contrastes extravagantes. O janota odiava os costumes nacionaes, falava em francez ou italiano. Meneando-se ostentosamente nas ruas, recebendo algum recado, que os criados lhe davam de joelhos, o fidalgo janota era chamado por varias occupações. Estacionava nas esquinas e nos adros das egrejas, namorando de estafermo, fazendo signaes com o lenço (“alcoviteiro das distancias”), ou partia escludeirando a dama. Corria apressado, de uma missa a uma “grade”, a um “outeiro”... As meninas, das janellas, faziam-lhe momices e accenos, chamando-o ás vezes, á escada, para cochicharem; e pela noite a fóra ia aos conventos das freiras, onde mais de uma vez a policia deu assaltos, para expulsar as ternuras. Por essas horas perdidas, nas ruas da mal cheirosa Lisboa, despenhavam-se das janellas as cataractas das immundicies... Os mendigos iam esmolando, como fakirs; os andadores dos conventos vendiam piedosamente uvas, rapé, e muitas coisas mais, pelas almas do purgatorio...” E nos conventos o requinte devoto reunia-se ao apuro do namoro: “a sala da “grade”, deliciosamente fresca, perfumada de jasmims, com uma luz tepida, era ao mesmo tempo a doirada gaiola das sallesias e das pombas, dos papagaios e dos canarios, que voejavam soltos, dos poleiros para o scio das meigas freiras; e nesta deliciosa mansão as visitas comiam doces, ouvindo os discursos seraphicos do confessor...” E nas salas: “Os “pe-

raltas” e as “franças” ou “secias” falavam agitadamente, com grande mobilidade, agudeza e repentes, em coisas preciosas. Esta era “Sol-entre-nuvens”; os olhos de outra eram “Figas-de-Cupido” por serem pretos; “Ciumes-da-vista” os azues, “Traições-á-beata” os pardos. Os pés chamavam-se “Onças-de-neve”, as mãos “Jasmins-de-carne”. As mães sizudas eram “Venus-maduras”... A modinha brasileira era o encanto doce da sociedade licenciosa. Havia mulatos celebres, authenticos, applaudidos nos salões, por darem ao lundú um accento libidinoso como ninguem... Depois do lundú, alguma velha marquezia, alta, com o rosario de perolas e topazios enrolados no pulso, dizia, lembrando-se de outros tempos: “lá vae!” — era um mote, que os peraltas orates glosavam. E as meninas, derretidas, applaudiam com affeição: bello! sublime! precioso!...

Foi nesta cidade e nesta sociedade que o mancebo cahiu de chofre, ávido de amores e de glorias. E começou logo a perverter o seu talento nos improvisos, e o seu coração no desregramento geral. E habituou-se á triste existencia de parasita, vivendo ás sopas de gente rica, retribuindo com repentes e glosas a ceia que lhe davam, ou, como elle disse, num verso que escreveu pouco antes de morrer: “Pagando em metro o que devia em ouro...”

Esta phase da vida de Bocage, que poderei chamar “a sua iniciação na calaçaria lisboeta”, durou até 1786, anno em que o poeta, despachado com o posto de guarda marinha, partiu para a India, com escala pelo Rio de Janeiro. Como Cações, Bocage vai vêr os grandes mares e o Oriente. E’ com um

accento de grande melancolia, mas tambem de grande esperanza, que elle se despede de Lisboa:

“Antiga patria minha, e lar paterno,
Penates, a quem rendo culto interno,
Lacrimosos parentes,
Que inda na ausencia me estareis presentes,
Adeus! um vivo amor de nome e fama
A nova região me attráe e chama.

Os mares vou talhar, cujos furores
Descreve o gran Camões, por quem de amores
Inda as Musas suspiram;
Aquelles mares, onde os Gamas viram
Do rebelde horrendissimo gigante
Os negros labios, o feroz semblante.

Quer a Sorte, propicia a meu desejo,
Manda-me a honra, cujas aras beijo,
Que com fervido brio
Contemple os muros da invencivel Diu,
De onde, ó Silveiras, Mascarenhas, Castros,
Foi soar vossa fama além dos astros!

Nos climas, onde mais do que na Historia
Vive dos Albuquerque a memoria,
Nos climas, onde a guerra
Heróes eternizou da lysia terra,
Vou ver se acaso ao meu destino agrada
Dar-me vida feliz ou morte honrada...”

Pobre! nem vida feliz, nem morte honrada... Lá se foi o desventurado para a Asia, e veiu, primeiro, ao Brasil, onde a sua náu devia vir buscar o novo governador nomeado para a India. No Rio de Janeiro, Bocage, que morou na velha rua das Violas, foi feliz: recebeu assistencia e carinho do então governador do Brasil, Luiz de Vasconcellos, literato, que foi amigo dos nossos José Basilio da Gama e padre Conceição Velloso. E teve amores cariocas, e lembrou em versos gratos o encanto da cidade,

“.. onde murmura
O placido JANEIRO, em cuja areia
Jazia entre delicias a ternura. .”

O poeta quiz ficar no Brasil. Mas não ficou, e seguiu para Gôa, onde encontrou uma sociedade insupportavel, enfatuada, ridicula, corrompida, — viveiro de viciosos. Bocage, pervertido por um famoso jogador, alferes José Dionysio, cahiu nessa existencia desregrada, encalacrou-se em tavolagens, desertou, fugiu, esteve em Damão e Surrate, naufragou em Cantão, e foi para Macau a pé, esfarrapado, faminto, mendigando. E ahí padeceu miseria negra e vida vergonhosa...

Ao cabo de 4 annos deste ignominioso martyrio, Manuel Maria voltou a Portugal. Tinha então 24 ou 25 annos de idade, e vinha encontrar Lisboa, como a deixára, entregue ao beaterio, á devassidão e ao despotismo. Camões, no Oriente, soffrera, e exaltara a sua alma, e crystallisára os seus soffrimentos num poema immortal; Bocage, no Oriente, soffrera, e re-

baixara a sua alma, e aprendera o amor da ociosidade e do vicio, e adquirira o gosto da satira mordaz, que é a expressão commum do descontentamento, da desesperação e da impotencia. E' que differentes eram as épocas, em Portugal, como na Asia. No Oriente e no Occidente, no decabido Imperio e na decrepita Metropole, a pomba e o fulgor da conquista, os trophéus e a corôa, a victoria nos mares e o enthusiasmo na terra atolavam-se num pantano... Filhos de dois periodos oppostos, Camões e Bocage foram o que tinham de ser. O primeiro foi da éra da aventura e da força; o segundo foi da éra da carolice ridicula, da hypocrisia e da libidinagem.

Depois do regresso ao reino, os quinze annos de vida, que Elmano ainda teve, foram tristes como os outros, cheios de van gloria e de deploravel celebridade: a improvização nos botequins, nas salas e nas grades dos conventos; os lampejos de independencia, logo suffocados na estreiteza do meio e do habito; os louvores exaggerados, excitando ainda mais a immensa vaidade natural do poeta; a animosidade dos rivaes mediocres, as injurias, a inveja, a calunnia, a pobreza, precipitando-o no furor e no desregramento. Como todos os grandes espiritos do tempo, Elmano quiz reagir contra a tyrannia politica e religiosa. Estes assomos de dignidade levaram-no aos carceres da policia de Pina Manique e do Santo Officio. Quando sahiu da prisão, voltou aos botequins, fez escola, chegou ao fastigio da popularidade e da desgraça, e teve a sua famosa e feroz campanha com o invejosissimo padre José Agostinho de Macedo, que tambem invejara Camões, pretendendo desbancar "Os Lusíadas"

com o seu “Oriente”. Consumiu-se assim, em lutas, a vida de Bocage, que envelheceu prematuramente, adoeceu, e morreu miseravelmente em 1805, num quarto andar da travessa de André Valente, pouco depois de escrever este soneto:

“Meu sêr evaporei na lida insana
Do tropel das paixões, que me arrastava;
Ah! cego, eu cria, ah! misero, eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana.

De que innumerous soes a mente ufana
Existencia fallaz me não dourava!
Mais eis succumbe a Natureza cscrava
Ao mal, que a vida em sua origem damna

Prazeres, socios meus e meus tyrannos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos:

Deus, ó Deus! Quando a morte a luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube!”

Morto Bocage, a triste e perigosa vulgarização, que se chama a popularidade, deveria, para o seu nome e para a sua immensa e radiante obra lyrica, transformar-se em pura gloria. Mas a gloria, que lhe está sendo dada, está maculada. Um seculo de vergonha pesa sobre a alma de Elmano. O que aconteceu á sua memoria é doloroso e revoltante. Em tor-

no do seu nome, chegou a formar-se uma atmosphera de depravação e de escandalo. “Versos bocageanos”, na bocca do povo, querem dizer: versos que se não pódem dizer, literatura de sal grosso e bafio nauseante, florilégio, de lama. Como se não bastassem para diffamar a memoria do poeta, as rimas de erotismo baixo, que elle infelizmente deixou, suas, bein suas, authenticadas pelo cunho inconfundivel do seu estylo e da sua incomparavel technica, — ainda todas as gerações, que se seguiram á sua, têm inventado sujas trovas, tolas quadrinhas, innominaveis sonetos, que a ignorancia alvar e sacrilega do populacho vai attribuindo á autoria do mais limpo versificador, que jamais praticou a nossa lingua.

Duas injurias: a aggravação dos verdadeiros peccados do homem, e a falsa imputação, aleive infamante ao credito do artista.

Sobre a primeira injuria, podemos passar sem reparo demorado. Para honrar a memoria de Bocage, e rehabilital-o, dando ao poeta o logar que lhe compete, não é necessario negar os vicios do homem, transformando-o num anjo. Carlyle escreveu que os grandes homens não podem, nem devem ser julgados pelos seus defeitos, senão pelas suas qualidades... E Manuel Maria não foi melhor nem peor do que os homens do seu mcio e da sua época. Naquelle tempo, e naquella Lisboa de Dona Maria Primeira, não havia anjos. Bocage foi realmente um vaidoso, um bohemio, um desordenado, um brigão, um homem de alma fraca e de linguagem desenvolta. Mas que eram os seus contemporaneos? Elle foi bem um filho da sua época. A cidade e o reino enchiam-se de

libertinos e desbocados. Salões e conventos, palácios e ruas tinham a mesma gente sem moral. Os costumes eram soltos, e o falar desbragado. Foi então que começou a florescer o medonho calão, que ainda hoje deshonra o idioma portuguez, a giria abjecta que suja a imprensa de Portugal e do Brasil, essa horrenda geringonça, de que Eça de Queiroz estereotypou o modelo n'“Os Maias”, no artigo asqueroso de Palma Cavallão, na “Corneta do Diabo”. Todos os poetas do tempo de Bocage rimavam coisas fesceninas e satiras atrozes, e assim se sujeitavam á moda, lisonjeando o gosto da gente que os rodeava...

Mas a segunda injuria, — e, mais do que injuria, calumnia, — essa é que deve ser dolorosa para nós; essa é que deve ser combatida por todos os poetas, e por todos os homens de cultura intellectual e moral. Bocage, autor de versos tolos e errados! Pobre poeta... Os recitadores das salas — gente damninha! — e os rhapsodistas das ruas — raça abjecta! — torturam, desarticulam, destroncam, escorcham, escarnificam, aspam, desossam, mutilam, desgraçam a metrificacão de Elmano. Até o seu mais erudito biographo, o sr. Theophilo Braga, que deveria ter a obrigação de saber o que é um verso bom e um verso mau, é cúmplice no crime. Este critico, nas paginas do seu alentado volume de biographia e analyse litteraria, tranquillamente acceita a authenticidade desta quadrinha enfesada, molle e torta, com que, no dizer das chronicas, Bocage respondeu ás perguntas

dos “nocturnos” da guarda real da policia, quando o prenderam á sahida do botequim do Nicola:

Eu sou Bocage,
Venho do Nicola,
Vou p'r'o outro mundo
Se dispara a pistola...

Como se porventura esta prodigiosa imbecilidade pudesse sahir da intelligencia e da bocca de Elmano, por mais que lhe tivessem embrulhado as idéas e a lingua os carrascões da tasca!

Urge rehabilitar o formoso lyrico, que compoz tantos sonetos de ardente amor e triste philosophia, e tantos idyllios, e tantas elegias, e tantas canções, que honraram a nossa raça. E urge, sobretudo, rehabilitar o grande architecto da expressão verbal, o admiravel artista da palavra, o inexcedivel metrificador, que foi o desventurado Manuel Maria.

Não consintamos permaneça vilipendiada a reputação do lyrico, que escreveu estes quatorze versos:

“Se é doce no recente, ameno estio
Ver toucar-se a manhan de ethereas flores,
E, lambendo as areias e os verdores,
Molle, queixoso, deslizar-se o rio;

Se é doce no innocente desafio
Ouvirem-se os volateis amadores
Seus versos modulando e seus ardores,
D'entre os aromas do pomar sombrio;

Se é doce mares, céos ver anilados
Pela quadra gentil, de Amor querida,
Que esperta os corações, floreira os prados;

Mais doce é ver-te, de meus ais vencida,
Dar-me em teus brandos olhos desmaiados
Morte, morte de amor, melhor que a vida. .”

Em Portugal, a arte de fazer versos chegou ao apogeu com Bocage, e depois d'elle decahiu. Da sua geração, e das que a precederam, foi elle o maximo cinzelador da metrica. A plastica da lingua e do metro; a pericia do ensamblar das orações e no escan- dir dos versos; a riqueza e graça do vocabulario; o jogo sabio e ás vezes inesperado das vogaes e das consoantes dentro da harmonia da phrase; a varia- ção maravilhosa da cadencia; a sobriedade das figu- ras; a precisão e o colorido dos epithetos; todos es- tes difficeis e complicados segredos da arte poetica, cuja belleza e raridade ás vezes escapam até aos mais cultos amadores da poesia e aos mais argutos criti- cos literarios, e que sómente os iniciados podem ver, comprehender e avaliar; esta consciencia, este gosto, esta medida, este dom de adivinhação e de tacto, de que os artistas natos têm o privilegio, — tudo isto coube a Elmano, tudo isto se entreteceu no seu ta- lento. Depois d'elle, Portugal teve talvez poetas mais fortes, de surto mais alto, de mais fecunda imagina- ção. Mas nenhum o excedeu, nem o igualou no bri- lho da expressão. O romantismo veio renovar a poe-

sia portugueza, deu frescura e brilho á idealização dos assumptos, deu força e graça ao movimento da expressão, — e benefica foi aquella rebeldia contra a seccura e dureza dos moldes classicos. Mas, depois de Garrett e Castilho, os ultimos renovadores exagerraram e deturparam a escola saneadora. Implantou-se nos arraiaes da Poesia o desleixo, a correcção da linguagem foi desprezada, e a metrica arrastou-se por longos annos, pobre enferma, aleijada misera, em vão supplicando cuidados de desvelado orthopedista... Houve, depois, felizmente, reacção; mas esta reacção não se manifestou em Portugal, senão aqui, no Brasil, com a geração dos chamados poetas parnasianos, erradamente parnasianos, porque, como tao bellamente escreveu o meu querido mestre Alberto de Oliveira, “entre nós nunca houve parnasianismo; houve, sim, por influxo deste, um desvio da corrente poetica, que, engrossada a principio dos melhores cabedaes romanticos, rolava ultimamente rasa e desfallecida; houve substituição e melhoria de alguns ideaes, a dos elementos de elocução, linguagem, e tudo o mais tocante ao meneio do verso; tomou-se então mais a sério o officio de lidar com a palavra, o que não foi senão repôr em seu logar este officio ou arte, sempre reverenciada dos bons espiritos; e não direi o “culto da fórmula”, mas o empenho de bem escrever, aprimorando esta ou expurgando-a de vicios que a desfeiam, tornou-se mira principal dos poetas de então.”

Pois bem, devem os nossos poetas modernos ter

Bocage como orago e mentor. Devem amal-o e estudal-o, sem o imitar, porque não podemos pensar e escrever exactamente hoje como se pensava e escrevia em 1800, mas aprendendo com elle o respeito do idioma e da versificação.

E congreguem-se todos os bons amigos da Poesia no piedoso trabalho da reabilitação de tão alto cantor e adoravei artista! Não fiquem sobre o seu nome tantas crustas de lodo! Esqueçam-se nas tristes paginas de amargo rancor e feia licenciosidade, que o descontentamento, a má educação do tempo, a miseria, o desamparo moral inspiraram a Elmano; rasguem-se, queimem-se, com asco e horror, todas essas invenções impressas, com que descarados escrevinhadores procuram, sob a capa da fama do grande poeta, explorar a algibeira e depravar o gosto do povo; leiam-se e releiam-se os perfectos versos em que elle cantou os seus amores e as suas desgraças; e alvoreça para elle a verdadeira e definitiva gloria.

E possa elle, libertado do desdouro que tanto tempo lhe infamou a memoria, repetir:

“Eia Os odios cevae, cevae a infamia,
Furias, que evaporaes tartareas sombras
Contra o olympio fulgor que envolve o genio!
Entre essa escuridão, reluz meu nome.
Versos balbuciei com a voz da infancia;
Vate nasci, fui vate, inda na quadra
Em que o rosto viril macio e tenro
Semelha o mimo de virginea face...

Se ás Musas não pertenço, eu, que a Virtude,
Philosophia, Amor cultivado, adoro;
Eu, que cem vezes, concebendo o Olympo,
Absorto com Platão num mundo estranho,
Ou de olhos divinaes divinizado,
Sinto no coração, na voz, na mente
Tropel de affectos, borbotões de idéas,
E: “Eis o Deus! eis o Deus!” exclamo, e vôo
De repente onde mil nem vão de espaço;
Pertencereis ás Musas, vós, sem fama,
Sem alma, sem ternura? Ah! longe, longe
De meus candidos sons, que se enxovalham,
Peçonhentos dragões, na peste vossa!
Graças, ó Phebo! ó nume! ó Lysia! ó Patria!
Vossos dons, vosso applauso alteiam, firmam
Sobre a cerviz da inveja o meu triumpho!”

XII

ALLOCUÇÕES AOS MENINOS

- a) — *Collegio Paula Freitas.*
 - b) — *Collegio Aldridge.*
 - c) — *Instituto La Fayette.*
-

Aos alumnos do Collegio Paula Freitas. Rio de Janeiro, 19 de Novembro de 1917.

“A Liga da Defesa Nacional está hoje convoseo, como está em espirito, se não em presença, com todos os Brasileiros em toda a extensão do Brasil, para convosco adorar, no seu grande dia, a bandeira que nos cobre e nos abençôa. O vosso director não quiz, convidando-me para esta festa civica, impor-me a obrigação de um longo discurso inutil. Quiz, apenas que, ao vosso lado, ao lado da vossa mocidade em flôr, esteja hoje um homem quasi velho, ainda cren-te e poeta, sempre cheio da mesma fé que vos anima, um Brasileiro estranho á corporação dos professores que dirigem a vossa vida mental e moral, de modo

que, neste dia, haja contacto e communhão entre a vossa vida collegial e a vida publica da cidade, misturadas na mesma febre patriotica, no mesmo culto que toda a nacionalidade rende ao seu sacrosanto symbolo.

Este anno, mais commovedoras são estas homenagens. O altar está hoje cercado de mais denso mysterio de respeito, porque foi attingido por um gesto sacrilego; mais adorado deve ser o nume porque foi ultrajado.

Houve sacrilegio e ultrage. A nossa bandeira, symbolo de paz e de justiça, de trabalho honrado e modesto, de concordia e lealdade, de affirmações de ordem e de aspirações de progresso, foi offendida e ferida, quando viajava como nuncia de labor e de bondade. Ella cobria, em mares remotos, sob céos estranhos, a vida e a actividade de irmãos nossos, que iam levar o nosso commercio a povos amigos. Os nossos navios, em que ia a nossa soberania, levavam o nosso pão, a nossa propriedade, os frutos em que se transformara o suor da gente simples e pacifica da nossa terra. Numa emboscada traiçoeira, numa premeditação de assassinio perfido, armas brutaes e conscientes atacaram os nossos irmãos desarmados. Foi atacada e anniquilada uma parcella da nossa riqueza material, numa violencia e num roubo. Mas, sobre esta riqueza material, já outra riqueza nossa, moral, ainda mais sagrada, — a nossa bandeira, nas dobras da bandeira que defendia a vida dos filhos e os bens do Brasil.

Olhae, agora, com redobrado amor, e venerae com acendrado carinho, esta egide profanada. Não a ma-

culou a profanação, porque todo o povo injuriado se levantou com ira contra a injuria. Mais alto, agora, paira o symbolo aggravado, erguido pelos protestos de mais de vinte milhões de almas; mudou-se em apothese o apodo; a repulsa de toda a Nação, affirmada em palavras e actos, castigou o crime. Mais bello e mais claro, meus jovens irmãos, apparece agora o pendão que adoramos, depois do golpe barbaro. Lavaram-no os nossos beijos; e se um dia os nossos beijos não bastarem para purifical-o, milhares de existencias brasileiras se immolarão, para a desafronta completa.

Não é preciso que eu vos diga o que é este symbolo, e o que significam estas continencias e estas festas que o glorificam. O enthusiasmo que vejo em vossos olhares, o garbo e a disciplina que diviso em vossa attitude, a vossa alegria, o vosso orgulho, a attenção e a sympathia com que me ouvis, dizem-me bem que sabeis o que é esta bandeira. Sabeis que este panno é tecido da nossa carne e do nosso espirito, das nossas bençams e das nossas lagrimas, do nosso passado, de quatrocentos annos de sacrificios, de trabalhos suados, de heroismos accumulados, de batalhas sangrentas, de abnegações incomparaveis. O que fez esta Nação, e o que se representa neste labaro é a cohesão dos Brasileiros, é a união das aspirações, dos sonhos, das vontades de todas as gerações que nos antecederam. A bandeira é a união, o ponto para o qual convergem os olhares e os pensamentos, na paz e na guerra: para ella voltam-se, na guerra, os soldados que morrem para salvar a communhão; voltam-se para ella, na paz, o lavrador que

sulca o solo e o navegante que sulca o oceano, o sabio que subjuga a natureza e o artista que cmbelleza a vida, o professor que gera o civismo e o operario que mantem a riqueza; para ella voltam-se todos os que querem, e amam, e soffrem para engrandecer a Patria. Sem a bandeira não ha união; sem união, não ha Patria.

Sêde unidos, desde já, nos bancos collegiaes: e sêde unidos, depois, quando governardes o paiz.

Orcmos! Levantemos as nossas almas para a bandeira. Abençoado seja o Brasil, terra formosa, em que tivemos a ventura e o orgulho de nascer; abençoado seja o Brasil, terra querida, na qual e pela qual queremos morrer.

*Aos alumnos do Collegio Aldridge.
19 de Novembro de 1917.*

Não vos falarei da guerra, que nos foi imposta; ao lado dos que defendem a Intelligencia e a Humanidade, estamos protestando contra a Violencia e a Fereza; todos estamos convencidos da verdade da nossa causa, e, no momento dado, todos cumpriremos o nosso dever. E não vos falarei do dia da nossa bandeira; já todos, junto do symbolo da nossa nacionalidade, dissemos a nossa prece, na devoção que exalta todos os corações brasileiros.

Quero deixar, nesta pagina singela, aos alumnos d'esta casa o meu coração, com algumas palavras

sérias e sinceras. Falando-vos, meus amigos, não falo já a crianças, mas aos homens que já deveis ser. Nesta crise perigosa da formação do Brasil, é preciso que a vontade, a seriedade e a atenção já estejam dominando os espiritos das crianças. A tarefa é immensa e urgente, o tempo da vida é breve, os acontecimentos precipitam-se; é necessario que nos corpos de dez annos já se temperem almas de vinte, e que na innocencia do menino já se affirme a energia do cidadão.

Sois felizes, porque entraes na vida, justamente na época em que o Brasil entra no auge da sua virilidade moral. Eu, e os da minha idade, não veremos a verdadeira e perfeita Patria, que está surgindo; vel-a-eis, e d'ella vos orgulhareis, se souberdes desde já manter e desenvolver este impulso heroico, esta arrancada sublime, em que vibra a nossa nação, neste alyorecer de pujança. Para que esta alvorada se perpetúe em dia glorioso, é indispensavel que desde já vivaes, penseis, e trabalheis como homens.

Não seria eu o primeiro para aconselhar-vos agora, como novidade, a pratica das virtudes primordiaes, que os vossos mestres todos os dias vos indicam e prégam; a honra, sem a qual a vida é um opprobrio; a bondade, sem a qual a melhor intelligencia e a mais brilhante força podem mudar-se em agentes funestos e destruidores; o amor da verdade e da justiça, sem o qual não pode haver sociedade moral; a coragem e a generosidade, que se não podem divorciar, porque coragem é força de coração, e porque a simples bravura, sem generosidade, é bestial; a diligencia, que é constancia e attenção no labor, promptidão, inicia-

tiva e zelo, — qualidades, sem as quaes a actividade se dispersa em trabalho inutil; a liberdade e a disciplina, que se não guerreiam, e ao contrario se equilibram e completam, porque, sem liberdade, a disciplina é escravisação, e, sem a disciplina, a liberdade é licença e desordem. Sei que, a todas as horas, os vossos professores abrem para o horizonte d'estas indispensaveis disposições moraes os vossos espiritos. Deixae, apenas, que eu insista sobre dois pontos essenciaes da vossa educação: sede fortes, e sede crentes!

Adestrae-vos, e conquistae força physica e moral. A força do corpo sem a força da alma é brutalidade. Mas tambem, sem o vigor do corpo, o vigor do espirito diminue e annulla-se. A fraqueza physica, que acarreta a enfermidade e a miseria, gera a debilidade do amor proprio, o descontentamento, o despeito, o medo, a inveja. Heroismo é filho de saúde organica e psychica. Não pode haver um heroe em um corpo sem alma; porém, tambem, não pode haver um heroe em um espectro, em uma alma sem corpo.

Força, e crença! Sede fortes; e, sendo crentes, o vosso valor será indomavel, criando mundos de incomparavel belleza.

E' a falta de crença que cria e mantém as mais perniciosas das castas de que se compõem as sociedades: a dos indifferentes.

Dante, quando entrou no Inferno, ainda no vestibulo da morada dos eternos castigos, antes de visitar o vortice dos nove circulos horriveis, encontrou uma triste multidão, cujos longos gemidos resoavam no ar escuro, na temerosa noite em que não ardiam estrelas. Eram as sombras dos "sem-alma", dos neutros,

dos indifferentes, dos que viveram sem merecer louvor nem desprezo:

che visser senza infamia e senza lodo...

O mundo está cheio de almas como estas: não são boas, nem más; atravessam a existencia sem fé, sem entusiasmo, sem ideal, — pobre rebanho de consciencias debeis, de vontades enfermas, de corações sem azas... Condemnou-as Dante, porque ellas não aproveitam a vida que Deus lhes concedeu; vivem sem viver, e não deixam no mundo memoria sua; e, ao mesmo tempo, as desprezam a Justiça e a Misericordia:

*Fama di loro il mondo esser non lassa,
Misericordia e Giustizia li sdegnà:
Non ragioniam di lor, ma guarda e passa.*

Os indifferentes são ainda peores do que os máus. Porque os máus podem algum dia ser bons. Mas nada se pode extrahir bondade dos que não são bons, nem máus, — entes amorphos, indolentes, apathicos, que têm olhos e não querem ver, têm nervos e não querem sentir, têm cerebro e não querem pensar...

Fugi da indiferença, interessae-vos por tudo, e tende crença! O pessimismo é uma enfermidade repugnante. Quando ouvirdes em vossas casas, ou nas ruas, alguma phrase de desanimo ou de descredito em que se malsine o Brasil, — protestae! Em geral, essa maledicencia é de Brasileiros velhos ou de idade madura, que não foram infelizmente educados como

estaes sendo educados... Educae-vos, vós, eranças, com o vosso protesto e o vosso exemplo: envergonhados, os maldizentes hão de calar-se e emendar-se.

Guardae estas palavras, como lembrança de um homem que nunca teve deserença e nunca desesperou do futuro do Brasil. O premio da minha erença, já o tenho, no espectaulo da grande fé que está ineen-diando todo o Brasil. Os erentes sempre vêem reali-zada a sua esperança.

Crianças, sede homens desde já! O Brasil precisa de almas puras como as vossas. Entre os vossos estu-dos e os vossos brincos, pensae sempre que sempre deveis ser fortes, corajosos, bons, alegres, confiantes na vossa terra, — e apaixonadamente Brasileiros!

*Entrega da bandeira ao bata-
lhão dos alumnos do Instituto
La Fayette. — Rio de Janeiro,
20 de Dezembro de 1920.*

“Esta solemnidade, que é religiosa, deve ser curta e singela. Palavras muitas e inuteis diminuiriam a majestade desta eeremonia do culto eivico.

Meus jovens irmãos. — Comvoseo e com os vos-sos professores estão hoje o Exereito do Brasil e a Liga da Defesa Naeional. Comprehendi bem a gra-vidade da hora que estais vivendo, hora sagrada, que deve ser inolvidavel para vós; e pesai bem a sublimi-dade da missão que vos é dada.

O Exercito do Brasil acaba de dar-vos a primeira investidura militar, entregando-vos a bandeira, que defendereis até á morte. Daqui por diante sereis soldados. Seja qual fôr a vossa idade, d'oravante sereis homens; e sejam quaes forem a vossa fraqueza e a força dos homens e dos acontecimentos que enfrentardes, sereis heróes; o heroismo não é privilegio de corpos de gigantes e de almas excepcionaes; elle reside, em germe, no corpo e na alma de todos os que têm a religião da honra, de todos os que crêm na justiça; são a honra e a justiça que armam no punho debil a funda de um David contra a arrogancia de Goliath, e accendem no joven coração de um Greenhalg a ousadia e o sacrificio contra a multidão dos inimigos. Qualquer vacillação no vosso valor, qualquer falha na vossa lealdade, qualquer desfallecimento na vossa confiança deshonorariam as vossas almas e envergonhariam os vossos maiores — os pais que vos deram a vida e o carinho, os mestres que vos deram a educação, os antepassados que vos deram o Brasil.

Mas não sereis sómente soldados. Soldados devem ser e sempre serão todos os Brasileiros, — já que, felizmente, abolida em nossa terra a tradição funesta da existencia de uma casta militar, todos os filhos do Brasil terão a honra e o sacrificio de vestir uma farda, manejar uma carabina, e, sendo necessario, verter o seu sangue e immolar a sua alma. Sendo soldados, sereis cidadãos. Não é só nos campos de batalha que a bravura e a abnegação fazem os homens dignos e grandes. Estas virtudes, no tempo da paz, são ainda mais necessarias e mais difficeis. Mais necessarias: porque uma paz demorada, e a sensa-

ção do bem-estar e o descuido que della decorrem, adormecem na alma de todo o patriota a consciencia dos perigos constantes que sitiã a nacionalidade. E mais difficéis: porque na paz, na tranquillidade da vida cívica, em que não ha a continua agitação da vida militar, o delirio collectivo dos combatentes no tumulto da arremettida, o cheiro da polvora, o alarido da pugna em que se misturam sibillos de balas, estridores, rufos, clangores, lamentos e acclamações de victoria, — a bravura ha de ser pensada e calculada, manifestando-se sem palavras e gestos de brilho; e a abnegação ha de ser mais sincera e calada, anonyma, quasi sempre privada de premio, muitas vezes negada e deturpada pela calumnia...

Sendo soldados, sereis cidadãos. Não podemos, nesta terrivel phase da vida da humanidade, admittir que um cidadão deixe de ser um soldado. Quando se trate de defender a familia e a patria, a fraqueza é um crime e o descuido é uma deshonra. Todo o mundo está sob as armas; e imperdoavel será a culpa do pastor negligente que deixar sem adarve o seu aprisco, abandonando as ovelhas sem defesa á voracidade das matulas de fêras que andam disparadas pelo mundo. Mas tambem, não só nesta hora, em qualquer outra hora, em tempo de guerra ou de paz, em dias de defesa armada ou de socegado trabalho, não podemos e nunca poderemos comprehender um soldado que não seja um cidadão. Um soldado exclusivamente soldado, orphão de consciencia cívica, despido de cultura moral, unicamente dado á devoção da força bruta, seria um homem perigoso para si mesmo e para a communhão, porque, destituido de

generosidade e de altruismo, escravo da sua ignorancia, e, portanto, incapaz de conceber a liberdade e a justiça, poderia ser transformado numa simples machina de destruição, instrumento da sua propria ferocidade, ou ainda instrumento de alheios interesses baixos, das miseraveis paixões de um despota ou de um corrilho de ambiciosos sem moral.

A investidura, que ora recebeis, é militar e civica. E é por isto que aqui está, ao lado do Exercito Brasileiro, a Liga da Defesa Nacional.

Aqui estamos para abençoar-vos, e para lembrar-vos que o futuro do Brasil depende de vós. Na vida social, como na vida animal, se os viventes se fazem á feição do meio, tambem o meio se faz á feição dos viventes. As patrias fazem grandes homens, quando já estão definitivamente constituídas. Mas, nas primeiras épocas do seu desenvolvimento, são os seus homens que as fazem; e não digo: os grandes homens; digo apenas: os homens honrados e sinceros; porque, para ser um bom operario da sua nacionalidade, não é necessario que um homem tenha grandeza intellectual: a simples intelligencia, a boa vontade, a probidade e a confiança, quando alliadas, valem mais do que o genio.

O Brasil será forte e bello, se tiverdes força e beleza. Melhor será certamente o Brasil de amanhã, porque, com a edueação que recebeis, sereis melhores do que os Brasileiros da minha geração; e ainda melhor será elle, se melhores do que vós forem os vossos filhos. Não fundámos para nós a Liga da Defesa Nacional. Se a fundámos, foi porque, reconhecendo os nossos defeitos, verificando o desperdicio

do nosso tempo e o malbarato das nossas energias, quizeamos empregar o resto da nossa vida e da nossa crença em mostrar-vos o horror do despenhadeiro a que nos levava a nossa incuria. Antes de morer, quizeamos penitenciar-nos, confessando as nossas culpas e indicando o caminho da redempção. Já agora, a morte nos encontrará tranquillos; porque estamos certos da solidez da obra que estamos fazendo, e confiamos que o pouco do nosso ultimo valor, lançado ás vossas almas, nellas frondejará, florescerá e frutificará num futuro de admiravel formosura.

A Liga da Defesa Nacional vos acompanha, como está acompanhando com esperança e carinho todos os moços que estão preparando a completa independencia e a perfeita ventura do Brasil.

XIII

EM MARCHA !

*Aos estudantes da Faculdade de
Direito de S. Paulo. — 9 de Outu-
bro de 1915.*

Ser-me-ia fácil, para agradecer a vossa carinhosa recepção, improvisar algumas phrases de brilho fugaz, que morressem aqui ao nascer, musica sem idéas, futil e amavel cortezia sem fundo e sem echo. Mas quiz dar alguma vida, mais calor e duração ás minhas palavras, e escrevi-as, para que ellas, confiadas agora aos vossos ouvidos e ás vossas almas, possam estender-se a ouvidos distantes e a almas afastadas, a todos os Brasileiros de vossa idade, crescendo, estudando, sonhando, dentro do immenso e inquieto coração do Brasil.

O momento não quer discursos ôcos e retumbantes, sonoridades entontecedoras, rolando na esterilidade do vacuo. O que se exige agora é a simplicidade de idéas fortes em palavras claras, que, na sua dura tristeza, tenham, com a revolta, um estimulo para a esperança, para a crença e para o heroismo.

Não podeis, talvez, perceber com perfeita consciencia a gravidade da nossa situação moral. Vivcis numa rica metropole, entre o sorriso e a gala da vida culta; e não podeis entrever o cháos, a confusão e os perigos que enchcm toda a nossa maravilhosa e inconsistente Patria. Na juventude, tudo é graça e facilidade, espontaneidade e embevecimento: uma pureza natural, que do intimo se transborda para o exterior em véos illusorios, um fascinio proprio, que se espalha sobre o ambiente e embelleza o espectaculo da vida real... Mas é força que, antes do tempo devido, alguém cruelmente vos arranque da paz e do arroubo. Vede que na Europa, hoje, quando a guerra abre diariamente largos claros nas fileiras dos combatentes, os governos chamam ás armas as mais novas classes dos exercitos, as phalanges dos adolescentes, reservas fulgentes da primavera nacional: aqui, outra desgraça, mais triste, opprime o paiz; e outra morte, peor, escasseia os filhos validos, — desgraça de caracter e morte moral; e já que os varões, incapazes ou indifferentes, deixam o Brasil devastado sem guerra e caduco antes da velhice, — yenhãam ao campo os ephebos, em que o ardor sagrado contrabalance a experiencia, e em que o impeto da fé suppra a immaturidade dos annos!

Não vos deixeis deslumbrados do magnifico progresso d'êsta cidade e d'este Estado: São Paulo não é todo o Brasil; e a verdadeira grandeza de um paiz não é a sua riqueza. Por outro lado, não imagineis que o que me assusta seja o desconforto, a falta de dinheiro, a falta de trabalho organizado e productivo na maior parte da União, nem o onus formidavel das

dividas opprimindo o nosso futuro. Ainda ha muita ventura e dignidade nas casas em que não ha muito pão; mas nada ha, quando não ha amor e orgulho.

O que me amedronta é a mingua de ideal que nos abate. Sem ideal, não ha nobreza de alma; sem nobreza de alma, não ha desinteresse; sem desinteresse, não ha cohesão; sem cohesão, não ha patria.

Uma onda desmoralizadora de desanimo avassala todas as almas. Não ha em cada alma a centelha criadora, que é a consciencia da força e da bondade; e de alma para alma não ha uma corrente de solidariedade, de crença commum e de enthusiasmo, que congregue todo o povo em uma mesma aspiração. Hoje, a indiferença é a lei moral; o interesse proprio é o unico incentivo. O “arrivismo”, — hediondo estrangeirismo com que se exprime uma enfermidade ainda mais hedionda, — epidemia moral, que tende a transformar-se e a enraizar-se como endemia, envenena todo o organismo social e mata todos os germens da dedicação e da fé: cada um quer gozar e viver sósinho, e crescer, prosperar, brilhar, enriquecer depressa, seja como fôr, através de todas as traições, por cima de todos os escrupulos. Assim, a communhão desfaz-se, e transforma-se em acampamento barbaro e mercenario, governado pelo conflicto das cubiças individuaes. E os politicos profissionaes, pastores egoistas do rebanho tresmalhado, nada fazem para impedir a dispersão; e, quando não se aproveitam do regabofe generalizado, e quando se locupletam, imitando a gula commum, apenas se contentam com a passiva e ridicula vaidade do mando ficticio...

Esse é o espectáculo que nos deparam as classes cultas. As outras, as mais humildes camadas populares, mantidas na mais bruta ignorancia, mostram só inercia, apathia, superstição, absoluta privação de consciencia. Nos rudes sertões, os homens não são brasileiros, nem ao menos são verdadeiros homens: são viventes sem alma criadora e livre, como as fêras, como os insectos, como as arvores. A maior extensão do territorio está povoada de analphabetos; a instrução primaria, entregue ao poder dos governos locaes, é, muitas vezes, apenas, uma das rodas da engrenagem eleitoral de campanario, um dos instrumentos da maroteira politica. Quanto á instrucção profissional, — essa, na maior parte dos Estados da União, é um mytho, uma fabula, uma ficção. Lembrae-vos que, se a escravidão foi um crime hediondo, não foi menos estúpido o crime praticado pela imprevidencia e pela incapacidade dos legisladores, dando aos escravizados apenas a liberdade, sem lhes dar o ensino, o carinho, o amparo, a organização do trabalho, a habilitação material e moral para o exercicio da dignidade civica...

Que se tem feito, que se está fazendo, para a definitiva constituição da nossa nacionalidade? Nada.

Os immigrants europeus mantêm aqui a sua lingua e os seus costumes. Outros idiomas e outras tradições deitam raizes, fixam-se na terra, viçam, prosperam. E a nossa lingua fenece, o nosso passado apaga-se...

Ha sete annos, houve um rebate ancioso e febril. Na tribuna e na imprensa, vibrou um alto chamamento, um toque de alarma a todas as energias ador-

mecidas. E uma lei apontou á nossa esperança o entre-luzir de uma promessa de salvação: a lei do sorteio militar, se não a providencia completa do serviço militar obrigatorio, ao menos um ensaio salutar, o primeiro passo para a convalescença e para a cura. Então, como ainda hoje, eu considerava que era esse o unico providencial remedio para o nosso definhamento. Nunca fui, não sou, nem serei um militarista. E não tenho medo de militarismo politico. O melhor meio para combater a possivel supremacia da casta militar é justamente a militarização de todos os civis: a estratoeracia é impossivel, quando todos os cidadãos são soldados. Que é o serviço militar generalizado? E' o triumpho completo da democracia; o nivelamento das classes; a escola da ordem, da disciplina, da cohesão; o laboratorio da dignidade propria e do patriotismo. E' a instrucção primaria obrigatoria; é a educação civica obrigatoria; é o asseio obrigatorio, a hygiene obrigatoria, a regeneração muscular e psychica obrigatoria. As cidades estão cheias de ociosos descalços, maltrapilhos, inimigos da carta de "abc" e do banho, — animaes brutos, que de homens têm apenas a apparencia e a maldade. Para esses rebotalhos da sociedade a caserna seria a salvação. A caserna é um filtro admiravel, em que os homens se depuram e apuram: d'ella sairiam consciences, dignos, Brasileiros, esses infelizes sem consciencia, sem dignidade, sem patria, que constituem a massa amorpha e triste da nossa multidão... Mas nada se fez. O mesmo homem, o mesmo marechal, que, quando ministro da guerra, promoveu esse movimento salutar em favor da nacionalidade, — no dia

em que subiu ao supremo poder foi o primeiro a esquecer a sua criação, deixando-a morta no berço. E hoje, depois de um quatriennio de lutas estereis e de politicagem sem moral, — o problema terrivel permanece sem solução: uma terra opulenta em que muita gente morre de fome, um paiz sem nacionalidade, uma patria em que se não conhece o patriotismo.

Moços de São Paulo, estudantes de Direito, sede tambem os estudantes e os pioneiros do ideal brasileiro! Uni-vos a todos os moços e estudantes de todo o Brasil: num exército admiravel, sereis os escoteiros da nossa fé!

O Brasil não padece apenas da falta de dinheiro: padece e soffre da falta de crença e de esperança. O agonizante não quer morrer: quer viver, salvar-se, reverdecer, reflorescer, rebentar em nova e fecunda fructificação. Dae-lhe os vossos braços, dae-lhe as vossas almas, dae-lhe a vossa generosidade e o vosso sacrificio! Não esperéis o dia em que, deixando esta casa, iniciardes a vossa effectiva existencia civica, para o trabalho publico, para a agitação social, para a politica. Trabalhae, vibrae, protestae, desde já! Protestae, com o desinteresse, com a convicção, com a renuncia, com a poesia, — contra a mesquinharía, contra o egoismo, contra o “arrivismo”, contra a baixeza da indifferença!

D’esta velha casa, de entre estes sagrados muros, que esplendem de tradições venerandas, d’este quasi secular viveiro de tribunos e de poetas, — d’aqui saíram, em rajadas de heroismo, em impetos de enthu-

siasmo, as duas campanhas gloriosas, que foram coroadas pela victoria da Abolição e da Republica. Estruja de novo a casa! estremeçam de novo os muros! e de novo palpita e resôe o aviario canoro, cheio de hymnos de combate e de gorgeios de bondade! Inaugurae, moços de São Paulo, a nova campanha!

Perto de vós, entre vós, o começo da minha velhice, tocado da graça milagrosa da vossa mocidade, tem gomos verdes, feiticeiros rebentos de resurreição.

Escuta e acolhe a revolta e a esperança do meu outono, ó primavera da minha terra! Em marcha victoriosa, ó meus irmãos, para o Ideal!

XIV

O CANCRO

*Aos estudantes da Faculdade de
Medicina de S. Paulo. — 14 de Ou-
tubro de 1915.*

Agradeço com immenso enternecimento a bondade e o carinho com que recebeis a minha visita.

Nesta nobre casa, neste ambiente de trabalho e de affecto, entre os vossos corações amigos, um mundo de saudades revive na minha alma. Apenas saído da adolescencia, fui, como vós, estudante de medicina. No velho edificio da Faculdade do Rio, naquelle recanto da feia rua da Misericordia, ao lado do mar, entre arvores antigas, abriu-se á Vida o meu espirito inquieto e ávido, de azas tontas, de vôo indeciso. Alli vivi, dos 15 aos 20 annos; desvendou-se, alli, para mim, o maravilhoso e doloroso espectaculo do universo e do homem; na Faculdade e no Hospital, na aula e na enfermaria, — a principio timido aprendiz dos segredos das sciencias naturaes, depois ansioso iniciado na biologia, frequentador dos amphitheatros e dos laboratorios, ajudante de preparador

de physiologia experimental, interno de clinica,— adquirir este exaltado gosto da curiosidade, e este doce e amargo sentimento de tristeza resignada, com que tenho até hoje atravessado a existencia. Entre o gabinete de chimica e a sala do nosocomio, entre a mesa de dissecção e o leito do enfermo, escrevi os meus primeiros versos: a minha poesia nasceu da ancia de saber e da revelação da dôr e da piedade. Que é o sonho, senão uma flor do estudo e da compaixão? que é a arte, senão uma filha da curiosidade e do soffrimento?

Vendo-vos, nesta hora meiga e consoladora da minha vida, a mim mesmo me vejo entre vós, moço como vós, estudante e poeta como vós. Porque sois poetas, todos vós; a poesia,— mocidade e vibração, clarão interior de todos os homens intelligentes e bons,— palpita e chispa no olhar com que me aqueceis e illuminaes. A poesia viceja e brilha em toda a parte, no recesso do sabio e na officina do operario, no gabinete do estadista e na abegoaria do lavrador, no santuario do jurista e no consultorio do medico; a poesia não é sómente o rhythmo da belleza, a meslria da expressão metrica; é tambem, e principalmente, a bondade e o ideal, o amor da justiça e da verdade, o culto do pensamento e da misericordia, o sentimento e a consciencia da vida moral.

Falo-vos, como poeta, e como velho e impenitente estudante. Como poetas, e como futuros medicos, meus jovens irmãos, amae o Brasil, e dae assistencia á patria enferma!

Conheceis, ou conhecereis, entre os casos clinicos, que vistes ou vereis, uma das mais terriveis desgraças

do organismo humano, a mais cruel, talvez, de todas as miserias physicas. Um leve endurecimento, a principio, e uma ligeira corrosão na pelle ou na mucosa; em seguida, o alargamento e a penetração do nucleo destruidor; e o tumor lançando raizes envenenadoras, polvo hediondo, dilatando e aferrando os seus tentaculos vorazes, mordendo e triturando os tegumentos, roendo e comendo os tecidos; e a marcha fatal e implacavel da ruina, desfazendo as carnes em sanie; e o mal sem cura infiltrando-se em todo o corpo; e o virus lethal intoxicando todo o sangue, mirrando e extinguindo a força; e, emfim, a cachexia, o marasmo, a agonia, e a morte. E' o cancro.

Ora, este flagello do organismo physico existe tambem no organismo social. As sociedades, como os individuos, são ás vezes devastadas por essa mesma doença, de symptomas identicos, de marcha igualmente assustadora, de consequeneias igualmente funestas. E' a mesma voracidade, o mesmo enraizamento, a mesma infecção, a mesma dyscrasia, o mesmo depauperamento, a mesma destruição. Este carcinoma da estructura moral é a indiferença; e os seus tentaculos ferozes insinuando-se, verrumando, terebrando, infeccionando, ressumando uma baba viscosa e mortifera, desaggregando e devorando a presa, — são a fraqueza da alma, o desanimo, o egoismo, a autolatria, o amor exaggerado do luxo e do dinheiro, a falta de patriostimo, e o aniquilamento do earaeter proprio pelo desdem dos interesses sagrados da communhão.

Alguns symptomas d'este morbo ignobil já se manifestam em varias zonas do grande corpo brasi-

leiro. Se, em dois ou tres Estados da União, o trabalho, a instrucção e o ideal ainda reagem e vencem, — esses mesmos Estados devem ser os mais interessados no perigo, e devem ser os primeiros defensores da federação em perigo. Sabeis que a manifestação cancerosa nunca terá effeitos desastrosos locais, uma vez que o virus, vehiculado pelo sangue, fatalmente se espalha e irriga e contamina toda a economia vital...

Lutemos todos! reajamos e trabalhemos todos! Se para o carcinoma physico ainda não se descobriu, apesar do paciente labor e da heroica tenacidade dos sabios, um remedio seguro, — para o outro, moral e social, existe e sempre existiu o especifico infallivel, o antidoto facil, ao alcance de todos, a um tempo prophylactico e regenerador, preventivo e curativo: a crença individual, o enthusiasmo pessoal, — a coragem civica, que é a salvaguarda da collectividade, a manutenção e a grandeza da patria.

Para combater e prevenir a diathese cancerosa physica, vai certamente apparecer um salvador amanhã; e esse talvez seja um de vós, quem sabe? — porque é possivel que, entre vós, estudantes de medicina, já exista, em germen, um Jenner, um Pasteur, um Chagas. Mas, para debellar a diathese, que ameaça a nacionalidade brasileira, cada um de vós já é um medico perfeito, um inventor benefico, um salvador providencial.

Concito-vos, como já concitei os vossos irmãos da Faculdade de Direito, e como concito todas as almas do Brasil, para a campanha do enthusiasmo e da fé.

Cultivae, desenvolvei, acendrae o vosso patriotismo! E prégaee o patriotismo aqui, e lá fóra, — nas bancadas das aulas, nos laboratorios, nas salas do hospital, nas ruas, nos lares em que nascestes e em que vos educastes, nos lares novos que constituireis e em que o vosso affecto fructificará em novos Brasileiros!

Futuros medicos para os corpos, sede medicos tambem para as almas, — para a grande alma do Brasil! O Brasil carece de uma nova therapeutica moral e de uma nova cirurgia audaz. . .

Deus abençõe a vossa bondade e a vossa energia!

AO EXERCITO NACIONAL

*No banquete offerecido pelo Exer-
cito, no edificio do Club Militar.
— 6 de Novembro de 1915. — Rio
de Janeiro.*

Não sei como poderei agradecer esta commove-
dora prova de affecto. Recebeis-me, como vosso, como
filho da grande familia militar, cuja maior nobreza
deve ser sempre a gloria, e cuja melhor riqueza deve
ser sempre a virtude; e já esta honra me engrandece.
Mas, para augmentar a minha divida de gratidão,
collocastes á frente d'esta manifestação os nomes de
tres dos mais illustres generaes do Exercito; e esco-
lhestes, como interprete da vossa estima, e como para-
nympho meu, um dos meus mais queridos amigos,
um irmão bem amado, em cujo espirito e em cujo
coração sempre eneontrei, nos mais duros dias da
minha vida, conselho e consolo, energia e repouso.

A vossa generosidade exaggera o prestimo do meu
nome e a importancia do meu trabalho. Nada fiz, que
mercesse tão alto premio. O que disse e fiz já estava

no pensamento de todos os Brasileiros bons, e já tinha sido proclamado. A lei do sorteio militar, que sempre reputei benefica para a necessidade da cohesão nacional, está decretada ha mais de sete annos; e já muitos homens de espirito clarividente e de leal patriotismo, estudando e annunciando os perigos que nos ameaçam, apontaram o remedio e a salvação. Nada inventei, nada criei. Mostrei de novo, apenas, e com menos brilho, a fealdade da doença do tempo, a desnacionalização da nossa gente, a fraqueza dos governos, o desvanecimento do enthusiasmo, a falta da coragem e da fé; e apenas procurei reaccender a propaganda esquecida. Acredito que o valor da minha acção nasceu unicamente de uma prospera conjuntura do tempo e do lugar, — da occasião feliz em que foram pronunciadas as minhas palavras. Cercavam-me corações em flor, espiritos em révora: o ambiente era propicio, de mocidade e de ternura; e a velha Faculdade de Direito de São Paulo ecoava ainda antigos clamores de crença e de combate: a minha revolta resuscitou, entre aquellas paredes, a grandeza e a febre de campanhas mortas. Assim, o passado e o presente, num encontro inilagroso, acolheram, aggravaram, e repercutiram com efficacia o meu grito.

Não posso agradecer-vos. Mas posso, ao menos, dizer-vos como vos amo, e quanto me commove e orgulha o apreço que me mostraes. Sois os mesmos soldados, que sempre ennobreceram o Brasil, desde a época difficil da fundação da patria; sois o mesmo exercito, que, em todas as crises graves da nossa historia, até a proclamação da Republica, deu ás boas causas a sua força material e a sua força moral, nessa

longa série de altos serviços nacionaes, que o vosso orador acaba de relembrar; quando vos falo, falo ao vosso presente, como ao vosso passado, e ainda ao vosso grande futuro.

Quando nasci, o Brasil vibrava, no apogeu da sua era epica, entre a batalha do Riachuelo e a batalha de Tuyuty. Findava o anno de 1865. Todas as energias do paiz estavam nos campos do sul. Meu pae, poucos mezes antes, partira para a guerra. No lar attribulado e pobre, havia sustos e esperanças, lagrimas e sonhos: as cartas, que vinham do theatro da luta, traziam á familia moralmente desamparada sorrisos e raios de fé; mas, entre as raras noticias, enlutava-se a casa, e apertavam-se os corações. Em toda a cidade, a mesma inquietação, o mesmo sobresalto, a mesma alternativa de clamores de jubilo e queixas de desesperação. Nessa pesada e angustiosa atmosphera moral, correram os primeiros quatro annos da minha vida. Depois, a minha meninice viveu da vossa gloria. As festas que coroaram a victoria, os hymnos e as flores que recebiam os batalhões, a paz e a fortuna regozijando a cidade e todo o paiz, as fardas e as condecorações, os arcos de triumpho e os cortejos, as narrativas dos combates, o desempenho dos vencedores, o orgulho dos mutilados, o entusiasmo dos moços, o enternecimento dos velhos, o enlevo das mulheres, — todo esse espectaculo de heroismo, dominando a vida nacional, e por muitos annos alimentando a altivez do povo, encheu e maravilhou toda a minha adolescencia... Depois, já homem, vi que as vossas espadas, recusando a sua força e o seu brilho á ganancia dos mercadores de homens,

e defendendo a miseria dos escravizados, apoiaram a dedicação dos abolicionistas, e apressaram a victoria da sagrada campanha... Depois, encontrei-vos, de novo, na alvorada de 15 de Novembro, e vi toda a vossa bravura e toda a vossa belleza, irradiando, concentradas na figura legendaria de Deodoro.. Foi assim que vos amei!

Se alguma vez diminuiu a minha admiração, se de algum modo me afastei de vós, foi porque, com tristeza, vi alguns de vós, arredados do nobre terreno e da augusta missão em que sempre deveis honrar-vos e honrar o Brasil, preferirem ao rude e magnifico sacrificio da vida militar o facil e grosseiro proveito do mando partidario e da pequena politica das facções e das intrigas... Mas o desfallecimento não durou muito. Quasi todos os transviados já estão desilludidos e arrependidos. Na consciencia de todos deve estar a convicção da inutilidade, e, mais ainda, do criminoso erro d'essa dispersão de energias e de devotamentos. Sei, — e é preciso que todo o paiz o saiba, — que um halito saneador e criador percorre hoje todos os quartéis. O pensamento e a acção, o estudo e o exercicio, a vontade e a disciplina, animando os officiaes, e d'elles emanando, inflammam e fortalecem os soldados; o trabalho e a esperanza, a confiança e o estimulo succederam á inercia e ao desanimo; e, nesse ambiente de agitação fecunda e de reconstrucção salvadora, não podem e nunca mais poderão medrar as murmurações, os despeitos, os descontentamentos, as mesquinhas rivalidades, as desmoralizadoras ambições, que só vivem bem nos arraiaes do caudilhismo e da desordem. D'este modo, querendo

collaborar com todas as outras classes do nosso povo na grande empreza do revigoroamento civico, que todos devemos iniciar e executar, estaes reatando o fio luminoso das tradições militares, que são o patrimonio da vossa classe. E' assim que vos amo!

Se praticastes erros, tambem os praticámos nós, os civis. Se d'esses erros communs nasceu o funesto divorcio, que separou durante tantos annos o elemento civil e o elemento militar, nasça agora da confissão e da reparação de todos os desvios e de todas as faltas um consorcio firme e perpetuo. E que este consorcio seja proclamado em palavras e em actos, desde já, enquanto não se organiza a indispensavel generalização do serviço militar transformado em serviço nacional,—de modo que, como excellentemente acaba de dizer o vosso interprete, “confraternizem todas as classes, desapareça para sempre o espantallo do militarismo, seja a nação o exercito e o exercito seja a nação”.

Já disse repetidas vezes que não mereço, nem quero pretender o papel e o titulo de apostolo: o papel é superior ao meu valor moral; e o titulo, dado a mim, traria consigo uma ironia, que a minha sinceridade repelle. Já disse tambem que não sou sociologo, nem philosopho: não posso idear nem executar um programma de remodelação social. Sou, apenas, poeta, e poeta sincero e patriota. Se posso ser professor, quero ser e serei exclusivamente professor de entusiasmo. E, dentro d'este papel, não serei polemista, nem agitador de ruas, nem conquistador de popularidade. A minha humilde missão está cumprida: a mocidade do paiz agita-se, todas as classes

despertam, os homens superiores estudam o problema, o movimento generaliza-se; posso agora sair da frente da batalha, e entro na massa da legião, casando o meu esforço obscuro aos esforços anónimos dos outros legionarios.

Se appareci em evidencia, foi porque havia em minha alma uma revolta, que me suffocava. Em minha consciencia: acredito que o Brasil está atravessando hoje a mais grave de todas as crises de sua historia. Opprime-me um grande medo. Não é o da miseria publica; porque, com trabalho e honestidade, alguns annos bastarão para remediar a devastação causada pela incuria ou pela improbidade. Não é tambem o da guerra, da invasão estrangeira, da perda da liberdade, da mutilação do territorio por sequestro ou conquista: tal perigo, se existe ou existir, será talvez o mais afastado e o mais improvavel de quantos nos rodeiam; além d'isso, essa desgraça ainda seria uma fonte de grandes bens: porque, em falta de um perfeito patriotismo colectivo, consciente e cohesivo, ao menos ha no Brasil, felizmente, a bravura própria, o pundonor pessoal, um patriotismo individual; e a guerra, apesar de todos os seus males, seria uma ventura, porque seria uma formidavel força de ligação nacional... O que me aterra é a possibilidade do desmembramento. Amedronta-me este espectáculo: este immenso territorio, povoado por mais de vinte e cinco milhões de homens, que não são continuamente ligados por intensas correntes de apoio e de acordo, pelo mesmo ideal, pela educação civica, pela cohesão militar; conflictos ridiculos sobre fronteiras, dentro da integridade da patria, explorados pela rhe-

torica, envenenados pelo fanatismo, originando guerras fratricidas; a desigualdade entre Estados irmãos, desirmanados pela differença das fortunas e das prendas, — estes ricos e felizes, prosperando e brilhando, desenvolvendo o seu trabalho e a sua intrucção, e aquelles pobres, sem ventura, sem pão, sem ordem, sem escolas, assolados pelos flagellos da natureza ou talados pelos desmandos da governação; e descontentamentos, e rivalidades, e indifferença, desamor, falta de unidade...

Este é o meu terror. Porque sem unidade não ha patria. Quatrocentos annos de esperanza e de tortura fizeram esta nação, dada á humanidade pela continuação de infinitas acções generosas: pelo esforço de um pequenino povo, — menos de dois milhões de almas, em uma estreita faixa de terra, — descobrindo, povoando, explorando, artilhando, defendendo mais de seis mil kilometros d'esta costa; pelo impeto das bandeiras e pela bondade dos apostolados, desbravando as selvas, as aguas e as almas; pelo sangue dos filhos e dos netos dos povoadores, derramado em prol do patrimonio; pelo suor e pelas lagrimas de uma raça martyr, arraneando do sólo bruto a riqueza, a felicidade e o luxo; pelo heroismo de successivas gerações, combatendo pela liberdade, pela integridade, pela justiça e pela gloria... E' horrivel pensar que esta esplendida construcção de quatro seculos possa ser desmantelada pela inercia, pela ignorancia, pela preguiça moral, pelo egoismo!

Mas, não! Unamo-nos, nós, os das classes cultas, nós, os que temos intrucção, pensamento e consciencia.

Unamo-nos, trabalhemos, e venceremos, — e dentro do regimen republicano. O descontentamento e o desanimo de algumas almas appella para a restauração da monarchia, como para uma panacéa de effeitos prodigiosos e instantaneos. Se o advento de um Messias pudesse agora levantar, rejuvenescer e felicitar em poucos minutos ou em poucos annos todo o Brasil, todos os patriotas, convencidos do supremo poder de tão divino condão, deveriam acceitar de braços abertos esse enviado do céu. Mas os milagres são impossiveis. O trabalho, que nos incumbe, é longo, demorado, difficil. Não podemos transformar de subito esta geração que está vivendo. Devemos trabalhar para o futuro: sómente outras gerações, mais felizes, gozarão o bem que tivermos criado. Se os unicos remedios para a doença nacional são o tempo, a tenacidade e o devotamento, — porque não empregaremos; nós, os republicanos, esta therapeutica ao alcance dos nossos meios?

Façamos nós a resurreição da gloria do Brasil! Não a podemos fazer em poucos dias nem em poucos lustros, por um prodigio de thaumaturgia social. Mas inevitavelmente a faremos, se, inspirados pela nossa crença e pelo nosso patriotismo, lavrarmos a alma do Brasil, como os agricultores lavram o seu campo: com o tempo e a paciencia, com a vontade e a arte, dando toda a força do braço e a alegria do coração a todos os longos e sublimes trabalhos que o sólo exige, — o derrote e o amanho, a aradura e o alqueive, a sementeira e a réga — antes do dia nobre em que, coroando e abençoando o sacrificio, surge o esplendor da seara.

O programma está assentado, e é simples e velho: a educação civica, firmando-se na instrucção primaria, profissional e militar. Mas não esqueçamos que do ensino devem ser dignos os professores.

A educação civica, devemos ser os primeiros a aprendel-a, medital-a e practical-a. Melhoremo-nos, antes de melhorar o povo. Procuremos inaugurar uma nova politica, a verdadeira e “san politica, filha da moral e da razão”, nacional e não corrillheira, sincera e digna, condemnando e abolindo os artificios em que vivemos, fraudes eleitoraes, fraquezas gçvñnamentaes, palliativos economicos e sophismas judiciarios. E não são os politicos os unicos responsaveis pelo descalabro. Quasi todos errámos, peccámos, e ultrajámos a Patria, civis e militares, politicos e homens de letras, professores e jornalistas, artistas e operarios, quasi todos os paes de familia e cidadãos. Uns por maldade ou indifferença natural, outros por affectação ridicula ou tola jactancia, outros por imitação, — quasi todos desertámos o culto civico. Esses ainda foram os menos culpados, porque se limitaram ao afastamento do templo: os peores foram aquelles, que, prégando as idéas subversivas e as palavras más, ousaram proclamar a negação da necessidade da Patria. Eu mesmo, que vos falo, — porque é preciso que eu seja o primeiro a dizer o “confiteor” — tambem me envergonho hoje da frivola e ironica litteratura, que deixei pclos jornaes, muitas vezes eivada do fermento anarchico. Confessemos-nos todos, arrependamo-nos, e não perseveremos no peccado! A affronta da negação da Patria, a injuria do desdém, e ainda a frivolidade e a ironia, e até a indiffe-

rença e a abstenção, no que se refere á Patria, são crimes igualmente graves. A Patria é o grande “feitiço”, o inviolavel “tabú”, que deve ser adorado cégamente, sem ser tocado.

Regeneremo-nos, e voltemos ao culto civico. Amemos o Brasil, nós que o dirigimos. E, aperfeiçoados, vamos ao encontro do povo, e aperfeiçoemol-o. O povo possui energias e virtudes, mais fortes e mais puras do que as nossas: o que cumpre é estimulal-as, é extrahil-as, como se extrahem os metaes da ganga nativa.

Nós, que vivemos no litoral, e nas zonas mais acercadas do litoral, nestas cidades, em que fervem o trabalho e a ambição, os esplendores e os vicios, todas as bellezas e as fealdades da civilização, não podemos suspeitar a vida que arde no amago da terra brava. Neste momento, um de vós, senhores, o coronel Rondon, está proseguindo a sua longa peregrinação pelo bruto seio das brenhas. Com elle, vai um púnhado de heroes obscuros. São, ao mesmo tempo, a bandeira e a missão, as sortidas do seculo XV e do seculo XVI, redivivas no seculo XX. Em cada um d’esses homens vibra um Fernão Dias e sorri um Anehietá. E, nos rudes sertões, tudo é mysterio, tudo é encantamento, tudo é espanto e riqueza. Nestas maravilhosas entradas de conquista e de catechese, cada passo é uma revelação e uma criação: o descobrimento de um rio, de uma serra, de um aldeamento de indios; o achado imprevisito de um thesouro natural, a invenção de um recurso para a sciencia ou para a industria; a plantação de uma roça, de um poste telegraphico, de um nueleo de povoação civilizada, de um rudimento de

escola; a colheita de novas forças materiaes e moraes para o Brasil, — um mundo immenso que jazia em trevas...

Pois bem! A alma brasileira tem a mesma grandeza e os mesmos segredos dos sertões. Não a conhecemos, porque não nos conhecemos. Entremos por ella, emprehendamos através d'ella a grande e deslumbradora viagem da Fé! Descobriremos vertigens e delicias, assombros e consolações, energias desconhecidas e piedades não adivinhadas. Encontraremos a cada passo uma vontade, uma vibração, um impulso, uma resistencia, uma coragem e uma dedicação. E todas estas forças estarão connosco. E, quando regressarmos da expedição magnifica, teremos criado a mais bella e a mais viva de todas as nações da terra.

Peço-vos, senhores, que vos levanteis. Com toda a alma, com toda a crença e com toda a esperanza, saudemos o passado glorioso do Brasil, que resplandece em vossos uniformes; o presente soffredor do Brasil, que enche todos os nossos corações; e o futuro incomparavel do Brasil, que viverá no orgulho dos nossos descendentes, — a Grande Patria, que será forte para ser boa, armada para ser justa, e rica para ser generosa!

XVI

A' MARINHA NACIONAL

*No edificio do Batalhão Naval, na
"festa da bandeira". — 19 de No-
vembro de 1915.*

Senhores. Não me engano sobre a significação d'este acto de fraternidade. Os vossos louvores e a vossa affeição não vêm para mim, mas para todos os que trabalham commigo, e para a grande causa que defendemos. Hoje, entre vós, como hontem entre os vossos irmãos do Exercito, e como ha pouco entre os moços de São Paulo e do Rio de Janeiro, sinto o coração suspenso em sobresaltos que me dão e me deliciam, e vejo-vos através de lagrimas que me enfraquecem e me consolam; uma intensa felicidade e uma suprema gratidão me arroubam; tenho a impressão de ser levado e embalado por uma onda de sympathia, humilde folha perdida rolando num rio de carinho. . . Mas nenhum orgulho se mistura á minha ventura. Sinto-me cada vez mais obscuro na minha alegria, menos saliente na minha força. Tão intima e tão perfeita é a communhão entre a minha alma e as vossas

almas, que nem acredito na minha existencia individual: sou apenas um effluvio da vossa presença, uma emanação da vossa concurrencia; a minha crença, o meu enthusiasmo, a minha poesia saem de vós; o que digo é o vosso pensamento; porque, quando estou comvosco, Brasileiros de fé, sois todos o Brasil: e eu, sou, pessoalmente, um simples instrumento inconsciente de vigor nacional, um mesquinho raio de luz, uma fraquissima vibração, um insignificante sorriso da prodigiosa vitalidade da Patria.

Não tratemos de mim. Que valem nomes? O que vale é o cemiterio confuso e venerando, em que repousam, depois das pelejas sublimes, as dedicações desconhecidas e as renunciias heroicas, que criaram o nosso nome collectivo; e a massa pullulante e sussurrante das energias que nos rodeiam, e reclamam a nossa direcção, o nosso conselho e o nosso amparo; e a infinita nebulosa em que ardem sementeiras de myriades de astros humanos, — o futuro do Brasil, que, esquecido da vaidade dos ambiciosos, e perdando os erros ou a inercia dos Brasileiros maus, sómente abençoará o trabalho herculeo e anonymo dos constructores do nosso civismo.

Vós, gloriosos marinheiros do Brasil, fostes, sois, e sereis dos melhores operarios d'esta construcção abençoada.

Nos quatro versos (*), com que o joven e bri-

(*) "A alma da Patria sobre ti descança,
O' mar verde, a soffrer e a trabalhar...
O' mar verde, tu guardas a esperanza
Da alma da Patria errante sobre o mar!"

lhante interprete da Marinha acaba de encerrar o seu vibrante discurso, procurei um dia synthetizar o amor e a admiração que vos devoto. Sois, de facto, a alma errante da Patria pelo mar. O mar, que é o perpetuo movimento, a perenne vibração, a eterna vida, reservatorio de turbilhões de vidas, e seio primordial em que nasceram todas as vidas do planeta, sendo uma escola de energia e de bravura, é uma escola de civismo. A grande poesia das aguas largas, a attração do desconhecido, a curiosidade do infinito e do mysterio, o sentimento da liberdade, o ar puro tonificando o corpo, a solidão fortalecendo o espirito, o descontrado e captivante espectaculo das calmas e das coleras do oceano, o horizonte sem raias aberto para a imaginação, a immensidade do universo contrastando a pequenez do homem, apuram a intelligencia, educam a attenção, retemperam o character, aperfeiçoam a bondade e acrisolam o patriotismo. O silencio, o recolhimento, o mudo colloquio com os ventos presentes e invisiveis, com os astros serenos e perturbadores, e com as vagas sempre moveidas e cambiantes, dão á meditação uma intensidade de extase religioso. E o apartamento e a saudade dão ao marinheiro um novo enternecimento, uma nova piedade filial, uma nova gratidão fervorosa para o lar distante e para o berço deixado, que mais enchem o coração á medida que se apagam da retina. Sois bem a alma da Patria, quando ella vai comvosco pela extensão do mar; ella vive no bojo dos vossos navios, fala pela voz dos vossos canhões, braccja e exulta na insignia auri-verde que vos protege; e com ella, e

comvosco, vai a lição incomparavel dos vossos maiores, — a memoria dos heroes de Riachuelo.

Que posso dizer-vos, para agradecer o jubilo que me dão hoje a vossa companhia e a vossa amizade? Para servir-vos e glorificar-vos, não vos trago palavras de vulgar cortezia. Venho dar-vos o meu coração, e peço-vos que o depositeis por terra, junto da bandeira do Batalhão Naval. E' hoje o dia festivo do sagrado symbolo da nossa nacionalidade. Adoremol-o! Concentremos toda a nossa intelligencia e todo o nosso affecto nesta adoração. Dizei todos commigo a nossa

ORAÇÃO A' BANDEIRA

Bemditas sejas, bandeira do Brasil!

Bemditas sejas, pela tua belleza! És alegre e triumphal. Quando te estendes e estalas á viração, espalhas sobre nós um canto e um perfume: porque a viração, que te agita, passou pelas nossas florestas, roçou as toalhas das nossas cataractas, rolou no fundo dos nossos grotões agrestes, beijou os pinheiros das nossas montanhas, e de lá trouxe o bulicio e a frescura que entrega ao teu seio carinhoso. És formosa e clara, graciosa e suggestiva. O teu verde, da côr da esperança, é a perpetua mocidade da nossa terra e a perpetua meiguice das ondas mansas que se espreguiçam sobre as nossas praias. O teu ouro é o sol que nos alimenta e excita, pae das nossas searas e dos nossos sonhos, nume da fartura e do amor, fonte inesgotavel de alento e de belleza. O teu azul é o céu que nos abençôa, inundando de soalheiras offuscantes, de

luares magicos e de enxames de estrellas. E o teu Cruzeiro do Sul é a nossa historia: as nossas tradições e a nossa confiança, as nossas saudades e as nossas ambições; viu a terra desconhecida e a terra descoberta, o nascer do povo indeciso, a inquieta alvorada da Patria, o soffrimento das horas difficeis e o delirio dos dias de victoria; para elle, para o seu fulgor divino ascenderam, numa escalada anciosa, quatro seculos de beijos e de preces; e pelos seculos em fóra irão para ele a veneração commovida e o culto feiticista das multidões de Brasileiros que hão de viver e lutar!

Bem dita sejas, pela tua bondade! Cremos em ti; por esta crença, trabalhamos e pensamos. A' tua sombra, viçam os nossos sertões, cavados em valles meigos, riçados em brenhas fecundas, levantados em serras majestosas, em que se escondem torvelins de existencias e thesouros virgens, fluem as nossas aguas vivas e vertentes, em que circulam a nossa soberania e o nosso commercio, agora derramadas em correntes generosas, agora precipitadas em rebojos esplendidos, agora remansadas entre selvas e collinas; e sorriem os nossos campos, cheios de lavouras e de gados, cheios de casaes modestos, felizes no suado labor e na honrada paz. E, sob a tua égide, rumorejam as nossas cidades, colmeias magnificas, em que tumultuam ondas de povo, e em que se extenuam braços, e se esfalfam corações, e ardem cerebros, e refolegam fabricas, e estrugem estaleiros, e vozeiam mercados, e soletram escolas, e rezam igrejas.

Bem dita sejas, pela tua gloria! Para que seja maior a tua gloria, juntam-se, na mesma labuta, a

enxada e o livro, a espada e o escopro, a espingarda e a trolha, o alvião e a penna. Para o teu regaço piedoso, elevam-se, como uma oblata, os aromas dos jardins e os rolos de fumo das chaminés; e sobe o hymno sacro de todas as nossas almas, resoando o nosso esforço, o nosso pensamento e a nossa dedicação, vozes altas concertadas, em que se casam o ranger dos arados, o chiar dos carros de bois, os silvos das locomotivas, o retumbar das machinas, o ferver dos engenhos, o clamor dos sinos, o clangor dos clarins dos quartéis, o esfusiar dos ventos, o ramalhar das mattas, o murmurejo dos rios, o regougo do mar, o gorgueio das aves, todas as musicas secretas da natureza, as cantigas innocentes do povo, e a serena harmonia criadora das lyras dos poetas.

Bem dita sejas, pelo teu poder; pela esperança, que nos dás; pelo valor, que nos inspiras, quando, com os olhos postos em tua imagem, batalhamos a boa batalha, na campanha augusta em que estamos empenhados; e pela certeza da nossa victoria, que canta e chispa no fremito e no lampejo das tuas dobras ao vento e ao sol!

Bem dita sejas, pelo teu influxo e pelo teu carinho, que inflamarão todas as almas, condensarão numa só força todas as forças dispersas no territorio immenso, abafarão as invejas e as rivalidades no seio da familia brasileira, e darão coragem aos fracos, tolerancia aos fortes, firmeza aos crentes, e estimulo aos desanimados! Bem dita sejas! e, para todo o sempre, expande-te, desfralda-te, palpita e resplandece, como uma grande aza, sobre a definitiva patria, que queremos criar forte e livre: pacifica, mas armada;

modesta, mas digna; dadivosa para os estranhos, mas antes de tudo maternal para os filhos; liberal, misericordiosa, suave, lyrica, mas escudada de energia e de prudencia, de instrucção e de civismo, de disciplina e de cohesão, de exercito destro e de marinha aparelhada. para assegurar e defender a nossa honra, a nossa intelligencia, o nosso trabalho, a nossa justiça e a nossa paz!

Bem dita sejas, para todo o sempre, bandeira do Brasil!

XVII

NA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA

Lisboa. — 30 de Março de 1916.

Senhores, Foi com uma viva commoção, mas sem acanhamento, que passei o ádito d'esta nobre casa. Enche-me de orgulho a acolhida que me daes; mas não bati á porta como intruso, e não transpuz a soleira como forasteiro. Entrei com recatada ternura e affectuoso respeito, como familiar do sacrario, e como filho do solar, filho obscuro e pobre, mas sempre filho.

Não olho com a surpresa de uma primeira visita a physionomia d'este recinto. Vendo-vos, falando-vos, ouvindo-vos, sinto que este nosso encontro é apenas a continuação de outras confabulações, de antiquissimo trato. Parece-me que conheço desde 1834 estas casas do Convento de Jesus. Mais ainda... Não me assaltaria um sobresalto, se, em vez de estar falando entre estes muros, eu me visse transportado para outras residencias mais velhas, e se a minha voz

soasse nas escuras salas do palacio do Monteiro-Mór, ou nos escuros andares do Poço dos Negros, primitivas sédes das vossas reuniões. Não me acabrunharia o assombro, se, por uma nova obra de feitiçaria, a situação e a hora de hoje se arredassem ainda mais para tempos mortos num recúo de mais de um seculo, e se esta sessão fosse a vossa primeira sessão, na mansão real de Maria Primeira, em 1780... A minha voz não tremeria, e os meus olhos se não ennevoariam de medo, se o mobiliario actual, e o vosso vestuario, e o aspecto de vossas figuras se transformassem, e se, de repente, sob os paineis de um tecto do paço das Necessidades, entre paredes cobertas de pannos de arrás e de tremós doirados, eu visse, no estrado da presidencia, — risonho, sob a peruca empoada, com o peitilho tufando em bofes de rendas, entre as abas do collete de damasco, o Duque de Lafões; e, em torno d'elle, outros espectros vivos, — Correia da Serra, botanico e antiquario, amigo das plantas e dos livros, verdadeiro criador d'esta companhia; Padre Theodoro de Almeida, philosopho e poeta; o sexto Visconde de Barbacena, Capitão General de Minas Geraes; Pedro José da Fonseca, beneditino das letras, philologo e lexicographo; Padre Joaquim de Foyos, theologo no pulpito e pagão helleno na bibliotheca; e outros ancestraes da Academia, outras grandezas figuras redivivas...

Toda essa fabrica e machinação de magica me não espantaria, porque tudo isso me pareceria uma natural illusão dos meus olhos, uma allucinação justificavel do meu espirito.

Esta consciencia de existencias anteriores, vaga lembrança de varios avataras, é phenomeno psychico muito familiar a todos os espiritos que se nutrem de tradicionalismo, dados ao amor e ao culto das cousas do passado.

Sempre fui um tradicionalista, sem ser um retrogrado. Vivo feliz, ou resignado do presente, e estimulado pela curiosidade do futuro; mas vivo tambem, e muito, da saudade dos tempos que vivi, e de tempos que realmente não vivi. Saudade rara, mas não absurda. Talvez seja um pouco exaggerada em mim esta paixão pelo passado: mas paixão bem humana e bem sã. Não ha alma que possa viver sem saudades. Lembrar é viver e reviver. A certeza do hoje nasce da lembrança do hontem: um homem sem recordações seria uma pedra inerte...

O que vos digo explica a falta de constrangimento com que me apresento a vós, sem o temor de um ádvena, sem a cerimonia de uma visita passageira. Isto explica tambem o vivo desejo com que procurei a honra e o jubilo de pertencer á vossa companhia. Querendo ser vosso, quiz, de modo mais forte, incorporar-me á vossa cultura e integrar-me no nosso passado.

Este meu tradicionalismo não é incompativel com o meu nacionalismo. Nacionalista ardente, e não nali-vista, tenho um patriotismo com pergaminhos e braços. E a minha attitude, aqui, é a mesma que me governa no Brasil.

Ha nos annaes d'esta Casa uma pagina, que vos orgulha e me orgulha; ahí resplandece um nome, que

nunca se apagará da historia do Brasil, e ahi avulta uma lição, que esclarece e nobilita a minha situação. Reza essa pagina que “na sessão publica de 24 de Junho de 1819, o Secretario Geral da Academia despediu-se dos seus companheiros, porque ia fixar residencia do Brasil”. Esse secretario era então um homem de cincoenta e seis annos. Nascera em Santos, no Brasil; mas educara-se na Europa. Era homem de sciencia e de letras. Vivera em escolas, em universidades, em bibliothecas, em museus, em laboratorios: naturalista, era botanico, e biologista, e mestre de mineralogia; mas, entre longas horas de arduos estudos, sonhava e poetava; e, pastor da Arcadia, tangendo uma avena, e modulando suspiros de amor, rimava élogos, que circulavam pelos outeiros litterarios, com a assignatura de “Americo Elysio. ”. Chamava-se este homem José Bonifacio de Andrada e Silva. Já em 1819 imaginaria e sonharia elle, entre estas paredes, a autonomia da colonia portugueza da terra de Santa Cruz? Acredito que sim. Os melhores sonhos, os mais fortes e felizes apprehendimentos da vida humana são os da maturidade; os cincoenta e sete annos de José Bonifacio tinham de certo nutrido e germinado, na sua alma, a sua vocação de patriarcha. Seja como fôr, tres annos e tres mezes depois d’aquella sessão, era proclamada a independencia do Brasil, em Setembro de 1822; e a mais viva centelha criadora d’aquella revolução foi o nacionalismo de José Bonifacio. Mas não havia, entre o secretario da Academia de Lisboa e o Chefe do Governo de Pedro I no Brasil, incompatibilidade nem contradicção. Fundador de uma nova patria, o nosso pro-

homem não renegava a metropole, amamentadora do seu espirito. Não havia naquelle apartamento um gesto da repulsa de uma criatura ingrata, affrontando o seu criador, no primeiro dia de uma nova criação. Era um direito e um dever, a necessidade da conservação propria e da continuação da raça, o cumprimento da missão consciente do filho maior, emancipado do patrio poder, formando um lar novo, em que perduravam o nome, a religião e a honra do lar primitivo. E hoje, noventa e quatro annos depois, um outro Brasileiro, humilde e pequeno, vem falar a Portugal, nesta mesma Academia em que soava a nobre voz do grande Brasileiro, que foi vosso secretario e irmão. Reata-se a tradição; e a historia das duas nações permanece una e indivisa.

Senhores, em verdade o meu nacionalismo é filho do meu tradicionalismo. Quero que a minha patria se orgulhe da sua historia. Diz um inepto brocardo que as nações felizes são as que não têm historia. O que quer dizer: as que nunca tiveram guerras, nem fomes, nem revoluções, nem terremotos, nenhum cataclysmo physico ou moral. Apagada e miseravel felicidade essa: a felicidade dos pantanos, na estagnação e no apodrecimento. Mas que nações puderam jámais viver, nessa estúpida bemaventurança? O soffrimento é a essencia e a razão de ser da vida. Nem os rudimentares acampamentos barbaros da antiguidade, nem as mais ignoradas tabas do alto Mato Grosso, nem as mais remotas galerias dos castores e as mais negras tocas das formigas no fundo da terra podem lograr vida sem soffrimentos. .

Não quero que a minha nacionalidade tenha uma vida sem passado e sem provações. Não quero que ella viva como essas plantas inferiores, que subsistem sem gloria e sem martyrios, — como as algas errantes sobre as aguas, sem lar; como as aeróbias, que se nutrem do ar, sem tentaculos de nutrição; como as epiphytas sem alicerce proprio, agarrando-se a rochas asperas; como as parasitas, que, hospedas importunas, se alimentam de seiva alheia, vegetando sobre outros organismos generosos. . . Quero que ella seja d'essas grandes arvores, de longas e profundas raizes, aferrando-se no mais remoto e secreto seio da terra, no amago do sólo consagrado pelos tempos, regado pelo suor, fecundado pelas lagrimas, lavrado pelo sacrificio de muitas gerações de trabalhadores. Quero que a sua cópa livre, autonoma, soberana, alargue no amplo céo a sua mocidade e a sua independencia; mas quero tambem que, com a sadia verdura das suas folhas, com a formosura das suas flores, e com o sumarento viço dos seus frutos, ella reconheça a força do humus da terra de que se fez a sua seiva, e abençõe a nobreza dos seculos que a robusteceram.

Bem sei que comprehendereis e acolhereis com animação estes sentimentos e estas palavras. Não estarieis aqui, se não fosseis, como eu, amigos do passado.

Houve, na antiguidade, recessos religiosos, longe da animação das cidades, no seio de valles desertos, que se chamavam “bosques sagrados”: o de Dódona e o de Epidauro, na Grecia, e o de Vesta e o de Egeria, em Roma. Eram destinados ao culto das musas e das tradições, ás Camenas e ás Memorias, asylos de medi-

tação e de saudade. As Academias de hoje são bosques sagrados, votados, como os antigos, ao estudo do presente e do passado, á ficção e á sciencia, ao serviço da intelligencia pela philosophia e á perfeição moral pela historia. E ennobrece-as cada vez mais a ancianidade que as sustenta.

A Academia Brasileira é nascida de hontem: foi fundada em 1896. Mas já tem um passado de que póde ufanar-se: congenere e filha vossa, já póde chamar sua a herança dos cento e trinta e sete annos de vida e de trabalho que a vossa conta. A Academia Brasileira, ao nascer, quiz affirmar a sua filiação, e os seus sentimentos de fidelidade á cultura portugueza: estatuiu que, dos vinte lugares de seus membros correspondentes, dez sejam sempre occupados por homens de letras de Portugal. Os mais illustres representantes da vossa litteratura têm sido consagrados pela nossa eleição. E o nosso carinho tem preenchido com justiça os claros que a morte abriu na lista. A citação dos nomes dos correspondentes actuaes mostra que sabemos amar e chamar todas as glorias de vossas letras, querendo fazel-as nossas: Theophilo Braga, prodigioso e feliz operario, que, na abençoada velhice, tem a fortuna de ver acabado o monumento de mais de trinta volumes, que o seu esforço levantou em honra das letras e da civilização de Portugal; Guerra Junqueiro, poeta de colera e de ternura, de ira e de meiguice, em cuja alma ha sarças de fogo em que troveja um deus, e moitas floridas em que sonham rouxinóes; Candido de Figueiredo, forte architecto do “Diccionario Contemporaneo”, continuador mais venturoso de Costa Macedo, Pedro José da Fonseca e Bar-

tholomeu Jorge, vossos academicos do seculo XVIII, martyres da lexicographia; Alberto d'Oliveira, poeta e prosador de raro brilho, estrenuo advogado da união das duas Academias e das duas patrias; Eugenio de Castro, ardente cantor da Belleza e do Amor, em cujos poemas passam todas as formosuras femininas, do esplendor fascinante da sensual "Belkiss" á portugueza suavidade da pura "Constança"; Antonio Correia de Oliveira, o apostolo dos "Autos", das "Parabolas", das "Orações", centelha viva da terra, emanção natural do piedoso Portugal; Jayme de Séguier, o fino orchestrador dos "Adagios e Allegros" e chronista valoroso, que ora defende pelo "Jornal do Commercio" do Rio de Janeiro a causa da cultura latina; Antonio Feijó, a musa pastoril das "Lyricas e Bucolicas" exilada para as brumas da Escandinavia; e Carlos Malheiro Dias, alma tecida de enthusiasmo e de brandura, a quem, sobre tantos livros de verdade e de sonho, deve a lingua portugueza essa obra prima de humanidade e de misericordia, que se chama "A paixão de Maria do Céu". Outros nomes illustres, outros próceres vivos das vossas letras, historiadores, poetas, novellistas, criticos, não pertencem ainda á Academia Brasileira, só porque, infelizmente, a lei academica não permite a criação de novos lugares. Mas vivem todos elles, na admiração e no affecto que lhes votamos.

E, senhores, tendes gentilmente estimado e fidalgamente retribuido a nossa amizade. Ainda ha poucos mezes, chamastes á vossa communhão o Presidente da Academia Brasileira, Ruy Barbosa, fulgor do Brasil,

honra de toda a America, mestre entre todos os que prezam o idioma de Camões.

De mim, que poderei dizer-vos? A lembrança do meu nome, a minha eleição, e a alta dignidade que ora me daes são bem pesadas e comprehendidas pelo meu criterio. Não condecoraes propriamente o poeta, que é pobre, e o homem, cuja unica virtude é a sinceridade. Honraes em mim, accidentalmente, o Brasil e a poesia brasileira.

O mais valioso agradecimento, que eu vos possa exprimir, é a formal promessa do assiduo trabalho com que sempre collaborei convosco. Disse-vos, ha pouco, que não me apresento a vós como hospede passageiro. Repito-o. Não desejo que de mim guardeis apenas aquella recordação das visitas fugazes, de que falavam os velhos Romanos: “*memoria hospitis unius diei prætereuntis.* . . ” Pretendo ficar aqui, residente, se não em presença real, ao menos em espirito constante, em continua preocupação. Ainda de longe, pensarei em vós, e pensarei convosco. Serei um dos menores sacerdotes do culto que nos congrega: o da nossa historia e da nossa lingua. E, á mingua do brilho que vos não posso dar, poderei dar-vos o fervor da minha crença e a honestidade do meu labor.

XVIII

AOS HOMENS DE LETRAS DE PORTUGAL

No banquete offerecido pela revista "Atlantida". — Lisboa. — 31 de Março de 1916.

Senhores. Um escriptor portuguez, João de Barros, e um escriptor brasileiro, Paulo Barreto, depois de ter inventado muitas paginas de encantadora literatura, tiveram um achado geographico: encontraram essa mysteriosa *Atlantida*, nunca marcada no roteiro dos navegadores, mas sempre sonhada e vagamente citada por historiadores e cosmographos de ardente imaginação. Uma ilha, ou um archipelago, ou um continente, terra nebulosa, nebulosamente apontada nos fantasticos mappas de mythographia... Um unico dado preciso apparecia em todas essas indecisas citações: aquelle esquivo torrão deveria existir no meio do Atlantico, a oéste de Gibraltar. No Atlantico, a oéste de Gibraltar? — por consequencia, entre a Europa e a America, entre Portugal e o Brasil...

Para homens de sciencia era pouco: mas, para dois poetas, foi bastante: não é o primeiro, nem será o ultimo dos milagres da poesia. O facto é que foi descoberta, abordada e conquistada a *Atlantida*, em cujo seio verde e risonho os dois Colombos plantaram o seu pavilhão estrellado, tecido de sonho e de arte.

Novissimo continente moral, de amor e de defesa, a *Atlantida* liga o velho e o novo, e une principalmente Portugal e o Brasil, as duas patrias eternamente irmãs. Este banquete, de que sou apenas pretexto, é um dos instrumentos do vasto programma da admiravel revista.

Todo o resto de vida que ainda terei no mundo, e uma outra vida nova que me fosse dada, não me bastariam para que eu pudesse pagar-vos, em gratidão e devotamento, a divida de que me opprimis. O que hontem me foi dito, na Academia das Sciencias e o que acabo de ouvir, nesta sala, é um universo que a minha alma não póde conter. Ao Brasil entregarei as vossas palavras e os vossos beijos. A toda a minha patria, aos meus companheiros de trabalho, aos homens que dirigem a nação, a todos os que vivem e labutam nas cidades tumultuosas e nos sertões pacificos, a todas as almas que estão criando, em esforço em soffrimento, em esperança, a grandeza do nosso futuro, direi que Portugal, neste supremo instante de fervor patriotico e de luta sagrada, estende ao Brasil através das aguas immensas, os seus braços, a sua alma, toda a sua infinita confiança e todo o seu infinito amor.

Permitti, senhores, que eu não dissipe estes minutos de divina gloria em palavras inuteis de agradecimento vulgar.

Não desejo que esta reunião seja apenas um "outeiro", como os que se realizavam nos pateos dos conventos na éra mais brilhante do Elmanismo, torneios frivolos, em que motes e glosas lampejavam sem ter idéas e morriam sem deixar lembrança. Somos felizes, intensamente felizes, porque vivemos este cyclo heroico; e ainda mais felizes seremos os que não tivermos fechado os olhos sem ter assistido ao epilogo do drama, sem ter visto as revoluções politicás, sociaes e artisticas, que, nascerão, em florações sublimes, d'esta tragica sementeira de sangue e dé gloria. Aproveitemos a boa fortuna que nos é dada! Não sejamos, agora, unicamente, *trovadores* sentimentaes, como aquelles que, em lingua de *oc*, rimavam sonetos e pastoraes innocentes; sejamos tambem *troveiros*, como aquelles que, em lingua de *oil*, se dedicavam á alta poesia lyrica, ao estro épico, ao louvor dos heroes e dos grandes gestos da bravura e da bondade. Não desejo que deste ágape se diga que foi um arremedo do "Banquete de Platão", formosas mãs futeis divagações socraticas sobre o amor... Nesta época, a arte pela arte seria uma monstruosidade moral. Ermaram-se todas as torres de marfim: todos os verdadeiros poetas, todos os depositarios da chispa divina saíram dos seus asceterios entre nuvens, e baixaram á esplanada em que se decidem os destinos da humanidade.

Se não podemos estar ao lado dos que se batem nos campos da luta, pensemos, meditemos, e empe-

nhemos a força da nossa alma em cogitações dignas d'este momento.

Falemos da vossa literatura, que a minha, espelho vivo, e vivo resumo de toda a nossa civilização. Falemos do futuro da nossa raça.

A vossa literatura é um rio soberbo, estendido no leito do tempo, pelo curso prodigioso de sete seculos. Vejo-o, tremulo fio de agua, brotando das humildes taliscas da agreste rocha da Idade Média, sepultada na floresta da barbaria brava e intonsa, desordenadamente viçando sobre as ruinas dos tempos da civilização romana devastada: — os primeiros trovadores portuguezes, as lendas medievaes, e Vasco de Lobeira, — o admiravel “Amadis de Gaula”, onde já transluzem ás grandes virtudes da raça, a força e a generosidade, a furia e o lyrismo, o desinteresse e a fidelidade da cavallaria andante. Adensa-se o arroio, e já o seu caminho se bifurca: e o idioma portuguez separa-se do castelhano. Nascem os poetas palacianos e os primeiros historiadores... Logo depois, engrossando, expande-se o ribeiro, liberta-se do ergastulo da selya nativa, esplende ao livre sol, retrata na toalha liquidã o infinito azul do céu. E' a era classica: tres seculos de fecundidade e de magnificencia. os quinhentistas, os seiscentistas, os árcades. Ás margens do curso risonho, rebenta uma flora suave. Bernardim Ribeiro, alma formosa, sorri. Todo o valle, em cujo fundo desliza a corrente fresca; resôa; cornamusas e charamelas enfeitiçam o ar com a sua harmonia ingenua; povoam-se os prados de bucolistas de novellistas da cavallaria, de rimadores de pastoraes. E' a idade da graça e da innocencia, a prima

vera da lingua, a puberdade da raça. Mas, em breve, o rio, mais demorado, remansa-se e espraia-se; mais grave é a sua voz, e majestoso o seu fluxo; parece que o seu vigor se concentra, aprestando-se para próxima crise. E' o meio dia, o trabalho depois do devaneio, o pensamento depois do sonho. Gil Vicente funda o theatro; surgem os autos e as farças; e Sá de Miranda, Ferreira e a Pleiade dão sangue e fibra ao idioma já feito. E eis-a, de repente, a crise... O terreno levanta-se, alcantila-se, suspende-se, e escava-se. E a massa formidavel das aguas rola no ar, cascadeia em resaltos rutilantes, precipita-se em mós atroadoras, ganha o espaço em pulos, em rugidos, em remoinhos, em vórtices, e rebôa, e desaba, e cae, no auge da força, no supremo poder do sangue e do genio: é Camões, que enche o seculo. A calma, em seguida, o remate e o polido da obra: os seiscentistas, o culteranismo, e a Arcadia; as tragi-comedias, e as comedias; o apuro da idealização, o apogeu do classicismo, o latinismo de Filinto Elísio, a metrica incomparavel de Bocage. Opulenta, a corrente ainda mais se enriquece, recebendo o tributo dos affluentes do Romantismo francez, como antes acolhera o subsidio dos acorrentes da Renascença italiana: os dramas romanticos, os romances de ardente amor, a poesia dos ultraromanticos, o tradicionalismo de Herculano, o nacionalismo de Garrett, e, depois, o naturalismo de Eça, e emfim, o moderno lyrismo de João de Deus e Guerra Junqueiro... Hoje, estamos na foz immensa, no radiante estuario. Alongo os olhos para todos os lados, e não vejo raias no horizonte sem fim. Vejo apenas as aguas... E vejo-vos, admiro-vos e amo-vos, meus

mestres e meus irmãos, que sois as ondas cantantes e triumphantes d'este glorioso rio da nossa civilização!

Infelizmente, houve um momento, em que, á tona d'estas aguas puras, boiou uma vegetação verdene-gra estendal de sargaços venenosos. Foi a literatura da ironia, mãe da descrença e do impatriotismo. Amaldiçoada e sinistra, esta germinação de hervas damninhas! A ironia é, ás vezes, nobre criadora, quando nascida da revolta de um grande amor maltratado é fundamente temperada de piedade e amassada de amargas lagrimas de sangue. Mas a perversa ironia vulgar, a ironia mordaz, fria, consciente e calculada, sem soffrimento, sem choro, sem gritos, — essa maldade de matar pelo envenenamento gradual, sarcástico, infecundo, estiolador de toda a crença, toda a esperança e toda a bondade da communhão, — essa ironia é um crime torpe, que não pôde obter perdão nem misericórdia. . .

Mas rejubilemo-nos! A phase ignobil passou. Fatalmente devia passar. A duração longa de tal molestia seria a senectude nacional irremediavel, o marasmo, e a morte; e uma nação, — todo um povo forte, toda uma raça no pleno viço do outono, — não poderia ser sacrificada por um bando de loucos amoraes, sem coração e sem genio. Porque os ironistas relapsos e os irreductiveis sem patria nunca são homens de coração e de genio. Os grandes homens, e os homens ao menos equilibrados não deixam o seu espirito naufragar nesse desastre sem honra. As vezes, uma perversão passageira pôde extravial-os: mas a

intima consciencia e o natural pudor arrancam o seu talento e a sua dignidade do tragadouro immundo. Ouvi dizer algumas vezes, que Eça de Queiroz, o maravilhoso ourives da nossa lingua, meu bem-amado mestre, foi um ironista desamoravel do seu paiz e dos seus irmãos... E' falso! A sua ironia foi aquella que é dolorosa e santa, aquella que fere para curar, aquella que magôa mais o magoador do que o magoadado. Mas acceitemos que, accidentalmente, desentraigado pelo exilio, elle tenha deixado, por algum tempo, sem trato e sem culto o seu nacionalismo. Se o peccado existiu, a redempção foi completa e admiravel. Porque, antes de morrer, Eça de Queiroz teve a fortuna de deixar esse definitiyo poema de graça e de ternura *A Cidade e as Serras*, em cujas ultimas paginas o seu grande espirito, depois de matar todos os ridiculos do exaggerado estrangeirismo e da desmoralizadora desnacionalização, entoou o seu extremo suspiro de bom filho de Portugal, num hymno incomparavel de adoração e de meiguice á belleza do seu céo, á bondade da sua terra, á generosidade do seu sólo, ao carinho das suas arvores, á franqueza e á honra dos seus homens, e á misericordia e purissima brandura das suas mulheres.

Dissipou-se o pesadelo. Varramos de nós a lembrança d'essa literatura, que nasceu e morreu sem ter vivido. A nossa literatura, aqui, e no Brasil, é hoje nacionalista, e será nacionalista. Na vastidão do seu dominio, o rio soberano recorda e venera as suas origens, é, essencialmente, sente-se o mesmo fio de agua nascente, o mesmo arroio infante, o mesmo ribeiro adolescente que foi outr'ora.

Os vossos poetas e os nossos poetas querem ser da sua terra. Que poderemos valer, se todo o nosso valor não vier do valor da nossa terra? O director da *Atlantida*, João de Barros, — este generoso poeta, que me dá hoje a ventura de dar-me a vossa companhia e a vossa amizade, — deu a um dos seus lindos livros de versos, um titulo, que é uma bandeira e uma profissão de fé: *Anteu*. Que força espantosa alimentava o corpo d'aquelle gigante, filho de Neptuno e da Terra? Podia Hercules subjugal-o, quando o levantava do sólo. Mas, quando os seus pés tocavam o chão, o lutador ganhava novo alento; revigorava-o a Terra; o contacto do seio materno tornava indomavel o seu corpo e divinizava o seu espirito. Só é grande homem quem é bom filho.

A moderna literatura portugueza não é apenas um templo de arte: é tambem uma escola de civismo. Na poesia, no romance, no drama, a alma nacional está enchendo cerebros e corações. Os exemplos são tantos, que a citação é impossivel. Basta a indicação de dois artistas, ao lado dos quaes tantos outros resplandecem e perduram: entre os nomes novos, Henrique Lopes de Mendonça, esse nobre historiador-poeta, que transplantou para o palco a vida de tantas paginas dos annaes do paiz, e, entre os mais novos, Julio Dantas, o admiravel escriptor da *Patria Portuguesa*.

No Brasil, esta mesma corrente sagrada liga todos os verdadeiros homens de letras, dignos da profissão e do nome. D'aquelle immenso territorio, revestido de espessas florestas, — outras florestas moraes estão

viçando, novas gerações literarias, nutridas de intenso brasileiro. A historia e o "folk-lore", a natureza e a imaginação, a graça da terra e o estudo das fontes da nacionalidade dão seiva áquellas selvas de belleza. Dois nomes bastariam para enriquecer toda uma literatura: o de Alberto de Oliveira, o glorioso artista das "Meridionaes" e dos "Poemas e Sonetos", meu guia e meu conselho, — e o de Coelho Netto, meu querido irmão, prodigioso romancista, pintor e poeta dos nossos sertões. Já temos tres seculos de cultura e de patriotismo. Crentes e confiantes, encaramos sem receio os seculos que engrandecerão a nossa patria.

Mas, Portuguezes e Brasileiros, não sejamos apenas artistas, e bons artistas; sejamos educadores. e bons educadores. Somos nós os legitimos depositarios da nossa civilização. Demos o nosso carinho, o nosso conselho, a nossa direcção aos talentos que se estão formando e aos que têm de nascer. Devemos dizer-lhes: "Sede *vós*, sede a vossa terra! Sede *vós*, e não sejaes imitadores dos outros; sede *vós*, nos assumptos da vossa idealização; e prezae a vossa lingua, respeitando-a, e libertando-a de feios aleijões, do calão pesado e a deshonra, e dos estrangeirismos inúteis que a sobrecarregam!"

Não sou inimigo irreconciliavel de todos os peregriños, porque amo e admiro enxertos formosos, que possam opulentar e alindar o nosso idioma. Mas o exaggero é sempre hediondo. As linguas são como as mulheres: vestidas com pureza e simplicidade, são enlevo para todos os olhos artistas e para

todas as almas finas; mas, como cortezãs ou idolos barbaros, arriadas de ouropéis vistosos e untadas de cosmeticos enganadores, são apenas agrado para sentidos grosseiros e instinctos baixos. Tambem não sou purista extremado, de um purismo que se abeire da caturrice. Será ridiculo que os nossos netos falem e escrevam exactamente como falaram e escreveram os nossos avós; tambem seria ridiculo que o nosso estylo de hoje fosse a reproducção fiel do estylo dos quinhentistas. Mas se o thesouro do vocabulario, o movimento das locuções, o rhythmo das phrases podem e devem ser variados e aperfeiçoados, — a syntaxe, que é a estructura essencial do idioma, é perpetua e immutavel.

Digamos isto aos nossos continuadores. Digamos-lhes ainda: que somos latinos, e que queremos ser latinos em nossa descendencia. E, para isto, pelo exemplo e pela lição, préguemos a decencia do pensar e do dizer, a graça, a justeza e a sobriedade — virtudes maximas do genio latino.

E, senhores, estas palavras — o genio latino — devem transportar-nos, em espirito, para os campos heroicos, em que milhões de homens estão lutando e morrendo em favor do nosso ideal. Não é sómente a sua propria vida e a sua propria independencia que a França e as suas alliadas estão salvando. Estão em jogo a existencia e a liberdade, a honra e o futuro de todas as nacionalidades, disseminadas pela Europa e pela America, nascidas da antiga civilização do Mediterraneo, irmanadas pela arte e pela philosophia, e

ligadas pela affinidade dos idiomas brotados do tronco do Lacio...

Saudemos Portugal e o Brasil! Mas não nos separemos hoje, sem que os nossos corações se voltem, unidos num mesmo affecto e numa só esperança, para os exercitos alliados, para todos os soldados anonyms, para todos os heroes obscuros que, em torno de Verdun, defendem a gloria e a força perpetua da Grande-Loba, nutriz da nossa cultura!

XIX

AOS ESTUDANTES MINEIROS

*Em Bello Horizonte. — 24 de
Agosto de 1916.*

Meus amigos. Em vós, na vossa mocidade, no vosso entusiasmo, beijo a terra de Minas; coração do Brasil.

Cada um de vós deve ser um alfobre sagrado, bendito viveiro de idéas, em que se germinem as vivas sementes, aquecidas pelo altruismo dos vinte annos, e transplantadas depois para outros canteiros mais vastos. Acolhei as minhas palavras, e espalhae-as sobre todos os corações mineiros!

Vinte e dois annos da minha vida decorreram entre o dia, em que vi pela primeira vez estas paragens, e este dia de reconhecimento e de saudade. O reconhecimento é de intenso jubilo, e a saudade é suave, sem travor de desconsoação. E' como se eu revivesse, alta, frondosa, de fastigio verde alastrado no céu de galhos amplos, alegrados pelas flores, uma planta, que já vira pequena e fraca, ensaiando a vida; é como se agora me deslumbrasse, com a graça forte

da puberdade, a mulher, que já aos meus olhos se entremostrára na primeira infancia, no indeciso re-bentar da existencia... A saudade punge no reencontro, quando as ruínas da alma do espectador se casam com as ruínas do espectáculo; triste é o regresso, quando o mesmo estrago fez o tempo na alma, que lembra, e na arvore ou na criatura, que se desfolhou da fecundidade e da belleza. Mas, quando a velhice apenas existe no corpo e no espirito do que regressa, é quando o passo dos annos, em vez de matar ou enfraquecer, cresceu e revigorou o objecto da saudade, — a saudade é uma piedosa resurreição ficticia para o forasteiro que retorna. Tal é o sentimento consolador, que me enternece, neste dia delicioso; revendo Bello Horizonte, rejuyenesço.

Era ao cair de uma tarde de Janeiro de 1894. Depois de viajar algumas leguas do sertão mineiro, vindo de uma romaria historica a Santa Luzia do Rio das Velhas, theatro do epilogo da guerra civil de 1842, cheguei a estas planicies esplendidas; vadeei o ribeirão dos Arrudas; saudei de longe o pico da serrania, que topetava as nuvens de ouro; e descortinei o amphitheatro em que hoje sorri a vossa capital.

A immensa arena brava abria-se para o oriente, encostada, ao sul, á lombada do Curral, e, ao norte, á da Contagem. O sol deixára no céu o cruor do seu holo-causto. Um dobre de sino embalava a tarde. Uma doce melancolia enfeitiçava o ar. E, com as primeiras sombras, entre o povoado, estirando no centro do chapadão a haste longa e as trevas curtas da sua edificação em T, pequeno burgo de cem fogos. As ruas rudimentares eram quatro: a de Sabará, a de Deo-

doro, a do Capão e a de Congonhas. Uma praça larga, mal achanada, com um alto cruzeiro de madeira, rasgava-se em frente á igreja tosca. Perto, á volta da aldeia, algumas culturas e alguns cortumes, testemunhando o trabalho da gente simples; e, longe, moldura immensa, os matâgaes brenhosos, os montes asperos, Santa Cruz, Lagoa Seca e o Acaba Mundo.

Doce saudade! Mas não venho contar-vos esta reminiscencia apenas como desabafo da minha vida sentimental, simples impressão litteraria. Esta visita é, para a minha esperanza de brasileiro, um tonico, e, para a minha confiança, uma affirmação. Como duvidarei das energias essenciaes do meu povo, se venho hoje encontrar estas avenidas, estes palacios, estas fabricas, estas escolas, este trabalho, esta alegria, neste mesmo lugar, em que, ha vinte e dois annos, achei um lugarejo humilde, um campanario obscuro, quasi corujeira anonyma entre montanhas brutas? Uma centelha de coragem bastou para operar este milagre...

Quando se alastrar por todo o Brasil o incendio salvador, em que se congregarem todas as faiscas dispersas que relampejam na alma brasileira, outras maravilhas, outros prodigios dramatizarão a nossa vida, precipitando-a para apotheeses de heroismo. Não desdigo nem desminto a indignação que me inspirava, ha um anno, quando eu falava aos vossos irmãos de São Paulo. O mal, que nos adoece, continúa a minar o nosso organismo: a doença é inveterada e a cura será longa. Mas nunca houve desesperação na minha revolta. Creio, espero, confio. Uma rajada de entusiasmo sopra sobre o Brasil; a ventania sanea-

dora varrerá todas as tristes paixões e todos os baixos interesses.

A Liga da Defesa Nacional, fundada no Rio de Janeiro, é patrocinada pelos mais bellos nomes do paiz, entre os quaes o meu apenas serve para realçar, pela sua pequenez, a grandeza dos outros. Verdadeiros estadistas e politicos, educadores, juizes, juriscôn-sultos, velhos servidores do Exercito e da Marinha, commerciantes, industriaes, agricultores, publicistas, representantes de todas as classes productoras e dirigentes estão á frente d'esta alliança de vontades, centro de conselho e persuasão, de estímulo e conforto. Pacifistas, sempre queremos e prérgaremos a paz; mas, sentindo e medindo os perigos externos e internos, que nos rodeiam, procuraremos dar força armada á nação, dando segurança á sua paz e á sua felicidade. Anti-militaristas, não arrastaremos o paiz a megalomanias de orgulho bellicoso; mas celebremos a tradição do heroismo, que nos deu respeito e brilho na phase épica do Imperio; e, ao contrario de inventar e fortalecer uma casta privilegiada de militares, emprehenderemos que o Exercito seja o povo e o povo seja o Exercito, de modo que cada Brasileiro se ufane do titulo de cidadão-soldado. Apoiaremos pela convicção e pela tolerancia, sem violencias de regulamentos, sem demasias de expressão, o sorteio militar, lei benigna, que não desorganizará o labor e a ventura dos lares. Estimularemos e esclareceremos o patriotismo individual. Organizaremos e animaremos batalhões de linhas de tiro e de escoteiros. Pelejarremos por uma intensa e constante diffusão de instrução primaria e profissional. Daremos ás mãos de

cada professor e de cada estudante, de cada patrão e de cada operario, de cada official e de cada soldado, um catechismo civico. Trabalharemos, enfim, para o trabalho, para a liberdade, e para a honra de todos os Brasileiros.

Vinde comnosco, moços, que amaes a vida, e deveis preparar a grandeza e a dignidade da vida futura do Brasil!

D'aqui, vos convido a uma contemplação magnifica...

Na manhã seguinte ao dia da minha chegada a esta zona mineira, ha vinte e dois annos, subi ao Acaba Mundo, por uma vereda agreste, que colleava entre os caminhos de Lagoa Seca e Santa Cruz. Cheguei a mil metros de altura, e fartei os olhos da paizagem barbara e majestosa. A um lado, empinava-se a montanha alcantilada, vestida de selvas. Do outro lado, estendia-se o valle; e, depois do valle, outra serra, e outros valles sem conta, e outras serras sem numero, serras e serras azuladas, espumando em neblinas, como vagalhões de um oceano sem termo... O infinito enchia os meus olhos, e entontecia-me. E comprehendí, então, a felicidade do epitheto geographico d'esta localidade.

Guardae este nome — Bello Horizonte. Conserve-o, titulo immutavel para vossa capital. E não seja elle sómente um titulo, mas um symbolo e uma preoccupação constante. Que a grandissima perspectiva rasgada ao vosso olhar suggira ás vossas almas outros alargamentos soberanos, novas extensões augustas, novos páramos para o exercicio da vossa anciedade e para a vossa ambição nacional. Além do circulo

maximo apparente, que termina a abobáda celeste, além da linha circular sensível, em que imaginamos o contacto da terra e do céu, além do horizonte racional, que a astronomia determina e mede, ha um outro horizonte, moral e invisível, sem limites e sem medida, — o futuro: é o dominio, que só póde ser devassado e conquistado pelas almas que creem e querem.

Galgae com o pensamento, devorae com o sonho as distancias de espaço e de tempo, que se abrem á vossa mocidade e ao vosso patriotismo! o bello horizonte da gloria está patente e livre para o vosso vô. . . Libertae-vos de yós mesmos! O Brasil é pobre, é fraco, é triste? Sede ricos de abnegação, e elle será opulento. Sede fortes de civismo, e elle rebentará em energias. Sede alegres, e elle vibrará no largo riso dos que, tendo a consciencia da sua força, têm a paz e a justiça!

OS ESCOTEIROS

*Na Academia Mineira de Letras
—Bello Horizonte.—26 de Agosto
de 1916.*

Senhores. Esta recepção cordial, o vosso favor e a vossa benevolencia alegram o meu coração de homem de letras e de Brasileiro. O que mais prezo e estimo não é o louvor excessivo, com que me honraes, explicavel, não pelo pouco merecimento meu, porém pela grandeza da vossa bondade. O que prezo e estimo altamente é o admiravel brilho da intelligencia brasileira e a fervorosa religião pela nossa lingua, que venho encontrar nesta immensa região do Brasil.

Ha poucos mezes, na Europa, na Academia das Sciencias de Lisboa; hontem, e sempre, na minha assidua frequencia á Academia Brasileira, no Rio de Janeiro; e hoje, na Academia Mineira, o que me tem orgulhado e orgulha é a segurança da larga extensão do dominio do nosso idioma. Dominio, que ainda não é perfeito, porque a verdadeira diffusão de uma lin-

gua não é a que se calcula pelo numero das bocas que o falam, bem ou mal, mas pela quantidade das intelligenciãs cultas que a empregam, pela somma dos homens conscientes que a leem e escrevem. Completo senhorio será o da nossa lingua, quando a instrucção tiver arroteado a multidão dos trinta milhões de cerebros que vivem nesta terra. Ha de vir esta perfeição, e virá pela competencia e pela pertinacia d'aquelles que, como vós, lutam por guardar a possessão já existente, e alargal-a e aperfeçoal-a.

Sois defensores do nosso idioma. Admiro-voe e abraço-voe. Não condemno a criação de varias Academias regionaes, nos varios Estados do Brasil. Antes a applaudo e exalço. O regionalismo literario não desorganizará a unidade da literatura, como não perturbará o regionalismo politico a unidade da patria, comtanto que estas dúas especies de autonomia respeitem a existencia de um laço forte e apertado, que dê cohesão á federação: uniformidade judiciaria, economica e civica para a federação administrativa, e uniformidade idiomática para a federação intellectual.

Defender a lingua nacional é defender a independencia e a fortuna da nação. E, para que todas estas condições essenciaes do nosso progresso material e moral efficaçmente sejam sustentadas e robustecidas, é preciso que todos os nossos homens de grande alma, philosophos e poetas, sejam educadores.

Permitti que me aproveite d'este feliz encontro amavel para hoje, no recinto d'esta Academia, em vez

de offerecer-vos devaneios de méra literatura, eu peça a vossa attenção e o vosso carinho para uma das faces do vasto problema complexo da nossa educação. Não sois egoistas cultores do feiticismo verbal, sacerdotes malabaristas da religião da palavra pela palavra. Sois verdadeiros artistas. Sois pensadores. Sei que vos agradarei, convidando-os para alguns minutos de pensamento util.

Á LIGA DA DEFESA NACIONAL

*Installação do Directorio Central,
na Bibliotheca Nacional — Rio de
Janeiro. — 7 de Setembro de 1916.*

Peço permissão para poucas palavras — não um discurso — apenas uma singela nota, que explique summariamente os motivos d'esta primeira reunião.

O patriotismo e a influencia, a fé e a responsabilidade, a abnegação e o credito dos Srs. Pedro Lessa e Miguel Calmon conseguiram reunir-vos. Appellando para a vossa competencia, para a vossa sabedoria e para o vosso fervor patriótico, esses dois grandes Brasileiros viram coroado de triumpho a sua nobre iniciativa. A Liga da Defesa Nacional está fundada. Contendo representantes de todas as classes produtoras e defensoras do paiz, este Directorio Central, se não congrega todos os grandes nomes do Brasil. (o que seria impossivel), congrega alguns dos maiores, dos mais bellos e respeitados, alguns que já fazem parte do patrimonio moral da nossa terra.

Os dois organizadores da Liga, por um excesso de generosidade, que não posso explicar e não sei agradecer, além de associar o meu pobre nome aos vossos, quizeram dar-me esta suprema honra, investindo-me da dignidade de interpretar os seus sentimentos. Ousei acceitar a incumbencia. Mas perdoareis, de certo, o meu atrevimento, attendendo a estas attenuantes: a simplicidade, a clareza, a brevidade do que vou dizer.

O paiz já sabe, pela rama, o que esta Liga pretende fazer: estimular o patriotismo consciente e cohesivo; propagar a instrucção primaria, profissional, militar e civica; e defender: com a disciplina, o trabalho; com a força, a paz; com a consciencia, a liberdade; e, com o culto do heroismo, a dignificação da nossa historia e a preparação do nosso porvir.

O intuito principal dos que nos animam é este: a fundação de um centro de iniciativa e de encorajamento, de resistencia e de conselho, de perseverança e de continuidade para a acção dos dirigentes e para o labor tranquillo e assegurado dos dirigidos.

O patriotismo individual, a crença pessoal, a consciencia propria nunca estiveram ausentes do maior numero das almas brasileiras. Mas esses sentimentos oscillam e vacillam numa vaga dispersão; e, nessa mesma dispersão deploravel, perdem-se e dissipam-se os esforços isolados. A extensão do territorio, a pobreza das communicações, o accordo pouco definido de uma federação mal comprehendida, a mingua da ventura em muitos sertões desamparados, a inopia da

instrucção popular sustentam e aggravam esta desorganização. A descrença e o desanimo prostram os fortes; o descontentamento e a indisciplina irritam os fracos; a communhão enfraquece-se. E' tempo de protestar e de reagir contra esse fermento de anarchia e essa tendencia para o desmembramento.

O protesto e a reacção estão nesta Liga, cujo titulo é claro e synthetico. A defesa nacional é tudo para a Nação. E' o lar e a patria; a organização e a ordem da familia e da sociedade; todo o trabalho, a lavoura, a industria, o commercio; a moral domestica e a moral politica; todo o mecanismo das leis e da administração; a economia, a justiça, a instrucção; a escola, a officina, o quartel; a paz e a guerra; a historia e a politica; a poesia e a philosophia; a sciencia e a arte; o passado, o presente e o futuro da nacionalidade.

Todo esse programma vasto e complexo não pôde ser estudado e esclarecido pela minha palavra incompetente. Fundada a Liga, devemos hoje confiar-vos esta missão altamente nobre. Pedimos ás vossas luzes um estatuto para a Liga, e um corpo de doutrinas e de exemplos, de boa palavra e de boa acção, que sejam guia e conforto para o Governo e para povo. As vossas mãos entregamos toda a segurança do Brasil.

Quizemos que esta primeira reunião do Directorio Central se realizasse neste dia. Assim celebraremos, sem solennidade, mas com o simples e sereno respeito dos verdadeiros crentes, o anniversario da Independencia. E quizemos que esta celebração se fizesse

neste lugar, — a casa dos livros, o templo das idéas,
— cerebro do Brasil.

Na minha consciencia, e na humildade da minha fervorosa esperança, acredito que este dia será, para a nossa historia, o complemento e o remate da obra de 7 de Setembro de 1822. Inaugura-se hoje a victoria da inteira e verdadeira independencia da nossa nacionalidade.

Recebei com carinho a Liga da Defesa Nacional, criação de Pedro Lessa e Miguel Calmon. Deus vos inspire, e a patria vos abençõe!

AO RIO GRANDE DO SUL

*Na sessão de recepção da Intendencia Municipal de Porto Alegre.
— 1 de Outubro de 1916.*

Srs. Presidente e membros do Conselho Municipal,
Sr. Intendente, minhas senhoras, meus senhores.

Falando a vós, falo a todo o povo rio-grandense.

Quando, ha tres dias, avistei o Rio Grande do Sul, senti que toda a sua alma sorria, abrindo-se para acolher a minha visita. O littoral do vosso Estado espelha e reproduz a lhaneza do vosso espirito. Quem vê, pela primeira vez, do alto mar, o aspecto da immensa costa, já se sente seduzido e chamado. Sem contrafortes de desconfiança, sem asperezas de repulsa, as praias serenas e baixas, lizas e claras, rasgam-se e oferecem-se: ha na sua alvura um carinho, e na sua suavidade um convite...

Esta primeira apparencia illude, tanto na vossa região, quanto no vosso temperamento. Esta suavidade, na configuração da costa, não é facilidade, e,

na vossa vida, não é fraqueza. Bem o comprehendí quando, enfrentando a entrada da barra, pasmei diante da surpreendente fabrica do porto, herculeo trabalho, titanica architectura: ahí verifiquei a real hostilidade da natureza, disfarçada, á distancia pela doçura enganadora, e, sobre essa rude difficuldade, sobre a dureza da terra e das aguas, a admiravel força, a imperturbavel tenacidade, com que lutastes e lutaes para criar e manter a riqueza do torrão em que viveis.

E' que a verdadeira força é sempre temperada de brandura. Nas cousas e nas almas, a real energia é sempre tranquilla e sorridente.

Da cidade do Rio Grande até aqui, contemplei o spectaculo espantoso do labor, que testemunha a grandeza do vosso patriotismo e da vossa coragem; e, ao lado d'isso, gozei o constante favor da vossa bondade, já experimentada pelo meu coração durante o caminho, agora augmentada e exaggerada nesta tocante manifestação, com que me captivaes. Quizestes esta manhã, receber-me, nas ruas, com a alegria do vosso povo, a frescura das vossas flores, a formosura das vossas mulheres e o desempenho dos vossos soldados; e, agora, neste palacio da cidade, quereis receber-me, e honrar-me supremamente, com a palavra encantadora de um dos vossos maiores poetas.

Não sei agradecer dignamente esta dadiva de amor fraternal. E não quero desperdiçar em expressões sem calor a intensa commoção que me domina. E' melhor que o meu olhar, nublado de gratidão, carregado de ternura, mudamente pouse sobre vós, numa benção reverente. E estimareis que, fugindo á vulgaridade

dos agradecimentos, eu prefira dizer-vos, com simplicidade, o verdadeiro motivo d'esta minha visita a esta cidade e a este Estado.

Não venho aqui prégar o patriotismo e o civismo, que já aprendestes em dois seculos de valor. A vossa historia, riograndenses, é um continuo tecido de heroismo, viva trama de provações e de exaltações. Desde a fundação do primeiro forte e primeira povoação na foz do Rio Grande, no meado do seculo XVIII, até hoje, a vossa alma tem sido nutrida de lutas, estimulada por contrariedades, orgulhecida por victorias, sempre agitada e trabalhada. Seria ridiculo que a minha presença e a minha palavra pretendessem criar aqui o enthusiasmo e a confiança.

O que me impelliu a viver alguns dias convosco foi a certeza da grande repercussão de tudo quanto se diz e de tudo quanto se faz nesta extrema região do Brasil. O que aqui praticaes é olhado, escutado e admirado em todo o resto do paiz. Algumas das vossas virtudes são tradicionaes e modelares: fartura e disciplina do povo, coragem e ordem na organização social, firmeza e modestia na administração; e a consciencia publica, que aqui se enraizou, não permittiu que longas convulsões partidarias destruíssem, nem ao menos perturbassem fundamente a vossa harmonia politica e economica. Vindo a vós, venho pedir que do seio do vosso povo nasçam e cresçam legiões de apóstolos. Sáiam professores e conselheiros, da multidão de fortes e de conscientes que já sois!

Conheceis como eu, e, melhor do que eu, podeis medir e pesar o valor e a difficuldade da obra que

emprehendemos os fundadores da Liga da Defesa Nacional.

Falei ha pouco, com ardente admiração, da construcção do porto do Rio Grande. Bancos movediços peregrinavam pelo fundo das aguas, numa perfida agitação, aqui e alli semeando tropeços e ciladas, embustes e sorvedouros, enleando e tragando os navios desgovernados. O trabalho humano afastou esse constante perigo. Duas leguas de muralhas de pedra, defrontando-se, impedindo a invasão das areias erradias, adarvando de policia e de segurança a estrada liquida que communicava o vosso dominio com o resto do mundo, oppuzeram-se ás arremettidas do pertinaz inimigo, invisivel e implacavel. E vidas e posses, almas e mercadorias, transporte de ouro e de pensamento, trafico de interesses e de affectos; prosperidade e paz, nutrição e liberdade, riqueza e conforto, commercio e industria, lavouras e familias, sociedade e governo — tudo isso foi libertado, defendido e sustentado pelo genio e pela perseverança do homem...

Esta conquista já feita póde ser trazida como simile e incentivo para a estupenda empreza moral, que queremos levar a cabo. Ha na alma do povo brasileiro, como em certos trechos do oceano mysterioso, bancos traidores, baixios insidiosos, areias fugitivas e assassinas, correntezas desencontradas e esmagadoras; são esta falta de unidade de patria, esta ausencia do sentimento de communhão, esta escassez da nossa instrucção, esta penuria do nosso armamento bellico e moral, esta miseria da nossa cohesão e da nossa disciplina, e outras tantas multiformes ameaças que

nos cercam e espiam. De onde vêm, para onde vão estes vagos escolhos errantes, estes indefinidos cursos de águas e de ventos? e onde, e como, e quando baterá contra estes riscos, desviando-se contra elles, perdendo-se contra elles, desgraçando-se contra elles, o roteiro da nossa vida de nação? Não o sabemos. Sabemos apenas que, em torno de nós e dentro de nós, ha choques possiveis e naufragios em perspectiva. A nossa impotencia, o nosso descuido, a nossa indifferença seriam um crime de lesa natureza, um suicidio ignobil e infamante...

Que fazer, contra a possibilidade do desastre e da ruina? — armar o Brasil, e defendel-o: e, no campo moral, em maravilhosas proporções de vontade, em prodigiosas progressões de intensidade de coragem e de paciencia, reproduzir, em favor da patria, este mesmo trabalho que, no campo physico, foi lançado e acabado na foz do vosso grande rio: a construcção de uma immensa e gloriosa muralha circular, guardando o sagrado páramo, em que circula a nossa historia, — o passado com as nossas tradições, o presente com as nossas incertezas, o futuro com as nossas esperanças: muralha inexpugnável, plantada no patriotismo, argamassada de instrucção, cimentada de disciplina, inabalavelmente firmada na gloria de crer e na honra de querer!

Tal é, senhores, o programma da Liga da Defesa Nacional; tal é o nosso sonho e a nossa ambição. Entre vós, governadores da nobre cidade de Porto Alegre, e deante do povo da capital d'este glorioso Estado, para a alma criadora e generosa do Rio

Grande do Sul levanto o meu coração, como uma hostia, ardendo em amor e sangrando em esperança. Riograndenses, mais do que nunca, o Brasil precisa hoje de vós, e confia em vós. Já sendo crentes, sede apóstolos! Já sendo soldados, sede instructores! heroes, filhos e netos de heroes, criae novas legiões de heroes! e continuae, augmentae, multiplicae infinitamente o vosso heroismo, em favor da unidade, da força, da defesa, da paz e da gloria do Brasil!

AO POVO RIOGRANDENSE

*Em Porto Alegre. — 2 de Outubro
de 1916.*

A vossa calorosa sympathia é para mim uma animação.

O applauso de uma turba indisciplinada só pôde agradar á ambição e á vaidade de demagogos sem escrupulos; mas o estímulo consciente, o apoio raciocinante, quando partem de um povo forte e educado, inimigo da anarchia, são uma recompensa consoladora para os homens sinceros e leaes, guiados na vida por um ideal superior, governados pelo desinteresse.

Conheço-vos, e quero que me conheçaes.

O povo riograndense é fanatico da liberdade, mas hostil á desordem, á descrença, aos desmandos dos nihilistas, que, com o nome de liberdade, encapotam a licença, e, com o pretexto de reconstituição radical da sociedade, mascaram o amor da destruição. Já muitas vezes, no decurso de dois seculos de existencia social, affirmastes a vossa independencia; e muitas

vezes, para defendel-a, derramastes o vosso sangue, arriscando os vossos lares, a vossa propriedade e a vossa vida. Mas sempre, nessas crises de febre, o sentimento, que alimentava a vossa coragem e a vossa colera, foi o da conservação do nome e da dignidade do paiz e o da salvaguarda dos vossos credos politicos, e nunca o da annullação da idéa da patria, o do anniquilamento da harmonia social sacrificada ao imperio das cubiças ou dos despeitos individuaes. Conhecendo-vos, acolho com o mais vivo desvanecimento esta prova de affecto.

E sabeí que sou digno da vossa estima. Nesta campanha em favor da unidade e da honra do Brasil, dou tudo e nada peço. Nenhum interesse proprio inflamma o meu trabalho. Não espero, nem quero, e nunca accetarei paga nem favores; nem cargos, nem posições, nem lucros, nem conquistas de mando, de popularidade, de dinheiro ou de honrarias. O que ambiciono é que todos os filhos da nossa grande terra sejam homens dignos da humanidade e Brasileiros dignos do Brasil; e que em todos elles viva, palpíte, fulgure esta chamma de fé e de esperanza patriotica, que guardarei inalteravelmente no meu coração, até o ultimo dia da minha vida.

Agradecendo a vossa bondade, quero ainda affirmar que não sou militarista, nem inimigo da paz. Não quero que o Brasil se fortaleça para orgulhos e crueldades de guerra. Quero que elle seja disciplinado e forte, não para atacar, mas para apparellhar-se em constante defesa, e para que a disciplina e a força deem a todos os seus filhos musculos e alma, vigor

e pensamento, saúde e consciencia, energia e bondade, alegria e ventura, paz e patriotismo.

Hontem, falando ao nobre Conselho Municipal d'esta cidade, disse que d'este povo glorioso sairão apóstolos para esta cruzada de civismo. Quero agora, em contacto directo comvosco, repetir e accentuar a expressão d'este intuito.

Sáia hoje d'aqui, da multidão que me ouve, um pioneiro, um propagandista: e, amanhã, propagandistas e pioneiros serão cem, e, depois de amanhã, serão cem mil. Ha na historia do Rio Grande do Sul um episodio que mostra como o heroismo de poucos heroes é capaz de se multiplicar em geneses de novos heroes: é a conquista dos Sete Povos das Missões. E' um documento de incomparavel belleza a "Memoria" que escreveu, sobre esta guerra, o chefe da expedição, o capitão de milicias Gabriel Ribeiro de Almeida, — curto e radiante poema de singeleza tocante e de espartana serenidade, que começa por estas simples palavras: — "José Borges do Canto e eu, com quarenta homens, fizemos a conquista dos Sete Povos das Missões, do modo que vou referir..." Eram, de facto, quarenta os companheiros de Gabriel Ribeiro e Borges do Canto, quando tomaram a guarda de São Pedro; dias depois, apresaram Santo Ignacio e São João Mirim, e, com a adhesão dos indios libertados, já eram trezentos e quarenta; affrontaram, depois, São Miguel, e, antes da investida, já eram mil; e, quando assaltaram e ganharam São Lourenço, São Luiz de Gonzaga e Santo Angelo, já eram um exercito...

Se é assim possível este prodígio do apóstolado para as conquistas da força e da guerra, como poderemos duvidar da sua possibilidade para as conquistas do bem e da justiça?

Porque esta cruzada, senhores, é de bem e de justiça. Não pretendemos arrastar o povo brasileiro a violências de ataques e de usurpação. Queremos leval-o, pela persuasão e pelo exemplo, ao sentimento nobre e justo da defesa própria, e, depois, ao amor, á fraternidade, á felicidade da communhão; queremos dar aos quasi trinta milhões de homens que povoam a nossa terra esta suprema posse e esta incomparavel ventura: a posse da consciencia nacional, e a ventura da conservação da unidade que nos foi legada pelo sacrificio dos antepassados.

Para esta sublime expedição de paz e de gloria, assistiremos ao divino milagre da multiplicação dos heroes. Do vosso seio romperão exercitos de bondade.

A minha alma de Brasileiro confia no povo do Rio Grande do Sul!

O NEGRINHO DO PASTOREIO

Na Academia de Letras do Rio Grande do Sul. — Porto Alegre. — 4 de Outubro de 1916.

Renan, com o seu fino estylo e a sua piedosa ironia, disse que, se ha Paraiso, ou Campos Elyseos, ou Tartaro, ou que nome caiba á mansão dos espiritos desencarnados, — estes espiritos devem, na sua nova e definitiva morada, reunir-se em grupos harmonicos, de acordo com as suas tendencias e as suas affinidades moraes: de modo que haverá cenaculos no céo, como na terra, onde geometras confabulem com geometras, poetas versejem com poetas, e grammaticos contendam com grammaticos... Este gracioso dito é apenas uma figura literaria, explicando e justificando bem a teimosia das nossas inclinações. Aqui, sobre a crosta do nosso planeta, conservamos até á extrema velhice os nossos habitos, effeitos da gymnastica da nossa alma: e é provavel que em outras vidas guardaremos as mesmas vocações, que temos nesta vida.

Assim, hoje recebido por vós, nesta Academia, que tratarei comvosco, senão literatura? Literatura trataremos, mas não literatura ociosa e van.

Literatura não é apenas philologia e poesia, rhetorica e esthetica: é todo o pensamento e toda a palavra, todas as paixões e todas as idéas, todas as formas, todas as côres e todas as harmonias da vida: “é a consciencia da humanidade”, como a definiu Sainte-Beuve. E, como a humanidade é a ampliação da Patria, é força que cada literatura nacional seja a consciencia da nação. Cada Academia de Letras é um Campo Elyseo na terra; aqui, nestes remansos da vida commum, os nossos espiritos até certo ponto se desencarnam das contingencias materiaes; aqui pensamos e sonhamos, e aqui nos confinamos na existencia mental... Mas, sendo homens, como abandonaríamos as paixões, os amores, as tristezas, as incertezas, que todos os outros homens sentem lá fóra? Ainda reclusos na meditação e no estudo, somos sempre da Terra, e da nossa terra.

A literatura, que aqui praticaes, é a boa literatura. Todos os vossos livros, que já li, trazem a luz e o aroma do vosso ar e dos vossos campos. A vossa historia e os vossos costumes, a alma da vossa terra e da vossa gente, poesia da natureza, e poesia do povo, vivem nas paginas, que tendes imaginado e publicado. E’ o melhor louvor que vos posso dar. Exalto e abençoô o vosso nacionalismo literario. Não vos contaminou o vicio da arte dissolvente, em que pontificam distribuidores de palavras ôcas, professando que o talento pôde reinar sem o patriotismo, como sem a moral. Homens de letras, sois os mesmos ho-

mens simples, amigos da vossa gente, e cidadãos na vida corriqueira e na vida da arte, cidadãos entre os vossos filhos e entre os vossos livros, nos lares que fundastes com o vosso affecto, e nas obras de ficção, que apparelhastes com a vossa intelligencia.

Se, agradecendo as boas palavras de animação que me dirigistes, venho entreter-vos de assumpto que não é de pura technica litteraria, é porque sei que a vossa litteratura é flor e fruto do vosso patriotismo. E sei tambem que o vosso povo vos escuta com carinho e vos lê com confiança... Dizei-lhe, senhores, que elle deve, como vós, persistir no seu culto regionalista, amando o seu torrão, e cada vez mais se integrando no culto nacionalista, na adoração da unidade da patria. E dizei-lhe que, para os povos dignos, como para os individuos nobres, a mais bella das virtudes é a do desinteresse.

Ha no vosso "folk-lore" uma lenda admiravel, distinctivamente vossa, talvez a mais legitima de quantas alimentam a poesia popular d'esta região. E' a do "Negrinho do pastoreio".

Não sei dizel-a, com a côr e a vida local que lhe deu o vosso illustre e mallogrado confrade Simões Lopes Netto... Procuro reproduzil-a, de côr, em breves palayras. Escravo humilde, o pobre pequeno era propriedade de um estancieiro rico e avaro. Este, e um filho d'elle, tão malvado como o pae, maltratavam o servo, comendo-o de trabalhos, mirrando-o de fome, desesperando-o e martyrisando-o. Encargado de pastorear, por trinta dias, trinta tordinhos negros, o Negrinho adormecera. Ladrões tresmalharam a cava-

lhada: o pequeno pastor perdeu o pastoreio, e, espancado e pisado, foi mandado a “campear o perdido”. Valeu-lhe a Virgem, sua madrinha, e restituiu-lhe o rebanho. Mas o filho do fazendeiro, perverso, enxotou os cavallos de novo, e o misero perdeu de novo o guardado. Exacerbado pela colera, o senhor amarrou o desgraçado, retalhou-o a relho, e atirou-o, morto, posta de carne em sangue, ao fundo de um formigueiro.

Passaram-se tres dias e tres noites. Na manhã do quarto dia, o algoz foi visitar a covã, em qué jazia o Negrinho: e viu-o vivo, de pé, nimbado de sobre-humana luz, lindo e sereno, no meio da tropa dos tordilhos negros; e, sobre elle, pairava no céu a Virgem, que o abençoava. . . Diz o povo que o “Negrinho do pastoreio” ainda hoje vive por ahí, em campos e restingas, em banhados e rios. E’ um genio generoso, um anjo bom, perpetuando-se em bondade e generosidade. E’ elle quem acha e descobre os animaes extraviados, os objectos perdidos, as posses roubadas. Assim, o infeliz pastorzinho, paga depois da morte, em beneficios, os soffrimentos que recebeu durante a vida. . .

Acredito, senhores, que ha em todas as lendas e fabulas do povo um fundo de verdade: porque em cada lenda vive um symbolo, e em cada fabula palpita uma lição. O povo tem uma poesia e uma philosophia, um raciocinio e um genio inventivo, um bom senso e um senso prenunciador, que nascem, viçam e fructificam sem cultivo. O povo tem a mesma fecundidade e a mesma espontaneidade da terra. Nesta lenda, não vejo apenas um recreio da imaginação popular.

Esta magnifica e piedosa creatura de ficção, que é o martyrio generoso em força bondosa e tormento acendrado, desabrochando em abnegação, — é talvez um symbolo do passado e do futuro do Rio Grande do Sul.

A mais bella das virtudes é a do desinteresse. O Rio Grande do Sul, de todos os trechos da terra brasileira, é talvez o que mais tem soffrido em lutas pela liberdade e pela dignidade da nação em guerras, em favor da formação da nossa soberania. Já elle nos salvou, a todos nós, em dias tristes. E não sabemos se outros dias tristes surgirão para nós... Não vejo, contra o Brasil, perigos immediatos, que possam a breve prazo perturbar a nossa paz. Todos amamos a paz, que é a protecção do trabalho, a condição essencial da felicidade, a honra da civilização, e a nobilitação da especie. E acredito que ardentemente, como nós, amem a paz os nossos vizinhos, que, felizes e ricos de territorio e de trabalho, de searas e de celeiros, de população e de gloria, não podem nutrir o monstruoso desejo da guerra. Fraternalmente os estimamos e confiamos na retribuição d'esta amizade. Mas tudo é possível, na perpetua contradicção da vida dos individuos e das nações; e outros riscos podem apparecer para nós, vindos de mais longe, ou ainda nascidos de nós mesmos, das nossas desintelligencias, ou dos erros dos que nos governam. Quem sabe? Já vos devemos bastante; e, um dia, se perdermos ou estivermos arriscados a perder um pouco da nossa liberdade ou da nossa honra, — talvez será o Rio Grande do Sul quem readquira o perdido, como aquelle genio bemfazejo dos vossos campos...

A vossa literatura é uma força. Já a aproveitastes para a cohesão e a consciencia dos riograndenses: colligindo e catalogando as lendas do povo, os contos singelos e as ingenuas trovas dos vossos campinos, e, depois, com o vosso talento e a vossa cultura, estabelecendo em romances e poemas os varios aspectos do trabalho, das lutas, do amor, do enthusiasmo de toda a vida da população, — de certo modo criastes a existencia moral da sociedade em que viveis, porque a fixastes em belleza artistica. Deveis agora aproveitar esta força para uma multiplicação de cohesão e consciencia, — para o trabalho da unidade da patria. Professae e prégaes, em todas as paginas que escreverdes, este principio: a riqueza, o progresso, a ventura de cada um dos factores da federação não devem ser unicamente inventados e augmentados para o engrandecimento proprio, mas para o engrandecimento do Brasil.

Senhores, guardarei no meu coração a memoria do affago com que me recebeis. Já vos amei, de longe; ainda mais vos amo, encontrando no vosso olhar, na vossa voz, no vosso trato intimo, o mesmo calor de ideal e a mesma franca bondade que achei nos vossos livros; e ainda mais vos amarei, se louvardes e estimardes em mim, não o poeta, que talvez eu seja, mas o homem simples e sincero, que quero ser, um bom Brasileiro, um bom amigo da vossa pequena terra formosa e da nossa immensa e querida terra.

AOS ESTUDANTES
DO RIO GRANDE DO SUL

*Porto Alegre. — 11 de Outubro
de 1916.*

Decidindo esta minha visita ao Rio Grande do Sul, deliberei logo que algumas palavras minhas vos seriam dirigidas. Já aos moços estudantes de São Paulo e de Minas abri o meu coração cheio de sustos e esperanças; e, como a elles e a vós, ainda pretendo falar aos vossos irmãos de outras capitães do sul e do norte do Brasil, se lograr vida e saúde para esta peregrinação que me rejuvenesce e consola.

O presente, ás vezes, entristece-me: já não posso esperar prodigios de coragem e desinteresse da maior parte da gente da minha geração, amadurecida e envelhecida no olvido do civismo. Na vossa terra, não ha motivo para que a minha alma se desanime: aqui a facilidade das communições, a abundancia do trabalho, a intensidade do povoamento favoreceram a

riqueza natural e a organização económica; a vizinhança proxima de outra raça e de outro idioma, e o espectáculo constante de uma mistura de outras raças e de outros idiomas no seio do vosso dominio estimularam o vosso nativismo e robusteceram o vosso orgulho; isto explica o vosso adeantamento, e a igualdade da vossa condição social, de modo tal, que não é possível affirmar aqui a existencia de um verdadeiro sertão, no sentido pejorativo, de uma zona bruta tocando e contrastando com a zona civilizada. Mas o Brasil é grande. E nesta grandeza, que me amedronta, nem sempre se encontram a felicidade e a consciencia, que aqui se evidenciam. Em muitos pontos, a escassez do trabalho, a pobreza e o desamparo do povo, e a indifferença ou a maldade dos mandões deixaram immensos tractos cobertos de matas incultas e de populações apathicas. Dos responsaveis d'esta miseria já não é possível que venham redempção e remedio... Porém tudo é possível exigir do verdor e do calor das almas que desabrocham á vida. Por isso, é aos moços principalmente, que prégo. Nelles confio, nelles renasço, nelles me alegro, — depositarios do futuro, predestinados para dias de maior alegria.

Alimentei durante muitos annos no meu coração o desejo de ver o Rio Grande do Sul. Desde menino, quando comecei a amar o Brasil pelo estudo da nossa geographia e da nossa historia, comecei a admirar especialmente este trecho da nossa terra, este confim da nossa nacionalidade e da nossa lingua, — campo limitrophe, em que se bateram e definiram duas

metropoles, duas colonias, e, depois, tres povos e tres patrias. Enthusiasmou-me a leitura dos vossos annaes, em que sopra um largo vento de liberdade e arde uma continua chamma de heroismo. Mais tarde, depois de conhecer o vosso passado, conheci o vosso presente; e, tratando e amando, durante a minha mocidade e a minha idade madura, muitos filhos do Rio Grande do Sul, senti o meu amor alargado e enraizado por vós.

Conheço-vos bem. Sois bravos; e a bravura é a nobreza das almas fortes; sois generosos, e a generosidade é inseparavel da verdadeira bravura; sois ousados, e a ousadia, impulso da iniciativa, é uma clara virtude da força e da intelligencia. Se sois, ás vezes, rudes, — a vossa rudeza, sendo um excesso da franqueza, é apenas o recato com que disfarcaes a bondade; e se, ás vezes, sois um tanto quichotescos, — não vos envergonheis d'este defeito, se é que é defeito este exaltado impeto, com que, logo á primeira assomada do brio, arrancaes á mão-tenente contra a injustiça real ou apparente que vos irrita: porque, no fundo de todo o homem leal existe um Quichote; e o quichotismo sincero sempre é mais nobre do que um pancismo interesseiro e medroso...

Conheço-vos bem. Saudando-vos, moços, que tão liberalmente me recebeis e acolheis, saúdo todo o Rio Grande do Sul, todas as vossas cidades da campanha e da serra, rumorejantes de escolas e de fabricas, e todos os vossos campos cobertos de layouras e de rebanhos, e toda a vossa gente leal e simples, amorosa e sonhadora, hospitaleira e dadivosa, em que

revivem a independência e a bondade dos primeiros pastores e arculutores da alvorada da civilização humana.

Sei que amaes ardentemente este sólo que pisaes, este ar que respiraes, e as tradições de nobreza de alma que os vossos maiores vos legaram. O que peço e ambiciono é que este vosso amor constantemente se alargue e diffunda, abrangendo, além das raias do vosso dominiq de unidade da federação, toda a immensa patria, que precisa da vossa força material e moral. O Rio Grande do Sul é rico e feliz. Mas nem todo o Brasil é opulento e venturoso... Nos lares, em que as prendas naturaes ou adquiridas se não distribuem igualmente pelos irmãos, a unidade da familia exige que os mais dotados se sacrifiquem pelos menos favorecidos. A nossa federação é uma familia ainda mal organizada. E devemos organizal-a pelo affecto: o amor tem uma força especifica e soberana que vale mais do que a autoridade das leis da razão.

Amanhã sereis chamados á educação e á administração do vosso Estado. Lembrae-vos sempre este principio velho como a civilização, que já professava Aristoteles, ha vinte e dois seculos: "Toda a sociedade humana é uma associação de familias, cujo unico fim é conseguir uma cohesão capaz de inventar a felicidade commum". Não sois sómente riograndenses, sois brasileiros. A terra em que viveis não pôde suggerir-vos um estreito provincianismo, um amor nativo de curta envergadura. A vossa paizagem liberta a vossa intelligencia do captiveiro do egoismo. O rajo

moral, aqui, é graduado pelo raio visual. Entre as ramificações da vossa serra marítima, alargam-se leguas e leguas de varzeas sem fim, estendidas em planícies calmas, ou na suave ondulação das coxilhas: neste descampado, nasce a liberdade e viça o desprendimento. Não tendes deante de vós, nem dentro de vós, a idéa de um torrão mesquinho, ambito parco de posse e de carinho onde o vosso coração se possa contentar com a unica ventura da riqueza avara e da solidariedade medida: a familia e o gado, os pagos e as layouras, a mediania no pão e na dedicação. A força das azas está na razão directa do desdobramento do horizonte. Sentis bem que, para além das divisas do Rio Grande do Sul, está o Brasil. Sentis que a vossa terra não acaba alli nas aguas do Pelotas e do Uruguay, da barra de Mampituba ao Pepiry-Guassú. Amplia-se o vosso regionalismo e desdobra-se em nacionalismo; expande-se em patriotismo o vosso nobre orgulho domestico. Sentis que, como filhos de uma espalhada familia, deveis amar e defender a nutrição, a ventura e a dignidade de irmãos, que nunca vistes, mas que vivem no vosso coração: e pela consciencia da vossa força, e pela responsabilidade do vosso nome, sentis que, estando o Rio Grande do Sul dentro do Brasil, todo o Brasil está dentro do Rio Grande do Sul.

Sede Brasileiros sempre! E, sendo instruidos, sede fortes; sede soldados do Brasil!

Procurando deturpar o que, ha um anno, disse aos moços de São Paulo, alguém inventou que indiquei

o quartel como o unico laboratorio da regeneração do caracter... Nunca disse isto, porque, felizmente, não sou um espirito desvairado. Espirito desvairado é o que machinou esta necessidade... Quero e sempre quiz a instrucção e a defesa do paiz pelos livros e pelas armas. Quero a escola dentro do quartel, e o quartel dentro da escola. A segurança das patrias depende da intelligencia e da força: o estudo defendendo a civilização, e a disciplina defendendo o estudo.

Ha sempre um perigo nacional. As nações, como os homens, por mais robustas que sejam, estão sujeitas a doenças imminentes e traiçoeiras. A vida é uma estrada desconhecida, em que o viajante, a cada passo, adivinha uma surpresa e uma emboscada: em cada cotovello da trilha, apparece o monstro, que Oedipo entestou no caminho de Thebas. A mais forte das nações da America, a grande Republica dos Estados Unidos do Norte, forrada de milhões e de fortalezas, abastecida de plantações, de fabricas, de escolas e de arsenaes, acaba de sentir no ar este perigo vago, este presentimento inconsistente, — rebate salutar, alarma benefico: e augmentou a sua defesa, e adarvou de novas forças de terra e de mar a sua nacionalidade. Se têm esta cautela as nações em plena saude, como não hão de tel-a as nações enfermas, como a nossa, enfraquecida pela ignorancia publica, pelo desprestigio dos governos, pela mingua de estadistas superiores, — extensissima e desarmada, desaconselhada e indisciplinada, arriscando-se á pobreza e á anarchia?

Disse Michelet um dia: “A França é um soldado!”

De todas as nações deve dizer-se o mesmo. Cada nação deve ser um soldado sempre armado, sempre alerta, sempre vigilante: não um soldado de conquista, nem de terror, como uma ameaça constante contra o socego dos vizinhos e dos hospedes, mas um soldado de defesa, como uma constante segurança para o socego dos donos e dos amigos da casa.

Pelas vossas tradições, meus amigos, já podeis dizer que: “O Rio Grande é um soldado!” Esperemos que, em breve, seguindo toda a nossa patria o vosso exemplo, possamos com razão dizer: “O Brasil é um soldado!”

O EXERCITO E A POLITICA

A' guarnição e aos estabelecimentos militares de Porto Alegre. — 12 de Outubro de 1916.

E' infinitamente grata ao meu sentimento esta brilhante festa, offerecida pela officialidade da guarnição e dos estabelecimentos militares de Porto Alegre. Penhoram-me estas manifestações da amizade e da animação de tantos officiaes carregados de serviços ao paiz; e exalto-me em esperança e ardor, vendo e comprehendendo o enthusiasmo dos jovens alumnos do Collegio Militar, futuros defensores e protectores do Brasil.

Permitti que um amigo, humilde mas leal, do exercito brasileiro aproveite esta occasião, para accentuar a grandeza dos sacrificios que a nação ainda exige do vosso patriotismo.

Estamos vivendo momentos de intensa gravidade da nossa historia. Devemos falar-nos com firmeza, já que somos amigos.

Uma grande magua enchia o meu coração: a angustiosa sensação de um divorcio monstruoso, feito de equívocos e de desconfianças, começando a separar o nosso exercito do nosso povo. Divorcio monstruoso e incomprehensivel! Como poderia viver o paiz, com este cancro devorando o seu seio, — os soldados não amando aquelles que os sustentam e devem glorificar-os, e o povo não amando aquelles que devem defendel-o e honral-o?

E' inutil lembrar os motivos, de que se originou esta situação deploravel; não recordemos, na doce tranquillidade da convalescença, a tristeza da doença que nos abateu. E é dispensavel, tambem, que mostremos e demonstremos os admiraveis symptomas, a innegavel certeza da existencia d'esta convalescença, que já é cura. O exercito já se reintegrou no povo, como a propria força da alma nacional. E não esqueçamos que esta obra de harmonia, felizmente agora realizada, foi devida em sua maior parte ao genio do Barão do Rio Branco, cuja memoria deveis guardar e venerar, — porque elle sempre foi um grande amigo vosso, e um grande defensor das vossas tradições.

Acredito que já está hoje definitivamente traçada a linha de um claro e liso roteiro para o nosso destino. Pelo sorteio militar, ou pelo processo que mais seguro e solido ainda se possa criar, — teremos o exercito que devemos possuir: não uma casta militar, nem uma profissão militar, nem uma milicia assoldada, nem um regimen militarista opprimindo o paiz: mas um exercito nacional, democratico, livre, civil, de defesa e de cohesão, que seja o proprio povo, e a propria essencia da nacionalidade affirmada em sobe-

rania popular e em consciencia civica. Como já disse, desejamos que “o que se chama “uniforme” seja realmente uniforme: a farda para todos; para todos, o dever, a honra, e o sacrificio”.

Realizado este desejo, então, todo o trabalho machinado gravitará sobre este ponto de acção e direcção: o official.

O official é todo o exercito: é a alma, — toda a sensibilidade, toda a intelligencia, toda a vontade da corporação dos soldados. Cesar disse que “todo o homem tem no intimo um principio de calor e de impeto, que desperta e se accentua pelo movimento: mas só o official pôde utilizar e aproveitar este natural impulso”. Dezoito seculos depois de Cesar, Napoleão attribua ao influxo da força moral tres quartos da efficiencia militar, da qual apenas um quarto depende do factor physico.

Cesar e Napoleão falavam apenas do “successo” da guerra. Agora, o nosso exercito será, não uma escola de violencia offensiva, mas uma escola de consciencia defensiva, de paz activa, e de civismo. E, aqui, ainda são mais necessarias, e ainda mais rigorosas devem ser as virtudes do official. No quartel, o official deve ser, como o professor na escola primaria: um sacerdote, um director de intelligencias e de caracteres.

Para que a sua acção moral seja efficaz, é indispensavel que elle seja um fanatico da sua profissão, exclusivamente dedicado ao seu mister, abnegadamente consagrado ao destino do seu sacerdocio.

Das diversões ou distrações, que facilmente se offerecem á alma do official, a mais perigosa é a do exercicio da politica.

Ha politica e politica. Ha uma, que póde e deve ser aberta á actividade de todos: é aquella que paira acima dos interesses privados e partidarios, acima da cubiça do mando e da vaidade, exercitando-se nobremente num plano superior, onde imperam a necessidade nacional e o interesse collectivo; nesta já fostes admiraveis politicos, quando fostes politicos nas lutas da Independencia, na unificação da patria, na guarda do territorio e da nacionalidade, na abolição do captivo, na proclamação e na defesa da Republica.

Mas ha uma outra, que não é propriamente politica, e deve ser vedada ao vosso mandato. Como póde um militar, um verdadeiro conhecedor e um bom amigo da sua missão, trocar a sua independencia pela dependencia das transacções da politicagem; trocar a linha recta e indivisa que a investidura militar traça ao soldado, pela triste linha tortuosa que as ambições impõem ás camarilhas sem programma e aos corrilhos sem bandeiras; e trocar a sua moral integra e firme, fundada no dever, na disciplina, na justiça, por essas duas moraes parallelas da vida demagogica, — uma moral no lar e na vida intima e outra moral na vida publica, uma condemnando todas as traições na existencia domestica, e outra tolerando, aconselhando e praticando todas as mystificações e todas as deslealdades na existencia partidaria?

Felizmente, senhores, já visitei muitos quartéis, e já ouvi dezenas e dezenas de officiaes, em varios pontos do paiz; e sei que a immensa maioria da officialidade, desenganada das aventuras amargas do partidarismo, quer, animada de uma vontade inabalavel, dirigir e educar, com a consciencia do seu papel de

directora e educadora, o novo exercito de cidadãos que queremos e esperamos possuir. Neste papel, serei sempre grandes e bellos. E, enquanto eu vos encontrar firmes e heroicos nesta abnegada missão, — até ao meu ultimo dia de vida dedicarei a minha humilde sinceridade ao proposito da glorificação dos vossos serviços.

Conservarei na minha memoria um grande carinho por esta hora de intensa alegria civica. D'aqui sairei com a mais viva gratidão pela estima que me demonstraes e pela confiança que os vossos intuitos me inspiram.

Confiança, que me consola e me dá forças; vendo-vos e ouvindo-vos, já vejo uma Patria nova e admiravel, que renasce, e já ouço o hymno victorioso, que ha de acclamar, num premio e num agradecimento, a crença e a tenacidade de todos os que pelem e pelejem esta nobre campanha de patriotismo.

As armas e aos corações dos nossos heroes devemos até hoje a unidade da patria: e do definitivo consorcio do povo e do exercito, inflammados do mesmo sentimento, identificados no ideal da "nação armada", espera o Brasil radiantes éras de paz e de grandeza.

A LINGUA PORTUGUEZA

*No Centro de Letras, em Curitiba,
Paraná. — 17 de Novembro de
1916.*

Meus companheiros. Sinto-me bem entre vós, no seio da minha família de arte, como um filho da casa, que sempre esteve presente e assíduo no lar, embora corporalmente separado dos penates por leguas e leguas de terras e mares.

Não ha aqui, entre nós, escriptores do Paraná, ou do Rio de Janeiro, ou de qualquer provincia literaria do Brasil. E não ha aqui poetas que valham mais ou menos do que outros. Ha aqui escriptores e poetas do Brasil, artistas da mesma arte brasileira e nosso patrimonio commum. Somos reflexos reciprocos, porque pensamos e vibramos no mesmo ideal, uns vivendo dos outros, e todos brotando do ambiente em que nos movemos; somos todos a mesma luz, o mesmo halito, a mesma voz do meio em que nascemos e morremos, brilhando da luz do nosso firmamento, respirando o

doce ar que as nossas florestas expiram, cantando e gemendo das musicas secretas, que residem em nossas montanhas, em nossos valles e em nossos rios.

Nesta deliciosa reunião, não falemos propriamente de nós, apenas como homens e como artistas. Falemos da lingua admiravel, que, com o torrão natal, recebemos dos nossos maiores: d'ella falando, falaremos de nós todos, como Brasileiros, e do futuro e da segurança do Brasil.

Aproveitando esta feliz occasião, peço especialmente o vosso amor e o vosso cuidado para um dos fins da nossa Liga da Defesa Nacional: "promover o ensino da lingua patria nas escolas estrangeiras, e a criação de escolas primarias nossas, nos nucleos coloniaes".

Esta propaganda é indispensavel aqui, no sul do paiz, no Paraná, em Santa Catharina e no Rio Grande do Sul.

A nós, homens de letras, impõe-se o dever da direcção d'este movimento.

O povo, depositario, conservador e reformador da lingua nacional, é o verdadeiro exercito da sua defesa: mas a organização das forças protectoras depende de nós: artifices da palavra, devemos ser os primeiros defensores, a guarnição das fronteiras da nossa literatura, que é toda a nossa civilização.

E' indispensavel que, constantemente, seja defendido e protegido o nosso idioma. Já disse, um dia, e todos o comprehendem e professam: o maximo problema da formação da nossa nacionalidade é a assimilação dos elementos ádvenas, que estão fecundando e enriquecendo a nossa terra.

E' preciso fundir num corpo homogeneo todos esses atomos estrangeiros com os atomos indigenas. Não queremos e não podemos operar um milagre impossivel, transformando em Brasileiros todos os immigrants, todos os forasteiros, que vêm trabalhar connosco: porque o seu patriotismo, tão sagrado como o nosso, deve ser intangivel. Mas devemos querer que os filhos d'esses estranhos sejam nossos! Abrimos o Brasil a todo o mundo: mas queremos que o Brasil seja Brasil! queremos conservar a nossa raça, o nosso nome, a nossa historia, e, principalmente, a nossa lingua, que é toda a nossa vida, o nosso sangue, a nossa alma, a nossa religião!

Em grande parte, o vocabulario nacional é filho, não do homem, mas da terra.

Da lingua portugueza, que falamos e escrevemos no Brasil, ha milhares e milhares de vocabulos que não têm entendimento nem significação em Portugal: nomes de plantas, de animaes, de visões e apparencias da terra, do céo, do mar, de utensilios de guerra, de caça, de pesca, de lavoura, de navegação, de industria. D'essas palavras, legitimamente brasilicas, muitas são legados dos dialectos indigenas ou africanos: outras, porém, sem ascendencia real, sem raizes nos idiomas nativos ou importados, são verdadeiras invenções do povo e directas inspirações do torrão nacional, originadas da contemplação dos accidentes physicos do territorio, da luz e da côr do firmamento, da agitação dos rios e do oceano, do barulho do vento e das folhagens, do canto das aves, de todas as fórmãs e de todas as vozes do meio em que vivemos. Esse phenomeno,

verificado e estudado por todos os philologos, apparece na formação de todos os idiomas.

Assim, a lingua faz parte da terra. Se queremos defender a nacionalidade, defendendo o sólo, é urgente que defendamos tambem, e antes de tudo, a lingua, que já se integrou no sólo, e já é base da nacionalidade.

Meus companheiros, o Brasil precisa do trabalho e da dedicação de todos os seus filhos. Nós, homens de pensamento e de palavra, de intelligencia criadora, e de cultura educadora, devemos ser os primeiros defensores do nome nacional, os bandeirantes da nossa honra e os escoteiros do nosso resurgimento.

Ha dias, na linda festa civica do Tiro Rio Branco, um dos vossos, o meu velho e querido irmão Emilio Pernetá, disse estas bellas palavras: "Apesar das iniquidades, de todas as miserias e decepções, creio que o progresso humano, como a vida, não tem principio nem fim; o homem tem o direito de acreditar em tudo que idealiza e em tudo que sente: todos os sonhos são realizados". Sim! as grandes nações são filhas da crença e da vontade de seus pensadores. Nesta campanha nacionalista, venceremos, porque queremos vencer!

O Brasil será magnifico e immorredouro!

Na vida de todos os povos, como na vida de todos os homens, ha sempre syncopes e quedas. Mas nem sempre ha prenuncios de morte nesses desfallecimentos. Muitas vezes, a descaida é concentração e provisão de forças novas.

Dentro do vosso territorio maravilhoso existe um dos prodigios da natureza: o Salto das Sete Quédas.

Em sete rebojos de espuma raivosa, em sete collapsos de desanimo, em sete precipitações de desesperação, a agua do Paraná desaba e rue, acordando com o seu formidavel rugido de agonia os écos de sete leguas do arredor. . . Mas essa agonia é resurgimento! A toalha desabada do rio alarga-se, numa soberania conquistadora, banhando e fertilizando todas as florestas que marginam a colossal vertente platina. As sete quedas do Paraná são sete milagres de energia e de generosidade. . .

Assim, tambem, cada quéda da nossa nacionalidade é um natal glorioso. Ainda cascadeamos, ainda nos despenhamos, e ainda concentramos o nosso valor. Mas o valle da promissão nos espéra: e nelle desdobraremos toda a nossa grandeza victoriosa.

O Brasil será magnifico e immorredouro!

XXVIII

AOS ESTUDANTES DO PARANÁ

*Na Universidade do Paraná. —
Curitiba. — 17 de Novembro de
1916.*

Carinhosamente acolhido no seio d'esta Universidade, agradeço a honrosa animação, que me é dada, nas consoladoras saudações que acabo de ouvir. Protestando a minha gratidão aos illustres professores d'esta Casa, peço-lhes venia para que as minhas palavras sejam especialmente dirigidas aos alumnos.

Quando me vejo entre os moços da minha terra, sinto-me precipitado, como por um milagre, fóra de mim mesmo e do tempo em que vivo, deslocado da minha idade, arrojado para uma época vindoura: já não me vejo no Brasil de hoje, ainda em formação confusa, mas no futuro em que elle viverá completo e glorioso.

Entre vós, moços do Paraná, ganho a vossa mocidade, tomo para mim a vossa esperança e a vossa

coragem, e sinto em vós e em mim o Brasil de amanhã. Obrigado, pelo bem que me faz a vossa amizade; e sede bemditos, pela gloria que dareis á nossa Patria.

Permitti que vos dê alguns conselhos de amigo e de irmão mais velho. Não quero prégar-vos patriotismo, porque conheço, pelo nobre clarão que ha nos vossos olhos, o incendio de fé que lavra nas vossas almas. Desejo, porém, avisar-vos que o verdadeiro patriotismo não deve ser impulsivo e cego: deve ser consciente e raciocinante; não deve ser feito sómente de crença e de orgulho: deve ser feito tambem de susto, de sobresalto, de cuidado e de vigilancia.

A nossa vida actual está rodeada de riscos, que, de um momento para outro, podem assaltal-a. Para que sejam conjurados os riscos externos, é necessario que o corpo e a alma de cada Brasileiro se armem de energia e dê disciplina, afim de que a collectividade, ciumenta de cohesão e de consciencia, fique immune de qualquer fraqueza, a salvo de qualquer investida de aventura. E para que se annullem os riscos internos, — insubordinação nacional, descrença e apathia, desmando de cubiça individual, desejo morbido de vencer e subir depressa, amor exaggerado do descanso e do conforto, declive perigoso da tranquillidade para o ocio e da facilidade para o luxo, — é necessario que os homens mais cultos do paiz, os directores do povo deem o exemplo do sacrificio e do desapego das ambições.

Quando entrardes na vida publica, moços de hoje,

políticos de amanhã, praticae e ensinae a virtude maxima do homem: o desinteresse.

Foi por falta de desinteresse que muitos e muitos Brasileiros da minha idade, como eu, desertaram durante longo tempo o culto civico, e esqueceram pelo serviço quasi exclusivo da gloria individual e da commodidade propria o serviço sagrado da Patria. Foi por falta de desinteresse dos cidadãos e dos governos que o Brasil chegou a perder o antigo brilho e a força antiga, com que os nossos maiores o collocaram durante muito tempo na vanguarda de todos os paizes do continente.

O verdadeiro patriotismo, o patriotismo que deveis comprehender e cultivar, é, antes de tudo, a renuncia do egoismo.

Nada valem os nós, individualmente. Valemos muito, e tudo, pela nossa communhão. Todos valemos, pelo bem que damos á Patria. Os poetas, que lavram as almas, e os políticos, que dirigem os povos, não valem mais do que os agricultores, que aram a nossa terra, e os pastores, que guardam os nossos gados.

Não vos orgulheis do fulgor da vossa intelligencia; mas contentae-vos da satisfação inteira que vos der o cumprimento do dever. A virtude é mais natural e mais bella do que o talento. A bondade é mais espontanea e mais fecunda do que a sabedoria. Nem todos os homens são capazes de ter genio; mas todos os homens são capazes de ter honra e misericordia.

Sede bons, fortes e justos; e abnegae-vos! Devemos

todos fluir e desaparecer, com a nossa força e com a nossa abnegação, como os arriões se perdem nos rios e como os rios se dissipam no oceano.

Quando desaparecermos da terra, nella ficaremos, não com os nossos nomes passageiros e com as nossas physionomias fugitivas, mas com o suor, o sangue, as lagrimas que tivermos deixado sobre este sólo, e com os gestos de energia, os actos de nobreza, as palavras de justiça e de ternura que tivermos semeado sobre o grande seio da Patria, nossa mãe e nossa filha ao mesmo tempo, mãe pela vida que nos deu e filha pelo amparo que recebeu do nosso esforço carinhoso.

Praticae e ensinae o desinteresse! O desinteresse é um machinador de milagres. Grandes almas, verdadeiras almas, são as abnegadas, que se annullam e dissipam em outras. A alma, que em parte se suicida na vibração de outras, desdobra-se e multiplica-se. D'esse desdobramento e d'essa multiplicação de corações altruistas é que nascem as grandes patrias.

Sede bons e justos! E sede, tambem, serenos, — para que póssaes desprezar as injurias e as calumnias, com que os mesquinhos e os máus sempre procurarão deturpar o vosso pensamento, enlamear a vossa nobreza e infamar o vosso desprendimento!

Vivei, meus amigos, com o coração cheio de fé, com o cerebro cheio de luz, com o corpo cheio de saude!

Fugi da tristeza e das ambições pequenas; conserva a vossa alegria e a vossa modestia; e, quando

ficardes tristes e desanimados, reagi, e inventae bom humor, animo, entusiasmo, nova coragem e nova bondade, para que os vossos amigos se consolem com a vossa companhia e para que os vossos inimigos não se rejubilem com a vossa deserção.

Crede e esperae! Crer e esperar, é querer. Querer, é realizar.

Que Deus e a Patria vos protejam!

RELAÇÕES INTERNACIONAES

*Ao Embaixador do Uruguay, no
Rio de Janeiro.—22 de Dezem-
bro de 1916.*

Senhor Embaixador. Ha dois mezes, na fronteira meridional do Brasil, tive a fortuna de, num só momento, viver em duas patrias, pisando ao mesmo tempo a vossa terra e a minha, no sitio em que se tocam a cidade uruguaya de Rivera e a cidade brasileira de Sant'Anna do Livramento.

Ha sempre, nas raias das nações, quando duas cidades estranhas se entreolham, um espaço bem definido, assignalando a suspensão das duas soberanias: é, ás vezes, uma linha fortificada, aparelho bellico de trincheiras e taludes, de fossos e cortinas de muralhas; é, outras vezes, apenas, a defesa natural, o senhorio determinado por um accidente physico, um curso de agua, ou um desfiladeiro entre serras, ou um campo vago, ou um largo caminho ladeado de padrões ou vadeado por barreiras levadiças. Não ha,

porém, entre o Uruguay e o Brasil, na zona em que se assentam Rivera e Livramento, esse choque sensível, essa lacuna apparente. Allí, — caso unico, talvez, na geographia politica, — as cidades não se separam, nem se distinguem: confundem-se; e, pelas duas cidades misturadas, os dois paizes não se embatem: integram-se. Passa por allí uma rua sem hiato, uma só arteria, que se embebe, para o sul, no territorio uruguayo, e se interna, para o norte, no torrão brasileiro; a mesma alameda amavel reparte o seu pres-timo para as duas povoações: as janellas das casas uruguayas devassam os lares brasileiros, e a vida domestica dos nossos predios espia a intimidade dos penates do Uruguay. D'esta singularidade limitrophe resultam raridades sociaes. Na existencia d'essas duas cidades ha phenomenos, que lembram os da diffusão dos liquidos no dominio da physica. Estabelecem-se, assim, na divisa, correntes constantes de commercio, de familia, de costumes, — endosmose e exosmose, em que se baralham direitos de propriedade e residencia, e em que se combinam os distinctivos das duas raças, — a tal ponto, que até as duas linguas reciprocamente se tingem de fortes laivos de estrangeirismo, dando ao falar e ao escrever dos habitantes cercãos um ar de novo dialecto, um pouco barbaro, mas saboroso...

Ha dois mezes, visitando aquelle confim, procurei fixar-me no ponto preciso, em que acaba o Brasil e começa o Uruguay. A mesma paizagem risonha, aquem e além, seduzia o meu olhar, — os mesmos cerros e os mesmos campos, os mesmos plátanos, a mesma architectura das casas; além e aquem, o meu

ouvido percebia o zoar do mesmo dizer, em que havia de mistura o quebro voluptuoso do castelhana e a harmonia graya e mascula do portuguez; abrindo os braços, eu poderia abarcar num gesto as duas nacionalidades; e um dos meus pés calcava o sólo que era meu, enquanto o outro se firmava sobre o chão alheio... Mas senti bem, naquelle momento, Sr. Embaixador do Uruguay, que aquelle chão alheio era também meu, tão amigo era o affago que elle dava ao meu pisar...

E também senti, então, quanto é bella e doce a paz entre as nações, e quanto ella é facil, quando, fortes e seguras de si mesmas, livres e modestas, querendo contentar-se com o que possuem, defendendo o seu direito e venerando o das outras, podem as nações fiar-se das outras, e umas das outras ennobrecer-se.

Deveis conhecer, Sr. Embaixador, e certamente conheceis o verdadeiro e sincero pacifismo do Brasil: qualquer québra d'este proposito e d'este programma do povo brasileiro seria o desmentido de todas as suas tradições e uma aberração da directriz racional dos seus destinos. Mas paz é amizade: e não ha boa e solida amizade, que se não faça de affecto e de respeito; e não é possível o respeito mutuo, quando não existe o respeito proprio, que nasce da consciencia da propria força. As nações pacificas, como a vossa e a nossa, quando se armam, querem apenas manter e desenvolver a sua saude propria, e apurar esse pundonor nacional, que é a garantia indispensavel para a concordia internacional.

Senhor Embaixador. Os quarteis da nossa extrema defrontam com os da vossa patria. Mas os canhões

de ambas as guarnições querem, para sempre, apenas, reboar salvas e hymnos de amizade, e nunca vomitar vociferações de odio e nuvens de morte. Estas affirmações de amor, que já varias vezes ouvistes do Governo do Brasil, é justo que ainda aqui as ouçaes, da alma brasileira, d'esta sociedade que vos olha com ternura, d'este povo que vos acolheu com enthusiasmo. E acreditae que esta estima não é sómente nutrida, no Brasil, pela vossa patria, mas tambem pelas outras patrias americanas, e por todas as outras do mundo, que saibam e queiram respeitar-nos e amar-nos.

Esta saudação, porém, é especialmente dirigida á linda e admiravel nação que representaes.

O Uruguay é lindo e admiravel, nos limites do seu pequeno territorio e na curta idade de sua vida de nação autonoma. O trabalho e a justiça, a força e a graça, o pensamento e a belleza, o heroismo e o ideal animam esse torrão bemdito. Montevideo, que resume e retrata todo o paiz, é ao mesmo tempo um ninho e um baluarte, um sorriso e uma energia. Aquella metropole clara e alegre, intelligente e perfumada, cheia de frescos jardins e deliciosas vivendas, e famosa pela incomparavel formosura de suas flores e de suas mulheres, é aquelle mesmo reducto da liberdade e da bravura, refugio de opprimidos, que, durante mais de nove annos, resistiu ao cerco de uma tyrannia cruel...

O Brasil ama e admira, Sr. Embaixador, o vosso paiz; e, além dos motivos de verdadeira imparcialidade, que nos impõem este apreço, ha ainda alguma cousa, que nos obriga a este carinho: a frequencia dos actos de enternecedora cortezia e as claras de-

monstrações com que o povo uruguayo tem sabido comprehender e avaliar a estatura moral do nosso grande Rio Branco. Rio Branco é, para nós, um patrimonio sagrado: quem enaltece o nome de Rio Branco encanta e captiva o coração do Brasil.

A minha voz não sae sómente da sociedade do Rio de Janeiro, aqui reunida: sae de todo o paiz, d'esta boa terra e d'este bom povo, que querem viver com a honra, prosperar pelo trabalho, enriquecer com a paz, fortalecer-se para a bondade, contemplando sem inveja o progresso alheio, applaudindo e abençoando todas as nacionalidades que prezam a sua liberdade e praticam a religião da justiça humana.

Desejo que esta embaixada leve esta saudação de todo o Brasil a todo o Uruguay, a todos os seus pensadores e agricultores, a todos os seus poetas e operarios, a todos os seus filhos illustres e humildes, que trabalham pela gloria da America e da Civilização.

A DEFESA NACIONAL

(Conferencia publica realizada no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul e no Paraná.)

Nesta conferencia não ha idéas novas, nem opiniões originaes. Vou expôr com franqueza e simplicidade, sem litteratura, sem eloquencia, o que os bons livros ensinam, o que encontrei nos melhores estudos e ensaios sobre o assumpto, e o que está na consciencia de todos os homens de cultura moral, de patriotismo e de boa fé. Sendo este um trabalho de vulgarização e devendo ser apertado em poucas páginas o thema, evito citações e notas de bibliographia; lealmente declaro que a minha exposição é um mosaico de contribuições de diversas procedencias, adaptadas ás condições especiaes do nosso meio.

Desejo compendiar, numa linguagem singela, os intuitos da Liga da Defesa Nacional, que fundámos, e pretendo definir o que é "a defesa nacional". E não sei se conseguirei dar com bastante clareza esta defi-

nição. O problema é imenso e complexo. Já disse, na sessão da installação da Liga, que a defesa nacional é tudo para a nação: “E’ o lar e a patria; a organização e a ordem da familia e da sociedade; todo o trabalho, a lavoura, a industria, o commercio; a moral domestica e a moral politica; todo o mecanismo das leis e da administração; a economia, a justiça, a instrucção; a escola, a officina, o quartel; a paz e a guerra; a historia e a politica, a poesia e a philosophia; a sciencia e a arte; o passado, o presente e o futuro da nacionalidade”. Para tudo isto definir e explicar, seria indispensavel um longo e completo curso de conferencias. Vou apenas indicar os pontos geraes do problema, e gryphar sómente algumas linhas.

A defesa nacional, como a queremos comprehender, não está organizada. Está claro que, se queremos organizal-a desde já, não é porque vejamos, sobre o nosso paiz, perigos *immediatos*. Mas a boa e verdadeira defesa deve ser preventiva. Se não ha perigos immediatos que nos cerquem, ha incontestavelmente sempre perigos latentes, proximos ou remotos, provaveis ou ao menos possiveis, que ameaçam constantemente todas as nacionalidades, ainda as mais solidas, fortes e armadas: nada é perfeito nem eterno, na contingencia da vida humana. Se este dever de defesa é imprescindivel para as nacionalidades mais bem organizadas, — mais imperiosas e mais urgentes devem ser a sua consciencia e a sua necessidade para o Brasil, paiz novo, agitado por um confuso e melindroso labor de formação, pobre de trabalho bem encaminhado, pobre de recursos bem

explorados, pobre de instrução primaria, profissional e civica, pobre de cohesão, pobre de culto patriótico. Rodeiam-nos perigos externos e internos: e todos elles ameaçam a nossa independencia e a nossa unidade. Se queremos viver, e viver com fartura, liberdade e honra, é necessario que nos defendamos.

Ha pouco mais de dois annos, na Europa, quasi todos os homens de pensamento acreditavam que a guerra, naquelles tempos de intensa e nobre propaganda de pacifismo, seria um sonho de realização impossivel, um absurdo pesadelo. Os factos desencantaram esta esperança. Toda a Europa está ensopada em sangue. Rasgaram-se tratados, annullaram-se convenções e amizades, violaram-se fronteiras, talaram-se campos, arrasaram-se cidades, anniquilaram-se patrias. Milhões de lares estão desertados e enlutados... Como se desencadeou esta guerra, e como se desencadearam todas as outras guerras que já ensanguentaram a Terra? Por amor da gloria, por amor da fama, ou apenas por simples e barbaro instincto sanguinario? Não, de certo. O que está convulsionando o mundo é o amor da conquista de terras e de mares, o amor da expansão do commercio, o amor do interesse utilitario. E poderemos acreditar que o Brasil, este immenso paiz de sólo fertil e de ricas entranhas, ainda despovoado e desarmado, fique sempre, graças ao acaso, ou ao beneficio da Providencia Divina, immune de qualquer investida da ambição ou da necessidade commercial? Tal é o perigo externo, proximo ou remoto, sempre possivel. O outro perigo, imminente, o interno, é a québra da unidade: o depauperamento do character, o definhamento do patrio-

tismo consciente, a mingua de instrucção, o accumulodo dos erros das más administrações, o imperio das cubiças individuaes, e a triste indifferença em que vegeta a maior parte da população.

Impõe-se a defesa. Defendamo-nos!

Quem quer viver defende-se. Que é a vida, senão um constante combate? Todo o organismo, que se não defende, enfraquece-se e elimina-se. De modo que a idéa da defesa é inseparavel da idéa da vida. Sendo a luta uma condição essencial biologica e social, tambem essencial é a condição da defesa. Este dever defensivo é primordial em todos os entes vivos. Todos nós, homens e plantas, pedras e insectos, astros e microbios, todos nós nos defendemos, porque queremos viver. Não sabemos porque nascemos, vivemos e morremos; não sabemos de onde vimos, nem sabemos aonde yamos. Mas, já que nascemos, é necessario que vivamos, é necessario que não morramos antes do tempo, estupidamente, sem proveito e sem belleza.

Consciente e inconsciente, raciocinante ou instinctiva, esta protecção propria é uma lei irrevogavel, para o mineral, para o vegetal, para o animal, para o homem, para a familia rudimentar, para o acampamento nomade, para a tribu elementar, para a sociedade organizada.

Assim, a defesa nacional é apenas a continuação, o corollario da defesa individual. Tudo, neste dever, se resume. A principio, nos mais baixos degrãos da escala animal, a conservação é unicamente physica: o organismo, governado pela fome, defende-se, e, para defender-se, ataca. Mas, á medida que se ascende a maravilhosa série dos elos da corrente, a dignidade

e a poesia, a nobreza moral e o brio fortalecem e espiritualizam o esforço. Já não é sómente a conservação que se defende. Defende-se também a honra. A nação não se arma unicamente para proteger a sua alimentação collectiva, as suas searas, as suas usinas, os seus negocios, os seus gados, os seus celleiros; arma-se também, para proteger o seu territorio, a sua possessão material e moral, a memoria dos seus maiores, a religião dos seus lares e dos seus templos, as reliquias das suas tradições, o thesouro da sua lingua e da sua poesia, o culto do seu passado, o seu nome de nação. Desgraçado o animal inferior ou superior, que não pôde defender e conservar a sua nutrição! E desgraçado o paiz, que não pôde defender e conservar a sua liberdade e o seu trabalho, e, com a sua liberdade e o seu trabalho, a sua honra!

Como deve ser a defesa, no individuo e na collectividade, em todo e qualquer organismo vivo? “A defesa, para ser proficua, deve ser diligente, attenta, resistente, vigilante e progressiva. Deve ser diligente: o ocio é a estagnação; a preguiça é um declive fatal para a morte. Deve ser attenta: um minuto de descuido pôde acarretar um desastre irremediavel. Deve ser resistente: a resistencia fortalece o organismo que se defende, e enfraquece o outro organismo que ataca. Deve ser vigilante: um minuto de atrazo na conservação propria é um adeantamento para a conservação alheia; a vida é curta, e todos os momentos da sua duração são preciosos. E, emfim, deve ser progressiva: quem pára, morre”.

Ora, não ha organismos inferiores ou superiores, individuaes ou sociaes, incapazes de força, de defesa

e de progresso. Todos os physiologistas e sociologistas professam que todos os organismos vivos, — individuos e sociedades —, possuem sempre uma energia propria, pequena ou grande, fraca ou forte; e todos elles têm a tendencia natural para alcançar o maximo do producto ou rendimento da sua propria energia. Para alcançal-o, como? Pela educação methodica e progressiva, pela gymnastica physica e moral. O individuo alcança facilmente o maximo da sua força e da sua destreza, pelo treno. Para que se faça o adestramento do organismo social, é preciso que todos esses maximos individuaes não se percam egoisticamente. E' necessario, para o bem commum, que todos esses esforços propios e aperfeiçoamentos pessoaes se conjuguem para o esforço geral, para o aperfeiçoamento da communhão. O melhoramento de cada um deve ser uma parcella do todo. Assim, pela cohesão, pela unidade, pelo civismo, se faz a defesa nacional.

Insistamos. Não ha homens irremediavelmente fracos, e não ha povos irremediavelmente fracos. Em certos pontos do Brasil, — em muitos pontos, infelizmente! — o aspecto do homem do sertão é miseravel e triste: corpo emmagrecido, pelle sem côr, arterias sem sangue, olhar apagado, organismo depauperado, alma sem força, vontade abolida, cerebro sem luz. E' uma sombra de homem. Por que? porque esse homem não se alimenta, não trabalha, e não pensa. Um punhado de farinha, a aguardente, o tabaco, a ociosidade não dão musculos, sangue, vontade, consciencia. A má alimentação, má e pouca, o alcool, os narcoticos, a inercia, a apathia não fazem homens:

fazem automatatos, espectros, nada. Mas dae a esse homem fraco e desanimado uma boa alimentação, trabalho, exercicio, instrucção, — e elle será tão bom como qualquer dos homens mais fortes das mais fortes nações do mundo. Será um ente nobre e consciente, forte e valente, honrado e generoso, — e, no momento necessario, um heroe. Dizem que no Brasil não póde viçar uma nacionalidade perfeita, porque não temos uma raça já acabada e um clima excellente... Não acrediteis no que dizem esses pobres professores de uma sciencia falsa, maniacos do feiticismo scientifico, que é mais ridiculo e mais funesto do que o fanatismo religioso. Essas invenções de influencia de meio, de clima, de raça, são todos os dias desmentidas pela evidencia dos factos e dos acontecimentos. Todas as raças são boas para o trabalho e para a felicidade; todos os climas são bons para a cultura humana; todos os meios são bons para o exercicio do pensamento e da vontade. Attendendo ao caso particular do Brasil, lembremos que foram os nossos mestiços que, em grande parte, na época colonial, fizeram a exploração e a defesa do territorio do paiz: e, durante a época do Imperio, sustentaram com a sua bravura e o seu sangue as guerras do sul; e, ainda agora, estão desbravando as regiões brutas do Acre... Poderemos acreditar que esta mistura de raças seja incapaz? Quanto ao clima, lembremos que as zonas tropical, sub-tropical e temperada da Terra, em que está situado o territorio do Brasil, são as mais aptas para o desenvolvimento e para a felicidade da especie humana. A sciencia, a hygiene, a medicina, a bacteriologia, já descobriram o preventivo e a cura de todas

as doenças tropicaes e intertropicaes. Poderemos acreditar que, neste clima, o nosso povo seja incapaz de engrandecer-se e ennobrecer-se?

E, se não ha no Brasil hostilidades naturaes insuperaveis, de raça e de clima, que não possam permittir o nosso progresso, — tambem não houve no decorrer da nossa vida nacional erros sem remedio, nem crimes sem perdão, que tenham inquinado para sempre a nossa historia. Ao contrario, a nossa historia é limpa e nobre. Emquanto o Brasil foi colonia, os Brasileiros de então foram sempre bravos e leaes. Quem expulsou d'aqui os francezes e os hollandezes? os libertadores da colonia foram, em sua maior parte, Brasileiros legitimos, nascidos e criados aqui, asseguradores do dominio portuguez. A nossa independencia não foi adquirida á custa de traições nem de crueldades: nunca se viu, em terras americanas, uma luta pela autonomia nacional menos ensanguentada, menos brutal, do que a que sustentámos. As guerras, que mantivemos depois da independencia, nunca as movemos por delirio de grandezas, nem por interesseiras cubiças: o nosso povo, em lutas externas, derramou o seu sangue apenas para libertar e desopprimir outros povos. E, quanto ás nossas lutas intestinas, se as cotejarmos com os longos e terriveis abalos civis que perturbaram todos os outros paizes da America, é força proclamar com orgulho que ellas não passaram de curtos e quasi inoffensivos accidentes da nossa historia.

A nossa unica mancha foi a escravidão. Mas, como Brasileiros, não podemos envergonhar-nos de uma culpa que não foi nossa. Aceitámos, sem remedio

possivel, essa desgraçada fatalidade; e, quando pudemos debellal-a, a redempção foi instantanea e radical. Ai de nós! o nosso erro e o nosso crime não foi, em si mesma, a escravidão. O nosso erro e o nosso crime foi a incapacidade dos governos, não permitindo que, libertando a raça martyr, lhe déssemos immediatamente a assistencia da instrucção e a organização do trabalho... Mas isso póde ser, e ha de ser, se o quizermos, resgatado e reparado. Nunca é tarde para distribuir a justiça e para praticar o bem. E, se estamos aqui, se aqui nos esforçamos, é justamente para isso que trabalhamos.

Repitamos. Todo o Brasileiro póde ser um admiravel homem, um admiravel soldado, um admiravel cidadão. O que é preciso é que todos os Brasileiros sejam educados. E o Brasil será uma das maiores, uma das mais formidaveis nações do mundo, quando todos os Brasileiros tiverem a consciencia de ser Brasileiros.

Para isto, organizemos desde já a defesa nacional.

Para defesa nacional, a cohesão é indispensavel, a disciplina é imprescindivel. A verdadeira defesa nacional é a consciencia nacional. E' a noção perfeita, é a perfeita existencia da Patria.

Ha homens sem patria. Ou, pelo menos, ha homens que se dizem sem patria. São monstros Moraes, ou, no melhor caso, gracejadores levianos. E' possivel que um homem normal e digno possa negar a necessidade da idéa da patria? E' possivel que um homem de boa fé, nestes duros tempos de desenfreada guerra desgraçando todo o mundo, possa acreditar na possi-

bilidade de uma perfeita harmonia entre todos os povos da terra?

“Os sem patria dizem que não são cidadãos de uma patria, porque preferem ser cidadãos da humanidade. Ennevoada e empolada expressão, vasia de sentido! Ridicula e estúpida profissão de fé, ôca de significação! Onde está essa sonhada confederação dos Estados do mundo, ou sequer dos Estados da Europa? A utopia é bella; mas, para que a acceitemos, é necessario que ella se realize. E porque não querem os inimigos do patriotismo levar a sua theoria ao extremo? Em vez de dizer: “somos os cidadãos da Terra!”, devem dizer: “somos cidadãos do nosso systema planetario!”, ou, “somos cidadãos do Universo!”. Foi talvez o grande Kant quem pela primeira vez agitou esta formosa ficção da confederação do mundo. Mas, depois de sonhar a utopia, Kant escreveu textualmente: “Um dia virá, seguramente, em que se constituirão os Estados Unidos da Europa; porém, até essa bem dita época, todo o povo deve ter a sua mão sobre o punho da espada; senão, elle se arriscaria a desaparecer antes do grande dia...”

Negar a patria é negar toda a vida social e moral. A patria é um élo, que se liga, intermediariamente, com estes dous outros élos: a familia e a humanidade. Negar um dos aneis, é negar os outros. Quem não conhece a idéa da patria não concebe a do lar, nem a da solidariedade humana. Sem patria e, portanto, sem familia e sem sociedade, o homem annulla-se. Que é a patria? “E’ a paridade de gostos e de costumes, communitade de lingua, cohesão de leis, identidade de condições phisicas e moraes, compartici-

pação das mesmas lembranças e das mesmas esperanças”. Quem não comprehende nem sente esta tendencia e esta necessidade moral não tem alma.

Para que haja patria, é necessario que haja consciencia, cohesão e disciplina. Mas, para que isto exista, é necessario que haja instrucção, intensa e extensamente disseminada, facil e gratuitamente distribuida, constante e sabiamente dirigida. Não trato de instrucção secundaria e superior. Trato apenas da instrucção elementar, d’aquella que se deve dar a todos os homens do povo, com a hygiene do corpo e da alma, e com a capacidade para trabalhar e viver, se não com fartura, ao menos com o necessario e a dignidade. Com a hygiene do corpo e da alma, a instrucção primaria, civica e militar; com a capacidade para o trabalho, a instrucção professional. E’ necessario, emfim, para que haja patria, que haja cidadãos.

Mas, que é “cidadão”?

“Ha na multidão das criaturas humanas, que povôam um paiz, quatro categorias, progressivamente restrictivas: 1, todos os habitantes ou residentes, englobadamente comprehendidos; 2, entre os habitantes, os homens adultos, que já têm a idade e a capacidade juridica, tendo o direito de voto; 3, entre os homens adultos, aquelles a quem chamaremos verdadeiramente “homens”, isto é, aquelles que já chegaram a um certo gráu de desenvolvimento intellectual, com a consciencia da sua razão, dos seus direitos e dos seus deveres; e, emfim, 4, entre os verdadeiros “homens”, os “cidadãos”, aquelles que, investidos de completa cultura intellectual e moral, tendo elevação de espirito, sendo capazes de sobrepor-se aos inte-

resses proprios, aos interesses partidarios de classe ou de campanario, podem destinar-se á sagrada missão de governar e dirigir a multidão.”

No Brasil, quantos verdadeiros cidadãos, neste limitado e rigoroso sentido, existirão?

Nem façamos o calculo! Para que nos encha de tristeza e de terror o spectaculo moral da nossa educação, basta que verifiquemos a formidavel percentagem dos nossos “não-homens”, dos nossos analphabetos e inconscientes. As ultimas estatisticas orgazadas sobre a instrucção dão desanimo e desesperação: em todo o Brasil, de 1.000 habitantes em idade de cursar escolas primarias, em 1907, sómente 137 estavam matriculados, e sómente 96 frequentavam as aulas; para 10.000 de todas as idades havia sómente seis escolas, com sete professores, com 294 alumnos de todas as idades; — o que quer dizer que englobadamente, estimando-se toda a população, a relação de todos os alumnos era de 29 por 1.000. Quanto á instrucção profissional, propriamente dita, destinada a fins artistico-liberaes, artistico-industriaes, agronomicos, nauticos e commerciaes, havia apenas no Brasil 75 institutos! Reparae bem: a Directoria Geral de Estatistica, em documento official, acaba de declarar que, em matéria de analphabetismo, isto é: em materia de incapacidade civica e moral, de inconsciencia, de animalidade vergonhosa, a nossa patria está superior a quasi todas as nações da Europa e da America. Se é que póde haver alguma superioridade na vergonha e na ignominia!

Não podemos mais perder tempo. Estamos sendo arrastados para a ruina. Defendamo-nos!

E' inconcebível a victoria de uma democracia sem a instrução da massa publica. Estabelecemos a Republica; mas pôde viver dignamente uma Republica, uma patria republicana, quando a maior parte dos seus filhos seja de alphabetos, e, portanto, de inconscientes? Incluimos no numero das nossas datas nacionaes o "14 de Julho". Mas esquecemos que a Assembléa Constituinte Franceza, em 1789, na "Declaração dos Direitos do Homem", proclamou: "A instrução é uma necessidade para todos; a sociedade deve favorecer os progressos da razão publica, e pôr a instrução ao alcance de todos os homens".

E' este, do nosso programma, o ponto primeiro, que devemos resolver para a nossa defesa nacional. E, com a instrução primaria, a instrução profissional. Segundo ponto. Estamos ainda soffrendo, e cruelmente soffrendo, d'esta imprevidencia dos nossos maiores, imprevidencia herdada, e aggravada pela indifferença, pelo egoismo e pela funesta politicagem das ultimas gerações e da actual: a falta de organização do trabalho. Mas não é tudo, isso. A instrução não é completa, quando se refere unicamente á sciencia e á arte, á intelligencia e ao trabalho. São indispensaveis tambem a saude do corpo e da alma, a força corporal e a disciplina. Terceiro ponto: a instrução militar.

Precisamos de instrução militar e de exercito nacional, para a defesa do nosso territorio e da nossa civilização, e para a defesa individual do organismo physico e moral de cada Brasileiro. Precisamos de exercito nacional, mas não do exercito nacional que hoje temos: queremos um exercito verdadeiramente

nacional, sendo a propria nação composta de cidadãos-soldados, em que cada Brasileiro seja o proprio exercito e o exercito seja todo o povo.

Todos têm medo do militarismo, no sentido da preponderancia da classe militar, na significação de despotismo militar. Tenho tambem medo d'isso, e mais do que medo: profundo horror e profunda aversão. Mas as condições essenciaes para a existencia de qualquer despotismo são a ignorancia e a indiferença da massa do povo. Não ha povo nenhum, instruido, civica e militarmente instruido, que supporte qualquer despotismo. Quando o nosso Exercito fôr verdadeiramente nacional, não haverá no Brasil classe militar. Não queremos ter um exercito mercenario ou assoldadado, o que diminue o valor do soldado e da nação. Não queremos tampouco um exercito propriamente profissional em toda a sua hierarchia, profissional desde o general até o soldado raso. Queremos um exercito democratico de defesa nacional. Queremos que não haja soldados profissionaes; ou, melhor, que haja unicamente alguns profissionaes, os officiaes de investidura profissional, os que sejam sacerdotes fardados, os educadores, os professores normaes do grande exercito sem profissão militar. Profissionaes devem ser os directores do quartel democratico e livre, e essa profissão deve ser cercada de todo o prestigio, de toda a garantia, e de um character sagrado. Medo do militarismo? mas quando todos os cidadãos forem soldados, ninguem terá medo de soldados; porque seria infantil e irrisorio que todos os cidadãos tenham medo de si mesmos, das sombras de si mesmos.

O nosso sonho, o nosso desejo será isto, que espero, será uma realidade. O exercito nacional será um laboratorio de civismo: uma escola de humanidade, dentro do patriotismo; uma escola de energia social, começando por ser uma escola de energia nacional. Ambicionamos que todos os Brasileiros passem pelo quartel, revezando-se; que cada um dê ao menos um anno da sua vida ao serviço da vida da patria. Queremos que dentro de cada quartel haja uma aula primaria; e que ao lado de cada quartel haja uma aula profissional. Ao cabo do seu tempo de aprendizado civico, cada homem será um homem completo, um cidadão, com a sua intelligencia adestrada, com a sua capacidade armada para o trabalho, com a sua consciencia formada, com os seus musculos fortalecidos, com a sua alma ennobrecida. No quartel, cada homem encontrará a sua completa cultura indispensavel.

O que é preciso é que esses homens encontrem no quartel officiaes dignos, capazes, entusiastas, moços, ardentes, que sejam exclusivamente officiaes, isto é: educadores e disciplinadores, adorando a sua profissão, limitando toda a sua energia e a sua fé ao exercicio da sua missão, unicamente officiaes e essencialmente Brasileiros, afastados das lutas partidarias, religiosas ou politicas, porque qualquer partidarismo diminua o valor moral do official...

Creio, senhores, que o que já disse basta para que fique demonstrado que não sou militarista, e que não somos militaristas todos os que fundámos a Liga de Defesa Nacional. E é bom ainda que categoricamente affirmemos que somos pacifistas, sinceramente pacifistas.

Que motivo — que ambição de gloria ou de conquista, de expansão territorial ou commercial, de necessidade ou de orgulho, poderia arrastar-nos á guerra? Toda a nossa historia attesta o pacifismo do Brasil até hoje. E a directriz racional da nossa vida indica e impõe o pacifismo do Brasil no futuro. O maior homem da vida contemporanea brasileira, o Barão do Rio Branco, que sempre amou as nossas tradições militares, e sempre defendeu a necessidade da nossa força militar, foi um ardente e irreductivel pacifista. Foi elle quem definiu com tratados de precisão geographica os nossos limites territoriaes e com tratados de amizade, de extradicação e de commercio as nossas relações politicas com a maior parte dos paizes da America e da Europa. Quem ideou e executou esta obra de paz não podia deixar de ser um pacifista. Queremos ser pacifistas como Rio Branco. Apoiaremos e defenderemos sempre o artigo da nossa Constituição, que impede toda e qualquer velleidade de conquista. Sim! Sejam os e seremos pacifistas, e contrarios a tendencias para guerras *offensivas*. Mas preparemos e acceitemos com calma e com força toda e qualquer guerra *defensiva*, que possivelmente nos seja imposta. O pacifismo é sagrado e nobre. Mas que o pacifismo não seja a ausencia da honra, a abolição do brio! A guerra é um mal, um mal horrivel, um mal abominavel. Mas, quando a guerra é “um facto”, como poderemos dissipal-a deante de nós? Antes a guerra, do que a perda da independencia e a perda da dignidade!

Agora, um reparo. Para que haja patria, disse eu, é necessario que haja união e cohesão. Dentro d'esta necessidade, é claro, podem entrar todos os credos politicos e religiosos. Só não pôde entrar aqui a absoluta e absurda ausencia de todo o credo... Quando falamos do Brasil, falamos do Brasil superior a todos os partidos: do Brasil só e puro, essencial e integro, abstracto e concreto, sagrado e indiviso; o Brasil acima, além, fóra das opiniões individuaes ou de facções. Pessoalmente, sou republicano, fundamentalmente republicano. Mas respeito as opiniões de todos os sinceros. Podem os meus irmãos ser monarchistas, republicanos, conservadores, liberaes, radicaes, unitarios, federalistas, parlamentaristas, catholicos, protestantes, positivistas, livres-pensadores — comtanto que não quebrem, com a anarchia e a violencia, a unidade da familia e a indispensavel existencia da Patria. Degladiem-se os partidos! mas que o Brasil fique acima da peleja; que a bandeira fique superior ás taboletas das facções! Sejam todos Brasileiros sinceros e patriotas: é quanto basta. Só não comprehendemos nem acceitamos os anarchistas sem fé, os negativistas da necessidade da patria, os ironistas sem piedade, os motejadores sem consciencia, os egoistas de ignobil "arrivismo". Venham para nós todos os Brasileiros que sintam dentro dos seus peitos o Brasil! A grande Patria acceita todos os credos: só não acceita os que em nada crêem.

Senhores, o que deixo sem ser dito, nesta conferencia, é todo um mundo de idéas. Depois de mim,

outros prégadores da boa palavra, mais fortes e mais felizes do que eu, esgotarão o assumpto.

Separemo-nos hoje, com a mais viva esperança da conquista completa e fulgurante do que procuramos emprehender e realizar: o ideal de uma patria altiva e unida, povoada de cidadãos modestos e dignos, homens bravos e generosos, briosos e justos. Sejam fortes, para que sejamos bons: de modo que o Brasil, sendo já uma maravilha do mundo pela sua formosura natural, venha ser uma gloria da civilização humana, pela sua ordem, pela sua energia, e pela sua misericordia.

OS AMORES DE CAMÕES

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no ceu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Não te esqueças daquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da magua, sem remedio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou!

Neste soneto, que é talvez o mais bello de quantos se computeram em lingua portugueza, maravilha de

forma, de simplicidade e de commoção, chorou Camões a morte de Nathercia, Catharina de Atayde de Lima, o seu grande amor, — tão grande, que encheu toda a sua existencia. Grande, immenso, mas não unico. Nenhum homem, quando tem o temperamento exaltado de Camões, tem um unico amor na vida. Ha um amor para cada idade, e, ás vezes, ha varios amores para cada idade. A vida é uma perpetua renovação physica e moral. Não ha, no tempo que dura a existencia de um homem, dois minutos que sejam iguaes; nesta recondita, abafada, mysteriosa fornalha, que é o corpo humano, não se consomem apenas cellulas e elementos vitaes: consomem-se e gastam-se sensações, sentimentos, ideias e paixões, numa combustão perenne, num perpetuo trabalho de infatigavel destruição e de criação permanente. Um só amor na vida!... mas isso seria a paralyzação da faculdade de amar, a lethargia do instincto affectivo, a petrificação do desejo. Que é a vida moral, senão um encadeamento infindavel de aspirações? viver é desejar: apenas satisfeito um desejo, logo um outro nasce, mais vivo; o contentamento absoluto é o embrutecimento ou a morte. Se isto é verdade para o commum dos homens, é ainda maior verdade para certos homens que nasceram fadados para amar, que vivem exclusivamente para amar, — os “venusianos”, destinados á completa sujeição do instincto amoroso. Ora, Camões foi um typo acabado de “venusiano”, e nelle se concentraram todas as qualidades amorosas de sua raça: porque a raça portugueza sempre foi uma raça de apaixonados. Portugal é ainda hoje a terra classica do namoro. Em

todas as ruas de Lisboa, á noite, quasi não ha casa, em cuja sacada de janella se não veja debruçada uma menina embevecida, namorando o seu chichis-beu plantado á esquina; e ninguem se espanta, nem se commove com isso: os transeuntes afastam-se, dão voltas, condescendentemente, para não perturbar o namorador. Se aqui, no Brasil, também somos tão dados ao namoro, é porque temos a quem sairmos; não mentimos á nossa origem, e somos dignos descendentes daquelles rudes, mas sentimentaes, varões da Lysia, que tinham tanto geito para dar cutiladas em Africa, como para dar suspiros nas viellas de Lisboa. Disse o velho Dom Francisco Manuel de Mello que “o natural portuguez é entre as mais nações conhecido por muy amoroso”. E o grande Cervantes, que conheceu bem Portugal, escreveu: “é quasi costume morrerem de amar os portuguezes...” Morrer de amar, — é exagero; mas “viver para amar” é a expressão justa. Camões, que teve para o amor uma excepcional capacidade, não morreu d’isso. Felizmente! porque, se o delirio amoroso o tivesse aniquilado antes daquella fecunda e luminosa maturidade que produziu “Os Lusíadas”, toda uma raça ficaria privada da sua maior gloria, e seria o caso de amaldiçoarmos o amor e todas as mulheres, — cousa de que todos os deuses nos livrem e guardem por todos os seculos dos seculos...

Camões, como bom portuguez, amou muito, muitissimo. E amou muitas senhoras ao mesmo tempo. Elle mesmo disse que “em amor nunca andou a um só remo...” E foi o primeiro a dizer de si mesmo,

com algum exagero poético, que, recém-nado, ainda no berço, ainda mamando, já era um amoroso:

E para que o tormento conformado
Me dessem com a idade, quando abrisse
Inda menino os olhos brandamente,
Mandam que diligente
Um menino sem olhos me ferisse.

As lagrimas da infancia já manavam
Com uma saudade namorada;
O som dos gritos que no berço dava
Já como de suspiros me soava.
Co'o Fado estava a idade concertada,
Porque, quando por'caso me embalavam,
Se de amor tristes versos me cantavam,
Logo me adormecia a natureza;
Que tão conforme estava co'a tristeza.

Creio que é caso unico de precocidade affectiva: uma criança tão irresistivelmente fadada a viver de amores, que só se aquietava no berço quando a embalavam com canções eroticas...

Estas disposições da criança affirmaram-se no menino, e depois no adolescente, em Coimbra, para onde a familia o mandou a estudos, aos 12 annos, e onde elle se demorou até os 18. Esses seis annos passados em Coimbra ficaram para sempre gravados na memoria do poeta. O episodio de Ignez de Castro, n^o "Os Lusíadas", não teria sido cantado com tão viva commoção e tão ardente lyrismo, se, como o justo e duro Pedro, tambem Camões não houvesse vivido,

amado e soffrido nos saudosos campos do Mondego. Porque aquelle prodigioso menino, que viria a ser o maior poeta do seu tempo e o glorificador da sua terra e da sua gente, teve alli aos 12 annos a sua primeira paixão, e uma outra, aos 18, sem falar de outras inclinações mais insignificantes, que não devem entrar em linha de conta. A primeira, a dos 12 annos, foi por uma prima do poeta, filha ou neta de Dona Margarida de Pina de Camões. Entre esta e a outra, houve naturalmente alguns vagos amóricos com as tricanas do Mondego: Coimbra já era naquelle tempo, como residencia de estudantes, um centro de vida jovial, cheia de serenatas, descantes, derriços e brigas; e Camões já era naquelle tempo, em formação, um poeta, um namorado e um espadachim. Mas a segunda paixão de Coimbra, cujo objecto ficou anonymo, foi séria: tão séria, que a familia do inquieto Luiz, alarmada, obrigou-o a regressar para Lisboa. Ao partir, o mancebo apaixonado despediu-se da linda cidade com a mais viva amargura, em um soneto, que parece conter a previsão das longas viagens e das desventuras que o esperavam na vida:

Doces e claras aguas do Mondego,
Doce repouso de minha lembrança,
Onde a comprida e perfida esperança
Longo tempo apoz si me trouxe cégo.

De vós me aparto, si; porém não nego,
Que inda a longa memoria que me alcança,
Me não deixa de vós fazer mudança,
Mas quanto mais me alongo mais me achego.

Bem poderá Fortuna este instrumento
Da alma levar por terra nova e estranha,
Offerecido ao mar remoto, ao vento:

Mas a alma, que de cá vos acompanha,
Nas azas do ligeiro pensamento
Para vós, aguas, vôa, e em vós se banha...

Quando chegou a Lisboa, Camões tinha quasi 19 annos. Era um formoso mancebo, forte, galhardo, de musculos de aço, de olhar e alma de fogo. Aos 20, foi admittido na Córte, como fidalgo. E a sua existencia foi um delirio de amores, de pagodes e de brigas. O joven Luiz fez-se logo amigo do famoso poeta Chiado, que o iniciou na vida solta da capital. Foi esse poeta Chiado quem lhe poz a alcunha de "Trincafortes". Que alcunha! Formidavel brigão, valente rixoso, bom manejador do estadulho e da espada deve ter sido Camões, para merecer este quixotesco e retumbante apelido!

A "Ecloga II" refere-se a esses amores e a essas justas de força muscular e de veia poetica:

Que bem livre vivia e bem isento,
Sem que ao jugo me visse submettido
De nenhum amoroso pensamento!

Lembra-me, amigo Agrario, que o sentido
Tão fóra de amor tinha, que me ria
De quem por elle via andar perdido.

De varias côres sempre me vestia;
De boninas a fronte coroava,
Nenhum pastor cantando me vencia.

A barba então nas faces me apontava,
Na lucta, na carreira, em qualquer manha
Sempre a palma entre todos alcançava.

Da minha tenra idade, em tudo estranha,
Vendo, como acontece, affeiçãoadas
Muitas Nymphas do rio e da montanha,

Com palavras mimosas e forjadas,
De solta liberdade e livre peito,
As trazia contentes e enganadas.

Que foram então os amores de Camões? De taverna e de igreja. Sobre essa época, ha uma carta do poeta, que é um documento precioso. Havia em Lisboa uma casa, que se chamava "O malcosinhado", nome que lhe poz o proprio Camões, como diz a sua carta: "Eu a chrismei ha poucos dias, e lhe puz o nome de "O malcosinhado", porque sempre achareis nella o que comer, quer bem, quer mal..." Ahi passava Camões as suas noites: e os dias, passava-os na Côrte, ou nas egrejas, que eram, como ainda hoje são, quarteis generaes do namoro.

Em uma dessas egrejas, encontrou elle certa vez uma linda senhora, cujo nome não conhecemos, e que lhe inspirou um capricho mais forte do que os outros. O poeta viu-a, orando com um rosario, e impressionou-se por ella. Não lhe conhecemos o nome,

mas é mister amal-a e abençoa-a, porque lhe devemos a inspiração das famosas oitavas em redondilhas, intituladas “A huma senhora rezando por humas contas”, que são uma obra prima de graça e leveza, thesouro da poesia classica portugueza:

“Peço-vos que me digaes:
As orações que rezastes
Se são polos que matastes,
Se por vós que assi mataes?
Se são por vós, são perdidas;
Que qual será a oração,
Que seja satisfação,
Senhora, de tantas vidas?

Que se vedes quantos veem
A só vida vos pedir,
Como vos ha Deus de ouvir,
Se vós não ouvis ninguem?
Não podeis ser perdoada
Com as mãos a matar tão promptas,
Que se numa trazeis contas,
Na outra trazeis espada. . .

Se dizeis que encommendo
Os que matastes andaes,
Se rezaes por quem mataes,
Para que mataes rezando?
Que se, na força de orar,
Levantaes as mãos aos ceus,
Não as ergueis para Deus:
Ergueis-las para matar!

E quando os olhos cerraes,
Toda enlevada na fé,
Cerram-se os de quem vos vê
Para nunca verem mais.
Pois se assi forem tratados
Os que vos veem quando oraes,
Essas horas que rezaes
São as horas dos finados.

Pois logo, se sois servida
Que tantos mórto não sejam,
Não rezeis onde vos vejam,
Ou vede para dar vida;
Ou, se quereis escusar
Estes males que causastes,
Resuscitae quem matastes,
Não tereis por quem rezar...

Como vedes, já nesse tempo, ainda mancebo, era Camões um completo, perfeito, admiravel poeta lyrico. A sua popularidade crescia, conquistava Lisboa. Os seus versos de amor andavam de boca em boca. Se lhe chamavam nas tavernas o "Trincafortes", chamavam-lhe nas salas o "Cysne do Tejo". Foi o seu genio poetico, mais do que as suas relações, que lhe abriu as portas do paço da Ribeira, que era então um ninho de poetas. Nos serões da Côrte, havia todas as tardes renhidas justas de rimas, travados torneios de motes e voltas, em que Camões começou logo a brilhar, levando a palma a todos os competidores. Que amores teve elle, naquelle meio fidalgo e casquilho? Talvez Dona Catharina de Aragão, talvez

Dona Guiomar de Gusmão, talvez Dona Maria Manoel, talvez ainda muitas outras...

Ouvi o que escreveu Ramalho Ortigão:

“A sua musa graciosa e ligeira, prestava-se a todos os caprichos poeticos da phantasia palaciana. Pela sua mocidade exuberante de saude e de alegria, pelas suas nobres tradições de familia, pelo seu trato cheio de jovialidade e de distincção cavalheiresca, pelos picantes attractivos da sua figura a que os olhos claros e incisivos e o cabello encaracolado de um louro ardente dão uma brava expressão leonina, e pelo seu talento de uma veia tão fresca e tão original, elle tornara-se rapidamente o objecto de todas as attenções e de todas as preferencias. Esta superioridade escandalizava a turba mesquinha dos subalternos. O numero dos despeitados e dos invejosos augmentava de dia para dia, porque o joven *bacharel latino*, como lhe chamava André Falcão de Rezende, parecia dispôr-se a monopolizar todós os triumphos. A infanta D. Maria tratava-o com distincções especiaes. Elle tinha por companheiròs e por amigos os fidalgos mais illustres: o duque de Bragança e o duque d’Aveiro, o marquez de Villa Real e o marquez de Cascaes, o conde de Redondo e o conde de Sortelha. Tornara-se dominativo. Todas as mulheres o achavam bello, muitas o amaram e não poucas lhe deram do seu affecto as provas supremas que elle tinha o mau costume de pedir em doces bilhetes, os quaes, posto que preciosos para a arte, não hesitariamos em qualificar de funestos para a moralidade dos costumes, se os costumes da còrte hystérica de D. João III não tivessem

profundamente inoculada a corrupção por meio de filtros mais corrosivos, mais deletérios e, sobre tudo, infinitamente mais grosseiros, que alguns finos versos travessos, maliciosos e subtis. O proprio rei, tão bronco, tão refractario a todas as commoções estheticas, tão especialmente beato, pedia tambem versos áquelle poeta de uma mundanidade tão diabolica!"

Mas todos esses amores vão desapparecer: eis apparece a linda Nathercia...

Diz a tradição que Camões a viu pela primeira vez na Capella Real, annexa ao Paço, no sequito da Rainha, ao sahir da missa. O encontro foi celebrado, e ficou neste soneto:

Todas as almas tristes se mostravam
Pela piedade do Feitor divino,
Onde ante o seu aspecto peregrino
O devido tributo lhe pagavam.

Meus sentidos então livres estavam,
Que até hi foi constante o seu destino;
Quando uns olhos, de que eu não era dino,
A furto da rasão me saltaram.

A nova vista me cegou de todo,
Nasceu do descostume a estranheza
Uma suave e angelica presença.

Para remediar-me não ha hi modo!
Oh, porque fez a dura Natureza
Entre os nascidos tanta differença?

Catharina de Atayde tinha então 13 annos apenas, mas 13 annos meridionaes, desabrochados ao callido sol peninsular. A paixão de Camões por essa menina foi subitanea e profunda. Dahi por diante, Catharina nunca mais terá rival. Não quer isto dizer, está claro, que dahi por diante Camões não terá outros amores... Terá muitos outros. Mas Catharina ficará sendo o seu grande e verdadeiro amor, constante, fervoroso, temperado de exaltamento e de respeito, misturado de affecto humano e de culto religioso, — amor que será immorredouro, porque será um amor incontentado, em que nunca a posse refreará o desejo.

Foi um amor que se apurou longamente, primeiro na contemplação muda da criatura amada, depois no trato suave, depois no martyrio da contrariedade, depois na amargura da ausencia, e finalmente na desesperação do desfecho irremediavel.

Certa vez, em um dos serões do Paço, foi a menina e moça a encarregada de dar o mote para o torneio. “Olvidé y aborreci!” — disse ella, em hespanhol, como filha de castelhana que era. Camões, que tambem falava e escrevia com perfeição o idioma de Castella, rimou logo:

“Ha se de entender así:
Que, desde os dí mi cuidado,
A quantas hube mirado
Olvidé y aborrecí!”

Assim começou por um galanteio innocente o amor que tão desgraçadamente devia acabar.

Que foi, a principio, o que captivou Camões em Nathercia? a sua meninice, a sua graça ingenua, a sua angelitude. Este retrato é perfeito:

Um mover de olhos brando e piedoso,
Sem vêr de que; um riso brando e honesto
Quasi forçado; um doce e humilde gesto
De qualquer alegria duvidoso;

Um desejo quieto e vergonhoso,
Um repouso gravissimo e modesto,
Uma pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo e gracioso;

Um encolhido ousar; uma brandura,
Um medo sem ter culpa; um ar sereno,
Um longo e paciente soffrimento;

Esta foi a celeste formosura,
Da minha Circe, e o magico veneno
Que pôde transformar meu pensamento.

Outro soneto completa o retrato:

Leda serenidade delectosa,
Que representa em terra um paraíso;
Entre rubis e perlas doce riso,
Debaixo do oiro e neve côr de rosa;

Presença moderada e graciosa,
Onde ensinando estão despejo e siso,
Que se pôde por arte e por aviso
Como por natureza ser formosa.

Fala, de que ou já vida ou morte pende,
Rara e suave emfim, Senhora vossa,
Repouso na alegria comedido;

Estas as armas são com que me rende
E me captiva Amor; mas não que possa
Despojar-me da gloria de rendido.

Não era somente no Paço que Camões via e tratava a sua amada. O poeta frequentava a casa de D. Antonio de Lima, pae de Nathercia. Ahi, com o doce convívio, o amor criou raizes. Este idyllio durou dois annos. Foram dois annos de alentos, de desalentos, de ciumes, de desconfianças, de voltas á confiança e á esperança. Nathercia era muito menina, e naturalmente leviana. Vivendo numa Côrte, onde o galanteio era uma norma da vida normal, ella não se esquivava a faceirices innocentes, que envenenavam a alma do poeta. Camões soffria, e queixava-se em versos. Mas bastava uma leve prova de affecto para restituir-lhe a ventura. A's vezes, era apenas um olhar, um sorriso, uma palavra; outras vezes, era uma dadiva de amor, uma prenda preciosa, — como quando o amante pediu e obteve o laço de fita que atava as tranças de ouro da namorada:

Lindo e subtil trançado, que ficaste
Em *penhor do remedio* que mereço;
Se só comtigo, vendo-te, endoudeço,
Que fôra co'os cabellos que apertaste?

Aquellas tranças de ouro que ligaste,
Que os raios do sol têm em pouco preço,
Não sei se ou por engano do que peço,
Ou para me matar as desataste.

Lindo trançado, em minhas mãos te vejo,
E por satisfação de minhas dôres,
Como quem não tem outra, hei de tomar-te

E se não fôr contente o meu desejo,
Dir-lhe-hei, que n'esta regra dos amores
Por o todo também se toma a parte.

Mas ao cabo desses dois annos, o idyllio acabou. A familia de Catharina considerou que tudo aquillo era uma criança perigosa: Camões era pobre, e pequeno fidalgo, apenas de dois costados; e, além disso, estouvado, brigão, dado a noitadas de viellas, e dado a amores menos platonicos do que aquelle... Houve ainda os despeitos, os rancores, as invejas de outros poetas da Côrte, principalmente do perfido Caminha, mau poeta e peor homem, que não perdoava a Camões a sua popularidade, o seu talento, a sua bravura, a sua boa fortuna em amores. E parece que houve também a má vontade do rei: talvez, no seu drama "Rei Seleuco", o poeta imprudentemente alludiu a certos amores reaes... Fosse qual fosse a causa do desterro, o certo é que Camões perdeu o seu credito e valimento: foi-lhe vedada a entrada na Côrte, e o misero teve a ordem de sahir de Lisboa. Entre elle e Nathercia, houve uma entrevista de despedida:

Aquella triste e leda madrugada,
Cheia toda de magoa e de piedade,
Emquanto houver no mundo saudade,
Quero que seja sempre celebrada.

Ella só, quando amena e marchetada
Sahia, dando á terra claridade,
Viu apartar-se de uma outra vontade,
Que nunca poderá vêr-se apartada;

Ella só, viu as lagrimas em fio
Que de uns e de outros olhos derivadas,
Juntando-se, formaram largo rio;

Ella, ouviu as palavras magoadas
Que poderão tornar o fogo frio,
E dar descanso ás almas condemnadas.

Foi então, nesse apartamento da Côrte e de Nathercia, que Camões deliberou illustrar o seu nome pelas armas, a ver se assim reconquistava Nathercia e a Côrte. Fez-se guerreiro, e partiu para Ceuta, onde parece que pela primeira vez se delineou na sua mente o projecto d'“Os Lusíadas”. Em Ceuta, numa escaramuça, perdeu um dos olhos. E assim defeituoso, voltou a Portugal, em 1548. Mas, durante a ausencia, os inimigos tinham completado a obra de demolição do credito do poeta. Ramalho Ortigão conta, numa admiravel pagina, o horror do grande infeliz, pobre, mutilado, diffamado, vendo Nathercia irremediavelmente perdida para o seu amor, e a patria jazendo numa abjecção revoltante;

“Na volta de Africa encontra fechadas para elle as portas do paço. A maledicencia de que fôra objecto medrara com a sua ausencia. A mediocridade triumphava pela lisonja palaciana, insinuante, rasteira. A altivez do character, a originalidade artistica, a independencia intellectual estavam para sempre banidas da côrte de D. João III, como violencias peccaminosas e plebeias. Camões é evitado com desdem, quasi com desprezo.

A guerra transformara-o bastante, endurecendo a sua figura e as suas maneiras. Com a pelle tostada, as mãos ennegrecidas pelo sol africano, o rosto marcado com a cicatriz do ferimento em que perdera o olho direito, tinha mais o aspecto rude de um soldado do que o typo delicado e tenro de um escudeiro e de um cortezão. As mulheres achavam-o feio, hediondamente escalavrado. Chamavam-lhe o *cara sem olhos*. Os poetas crivaram-o de epigrammas. E toda a côrte riu. “Elle diz que vê mais que nós, e tem razão d’esta vez: elle vê em cada um de nós dois olhos e nós só lhe vemos um.” Foi Pedro de Andrade Caminha quem poz em verso esse conceito ominoso. O proprio Camões riu com a real chacota, riu corajosamente, emquanto um immenso tedio o pungia e o suffocava.

Em dissidencia declarada e aberta com a côrte, com a arte academica, com a poesia official, em hostilidade com todo esse mundo que se dissolve na impudicia, na diffamação, na hypocrisia e na crapula, Luiz de Camões tem um movimento expressivo de protesto e de revolta. Rebuçado na longa capa das aventuras nocturnas, tendo carregado sobre o olho cego o famoso chapéu cujas grandes abas se torna-

ram proverbias em Lisboa, elle, de cabeça alta e provocadora, de punho solidamente cerrado no quadril, emprehe de este ousado projecto: — Castigar! De que modo? Se escrevesse uma linha aggressiva, queim-o-hiam. A penna era-lhe absolutamente inutil. Restava-lhe a espada que trazia á cinta. Lisboa de noite, com os seus boqueirões sobre o Tejo, com as suas ruas estreitas, com as suas encruzilhadas sinistras, com os seus becos tenebrosos, prestava-se admiravelmente aos recontros e ás brigas. Camões principiou então a passeiar a deshoras, embuçado e mysterioso. D'essas excursões de cada noite resultava uma attenuação numerica nas devoções ou nas libertinagens do dia immediato, porque havia sempre um ou outro rufião noctivago, um ou outro beato tresnoitado, que tendo encontrado de prancha, por cima do seu amor ou por cima da sua ladainha, a espada de Camões, ficava por algum tempo subsequente em casa, — derreado.

Neste periodo da sua vida Camões despe-se de toda a cortezia fidalga. E' um rebelde premeditadamente grosseiro, acintosamente plebeu. Alguns dos seus epigrammas dessa data teem o sal graudo da gíria. Os poucos fidalgos, com quem se acamarada, são valentões rixosos como elle. Em certo dia, especialmente solenne, o da procissão do Corpus Christi, ainda com o sol de fóra, vindo a passar a cavallo na rua Santo Antão, por traz de São Domingos, um empregado do Paço, por nome Gonçalo Borges, — Camões, no meio de uma "briga de arrancar", feriu-o com uma estocada no pescoço, junto (especifica a devassa), do cabello do toutiço. A' devassa, que se fez sobre o fe-

rimento de Gonçalo Borges, succedeu-se a prisão de Camões no Tronco da cidade. Na cadeia, preso por brigão, arrancador e rixoso, começa a composição d'“Os Lusíadas”. Afinal, a 27 de março de 1553, tendo obtido carta de perdão, parte para a India, a bordo da nau “São Bento”.

Parte para a India, mas leva comsigo um consolo. Viu Catharina; e Catharina ama-o ainda, ou, melhor: somente agora o ama verdadeiramente. Agora Catharina já não é uma criança: a sua alma, já formada e perfeita, conhece Camões e conhece o seu genio; conhece-o, e admira-o; admira-o, e ama-o; ama-o, e morrerá amando-o. Partindo para Goa, Camões sabe que Catharina nunca será sua; que importa? viu-a, e sabe que ella não o despreza; isto lhe basta. E ha no seu contentamento um pormenor commovedor. Camões, mutilado em Ceuta, e em Lisboa alcunhado: “o cara-sem-olho”, tinha um receio pueril, mas natural em quem ama: receava que Nathercia, vendo-o defeituoso, lhe achasse a presença desagradavel. Tal não se deu. E o orgulho e a alegria do poeta appareceram num soneto ingenuo:

Vós, que de olhos suaves e serenos
Com justa causa a vida captivaes,
E que os outros cuidados condemnaes
Por indevidos, baixos e pequenos;

Deste Amor os domesticos venenos,
Nunca provados, quero que sintaes,
Que é tanto mais o amor depois que amaes,
Quanto são mais as causas de ser menos;

*E não presuma alguém que algum defeito
Quando na cousa amada se apresenta,
Possa diminuir o amor perfeito;*

*Antes o dobra mais; e se atormenta
Pouco a pouco desculpa o brando peito;
Que amor com seus contrarios se accrescenta.*

Começa então o longo exílio na Asia. 16 annos de peregrinações e de guerras, de aventura e de desgraças, em Goa, no Golfo Persico, no estreito de Meca, nas Molucas, em Moçambique. Nesse perigo, tão cheio de desventuras, ha duas desventuras que excedem em amargura todas as outras: o naufragio em 1559, e a prisão em 1561. Quando se deu o naufragio, já o poeta vinha com a ordem de prisão, e trazia quasi acabado o seu poema immortal. O desastre deu-se na costa de Cambodja.

Camões salvou apenas a vida e “Os Lusíadas”:

*Vês, passa por Camboja Mecom, rio
Que Capitão das Aguas se interpreta,
Tantas recebe de outro só no estio,
Que alaga os campos longos e inquieta;
Tem as enchentes, quaes o Nilo frio;
A gente d'elle crê, como indiscreta,
Que pena e gloria têm depois da morte
Os brutos animaes de toda a sorte.*

*Este receberá, placido e brando
No seu regaço o CANTO, que molhado
Vem do naufragio triste e miserando
Dos procellosos baixos escapado;
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
N'aquelle, cuja Lyra sonora
Será mais afamada que ditosa.*

Depois o naufragio, a prisão, no Tronco de Goa; e, annos depois, quando o vice-rei da India, conde de Redondo, manda soltar Camões, ainda um agiota rico, avarento e cruel, possuindo a expressiva alcunha “o Fiossecos”, embarga o pobre poeta, á sahida da cadeia, exigindo o pagamento de certa somma que elle lhe deve... E' horrivel pensar que tão grande homem, tão baixamente perseguido pela dureza da sorte e pela crueldade dos poderosos, tão maltratado no amor e na honra, tão desprezado pela sua terra e pela sua gente, já guardava comsigo, fixada na forma imprecível, destinada a atravessar os seculos, a epopea, que, com a sua immortalidade, daria a immortalidade á patria amada e ingrata!

Mas que amores teve Camões no Oriente?

Teve sempre os seus dois grandes amores: a Patria, a quem votava o perpetuo monumento d'“Os Lusíadas”, e Nathercia, cuja lembrança nunca o abandonou nas peregrinações, nas guerras e nos martyrios. Mas, alem desses dois amores immateriaes e sublimes, teve naturalmente muitos outros amores

humanos, — entre os quaes um, que ficou celebre: o da captiva Barbora, em Goa.

Camões era um temperamento exaltado. A natureza do Oriente, o clima, a paizagem, e a belleza exotica das mulheres deviam fatalmente dominal-o. Camões intitidou os versos, que escreveu a Barbora: “Endechas a huma captiva com quem andou de amores”. E’ ridiculo pretender fazer uma ve’gonha, para Camões, desta paixão por uma preta captiva. Que podia fazer elle, em Goa, naquella epoca, e com aquelle seu temperamento venusiano? E’ conveniente ler os escriptores que descreveram as mulheres de Goa. . . Citemos apenas estas poucas linhas de Theophilo Braga: “O exotismo da raça é um dos mais fortes estímulos do amor, como o confessou Chateaubriand, nas *Memorias de além da campa*, justificando-se com Camões, de quem traduziu algumas das endechas a Barbora.”

Seja como for, tambem devemos abençoar essa re-tinta Barbora, como abençoamos aquella branca se-nhora devota, a quem em Lisboa Camões dedicou as redondilhas: “a huma senhora rezando por humas contas”. Ouvi as celebres endechas:

Aquella captiva,
Que me tem captivo,
Porque nella vivo
Já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa,
Em suaves molhos,
Que para meus olhos
Fosse mais formosa.

Nem no campo flores,
Nem no ceu estrellas
Me parecem bellas
Como os meus amores.
Rosto singular,
Olhos socegados,
Pretos e cançados,
Mas não de matar...
Uma graça viva,
Que nelles lhes mora,
Para ser senhora
De quem é captiva.
Pretos os cabellos,
Onde o povo vão
Perde opinião
Que os louros são bellos...
Pretidão de amor...
Tão doce a figura;
Que a neve lhe jura
Que trocava a cor.
Leda mansidão,
Que o sizo acompanha,
Bem parece estranha,
Mas *barbara* não!
Presença serena,
Que a tormenta amansa;
Nella emfim descança
Toda a minha pena.
Esta é captiva,
Que me tem captivo:
E, pois nella vivo,
E' força que viva...

Os amores de Barbora, é estes versos datam da primeira demora de Camões em Goa. Na sua volta a esta cidade, já o pobre poeta não teve Barbora nenhuma que o consolasse. Chegou miseravel, e preso; e preso miseravelmente ficou na cadeia do Tronco. A cadeia era immunda, e era destinada ao encarceramento de toda a sorte de criminosos, — ladrões, piratas, defraudadores do fisco publico, assassinos, a ralé da gente aventureira, que Portugal exportava para a Asia. Camões, que estava preso injustamente, victima de accusações calumniosas, foi obrigado a passar varios annos naquella horrorosa promiscuidade. Alentava-o o trabalho, em que se empenhava, de polir o seu poema. E alentava-o tambem a esperança de tornar a ver Nathercia em Lisboa...

Illusoria esperança! havia cinco annos que Nathercia estava morta... Catharina morreu no mesmo anno em que Camões partiu na armada do sul. E o poeta só casualmente, cinco annos depois, no carcere, entre os sordidos companheiros da sordida prisão, soube da desencarnação da sua "alma gentil". Sabe-se que os ultimos annos da vida de Nathercia foram torturados pela saudade, pela desesperação, pelo martyrio do amor contrariado. Todos conheciam no Paço esse soffrimento. Nathercia acompanhava com o pensamento e o amor os passos do amante exilado; delle lhe chegavam noticias frequentes, — ora boas e consoladoras, trazidas por almas compassivas, ora más e perversas, envolvendo calumnias inventadas pelos inimigos, aggravando a má consideração que pesava sobre o desterrado. Dona Catharina de Atâyde de Li-

ma finou-se tristemente, sem carinho e sem esperança...

Caminha, o odioso Caminha, o peor inimigo de Camões, foi quem escreveu (triste profanação!), o epitaphio para a sepultura da Nathercia. Estes versos de Caminha são maus, como todos ou quasi todos os que compoz aquelle invejoso rimador mediocre. E' este o quasi sacrilego epitaphio:

Aqui jaz escondida aquella Dama
Fermosissima e rara Catherina;
Que no mundo terá gloriosa fama
De cuja vista a terra foi indina.
Aqui chorou o Amor, e d'aqui chama
Que n'esta pedra, de tod'honra dina,
Cantem immortaes versos e louvores
A Formosura, as Graças e os Amores.

Que no mundo terá gloriosa fama... — escreveu o implacavel detractor de Camões, sem imaginar que estava escrevendo uma rutilante e magnifica verdade. Catharina teve, realmente, gloriosa fama no mundo; mas não pela nobreza do seu nascimento, não pelo esplendor da sua formosura, não pelo insipido epitaphio do invejoso... Teve-a, sim, pelo amor de Camões, que na vida a glorificou, e na morte a salvou do esquecimento. E não foi sómente nos versos lyricos do poeta que elle alcançou vida perpetua: foi n'“Os Lusíadas” tambem, nessa assombrosa epopea, filha do soffrimento de uma grande alma illuminada. Catharina foi, de algum modo, a criadora d'“Os Lusíadas”, porque foi a sua inspiradora. Contra esta

Os amores de Barbora, é estes versos datam da primeira demora de Camões em Goa. Na sua volta a esta cidade, já o pobre poeta não teve Barbora nenhuma que o consolasse. Chegou miseravel, e preso; e preso miseravelmente ficou na cadeia do Tronco. A cadeia era immunda, e era destinada ao encarceramento de toda a sorte de criminosos, — ladrões, piratas, defraudadores do fisco publico, assassinos, a ralé da gente aventureira, que Portugal exportava para a Asia. Camões, que estava preso injustamente, victima de accusações calumniosas, foi obrigado a passar varios annos naquella horrorosa promiscuidade. Alentava-o o trabalho, em que se empenhava, de polir o seu poema. E alentava-o tambem a esperança de tornar a ver Nathercia em Lisboa...

Illusoria esperança! havia cinco annos que Nathercia estava morta... Catharina morreu no mesmo anno em que Camões partiu na armada do sul. E o poeta só casualmente, cinco annos depois, no carcere, entre os sordidos companheiros da sordida prisão, soube da desencarnação da sua "alma gentil". Sabe-se que os ultimos annos da vida de Nathercia foram torturados pela saudade, pela desesperação, pelo martyrio do amor contrariado. Todos conheciam no Paço esse soffrimento. Nathercia acompanhava com o pensamento e o amor os passos do amante exilado; delle lhe chegavam noticias frequentes, — ora boas e consoladoras, trazidas por almas compassivas, ora más e perversas, envolvendo calumnias inventadas pelos inimigos, aggravando a má consideração que pesava sobre o desterrado. Dona Catharina de Atáyde de Li-

affirmação não valem capciosos argumentos de criticos pecos e de exegetas mesquinhos. Por duas vezes Luiz de Camões, antes de escrever a epopea nacional, claramente se referiu ao *novo pensamento*, que o preoccupava; e tambem claramente, por ambas as vezes, declarou que esse *novo pensamento* lhe foi suggerido pelo amor. Entre as *Canções*, ha uma, a 11, que é uma verdadeira autobiographia: nella Camões fala do seu nascimento, dos seus primeiros amores em Coimbra, dos erros da sua vida desregrada, em Lisboa, do seu primeiro encontro com Catharina, e emfim de toda a sua vida tumultuosa e infeliz; e no fim dessa canção apparece a allusão ao *novo pensamento* gerado pelo amor, quando o biographo de si mesmo se refere:

“á conversação leda e suave,
onde uma e outra chave
esteve no meu novo pensamento...”

Mais tarde, a confissão é renovada nas magnificas oitavas dirigidas em forma de carta a D. Antonio de Noronha, companheiro de armas de Camões:

Mas por onde me leva a phantasia?
Porque imagino eu bemaventuranças,
Se tão longe a Fortuna me desvia,
Que inda me não consente as esperanças?
Se *um novo pensamento* Amor me cria
Onde o logar, o tempo, as esquivanças
Do bem me fazem tão desamparado,
Que não póde ser mais que imaginado?

Para conquistar Nathercia, Camões appellou primeiro para a gloria das armas; depois, por uma nova inspiração, appellou para a gloria das letras. Instigado ao mesmo tempo pelo amor da mulher, de quem foi afastado, e pelo amor da patria, que via, depois de um passado glorioso, abastardada num envilecimento progressivo, — Camões ideou e executou “Os Lusíadas”.

Assim, o amor de Nathercia não foi, naquella existencia tormentosa, como os outros amores de Camões, um relampago fugaz. Foi uma grande luz de brilho constante, um fanal de irradiação perenne, em que os olhos do poeta sempre se fixaram: durante o apartamento do Ribatejo, na estação agoniada de Ceuta, na vida bulhenta de Goa, no horror do naufragio no Mecon, na solidão de Macau, na degradação das cadeias...

O mau epitaphio de Caminha, composto para o tumulo de Dona Catharina de Atayde de Lima, foi, além de uma profanação, uma inutilidade. Nathercia não precisava dessa homenagem. Se, alem da gloria de ter inspirado “Os Lusíadas”, a sua memoria requeresse outra consagração piedosa, bastar-lhe-ia o piedosissimo soneto, que recitei como oração inicial, e que como oração final recitarei, em preito de veneração a Nathercia, — prece admiravel e suprema, que é a mais alta expressão da saudade humana, prece que todos os que já perderam na vida a sua *alma gentil*, costumam sempre dirigir-lhe, com os olhos ennevoados de lagrimas, nos momentos do maior desconforto:

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no ceu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Não te esqueças daquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da magua sem remedio de perder-te,

Roga a Deus, que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou!

O FEITICISMO DOS POETAS
BRASILEIROS

E' indispensavel uma curta explicação do enunciado do thema desta conferencia.

Em primeiro lugar, porque digo *feiticismo* e não *fetichismo*, como vulgarmente se diz e se escreve? Não sou inimigo irreconciliavel dos estrangeirismos. Não considero que uma lingua qualquer, nova ou velha, pobre ou rica, possa ficar parada, ankylosada, estagnada, limitada aos seus proprios recursos. Aos idiomas acontece o mesmo que aos grandes industriaes e commerciantes, que quanto mais dinheiro ganham, tanto mais dinheiro querem ganhar. As linguas vivas, em pleno viço e esplendor, nunca são bastante ricas; todas ellas adoptam a lei da grande naturalização, e dão fóros de cidade a todos os vocabulos que podem opulentar-a e aformoseal-a. Se é riquissima a nossa lingua, não é isso razão para que se não procure enriquecel-a ainda mais. Mas não se trata disso no caso especial dos vocabulos "fetiche" e "fetichismo". Estas palavras são corrupção france-

za dos velhos e legitimos portuguezes “feitiço” e “feiticismo”: são lusitanismos introduzidos na lingua franceza; todos os dictionarios o dizem. Digamos, portanto, em bom portuguez, “feitiço” e “feiticismo”.

A ideia da conferencia exige tambem explicação breve. Que é “feiticismo”, e que quero dizer, quando falo do “feiticismo dos poetas brasileiros?” No sentido preciso e rigoroso, feiticismo, ou o culto dos feitiços é a religião dos que veneram certos objectos naturaes ou artificiaes, ou um animal vivo ou morto, ou uma arvore, ou uma pedra, ou um idolo. O feiticismo é uma tendencia natural para o homem. Toda adoração tende a tornar-se feiticista. Quando se funda uma religião, os seus fundadores, querendo corporificar aos olhos dos crentes a divindade a adorar, tratam logo de symbolizar-a numa imagem, porque sabem que todo o homem, ainda o mais intelligente e culto, só comprehende bem, e só pode bem respeitar e amar aquillo que cae sob a acção directa dos seus sentidos. Assim, o idolo, a imagem é apenas a figuração corporea, a representação visivel e tangivel do deus. Não é propriamente á imagem, ou á madeira, ao gesso, ao metal, ao pano, de que é feita a imagem, que se devem dirigir as preces e os preitos dos fieis, mas, sim, unicamente, ao deus immaterial, ao puro espirito que a imagem répresenta. E’ isso o que pretendem os fundadores das religiões. Mas, com o correr do tempo, o povo, que é entranhadamente e irremediavelmente feiticista, esquece a ideia do espirito que o idolo symboliza, e começa a adorar a propria imagem, como se ella, na sua passividade, na sua materialidade, fosse realmente um deus, dotado de acção,

de vontade, de omnipotencia e de omnisciencia. No Brasil, como em todos os paizes, observa-se todos os dias este feiticismo religioso. Muita gente, tendo devoção a certo santo do calendario, não sabe porque lhe tem devoção, nem ao menos sabe quem foi ou fez elle na vida terrena. O que essa gente adora não é absolutamente a pessoa do varão piedoso e justo, que a Igreja, pela sua virtude e caridade, incluiu no numero dos bemaventurados: o que ella adora é unicamente a imagem do santo. Conheci uma senhora, uma boa e velha amiga, que era muito devota de Santo Antonio. Mas nem ella sabia quem foi Santo Antonio! Não era ao meigo e misericordioso lisboeta, pobre e austero, que se metteu entre os moiros para os converter, e que com a sua eloquencia commovia até os peixes, — não era a esse Santo Antonio que ella dirigia as suas preces. Não! o *seu* Santo Antonio, o unico que ella reconhecia e adorava, era um certo Santo Antonio de um palmo de altura, que havia no seu oratorio da sua casa do Rio de Janeiro. Aconteceu que essa senhora foi passar algum tempo na Europa. O seu primeiro cuidado, ao installar-se em Paris, num hotel, foi *trocar* uma imagem nova de Santo Antonio, que collocou, entre flores, sobre a commoda do quarto de dormir. Parece, porém, que o novo santo não lhe era tão liberal em milagres como o antigo. . . “O sr. não imagina (disse-me ella) a falta que me está fazendo o meu Santo Antonio, que deixei no Rio de Janeiro”. — “Como? (perguntei), mas não tem a senhora alli, sobre a commoda, um Santo Antonio?” — “Não é a mesma cousa! eu só me entendo bem com o meu santo do Rio de Ja-

neiro, que já me conhece, que tem intimidade commigo, e nunca recusa cousa alguma!” Esta simples anedota basta para explicar o feiticismo, no sentido rigoroso e primitivo da palavra. Hoje, a palavra dilatou o seu sentido. Por extensão, o vocabulo exprime toda a veneração profunda, exagerada, cega, de um objecto, symbolizando uma idéa, mesmo fóra da idéa religiosa. Ha, por exemplo, o feiticismo da bandeira. Em campanha, quando os soldados se arrojam de encontro á morte, alguns comprehendem que esse pano — é o symbolo da Patria; e, seguindo a bandeira, é a propria Patria que elles estão verdadeiramente seguindo. Outros, porém, os simples, os rudes, os de intelligencia curta ou inculta, são levados por um verdadeiro feiticismo, adorando a bandeira pela bandeira, como um selvagem da Africa adora o seu idolo, o seu pedaço de pau ou de pano, o seu feitiço. Ha ainda um feiticismo muito vulgar: o das palavras. Conheci, no tempo da escravidão, um fazendeiro, um senhor de escravos, que era um feiticista da palavra *liberdade*. Era italiano, e viera menino para a America do Sul; e, na sua mocidade, andara pela Argentina e pelo Uruguay, empenhado nas guerras civis desses dois paizes. Combatera contra Rosas e Francia; e dessas campanhas liberaes lhe ficára na alma um entranhado amor de liberdade. Falar-lhe em liberdade era dar-lhe ao coração banho longo de enthusiasmo e fé: afusilavam-se-lhe os olhos, avermelhavam-se-lhe as faces, precipitava-se-lhe o sangue nas veias, em rufos de febre. Findas as guerras, o homem enriquecêra e comprára no Brasil uma fazenda, dedicando-se então a fazer brotar do solo o

precioso grão do café; e, para isso, tinha em casa um meio cento de escravos robustos. Não estranheis o caso: naquelle tempo, havia em todos os espiritos a convicção de que o suor do negro era o melhor estreme para a terra cafeeira. . . Logo cedinho, o fazendeiro sahia com a aurora para o eito, levando comsigo um precioso rebenque veneravel, — reliquia do tempo, em que, nas marchas de campanha, cavalgava ao lado dos fogosos guerrilheiros. Não havia na fazenda feitor especialmente encarregado de incutir á tropa negra o respeito da disciplina por meio do chicôte: era o proprio fazendeiro quem, nos momentos criticos, propinava aos trabalhadores rebeldes ou malandros a applicação benefica do couro cru. E agora, ouvide e pasmae! na velha prata fosca que encastoeava o relho já tão conhecido das costas dos escravos, havia, artisticamente aberta a buril, esta encantadora inscripção: *Viva la libertá!*

Ahi tendes um caso caracteristico de feiticismo de palavra. . . Mas ainda, por uma nova e maior extensão do vocabulo, o feiticismo, em psychologia amorosa, ficou sendo a predilecção, que, em amor, se tem por um encanto particular da mulher, ou ainda por um objecto que pertence ou pertenceu á mulher amada. E' frequente ouvir um namorado falar dos feitiços da sua namorada. Que feitiços são esses? são os seus olhos, a sua mão, o seu pé, o seu modo de andar, o seu modo de falar, ou um certo cacoête que ella tem. Já alguem disse que cada mulher tem um certo *que*, que é feito para agradar exclusivamente a certo e determinado homem. Muitos homens, antes

de se apaixonar por uma mulher em conjunto, começam por se apaixonar pela cor do seu cabello, ou pelo tamanho dos seus olhos, ou pela forma do seu queixo. Se todos os homens, que estão nesta sala, quizessem dizer com franqueza o que foi que mais os seduziu, logo á primeira vista, nas mulheres a quem mais amaram ou ainda amam, cada um delles faria uma confissão differente. Este diria: “foi a forma da sua orelha, pequena, retorcida, rosea como uma concha de Palermo”. Outro: “foi a brancura offuscante dos seus dentes, certos e claros como um fio de perolas”. E outro: foi o seu modo de andar, foi a suprema elegancia das suas botinas de tacão alto...” A esta predilecção accentuada por certos encantos femininos é que se dá o nome de feiticismo em psychologia. O feiticismo amoroso é muitas vezes uma fórma definida de loucura. Claro é que, quando exagerado e absorvente, quando convertido numa idéa fixa, sae do dominio da psychologia e entra no dominio da psychopathia e da psychiatria. Ainda não ha muito, foi preso em Londres um individuo, no momento em que cortava com uma tesoura a trança de uma senhora; a policia encontrou no seu domicilio um vasto movel, em cujas gavetas havia uma collecção riquissima de pedaços de tranças, pacotes de cabellos de todas as cores, negros, louros, castanhos, ruivos, e até grisalhos e brancos... Esse ladrão de cabellos era um feiticista louco.

Mas não saíamos do terreno da normalidade. Deixemos os loucos com a sua loucura, e tratemos dos

feiticistas que teem juizo, — se é que qualquer homem, quando captivado pelos feitiços de uma mulher bonita e amada, pode conservar intacto o seu juizo.

Sendo nós uma raça de amorosos, a nossa poesia tem sido sempre uma poesia de amores. Namoradores e lyricos, os nossos poetas são naturalmente feiticistas. Celebrando em versos ardentes os encantos femininos, elles teem predilecções e preferencias. Uns são os cantores dos olhos, outros das mãos, outros dos pés. Estou em affirmar que não ha poesia nenhuma, como a brasileira, tão dada á glorificação dos encantos femininos. Os nossos poetas, neste particular, parecem descender em linha directa de Salomão, o sabio e real cantor do “Cantico dos Canticos”.

Neste admiravel poema lyrico, cuja inserção nos livros sagrados tem sido tão contradictoriamente explicada, os encantos da Sulamita são cantados com um feiticismo exaltado, e com uma opulencia phenomenal de imagens, algumas das quaes de uma extravagancia entontecedora. Salomão diz que os dentes da Sulamita são como um rebanho de ovelhas, todas brancas e parelhas; que a sua boca é um oriente em fogo; que o seu pescoço é a torre de David; que as suas faces são as duas metades de uma romã; que os seus olhos são os dois lagos do Hesebão; que a sua testa é a serra do Carmelo. . . Salomão, se não fosse poeta judeu, seria poeta brasileiro.

Raras vezes vereis um poeta nosso cantar a alma, a bondade, a ternura, a innocencia de uma mulher. Quando se encontra isso, não é difficil verificar que

o poeta está contrariando o seu temperamento. Ouvi para exemplo estes versos de Fagundes Varella :

O que eu adoro em ti não são teus olhos,
Teus lindos olhos cheios de mysterio,
Por cujo brilho os homens deixariam
Da terra inteira o mais soberbo imperio;

O que eu adoro em ti não são teus labios
Onde perpetua juventude mora,
E encerram mais perfumes do que os valles
Por entre as pompas festivaes da aurora;

O que eu adoro em ti não é teu rosto,
Perante o qual o marmor descorara,
E ao contemplar a esplendida harmonia
Phidias, o mestre, o seu cinzel quebrara;

O que eu adoro em ti não é teu collo,
Mais bello que o da esposa isráelita,
Torre de graças, encantado asylo,
Onde o igneo genio das paixões habita;

O que eu adoro em ti não são teus seios,
Alvas pombinhas que dormindo gemem,
E do indiscreto vôo de uma abelha
Cheias de medo em seu abrigo tremem;

O que eu adoro em ti — ouve! — é tua alma,
Pura como o sorrir de uma criança,
Alheia ao mundo, alheia aos preconceitos,
Rica de crenças, rica de esperanças...

Vê-se bem que isto não é sincero. Para dizer que somente adorava, nessa formosa criatura, a sua alma, o poeta escreveu muitas estrophes para celebrar os seus olhos, os seus labios, o seu rosto, o seu collo... Feiticista escondido, com a ponta de orelha de fora!

Para que nesta conferencia o thema fosse bem estudado, seria preciso que eu aqui vos mostrasse como, os poetas brasileiros, este canta exclusivamente, ou quasi exclusivamente, os olhos, aquelle os pés, aquelloutro os cabellos... Porque o que caracteriza rigorosamente o feiticismo poetico não é a tendencia para cantar indifferentemente todos os encantos femininos, mas para cantar um certo e determinado encanto. Por exemplo, o nosso maior romancista, Machado de Assis, tinha a religião dos braços femininos: era o que o seu olhar via immediatamente, logo á primeira vista, em qualquer mulher formosa, e era, dos encantos dessa mulher, o encanto que a sua penna descrevia com demorado e enternecido carinho. Assim, deveriamos organizar aqui a estatistica do nosso feiticismo lyrico. Mas essa estatistica seria enfadonha. O mais agradavel e o mais simples é desenrolarmos aqui o mais bello mappa que se pode conceber, o mappa da belleza feminina, e irmos assignalando alguns pontos com a recitação de versos, criados pela fantasia feiticista dos nossos poetas. E respeitaremos o recato da sagrada magestade da belleza feminina: porque a belleza immortal tem segredos e privilegios intangiveis; devemos todos ouvir e seguir o conselho que nos deu Raymundo Corrêa, nos seus *Versos a um artista*;

Poupa ás faces da deusa a onda purpurea!
Pinta-a, ideando-a só! o audaz recacho,
O torso, e o resto, sem, tremenda injuria,
A tunica rasgar-lhe de alto abaixo!

Comecemos pela cabeça, séde da expressão, cofre das ideias generosas e apaixonadas; e, na cabeça, começemos pelos olhos, janellas por onde a alma se debruça. Olhos negros, olhos azues, olhos verdes, olhos garços, quantos poemas tendes inspirado no Brasil! E' pelos olhos que o espirito espia, é por elles que os primeiros desejos se communicam, é por elles que sae e entra a primeira seducção, é por elles que se estabelece a primeira conversação, é por elles que salta a apertada, a invisivel, a traiçoeira rede em que os namorados são colhidos, e é, emfim, por elles que a mulher é sincera, porque, como disse um poeta, “os labios mentem, os olhos não!”

Os olhos negros... Quanta cousa sublime ou graciosa, tragica ou delicada teem visto nelles os poetas! São os olhos da volupia infernal, na paixão que allucina; da febre, do ciume. Se Valentim Magalhães pôde idyllicamente comparal-os a bagos de uvas:

“— São teus olhos, me servindo
De uma rustica poesia,
Bagos de uva, reflectindo
O fulgor do meio-dia, — ”

já Medeiros e Albuquerque os injuria, vendo dentro delles uma quadrilha de salteadores da Calabria:

“São como certos bandidos
da Calabria os teus brilhantes
olhos radiantes,
olhos cheios de encantos atrevidos”;

e uns negros olhos conheceu Luiz Delfino, que eram
ao mesmo tempo o ceu e o inferno:

“Naquelles olhos, em que os astros moram,
Trocando o ceu, que teem, por ceu mais bello,
A sombra negra da paixão de Othelo
Passa rugindo, de punhal na mão!”

E’ na contemplação dos olhos negros, admirando a
sua treva em que ardem relampagos de mysterio, que
os poetas aprendem a associar as duas ideias supre-
mas do amor e da morte; e, sendo os olhos do crime,
são tambem os da piedade; eram negros os olhos de
uma santa, a quem se dirigia Leal de Souza:

“A’ casta luz d’esse olhar,
Sinto ancias christans de orar,
Porque, brilhantes de amor,
Teus negros olhos rasgados
Teem a tristeza e o esplendor
Dos templos illuminados.”

E os olhos azues? esses conteem tanta cousa! Al-
berto de Oliveira conheceu uma mulher etherea e
pura, de olhos de um azul claro,

“tão claro, que do ceu se via o manto,
cem leguas atravez dos olhos della!”

Leguas e leguas de ceu!... E esse mesmo poeta, fitando esses mesmos olhos, dentro delles descobriu as almas que os animavam:

Se esses brilhantes olhos seductores
Avido encaro, soffrego analyso,
Como de lente armado, se é preciso,
Estuda o sabio a cellula das flores,

Noto o principio, allucinado, attento,
Nelles um ponto azul: e, penetrando
Mais fundo, abertas vejo rutilando,
Duas camaras cor do firmamento,

Duas formosas camaras azues,
E, dentro d'ellas, arco e flecha erguidos,
Dois amores pequenos e atrevidos,
Movendo no ar os seus bracinhos nús...

Mas o maior feiticista dos olhos, na poesia brasileira, foi Gonçalves Dias, que passou a vida a cantal-os e amal-os, sem preferir uma côr a outra, — olhos negros das tricanas de Coimbra, olhos garços e travesos das francezas, olhos azues das inglezas e das allemans, olhos pardos das tapuias do norte do Brasil, — até que naufragou no verde mar traidor de uns olhos que o perderam:

São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde mar,
Quando o tempo yae bonança;
Uns olhos cor de esperança,
Uns olhos por que morri;
 Que, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo,
 Depois que os vi!

Como duas esmeraldas
Iguaes na forma e na cor,
Teem luz mais branda e mais forte:
Diz uma: vida; outra: morte;
Uma: loucura; outra: amor;
 Mas, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo,
 Depois que os vi!

São verdes da cor dos prados;
Exprimem qualquer paixão,
Tão facilmente se inflammam,
Tão meigamente derramam
Fogo e luz no coração;
 Mas, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo,
 Depois que os vi!

São uns olhos verdes, verdes,
Que podem também brilhar;
Não são de um verde embaçado,
Mas verdes da cor do prado,
Mas verdes da cor do mar,

Mas, ai de mi!

Nem já sei qual fiquei sendo,

Depois que os vi!

Como se lê num espelho,
Pude ler nos olhos seus:
Os olhos mostram a alma,
Que as ondas postas em calma
Também reflectem os ceus;

Mas, ai de mi!

Nem já sei qual fiquei sendo,

Depois que os vi!

Dizei vós, ó meus amigos,
Se vos perguntam por mi,
Que eu vivo só da lembrança
De uns olhos cor da esperança,
De uns olhos verdes que vi!

Que, ai de mi!

Nem já sei qual fiquei sendo,

Depois que os vi!

Dizei vós: “Triste do bardo!
Deixou-se de amor finar!
Viu uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos da cor do mar:
Verdes, mas sem esperança,
Davam amor sem amar!”
Dizei-o vós, meus amigos,
Que, ai de mi!
Não pertença mais á vida,
Depois que os vi!

Basta, porem, de olhos! A viagem é longa, atravez da mappa feiticeiro. Depois dos olhos, a boca: ninho da voz, fonte suprema da ternura, onde a alma gorgueia, pede, ruge, chora e pragueja, — onde residem os sorrisos, o sorriso timido do amor que não ousa, o sorriso provocador da tentação que exige, o sorriso frio do desdem que humilha, o sorriso insolente do motejo que mata, — e onde moram os beijos, caricia extrema, fala muda do amor, delirio que não cansa, delirio, que, como disse Guimarães Passos, tem de ser infinito para ser bom:

Um beijo mata, é verdade!
Porem outro beijo cura:
E’ o caso da mordedura,
Da mordedura do cão;
Um só, transtorna a cabeça:
Mas, se um em cima se emite,
Provoca mais o apetite,
E faz bem ao coração...

Se Gonçalves Dias foi o grande feiticista dos olhos, o grande feiticista da boca foi um velho poeta nosso, o nosso velho Gonzaga, pastor da Arcadia Mineira, o suave Dirceu de Marília. As *Lyras* de Dirceu estão cheias de louvores ardentes á boca de Marília. A boca de Marília era um assombro, uma obra prima, para cujo esplendor contribuíam sumptuosamente todos os reinos da Natureza. Um poeta popular disse de uma boca desconhecida:

A tua boca, menina,
E' uma casa com jardim!
As portas são de coral,
Os degraus são de marfim...

Mas a boca de Marília era ainda mais rica: tinha flores, tinha pedras preciosas, mel, ambrosia. Dizia o poeta a Glauceste:

Para pintar, Glauceste, .
Os seus labios graciosos,
Entre as flores tens o cravo,
Entre as pedras a granada.

E logo:

As abelhas, nas azas suspendidas,
Tiram, Marília, os sucos saborosos
Das orvalhadas flores;
Nunca fartos amores,
O mel não sorvem, sorvem ambrosias,
Pendentes de teus labios primorosos.

Com que enternecido enlevo, com que dolorosa saudade, mais tarde, na sua casinha de Villa Rica, Marilia, aos setenta annos, recitaria esses versos, repassando-os pela sua pobre boca privada dos seus cravos, das suas granadas, das suas perolas de outra!...

Os cabellos... E' talvez esse o mais encantador dos feitiços. Ha quem possa comprehender uma bella mulher sem bellos cabellos? Venus, calva, seria hedionda. Nos cabellos da mulher está a graça, como nos cabellos de Sansão estava a força. Se na tragedia biblica os papeis se invertessem, se Sansão cortasse os cabellos de Dalila, esta tambem perderia toda a sua força, que era a sua belleza. Este feitiço feminino tem sobre todos os outros uma grande vantagem: é o unico que pode ser separado do corpo da mulher amada, para ser usado como talisman ou amuleto. A mecha de cabellos! penhor e lembrança, — o feitiço, o *tabú*, que se conserva na carteira, no bolso, ou no pescoço dentro de um bentinho, ou no dedo em forma de anel...

Luiz Guimarães quiz um dia morrer, envolvido na sumptuosa mortalha de uma cabelleira negra:

Tranças, ai tranças formosas!
Cabello puro e annelado!
Tão negro, tão perfumado
Como as mattas tenebrosas!

Nas vossas roscas cheirosas,
Eu sinto o aroma orvalhado
Que habita o seio dourado
Da madresilva e das rosas...

Por isso, amor, quando vejo
Esses escuros novellos
Revoltos, tenho desejo

De aspiral-os, de sorvel-os,
E de morrer como um beijo,
Nas ondas dos teus cabellos...

Alberto de Oliveira quiz ter o mesmo genero de
morte, mas dentro de uma cabelleira loura:

Quero-te aqui, minha somente! os braços
Meus, e o collo, e a cabeça, e a boca, e o rosto!
Tu matarás todo o infernal desgosto,
Toda a amargura que me segue os passos!

Seja dia ao nascer, seja sol posto,
Ou chova, ou torrem callidos mormaços,
Tu me serás repouso aos membros lassos,
Minha somente, meu marmoreo encosto...

Em ti, como num céu que é meu de agora,
As azas cance o espirito suspenso,
Sacie-se o ideal que me devora...

Vamos! do seio mostra-me o thesouro!
Solta os cabellos! e que eu morra, o incenso
Bebedo haurindo d'essa nuvem de ouro!...

Para Castro Alves, os cabellos foram sempre um feitiço ardentemente adorado. Sobre as “Espumas Fluctuantes”, pairam, de pagina em pagina, radiantes cabelleiras femininas. O famoso “Laço de fita”, que inspirou o nosso bello poeta, somente o encantou porque adornava a coma de Pepita:

“Na selva sombria de tuas madeixas,
Nos negros cabellos de moça bonita,
Fingindo a serpente que enlaça a folhagem,
Formoso enroscava-se o laço de fita. . .”;

na linda “Boa Noite”, é entre os cabellos do Consuelo que o poeta quer dormir:

“Como um vasto e sombrio firmamento,
Sobre mim desenrola o teu cabelo. . .
E deixa-me dormir balbuciando:
Boa noite, formosa Consuelo!”;

e mais adeante, paraphraseando o verso de Musset: “ses longs cheveux épars la couvrent toute entière”, Castro Alves admira a attitude da “Adormecida”:

Uma noite, eu me lembro. Ella dormia
Numa rede encostada mollemente:
Quasi aberto o roupão, solto o cabelo,
E o pé descalço do tapete rente.

.
.

A brisa, que agitava as folhas verdes,
Fazia-lhe ondear as negras tranças. . .”

E é sempre a mesma preocupação; em “A uma Estrangeira”:

“E volvia a Americana
Do Plata ás vagas... Talvez!
E a brisa amorosa, insana,
Misturava os meus cabellos
Aos cachos escuros, bellos,
Aos negros cachos de Ignez!”;

no “Tonel das Danaides”:

“Na torrente caudal de seus cabellos negros
Alegre eu embarquei da vida a rubra flor...”;

em “Marieta”:

“Como o genio da noite, que desata
O véo das rendas sobre a espadua nua,
Ella solta os cabellos... Bate a lua
Nas alvas dobras de um lençol de prata...”;

em “Horas de saudade”:

“Tu levaste-me a vida entrelaçada
Na sombra sideral de teus cabellos!”;

e em varios trechos de “Uma pagina de Escola Realista”:

“As trevas rolam com as tranças negras,
Que a Andaluza desmancha em mago enleio;
E entre rendas subtis surge medrosa
A lua plena, qual moreno seio.

.
.

Meus prantos sirvam apenas
P’ra humedecer teus cabellos,
Como da corça nos vellos
Fresco orvalho a resvalar...

.
.

Sentir que a vida vai fugindo aos poucos,
Como a luz que desmaia no occidente;
E boiar sobre as ondas do sepulcro,
Como Ophelia nas aguas da corrente...
Sentir o sangue espadanar do peito,
Licor de morte, sobre a boca fria,
E meu labio enxugar nos teus cabellos,
Como Rolla nas tranças de Maria!”...

Mas, repito, a viagem é longa. Somente, antes de sair da cabeça, registremos que de todos os encantos da cabeça feminina o unico que nunca enfeitiçou poetas é o nariz. O nariz, em poesia, só tem inspirado chacotas. Entretanto, elle era para os escultores antigos, como ainda para os modernos, o ponto da face humana de maior trabalho e do mais difficil estudo. Ha até regras fixas para o typo de perfeição do nariz

Para que um nariz seja perfeito, é preciso que a sua altura seja igual á altura da fronte; perto da raiz, deve haver uma pequena depressão; a ponta não deve ser carnuda, mas afilada; o contorno inferior deve ser de desenho correcto e preciso, nem muito agudo, nem muito obtuso; de perfil, a parte inferior deve ter um comprimento rigorosamente igual á terça parte da altura total; e, em cima, a largura, dos lados dos olhos, deve ser de meia pollegada. A precisão destas regras mostra quanto para os artistas é importante o nariz, como parte da belleza. Mas não é verdade que ha realmente narizes encantadores, mesmo quando não obedecem a essas regras formaes? Ha narizinhos arrebitados, por exemplo, que, com o seu ar de insolente e provocante petulancia, nos parecem mais bellos do que o nariz impecavel da Venus Anadyómena do Museu do Vaticano. Por tudo isto, não se comprehende que o nariz não tenha seduzido a inspiração dos nossos poetas. Houve um, que quiz rehabilital-o: foi Bernardo Guimarães. Mas não conseguiu manter a inspiração no seu poema:

“Cantem outros os olhos, os cabellos
E mil cousas gentis
Das bellas suas; eu, da minha amada,
Cantar quero o nariz.
Não sei que fado misero e mesquinho
E’ este do nariz:
Que poeta nenhum em prosa e verso
Cantal-o jamais quiz.

Os dentes são perolas,
Os labios rubis;
As tranças lustrosas
São laços subtis,
Que prendem, que enleiam
Amante feliz;
E' collo de garça
A nivea cerviz;
Porem ninguem diz
O que é o nariz.
Beijam-se os cabellos,
E os olhos bellos
E a boca mimosa,
E a face de rosa
De fresco matiz;
E nem um só beijo
Fica de sobejo
Para um só nariz...
Ai! pobre nariz,
E's bem infeliz!..."

E por ahí vai Bernardo Guimarães, mas não acha dar lyrismo ao nariz. Desventurado nariz! nunca apparecerá quem o tome por feitiço.

Vamos, porem, á mão. Feitiço de primeira ordem! Que é a figa, que se põe ao pescoço ou sobre o berço das crianças, e que muitas senhoras e muitos homens usam, como ornato, na pulseira, ou no collar, ou na corrente do relógio, senão um feitiço de especial condão, afastando o mau-olhado e a jettatura, attrahindo a felicidade? Já na mais remota antiguidade grega, havia mãosinhas votivas, mãosinhas de marmore ou

de bronze, que se offereciam aos deuses, quando delles se queria obter alguma cousa. Os romanos conservaram a figa nas suas tradições sagradas, e transmittiram-na aos modernos italianos, e a todos os povos latinos; e os mahometanos, na Asia e na Africa, usam habitualmente a figa, que representa a mão de Fatima, a filha do Propheta. E' natural o culto religioso que se dá á mão. A mão é a prodigalizadora dos gestos que abençoam e amaldiçoam; chama e repelle, intima e pede, acaricia e espanca, attrahe e expulsa; é com ella que se pedem e dão as esmolas; e é nella que se dão os mais expressivos beijos de respeito e de amor. E que lindo feitiço tem sido ella para os poetas brasileiros! João Ribeiro diz que ella é um lirio:

A mão, que em gentil desgarro,
Sae do alvo braço, talvez
Lirio de bocal de um jarro
Japonez...

Luiz Delfino diz que ella é o céo e a floresta:

“E' curva como o céo; tem a frescura
Das luzes matinaes;
Tem a sombra da mata e a doce alvura
Dos linhos matinaes...”

E Alberto de Oliveira, que, alem de ser muito feiticista, é tambem muito pantheista, diz que o dia, em que logrou apertar na sua uma certa mão, foi dia de festa para toda a Natureza:

Emfim! nas verdes pendulas ramadas,
Cantae, passaros! vinde ouvil-o, rosas!
Abri-vos, lirios? recendei, medrosas
Myosotis e acacias perfumadas,

Prestae-me ouvido! Saibam-no as cheirosas
Balsas e as leiras floridas plantadas;
Aves e flores, flores e alvoradas,
Alvoradas e estrellas luminosas,

Saibam-no agora! os ceos e a esphera toda
Saibam-no agora! Emfim, sua mão de leve...
Borboletas, que pressa! andaes-me em roda...

Auras, silencio! Emfim sua mãosinha,
Sua mão de jaspe, sua mão de neve,
Sua alva mão pude apertar na minha!...

Mas, ó deuses immortaes! quantas outras regiões
do mappa sagrado reclamam a nossa visita e exigem
a nossa curiosidade! Cem vidas não bastariam para
percorrer todas estas regiões cheias de maravilhas.
E nem todas as regiões são accessiveis ao olhar pro-
fano... Demos um salto, e passemos da mão ao pé:

O pé sempre foi o feitiço que mais tem impressio-
nado os poetas de todas as raças e de todos os tem-
pos. Um pé pequeno e bem feito vale ouro — que
digo? vale o céu. Por possuir um pé perfeito, a po-
bre Cendrillon, a humilde Gata Borralheira sahio do
borralho para um throno... Qual será a razão desta
primazia? Creio que, se o pé é tão amado, é porque
nem sempre o vemos á vontade. Todo o mysterio

acrescenta um novo encanto ás cousas encantadoras. Resguardado no estojo da botina, deixando apenas adivinhar, atravez da malha da meia e da prisão de couro ou do setim, a sua forma perturbadora, — e, ainda mais, occulto pela barra da saia, que é o velario que avaramente o recata, — o pé só se deixa ver a furto. E' esse o segredo do seu prestigio.

Grande feiticista do pé foi Raymundo Corrêa. Como poeta, elle admirava-o, procurava-o, acompanhando-o, espiando-o. No lindo soneto "Chuva e Sol", reparae na delicadeza e no carinho da imagem, que realça a graça dos pés da formosa transeunte:

"Agrada á vista e á fantasia agrada
Ver-te, atravez do prisma de diamantes
Da chuva, assim ferida e atravessada
De sol pelos venabulos radiantes...

Vais, e molhas-te, embora os pés levantes:
— Par de pombos, que a ponta delicada
Dos bicos mettem na agua, e, doidejantes,
Bebem nos regos cheios da calçada...

Vais, e, apezar do guarda-chuva aberto,
Borrifando-te, colmam-te as goteiras
De perolas o manto mal coberto;

E estrellas mil cravejam-te, fagueiras,
Estrellas falsas, mas que assim de perto
Rutilam tanto como as verdadeiras..."

Admirae a frescura do “Primaveril”: quando uma linda mulher passeia pelo campo, o que nelle encanta mais Raymundo Corrêa é a agitação dos seus pés:

“Despertou; e eil-a já, fresca e rosada,
Na varzea em flor, que se atavia e touca
Da primavera ao bafo, e onde é já pouca
A neve, ao sol fundida e descoalhada...

E em sua tremula, infantil risada,
A boca abrindo, patenteia, a louca,
Rico escriptorio de perolas da boca
Na pequenina concha nacarada.

Voa, as papoulas esflorando e as rosas...
Passa entre os jasmineiros que se agitam,
A's vezes celere, e pausada ás vezes...

E, sob as finas roupas vaporosas,
Seus leves pés precipites saltitam,
Pequenos, microscopicos, chinezes...”

José Bonifacio, o moço, não podia ver um pé delicioso, sem ter vontade de ajoelhar-se diante delle. Disse um dia que o pé tem uma alma propria, — e esta confissão é de um acabado e delirante feiticcismo:

Um pé como eu já vi, subindo a escada
Da casa de um doutor...
Da moçoila gentil e erguida saia
Deixou-me ver a delicada perna!
— Padres, não me negueis, se estaes em calma,
Um coração no pé, na perna uma alma...

Um pé, como eu já vi, junto á ottomana,
Em fervido festim,
Tremendo de walsar, e envergonhado
Sob a meia subtil, e a cor do pejo
Deixando fluctuar na veia azul,
Requebro, amor, feitiço, — um pé taful...

Um pé, como eu já vi, de tez mimosa,
De tez folha de rosa,
Leve, esguio, pequeno, carinhoso,
Apertado a gemer num sapatinho:
— Um pé de matar gente e pisar flores,
Namorado da lua, e pae de amores...

Eu, poeta do amor e da saudade,
Depois de morto, peço
Em vez da cruz, sobre a funerea pedra,
A fôrma do seu pé...

E ainda ha, na poesia brasileira, um exemplo mais frisante de feiticismo pelo pé. São os celebres versinhos de Francisco Octaviano, senador do Imperio, ministro e conselheiro de Estado, — poeta lyrico, que foi ainda mais longe do que José Bonifacio, porque, ainda depois de morto, queria ter o prazer de ser pisado, na cova, por um certo pé:

Querida, quando eu morrer,
Com a tua boquinha breve
Não me venhas tu dizer:
A terra te seja leve!

Nesse dia, vem calçada
De botinas de setim;
Quero a terra bem pisada,
Tendo teu pé sobre mim!

E' decididamente o pedido mais extravagante que se pode fazer a uma namorada. . .

Ora, pois! Quero, meus senhores e minhas senhoras, que me digaes se achaes morbido ou inconveniente o feiticismo dos poetas brasileiros, se achaes comico, ou ridiculo, ou inutil que elles consagrem todo o seu talento, as suas mais fulgurantes imagens, as suas mais bellas rimas á celebração dos feitiços da formosura feminina; — não? nem eu!

Carlyle escreveu que o corpo humano é uma maravilha, um prodigio, um milagre, — o unico dos milagres visiveis e palpaveis: "nós tocamos o ceu, quando tocamos um corpo humano. . ." E que dizer de um corpo humano, quando elle é o corpo de uma mulher? O feiticismo dos nossos poetas é apenas a justa e legitima glorificação, a apotheose, o endeusamento dessa maravilha da Criação Divina. Que cantariam, que celebrariam elles, se não cantassem e celebrassem a vossa belleza, minhas senhoras? Todas as artes humanas, e todos os artistas que teem sonhado, trabalhado e soffrido na terra, nunca acharam até hoje mais bello thema para a sua inspiração. A bel-

leza feminina não é apenas um encantamento physico: é uma lição de moral, porque a contemplação da belleza ennobrece os olhos e purifica a alma de quem a admira. Houve outrora, em fins da Idade Média, na cidade franceza de Toulouse, uma senhora, que era a mais bella do seu tempo. Chamava-se Paula de Viguiet, e era modesta e piedosa, timida e devota, pouco dada a apparecer e brilhar. Mas os magistrados da cidade, considerando que era um crime de lesa-humanidade occultar-se tamanha formosura, obrigaram por um edito a bella Paula de Viguiet a mostrar-se á janella tres vezes por semana, para assim pagar ao povo o imposto da sua belleza, dando-lhe a consolação e a delicia do espectaculo do seu olhar e do seu sorriso . . .

A belleza feminina é de tal modo sagrada, que já houve quem propuzesse a construcção de um monumento commemorativo, para honrar a memoria do humilde cavouqueiro anonymo, que, com um golpe inconsciente da sua picareta, arrancou do fundo da terra o prodigio incomparavel da Venus de Milo. Que é a Venus de Milo, frio e inanimado bloco de pedra, senão um idolo, um feitiço, em que todos nós, incorrigivelmente feiticistas, adoramos a corporalização da eterna ideia da belleza feminina? E que outra adoração, mais intensa, que outra veneração, mais completa, deve merecer a Mulher viva, o grande feitiço vivo, formado de pequenos e innumerados feitiços vivos? E' o feitiço maior da Natureza!

Na Mulher, todas as perfeições da Vida universal se contem. Quando menina, ainda pequenina, já a mulher tem a graça divina, diluculo de belleza, que

deixa adivinhar na claridade indecisa da madrugada o esplendor do dia que não tarda. Depois, na idade da révora, ha no seu corpo a harmonia de um hymno triumphal, cantico de seiva rebentando em relampagos de vida. Depois, é o estio, estação fulgente, em que o feitiço offusca e cega, sol alto, calor fecundo, apotheose da luz e da força. Depois, é o outono, sazão bemdita, em que a mulher de quarenta annos tem a formosura suave e melancolica dessas tardes longas, em que a luz anciosa, querendo fugir e querendo ficar, demora-se no ceu e na terra, e agarra-se ás arvores, ás nuvens, com pena de morrer... Depois, é o inverno... é a sacrosanta belleza da mulher bella na velhice, — uma belleza, que parece immaterializar-se, espiritualizar-se sob a nevoa dos cabellos brancos...

Divino feitiço, abençoado sejas em todas as idades, pois que em todas as idades és o maior encanto e o maior consolo dos nossos olhos e das nossas almas! E perdoados, e bemditos sejam os poetas feiticistas, que por tua causa e por amor de ti, chegam até ás vezes a ultrapassar o limite do bom senso, caindo no dominio do disparate e da loucura!

XXXIII

BRASIL

Sonho ás vezes, á noite, quando fico sósinho, com os meus pensamentos, com a inquietação de minha alma, com os meus sustos e as minhas esperanças de brasileiro, um grande poema, o poema que um grande poeta escreverá d'aquí a cem ou duzentos annos sobre o Brasil. A nossa patria, a nossa lingua, a nossa raça terão um dia a sua epopéa definitiva, complemento dos *Lusiadas*.

Camões, ao morrer, em 1582, não levou consigo o seu genio: deixou-o, invisivel e perpetuo, pairando sobre a terra e os mares, halito fecundo, emanação divina, fluido immaterial, espirito criador de novos cantos: deixou-o, e legou-o, com a sua lyra, a uma alma futura, que continuará o seu poema.

A grande epopéa portugueza, o poema de Camões é a epopéa da expansão e da conquista, formidavel e fulgurante monumento que eterniza o auge da força e do genio, a arrancada gloriosa da raça no apogeu do seu viço, a invenção de novas estradas e de novas riquezas arrancadas do seio do mysterio. Camões

immortalizou esse esforço sobrehumano, querendo criar um imperio universal. Mas nem o infante dom Henrique no seu asceterio de Sagres, nem Vasco da Gama dominando os mares desconhecidos, nem Camões crystallizando em versos de ouro o suor, o sangue e as lagrimas dos conquistadores, nem Pedro Alvares Cabral ao avistar a verdura ridente do monte Paschoal, poderiam imaginar o que nasceria daquelle prodigioso conjunto de heroismos e de tenacidades, de genio e de dedicação, de força e de esperança. O dominio dos mares, os thesouros da Asia, e o fulgor do imperio universal desapareceram com o tempo.

Mas o que ficou foi isto, que é incomparavelmente superior áquillo que se poderia imaginar: uma patria nova e immensa, — tão grande, que ainda não foi toda em quatrocentos annos viajada, dentro da faixa de mais de mil leguas do seu litoral, — e hoje habitada por mais de vinte milhões, e um dia habitada por cem milhões ou mais de cem milhões de homens, falando a mesma lingua com que no Promontorio Sagrado o infante D. Henrique invectivava as aguas e as trévas mysteriosas do mar, a mesma lingua com que Vasco da Gama agradecia a Deus a bôa fortuna dos ventos e das monções, a mesma lingua com que Camões bemdizia o seu berço, e a mesma lingua com que Pero Vaz de Caminha, a bordo da capitanea de Cabral, escrevia a certidão de baptismo e o registo civil do mundo que nascia... Esta criação da nossa raça, este verdadeiro milagre exige um poema, que será a continuação e o remate dos "Lusiadas". Já vos disse que este poema só será feito daqui a alguns seculos. Os grandes poetas, super-

criadores de Belleza, só apparecem de seculos em seculos. Cada nacionalidade, cada civilização, cada cyclo da vida humana tem sómente um poeta maximo, um só, que é alimentado e engrandecido pelo concurso de todos os outros poetas do seu tempo, assim como os grandes rios são nutridos e engrossados pelos ribeiros e arroios tributarios. Esses Homeros cyclicos e formidaveis, como Dante e Camões, não se fazem por acaso: nascem da suprema gloria ou do supremo soffrimento de uma phase historica.

O Brasil terá o seu grande poeta e o seu poema definitivo, quando tiver o seu fastigio nacional. Daqui a cem annos, daqui a duzentos ou trezentos annos — quem sabe? — o genio de Camões será reincarnado neste outro lado do Atlantico!

Mas tambem os pequenos poetas, como eu, possuem um pouco do mysterioso condão da propheta. . . Posso aqui imaginar, comvosco, em suas grandes linhas, esse poema futuro.

Primeiro, a descoberta da terra. A partida da frota descobridora:

Plange a dobrada voz dos sinos. . . Amanhece,

Salve, manhã doirada!

Sorrindo resplandece

Em fogo o firmamento.

E, aos beijos da alvorada

E á caricia do vento,

A face azul do Tejo aria e estremece.

Aves do largo mar, sofregas aves,
Salve, formosas naves!
Propicio o vento vos infuna as velas,
Desdobra-vos as azas...
Esbeltas caravellas,
Mollemente vos beijam amorosas,
Cantando, as ondas razas...
Salve manhã de rosas!

Plange a dobrada voz dos sinos tristemente...
Homens do mar! — ao mar que vos reclama!
O perigo te chama,
Aventureira gente!
O' lagrimas d'amor dos que ficaes, correi!
Ai de quem fica só! mal de quem perde o que ama!
Prantos das mães, ardei!
Estrellas da saudade, ardei perpetuamente!

Farfalham palpitando
As bandeiras de guerra,
Clamam as trompas. Trepidos, rolando
Rufam os atabaques e os tambores.
Adeus, formosa terra!
Adeus, noivas e flôres!
Adeus, amigos e aves!
Longe a dobrada voz plange dos sinos graves...
Palpitam no horisonte
Os velames anciosos...
Adeus, vida feliz!

Gados do verde monte,
— Nos alcantis umbrosos
Soluçam... emmudecem
As gaitas pastoris...
Os valles adormecem...
Ermaram-se as campinas...
Adeus, doces cantigas,
A' sombra maternal
Das arvores amigas.

Adeus, verdes collinas,
A tiritar no banho
Do orvalho matinal!
Ribeiros de agua clara
Entre o ouro da seára
E a alvura do rebanho!

Fulgura o sol nas armas dos guerreiros.
Gritam rindo os flautins. Roucos resoam
Os sistros e os pandeiros...
E as grandes naus, de azas abertas, voam...

Adeus, aguas queridas
Do Tejo encantador!
Adeus, casaes risonhos,
Pelo pendor descendo
Das encostas floridas!
Vais desaparecendo,
Terra do nosso amor,
Berço dos nossos sonhos!

Plange a dobrada voz dos sinos graves, plange...
Ao mar! Manhã de março, acolha a tua luz
As grandes naus que vão á procura de um mundo!
Refresca o vento... Ao largo! A cordoalha range...
Ao largo! Protegei, astros do ceu profundo,
O estandarte da Cruz!

Agora, depois da abalada da frota, imaginemos a viagem, o oceano immenso, os incertos dias de solidão sem consolo, as pesadas noites de vigilia sem amor, as ciladas da róta, a monotonia das calmarias, o inferno das tormentas, quarenta dias e quarenta noites de anciedade e incerteza. E' o mysterio e o horror do mar ignorado:

Noites de medo. O ceu troante
Negro, em relampagos aberto...
Dias de susto. O vento incerto,
A agua infinita, a frota errante...

A' proa, immovel e desperto,
Olhando o mar torvo e escumante,
Allucinado navegante,
Que buscas tu neste deserto?

Já para traz todas as ilhas
Deixaste, ó louco peregrino,
Em nevoa fria amortalhadas.

E, contra o mar quebrando as quilhas,
Frota de espectros sem destino,
Dansam as naus desarvoradas...

Succede o dia á noite. A noite afoga o dia
Em trevas. E o Mysterio as suas portas cerra.
Quando apparecerás, terra formosa e rica?
Ai! é tão vasto o mar, tão longa esta agonia!

E um dia, ao alvorecer, do alto do cesto da gavea, o gageiro, num grito alvoroçado, annuncia: "Terra!"... Uma terra inesperada, tão verde, tão bella, tão feiticeira, que entra pelos olhos dos navegantes num deslumbramento de raio fulminador. Pero Vaz de Caminha, chronista-mór do Reino, ao lado de Pedro Alvares Cabral, na capitanea, regista nesse mesmo dia o achado, e escreve no seu diario de bordo paginas de maravilhada surpresa, de callido enlevo e namorada cubiça; e, naturalmente, este encantamento está dominando todas as almas daquelles marujos, filhos de uma ardente raça de amorosos...

"Terra! Terra! Entreabrindo as azas brancas, passa
um passaro erradio, . . .

Salve, cheia de graça,

O' ave da Esperança!

Bemdita sejas tu, caricia d'estes ceus!

Terra! Terra! Bemdito o vento, que embalança

Os mastros nobres! vem com elle o murmurio

Das arvores... Descerra,

O' Mysterio, os teus véus!

Terra... Bemdito Terra!

E eis que do mar, do ceu em chamma,
Da cerração,
Uma voz irrompe, e clama
Na solidão.
Que voz é esta? Genfe a espuma,
O vento meigo se perfuma,
E o mar feroz,
Domada féra, o dorso arqueia,
— Como se a voz de uma sereia
Fosse esta voz:

“Pára! Uma terra nova ao teu olhar fulgura!
Detem-te! Aqui, de encontro a verdejantes plagas,
Em caricias se muda a inclemencia das vagas...
Este é o reino da luz, do amor e da fartura!

Treme-te a voz affeita ás blasphemias e ás pragas,
O’ nauta! Olha-a de pé, virgem morena e pura,
Que aos teus beijos entrega, em plena formosura,
Os dois seios, que, ardendo, em desejos affagas.

Beija-a! O sol tropical deu-lhe á pelle dourada
O barulho do ninho, o perfume da rosa,
A frescura do rio, o esplendor da alvorada...

Beija-a! é a mais bella flor da natureza inteira!
E farta-te de amor nessa carne cheirosa,
O’ desvirginador da Terra Brasileira!”

Imaginae depois, no poema, que estamos sonhando, a primeira missa: o tosco altar levantado na restinga selvagem; a alta cruz, abrindo os braços sobre

o solo virgem; a piedade e a humildade dos guerreiros fortes, sob as armaduras; o espanto dos indigenas, pasmados e nús; e o sol magnificando o espectáculo, testemunhando a posse do torrão. Depois, a partida da esquadra, em retirada, continuando a róta para as Indias, ignorante da grandeza do achado, inconsciente da criação formada; e, abandonados, nas paragens temerosas, os dois degredados, deixados por Cabral, primeiros povoadores do Imperio nascente... E, depois, pelo correr dos annos longos, o esforço de outros navegadores, as explorações, as primeiras conquistas da costa, as primeiras incursões na terra e nos rios, a fundação das primeiras cidades, as lutas com os indios, a guerra com a Hollanda...

Que estrophes inspirarão a esse poeta futuro e soberano estas duas figuras principaes da obra da construcção do Brasil, — o Bandeirante e o Missionario! Num, a violencia, e no outro, a piedade; no primeiro, a bravura, e no segundo, a resignação; naquelle, a força e o orgulho que dominam, e, neste, a brandura e o perdão que redimem...

Procurei um dia num modesto ensaio glorificar o Bandeirante:

Quando do acampamento o bando peregrino
Sahia, ante-manhã, ao sabor do destino,
Em busca, ao norte e ao sul, de jazida melhor,
No comoro de terra, em que teu pé pousara,
Os colmados de palha aprumavam-se, e clara
A luz de uma lareira espancava o arredor.

Nesse louco vagar, nessa marcha perdida,
Tu foste, como o sol, uma fonte de vida:
Cada passada tua era um caminho aberto!
Cada pouso mudado uma nova conquista!
E, enquanto ias, sonhando o teu sonho egoista,
Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto!

Morre! tu viverás nas estradas que abriste!
Teu nome rolará no largo choro triste
Da agua do Guaycuhy... Morre, conquistador!
Viverás, quando, feito em seiva o sangue, aos ares
Subires, e, nutrindo uma arvore, cantares
Numa ramada verde entre um ninho e uma flor!

Morre! Germinarão as sagradas sementes
Das gotas de suor, das lagrimas ardentes!
Hão-de fructificar as fomes e as vigílias!
E um dia, povoada a terra em que te deitas,
Quando aos beijos do sol sobrarem as colheitas,
Quando aos beijos do amor crescerem as familias,

Tu cantarás na voz dos sinos, das charruas,
No esto da multidão, no tumultuar das ruas,
No clamor do trabalho e nos hymnos da paz!
E, subjugando o olvido, atravez das idades,
Violador de sertões, plantador de cidades,
Dentro do coração da Patria viverás!"

E a um dos Missionarios, ao mais bello e puro, —
o grande e dôce Anchieta, falou um dia o meu cora-
ção, num pobre soneto:

“Cavalleiro da mystica aventura,
Heroe christão! nas provações atrozés,
Sonhas, casando a tua voz ás vozes
Dos ventos e dos rios na espessura.

Entrando as brenhas, teu amor procura
Os indios, — ora filhos, ora algozes,
Aves pela innocencia, e onças ferozes
Pela bruteza, na floresta escura...

Semeador de esperanças e chimeras,
Bandeirante de “entradas” mais suaves,
Nos espinhos a carne dilaceras:

E, por que as almas e os sertões desbraves,
Cantas: Orpheu, humanizando as féras,
São Francisco de Assis, prégando ás aves!”

Fulgidos cantos encherão o nosso poema. Que
largo sopro potente resuscitará, nessas estrophes, os
quatro seculos d’esta genese de uma patria, desde a
alvorada de 1500 até hoje!

Ha pouco mais de um anno, no Rio de Janeiro,
no inicio da campanha em que estamos empenhando,
eu disse:

Quatrocentos annos de esperança e de tortura fi-
zeram esta nação, dada á humanidade pela continua-
ção de infinitas acções generosas: pelo esforço de um
pequenino povo, — menos de dois milhões de almas,
em uma estreita faixa de terra, — descobrindo, po-
voando, explorando, artilhando, defendendo mais de
seis mil kilometros desta costa; pelo impeto das

bandeiras e pela bondade dos apostolados, desbravando as selvas, as aguas e as almas; pelo sangue dos filhos e dos netos dos povoadores, derramado em pról do patrimonio; pelo suor e pelas lagrimas de uma raça martyr, arrancando do solo bruto a riqueza, a felicidade e o luxo; pelo heroismo de successivas gerações, combatendo pela liberdade, pela integridade, pela justiça e pela gloria... E' horrivel pensar que esta esplendida construcção de quatro seculos possa ser desmantelada pela inercia, pela ignorancia, pela preguiça moral, pelo egoismo!

O grande poeta futuro dirá em rythmos maravilhosos o encanto e a força da nossa lingua, e da arte que já criámos. Elle celebrará esta lingua forte e doce que falamos, e que neste momento está perfumando a minha boca, esta lingua prodigiosa, ainda não de todo tratada e cultivada, ainda não definida num completo molde, mas já fantastica e fabulosa de opulencias, — esta adorada lingua, que todos os dias abençoô:

“Ultima flôr do Lacio, inculta e bella,
E's a um tempo esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lyra singela,
Que tens o trom e o silvo da procella,
E o arrulo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste, e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O genio sem ventura e o amor sem brilho!”

E no poema apparecerão as nossas florestas, e, no seio das nossas florestas, os nossos campos e as nossas cidades. E sobre tudo isto brilharão e sorrirão as nossas florestas moraes, feitas da nossa imaginação e do nosso lyrismo, o nosso temperamento tecido de sol, de verdura, de cantos de aves e aguas, o nosso folklore de incomparavel riqueza, todas as nossas lendas, todos os sonhos d’este povo de poetas, todos os sobresaltos e todas as ambições em que ardemos. E na harmonia d’este poema delirará e chorará a musica do nosso povo e a nossa poesia rustica, esta linguagem natural e instinctiva, que nasce das almas simples, sem estudo, como sem esforço nasce a flor da folha e o fruto da flor, — poesia espontanea e musica ingenua, em que ha toda a melancolia das xácaras e dos fados portuguezes, de mistura com a melopea soturna dos indios e a arrastada monodia dos filhos de Africa:

Tens, ás vezes, o fogo soberano
Do amor: e encerras, na cadencia accesa
Em requebros de encantos de impureza,
Todo o feitiço do peccado humano.

Mas, sobre essa volupia, erra a tristeza
Dos desertos, das matas e do oceano,
Barbara poracé, banzo africano,
E soluços de trova portugueza.

E's samba e jongo, chiba e fado, cujos
Acordes são desejos e orfandades
De selvagens, captivos e marujos;

E em nostalgias e paixões consistes,
Lasciva dor, beijo de tres saudades,
Flor amorosa de tres raças tristes!

.....

Mas esta immensa nação não é ainda o verdadeiro Brasil. Quatro seculos não bastam. Se o nosso poema ainda não foi feito e não póde fazer-se já, se o nosso grande poeta ainda não nasceu, é porque a substancia ainda se elabora, e o thema apenas ainda se delinea. Ainda falta mais força e mais brilho ao Brasil. Ainda não somos um povo completo. Duas geneses são necessarias, na criação de um povo. A primeira, a physica, já foi operada no Brasil. Agora nós, os patriotas conscientes, os verdadeiros patriotas, despidos de tolas jactancias, convencidos da nossa fraqueza, devemos operar o fiat social, que extrahirá do universo confuso, em que palpita o Brasil, a soberana força e o supremo fulgor da nacionalidade brasileira.

Já procurei definir o que tememos e o que devemos fazer :

“Possuimos um patrimonio de oito milhões de kilometros quadrados de territorio. Menos de trinta milhões de homens povoam aquella immensidade de terras; e este prodigioso campo de trabalho e de felicidade reclama cem milhões de corpos, cem milhões de almas, cem milhões de energias. Para encher e animar este infinito de leguas, aportarão, como já aportaram e estão aportando, densas levas de homens de outros climas e de outras raças, conduzindo outras religiões, outras tradições, outras linguas, outros costumes; é a invasão de uma patria por outras patrias, porque cada immigrante leva a sua patria, levando o seu idioma e o seu deus. Desta incursão de forças forasteiras, desta mistura de energias descontraçadas, desta vaga e indefinida confusão de ideaes, forma-se o universo, que roda e tumultua em turbilhões no seio do Brasil. E’ preciso fundir num corpo homogeneo todos esses elementos advenas. Não queremos operar um milagre impossivel, transformando em brasileiros esses homens estranhos, porque o seu patriotismo, tão sagrado como o nosso, deve ser intangivel. Mas queremos que os filhos desses estranhos sejam nossos! Abrimos o Brasil a todo o mundo; mas queremos que o Brasil seja o Brasil! Queremos conservar a nossa raça, o nosso nome, a nossa historia, a cultura latina em que nascemos e em que nos criamos, e, principalmente, a nossa lingua, sacrario inviolavel, que é o nosso sangue, a nossa alma e a nossa religião!”

— Para isto, não basta o patriotismo natural, que felizmente já existe na alma de cada brasileiro. O que a grandeza do nosso futuro exige é que este patriotismo seja fortalecido pela consciencia dos perigos, que rodeiam a communhão; que um mesmo ideal de cohesão reúna todos os corações; que uma campanha nacionalista inflamme o entusiasmo, robusteça a crença, avigore a confiança; que a instrucção defenda o idioma, esclareça os pensamentos, enrije o character, alimente o civismo; e que a disciplina militar tonifique os corpos, tempere as almas, — e mantenha a paz no trabalho e a segurança na felicidade.

Quando este trabalho abençoado for acabado, então existirá o completo e definitivo Brasil que ambicionamos. E, depois, na admiravel e perfeita nação, apparecerá o verdadeiro, o grande poeta nacional, que esperamos. D'aqui a cem ou duzentos annos o nosso poema sahirá da nossa grandeza moral. A criação poetica exige a distancia, — o tempo que augmenta e embelleza a realidade. Hoje, achamos já maravilhosas as eras dos descobridores e dos bandeirantes, que já nos parecem cyclos heroicos. D'aqui a cem ou duzentos annos, os modestos trabalhadores de agora serão heroes, cuja tradição alimentará a poesia. O que hoje achamos vulgar será então grande e bello. E até nós, os pobres e humildes operarios d'esta campanha, seremos heroes.

Trabalhemos, sonhemos, lutemos, e esperemos! Desappareceremos amanhã. Mas, para o futuro, o Brasil abençoará o nosso esforço; e cem milhões de brasileiros conscientes, fortes, dignos, nesta mesma

lingua portugueza, que prezamos e amamos, articula-
rão, como eu, a prece á Patria:

Patria, latejo em ti, no teu lenho, por onde
Circulo! e sou perfume, e sombra, e sol, e orvalho!
E, em seiva, ao teu clamor a minha voz responde,
E subo do teu cerne ao ceu, de galho em galho!

Dos teus lichens, dos teus cipós, da tua fronde,
Do ninho que gorgeia em teu doce agazalho,
Do fruto a amadurar que em teu seio se esconde,
De ti, — rebento em luz e em canticos me espalho!

Vivo, — chóro em teu pranto; e, em teus dias felizes,
No alto, como uma flor, em ti, pompeio e exulto!
E eu, morto, — sendo tu cheia de cicatrizes,

Tu golpeada e insultada, — eu tremerei sepulto:
E os meus ossos no chão, como as tuas raizes,
Se estorcerão de dor, soffrendo o golpe e o insulto!

SOBRE ALGUMAS LENDAS DO BRASIL

(CONFERENCIA)

Pedindo-vos que me acompanheis, durante alguns minutos, numa digressão por este pequeno trecho da immensa floresta moral, que é o nosso folk-lore, não quero que comnosco vá, como guia e mentora, a sciencia, mas a poesia, mestra amavel, que, com ser philosopha, tem sempre a sua philosophia misturada de graça e de consolação.

Sabeis que o vocabulo "folk-lore" significa: mythologia, ou compendio de contos populares, literatura do povo, lendas que se alimentam de mythos. Para o thema da nossa palestra, o nosso vocabulo deve ser "poranduba", do tupi, significando: historias fantasticas, fabulas e abusões. Não quero falar propriamente das historias, que se contam em nossa terra, a principio conservadas na tradição oral, e agora impressas, ingenuas e encantadoras invenções da gente simples, tão bellas como os velhos contos de fadas, —

a carocha, o jaboti e o urubú, o jaboti e a festa no ceu, a raposa e o lobo, a garça e o kagado, o fim do mundo, etc. Quero apenas tratar de entes imaginarios, de personagens inexistentes, nem animaes nem vegetaes, feitas de sonho e de allucinação, invisiveis, intangiveis, criadas pela illusão, vivendo na illusão, — e immortaes: immortaes, porque só pôde morrer o que é real, se é que ha realidades no mundo, e a illusão é perpetua, e o que della nasce eternamente perdura na eterna miragem da vida... Os mythos nascem do nosso pensamento: e só existe aquillo que pensamos e aquillo que amamos. Tudo mais é nada.

O vocabulario philosophico tem duas palavras, que resumem e explicam a vida: “macrocosmo”, grande mundo, ou o universo, e “microcosmo”, o pequeno mundo, que é o homem, ou o universo em ponto pequeno, minusculo e completo universo. “Microcosmo” é qualquer corpo organizado, resumindo toda a organização universal; Leibnitz disse que a mónada é um microcosmo, porque, com effeito, é bastante para si mesma, inaccessivel ás influencias externas, e sujeita, ao contrario, a mudanças internas, de que resulta a percepção, e tendo dentro de si um mundo de percepções. Mas, perdão! o vocabulario philosophico, como todo o vasconço scientifico, é um calão barbaro e confuso, que arranha os ouvidos finos e perturba o entendimento artistico... Preferi dizer, em quatorze versos, a theoria do “microcosmo”; a linguagem da poesia, sendo a dos deuses, é a dos homens de bom gosto:

Pensando e amando, em turbilhões fecundos
E's tudo: oceanos, rios, e florestas;
Vidas brotando em solidões funestas;
Primaveras de invernos moribundos;

A Terra; e terras de ouro em ceus profundos,
Cheias de raças e cidades, estas
Em luto, aquellas em raiar de festas;
E outras almas vibrando em outros mundos;

E outras fórmãs de linguas e de povos;
E as nebulosas, geneses immensas,
Fervendo em sementeira de astros novos;

E todo o cosmos em perpetuas flammãs...
— Homem! és o universo, porque pensas,
E, pequenino e fraco, és Deus, porque amas!

☞ 121

Sendo cada homem todo o universo, tem dentro de si todos os deuses, todas as potestades superiores e inferiores que dirigem o universo. (Tudo, se existe objectivamente, é porque existe subjectivamente; tudo existe em nós, porque tudo é criado e alimentado por nós). E esta consideração nos leva ao assumpto e á explanação do meu thema. Existem em nós todas as entidades fantasticas, que, segundo a crença popular, enchem a nossa terra: são sentimentos humanos, que, sahindo de cada um de nós, personalizam-se, e começam a viver na vida exterior, como mythos da communhão.

Tupan, demiurgo criador, e o seu Anhangá, demiurgo destruidor. E' o eterno dualismo, governando todas as phases religiosas, toda a historia mytho-

logica da humanidade. Já entre os persas e os iranianos, na religião de Zoroastro, havia um deus de bondade, Ormuz, e um deus de maldade, Ahriman. A religião de Manés, na Babylonia, não criou a ideia do dualismo; accentuou-a, precisou-a; a base da religião dos manicheus era a opposição e o contraste da luz e da treva: o mundo visível, segundo elles, era o resultado da mistura desses dois elementos eternamente inimigos. Mas em todos os grandes povos, e em todas as pequenas tribus, sempre houve, em todos os tempos, a concepção desse conflicto: *e esse conflicto perdura no catholicismo, fixado na concepção de Deus e do Diabo*. Os nossos indios sempre tiveram seu Tupan e o seu Anhangá. . . Ora, o selvagem das margens do Amazonas, do São Francisco e do Paraná comprehende os dois demiurgos, porque os sente dentro de si mesmo. E nós, os civilisados do littoral, comprehendemos e contemos em nós esses dois principios antagonicos, Deus e o Diabo. Cada um de vós tem uma arena intima em que a todo o instante combatem um genio do bem e um genio do mal:

Não és bom, nem és máo: és triste e humano. . .
Vives anciando em maldições e preces,
Como se, a arder, no coração tivesses
O tumulto e o clamor de um largo oceano.

Pobre, no bem como no mal, padeces;
E, rolando num vortice vesano,
Oscillas entre a crença e o desengano,
Entre esperanças e desinteresses.

Capaz de horrores e de acções sublimes,
Não ficas das virtudes satisfeito,
Nem te arrependes, infeliz, dos crimes:

E, no perpetuo ideal que te devora,
Residem juntamente no teu peito
Um demonio que ruga e um deus que chora...

Mas na mythologia brasileira, como em todas as outras, o diabo, o espirito do mal não é uno e indiviso: filhos d'elle, ou partes integraes e emanações d'elle, sua familia e seu estado-maior, existem muitos pequenos demonios, genios subalternos.

O curupira é talvez o mais antigo dos mythos brasileiros: já d'elle falava Anchieta, em 1560. E' o *numen mentium*, o genio dos pensamentos. E' habitante das florestas; extravia os caminhanes, arrasta-os, e suga o seu sangue; é um tapuio pequeno, de dentes verdes; tem os pés ás avessas, com as pontas voltadas para traz; ás vezes nú, outras vezes vestido de tanga e cocar de plumas. A sua mulher é a Caiçara, cabloca, anã, quasi negra, que chicoteia animaes e homens com cipós, de japecanga. Companheiro do curupira, ou sua duplicata, é o Capora, ora gigante, ora anão, montado num caitetú, e cavalgando á frente de varas de porcos do mato, fumando cachimbo ou cigarro, pedindo fogo aos viajores; á frente d'elle, voam os vagalumes, seus batedores, aluminando o caminho. E' elle o genio do azar, do mau agouro, do mau olhado, da infelicidade, da falta de sorte: é do seu nome que se originou o nosso vocabulo "caiporismo". Outro demonio dos nossos sertões é o Saci, ou Saci-pererê, ou Matinta-perêra.

O Padre Simão de Vasconcellos chama-lhe *Macacheira*. Ora apparece como um passaro, modulando um canto melancolico, ora um homem feio, de cabellos vermelhos ou coberto de barrete vermelho, ora sozinho, ora acompanhado por uma mulher preta e velha, coberta de andrajos, chamada “tátámanhá”. O Saci ás vezes tem uma perna só, outras vezes duas pernas com uma ferida em cada joelho. E’ o *numen viarum*, genio dos caminhos. E’ o terror dos caçadores. Agil, salta á garupa dos cavalleiros, chibata-os e tortura-os. Frequentemente, transforma-se em janota: pelas casas de jogo, como jogador, arruina os parceiros, e, pelas casas de familia, corrompe as mulheres e os homens casados e perverte as meninas. Ha ainda o Capeta, diabinho negro, molecote brejeiro, trasgo domestico, malicioso e perverso, engraçado e perturbador, sujando as casas, desmanchando as camas, envenenando as cosinhas, apagando o lume do fogão, pondo cinza dentro da sopa, azedando o leite. . .

No Rio Grande do Sul, nos Sete Povos de Missões, ha ainda um outro espirito, quasi inoffensivo, brejeiro como o Capeta: chama-se *Generoso*. E’ tambem um genio domestico: faz estalar o tecto das casas, sacode os moveis, agita invisivelmente as cordas das violas, assobia pelas frinchas das janellas, e faz oscillar a chamma das candeias. . .

Ora todos esses demonios infestadores das nossas selvas, dos nossos campos, das nossas roças, vivem dentro de nós. Residem no nosso coração e no nosso cerebro. Se os imaginamos lá fóra, se os criamos e inventamos no exterior, é porque elles nasce-

ram de nós; são nossos familiares e nossos inimigos.

São as nossas ideias baixas, os nossos instintos bestiaes, os nossos peccados e os nossos vicios.

Esses instintos viçam e vivem constantemente na vigilia e na consciencia dos perversos, dominando-os e governando-os na vida. Os homens bons, os puros são tambem assediados e assombrados pelos gnomos malfazejos; mas, quando estão na plena posse de sua razão, sabem e conseguem amordaçal-os e sujeital-os. Contrariados, subjugados, os curupiras, os caporas, os sacis, — pensamentos maus e ambições torpes, — afastam-se, mas não se resignam: açaçam-se, escondem-se, disfarçam-se durante o dia, e esperam o somno dos justos... E, á noite, quando a hyperhemia entorpece os centros nervosos da victima, quando só a vida vegetativa funciona, e a vida cerebral se annulla, e o pensamento hiberna, e a consciencia se ausenta, — então, das secretas furnas do inconsciente saem de rojo, lentos e obliquos, os djinns malevolos: e no escuro silencio da alma em coma agita-se o candomblé da animalidade. Apparecem os sonhos sinistros ou immundos, os pesadelos em que a tragedia se entrelaça com a farça, os ephialtas em que a extravagancia se conjuga com a maldade. Saltam, em liberdade, os demonios, e avasalam o espirito. O Sabbath é assim, dentro da alma:

A's vezes, uma vida abominanda
Vives no somno, em que a horrida matula
Dos incubos e sucubos te manda
O echo do inferno que referve e ullula...

Um mundo torpe nos teus sonhos anda :
O odio, a perversidade, a inveja, a gula,
Espiritos da terra, sarabanda
Das grosseiras paixões que a treva açula.

Assim, á noite, no invio da floresta,
No mysterio das sombras, entre os pios
Dos noitibós, o candomblé se apresta :

Batuques de capetas, rodopios
Dê curupiras e sacis em festa,
Em sinistros risinhos e assobios...

Deixemos, porém, em sua constante guerra os pequenos demonios, e admiremos outro demonio ou genio, ou talvez anjo, cheio de gloriosa belleza, — a nossa formosa e perigosa Yara, ou Mãe-da-agua, cujas façanhas são contadas em toda a extensão do sertão brasileiro. A Yara é uma nympha das aguas, ao mesmo tempo mulher e homem, mulher para seduzir os homens, e homem para seduzir as mulheres. Quem olha descuidadamente o espelho do rio ou da lagôa vê a Yara, na sua radiante formosura: ella abre os braços num perfido convite, attrae a victima, leva-a para o fundo do seu palacio encantado, e mata-a no arrebatamento delicioso das nupcias funestas. Velho symbolo, antiquissima criação do sonho humano! A Yara é aquella mesma Sereia dos primeiros gregos, metade mulher e metade peixe, que o avisado Ulysses um dia encontrou nas suas peregrinações pelo mar; e é aquella mesma Loreley, fada da Germania, que Heine descreveu, num lindo

poema, encantando e extraviando os pescadores do Rheno, e impellindo-os a se despedaçarem contra os escolhos.

E' a nossa Imaginação: é ella quem nos dá toda a nossa ventura e toda a nossa desventura, todos os nossos surtos para o ceu e todas as nossas quedas para o abysmo; a nossa Mãe-da-agua é a mãe de toda a nossa Poesia... Eis como a sinto:

Vive dentro de mim, como num rio,
Uma linda mulher esquiva e rara,
Num borbulhar de argenteos flocos, — yara
De cabelleira de ouro e corpo frio.

Entre as nymphéas a namóro e espio:
E ella, do espelho mobil da onda clara,
Com os verdes olhos humidos me encara
E offerece-me o seio alvo e macio.

Precipito-me, no impeto de esposo,
Na desesperação da gloria summa,
Para a estreitar, louco de orgulho e gozo...

Mas nos meus braços a Illusão se esfuma:
E a Mãe-da-agua, exhalando um ai piedoso,
Desfaz-se em mortas perolas de espuma...

Mas em outras tradições da nossa collectanea de mythos encontraremos a personificação da nossa Illusão.

Uma das mais bellas fabulas do Rio Grande do Sul é a da *boitatá*. Boi-tatá, cobra de fogo, foi, a principio, *boi-guassú*, — cobra grande, giboia ou boa. A lenda da *boi-guassú* existe em todo o Brasil, do norte ao sul; a *boi-guassú*, quando houve o diluvio, e sempre quando ha inundações, a *boi-guassú*, acordada pela enchente, entra a comer todos os outros animaes. No sul, a tradição complicou-se: a *boi-guassú* mata todos os animaes, mas não os come inteiramente: come sómente os olhos da carniça; tantos olhos devora, que fica cheia da luz de todos esses olhos: o seu corpo transforma-se em ajuntadas pupillas rutilantes, bola de chammas, clarão vivo, *boi-tatá*, cobra de fogo. Comprehendeis immediatamente o que é, para a imaginação do povo, esse animal luminoso: é o fogo-fatuo, é o mesmo santelmo, ou helena, ou Castor-e-Pollux, ou corpo-santo, — o pequeno pennacho luminoso, que apparece nos mastros dos navios, devido á electricidade do ar, ou á noite, sobre os pantanos e nos cemiterios, emanação de phosphatos de hydrogenio, producto da decomposição de substancias animaes. Boi-tatá é o fogo-fatuo, luz inquieta, incerta e fugitiva... Dizem que o viajante, quando a encontra, deve ficar parado, immovel, de olhos fechados, sem respirar; então, o fogo-fatuo desaparece. Mas, quando o viajante o persegue, elle foge, intangivel, e tanto mais corre quanto mais procura apanhal-o o perseguidor; e quando, ao contrario, o homem foge, *boi-tatá* persegue-o, inferna-o, ataranta-o, enlouquece-o, e mata-o...

Ai de nós! todos nós encontramos todos os dias esse fogo-fatuo illusor, essa perfida boi-tatá. Que é essa luz fugaz e esquiva, que nos foge quando queremos alcançá-la, e nos persegue quando a fugimos, esse clarão enganador, que se aproxima de nós quando o desdenhamos, e desaparece quando quasi o tocamos? E' a felicidade!

A nossa alma é uma eterna caçadora de fogos-fatuos... E é esta inutil perseguição que causa a nossa dysthymia, a nossa inquietação, — esta constante anciedade, que depois dos cincoenta annos ainda me martyrisa:

Cabellos brancos! dae-me, emfim, a calma
A esta tortura de homem e de artista!
— Desdém pelo que encerra a minha palma,
E ambição pelo mais que não exista;

Esta febre, que o espirito me encalma
E logo me enregela; esta conquista
De idéas, ao nascer, morrendo na alma,
De mundos, ao raiar, murchando á vista;

Esta melancolia sem remedio,
Saudade sem razão, louca esperança,
Ardendo em choros e findando em tedio;

Esta anciedade absurda; esta corrida
Para fugir o que o meu sonho alcança,
Para querer o que não ha na vida!

No norte do Brasil, ás vezes, o fogo-fatuo chama-se também *luz-dos-afogados*. E' o effluvio putrido e phosphorescente dos brejos, dos banhados traiçoeiros, em que muitas vezes os viajantes se atolam e se perdem. O povo diz que esses lampejos bruxo-leantes são as almas dos que alli se afogam. Fugaz reminiscencia daquillo que existiu, leve remanescence de vidas acabadas... Todos nós temos as nossas "luzes-dos-afogados". Cada alma humana é talvez uma abafeira moral, em que ha o sedimento de varias existencias anteriores. A's vezes, sentimos uma vaga saudade do que nunca vimos, uma indecisa consciencia de outras almas. Sentimos que ha, ás vezes, em cada homem outros homens, que já soffreram e ainda soffrem em nosso soffrimento actual. Estas incertas recordações são as nossas "luzes-dos-afogados". Um dia, a um triste, em alguns versos, mostrei o que era a sua tristeza:

Outras almas talvez já foram tuas:
Viveste em outros mundos... De maneira
Que em mysteriosas duvidas fluctuas,
Vida de vidas multiplas herdeira.

Servo da gleba, escravo das charruas
Foste, ou soldado errante na sanguieira,
Ou mendigo de rojo pelas ruas,
Ou martyr na tortura e na fogueira...

Por isso, arquejas num pavor sem nome,
Num luto sem razão: velhos gemidos,
Angustias ancestraes de sede e fome,

Dores grandevas, seculares prantos,
Desesperos talvez de heróes vencidos,
Humilhações de victimas e santos...

Cuidemos agora das “almas penadas”. Alma penada, restrictamente, diz o povo, é alma condemnada ás penas do purgatorio, e ás vezes vagueando na terra, com forma humana. Mas, de modo geral, alma penada ou alma do outro mundo é toda apparição ou espectro, morto redivivo, que amedronta e *assombra*, — de onde: *assombração* ou *assombramento*, e de onde: *casa assombrada*, — casa em que apparecem fantasmas. Esta crença na volta dos mortos ao mundo e a communicação dos mortos com os vivos são a abusão mais velha da civilização humana: a animisação dos mortos, no systema dos mythos, appareceu antes do feiticismo e do deismo. Os mais velhos povos tinham, como teem hoje os mais rudimentares agrupamentos selvagens, a religião dos mortos, e o respeito e o terror da Morte, porque para elles a Morte nunca foi um facto natural, mas sobrenatural, “acção de algum feitiço ou de algum espirito”. Como para os povos antigos, como para os povos actuaes barbaros, de hoje, “cada morto é quasi um deus”, ou um demonio, ou demiurgo, medianoiro entre o visivel e o invisivel pela estrada mythica, de que a porta é a Morte”. Mas para que tratar de povos primitivos e de tribus selvagens? Entre os mais civilizados homens de hoje, a Morte é ainda e sempre será, como a Vida, um mysterio sagrado e terrivel. As religiões e as philosophias passam, e a nossa ignorancia fica, e a nossa anciedade

perdura, e a nossa tortura permanece. Para que se veja quanto é profunda e irresistível a credence nas almas penadas, basta que se veja a vastissima synonymia desse vocabulo na lingua portugueza: almas penadas, almas do outro mundo, aparições, fantasmas, abantesmas, desenterrados, evocados, espiritos avejões, espectros, papões, brucolacos, empusas, ephialtas, lamias, lemures, larvas, redivivos, visões, manes, duendes, sombras, vampiros, trasgos, liliths, lobishomens, mulas sem cabeça, estrias, estiges.

Oh! como não acreditaremos na vida das almas penadas, que assombram os caminhos e as casas, se cada um de nós tem o coração cheio de almas penadas? Que são as nossas saudades senão a resurreição dos entes que amámos, dos dias que tivemos, dos sonhos que alimentámos, da vida que vivemos? Quem tem vinte annos não tem visitas de mortos. Mas quem passa dos cincoenta annos...

Conheço um coração, tapera escura,
Casa assombrada, onde andam, penitentes,
Sombras e echos de amor, e em que perdura
A saudade, — presença dos ausentes.

Evadidos da paz da sepultura,
Num tatalar de tibias e de dentes,
Revivem os fantasmas da ternura,
Arrastando sudarios e correntes.

Rangem os gonzos no bater das portas,
E os corredores enchem-se de prantos...
Um mundo de avejões do chão se eleva,

Resuscitado pelas horas mortas:
Frios abraços gemem pelos cantos,
Beijos defuntos fogem pela treva.

Conheceis de certo a floresta encantada ou a cidade encantada... São lendas conhecidas. Ora é uma floresta inundada, cuja existencia se presente pelo ramalhar das arvores, pelo rugido das fêras, pelo canto dos passaros, que se ouvem atravez das ondas; ora é uma cidade submergida, que do fundo das aguas envia echos da sua agitação febril. A mais bella lenda da cidade encantada é amazonica. Na fôz do rio Gurupy, a 9 milhas da cidade de Vizeu, no Pará, existe um grande rochedo, em que se cava uma profunda gruta. E' crença, entre os povos, que alli, sobre o rochedo houve uma cidade, que foi por uma inundação arrastada para o fundo do rio: nas noites claras, de luar, ouve-se distinctamente, lá em baixo, um rumor de vozes humanas e de repiques de sinos. No sul, encontrei esta mesma lenda, ouvida em Santos, de pescadores de São Vicente. Eu tenho dentro de mim essa cidade encantada; mais do que isso: guardo no meu coração muitas cidades submergidas, não cidades passadas e mortas, mas cidades futuras, todo um paiz, toda uma nação prodigiosa, o Brasil, que a minha esperança e a minha certeza adivinham:

No fundo do meu ser, ouço e suspeito
Um pelago em suspiros e rajadas:
Milhões de vivas almas sepultadas,
Cidades submergidas no meu peito.

A's vezes, um torpor de aguas paradas...
Mas, de repente, um temporal desfeito;
Festa, agonia, jubilo, despeito,
Clamor de sinos, retintim de espadas,

Procissões e motins, glorias e luto,
Choro e hossana... Ferver de sangue novo,
Fermentação de um mundo agreste e bruto...

E ha na esperança, de que nie commovo,
E na grita de duvidas, que escuto,
A incerteza e a alvorada do meu povo!

Para remate deste simples estudo, deixei a lenda das Amazonas, que deu nome ao mais bello e forte rio do Brasil.

Esta lenda é uma resurreição de uma das velhas tradições hellenicás. As Amazonas, segundo Herodoto e Plinio, eram mulheres guerreiras, fabulosas cavalleiras, que viviam em nação mysteriosa, na Cappadocia, ás margens do rio Thermodoonte. Hercules venceu-as e destroçou-as, e aprisionou a sua rainha, Antiopa ou Hippolita, dando-a em casamento a The seu. Foi Francisco d'Orellana, aventureiro hespanhol, companheiro de Pizarro, primeiro explorador do Amazonas em 1541, quem encontrou ou sonhou encontrar nas margens do grande rio as Amazonas americanas. Pizarro incumbira Orellana de descer até o mar a prodigiosa corrente, descoberta por Pinzon e então denominada *Mar-dulce*. O fim da expedição era o achamento da magnifica região do Eldorado. Essa viagem foi uma estupenda sortida de he-

roismo alto. Durante muitos mezes de combates, de miserias, de fadigas, de fomes, procurando, cada dia, ao alvorecer, avistar as torres e as armaduras de ouro do paiz fantastico, Orellana e a sua bandeira percorreram 1.700 leguas, até a foz do immenso curso. Ao chegar á Europa, Orellana narrou o seu encontro com as bellicosas indias, cuja existencia ardentemente discutida, foi affirmada e negada, durante muito tempo, por viajantes e geographos. As Amazonas brasileiras eram, segundo uns, brancas e louras; segundo outros, morenas e de cabellos negros; e eram fortes e bellas, ageis e valentes, zelosas da sua independencia; e tinham costumes extraordinarios. Ouvi, textualmente, o que dellas disse o Padre Simão de Vasconcellos, autor da “Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil”: “... ha outra nação de mulheres monstruosas no modo de viver (são as que hoje chamamos Alamazonas, semelhantes ás da antiguidade, e de que tomou o nome o rio), porque são mulheres guerreiras, que vivem por si sós; habitam grandes povoações de uma provincia inteira, cultivando as terras, sustentando-se de seus proprios trabalhos; vivem entre grandes montanhas; são mulheres de valor conhecido, que sempre se hão conservado sem consorcio ordinario de varões...”

Um escriptor moderno descreve assim a sua vida: “Chamavam-nas as *icambiabas*. Eram especie de Atilas femininos: o terror supersticioso ou a valentia no combate daquellas guerreiras fazia que as outras tribus se deixassem vencer facilmente nas correrias que ellas lhes davam, obrigando assim todos os povos vizinhos a respeitarem a sua independen-

cia e o seu viver mysterioso. Deposta a flecha, desarmado o arco, tornavam-se as icamiabas mysticas pythonizas, como as vestaes de Roma, adorando a Lua, que vivia como ellas, sosinha, sem marido nos desertos do espaço... O templo para as suas expiações era o lago Jaci-uaruá ou “Espelho da Lua”, donde traziam as *mueraquitans* para offerecer aos amantes na época propicia. Era esse o tempo prescripto pelo rito religioso que seguiam, para receber os guerreiros de outras tribus, aos quaes mandavam convites antecipados. Era uma especie de noivado das Sabinas, que somente se repetia de anno em anno. Findo o prazo da festa da concupiscencia indigena, os homens eram obrigados a voltar para as suas tabas, sob pena de a propria amante varar-lhe o peito de lado a lado, como a um inimigo da sua independencia e um diabolico seductor do seu estado. Os filhos, se eram meninas, eram criados com carinho; mas, se eram meninos, eram olhados com aversão, como futuros inimigos da sua raça: e eram trucidados, ou, depois de amamentados, enviados aos paes...”

Tal é a lenda das Amazonas brasileiras. Não é possivel que Orellana tenha inventado de todo esta fabula. E’ possivel que o aventureiro hespanhol tenha visto, entre os indios que o guerrearam, algumas indias, e tenha acreditado que a multidão dos combatentes fosse exclusivamente composta de mulheres; ou, talvez, como acreditam alguns escriptores, elle tenha combatido com tribus de Omiguas ou Cumuris todos homens, mas que pelo seu aspecto ou ves-

tuario lhe tenham parecido mulheres; ou, ainda, talvez, como acreditava o Padre Ivo d'Evreux, existiram realmente no Amazonas tribus só de mulheres, da raça dos Tupinambás, que, fatigadas do captivero, em que os seus maridos as retinham, delles se separaram e viveram á parte das outras tribus... Tudo é possível. Mas lendas não se discutem. Por mim, acredito que as Amazonas existiram: e, mais, acredito que ellas voltarão um dia...

Reparae bem. Estas Amazonas, estas guerreiras de estranha formosura e de rara nobreza, ciosas da sua independencia, bravas e castas, admiraveis na majestade do seu valor e na pureza da sua virgindade, — são as idéas fortes, as ambições de gloria, os impetos de heroismo, as generosidades sublimes, as supremas abnegações, que operaram o cyclo do descobrimento, da exploração e da conquista do Brasil nascente, as façanhas das entradas e das bandeiras, a expulsão dos invasores, as revoltas dos libertadores, o ardor da guerra da independencia, e o incomparavel fulgôr do apostolado da redempção dos captivos... Fechado o cyclo heroico, as Amazonas desapareceram. Mas uma outra nova era de ouro voltará, — depois destes dias de estagnação moral e torpe ambição, de diffamação e inveja, de triste mercantilismo, de desterro de justiça, e mingua de entusiasmo, a era de ouro voltará, e com ella voltará a ficção de Orellana, e ouviremos de novo, entre nuvens, o galopar sonoro e rutilante das Walkirias brasileiras, e o seu hymno victorioso:

Nem sempre durareis, éras sombrias
De miseria moral! A aurora esperas,
O' Patria! e ella virá, com outras éras,
Outro sol, outra crença, em novos dias!

David renascerá para Golias,
Alcides para os pantanos e as feras:
Os corações serão como crateras,
E hão de em lavas mudar-se as cinzas frias.

As nobres ambições, força e bondade,
Justiça e paz, virão, sobre estas zonas,
Da confusa fusão da ardente escoria...

E, na sua divina majestade,
Virgens, reviverão as Amazonas,
Na cavalgada esplendida da Gloria!

XXXV

MANIFESTAÇÃO RIO-BRANCO

JORNAL DO COMMERCIO — Do-
mingo, 21 de Fevereiro de 1916.

Gazetilha:

...Seguiu-se com a palavra o festejado poeta Olavo Bilac, que em nome do povo leu a oração seguinte, que arrancou do selecto auditorio alli presente entusiasticos applausos:

“Diziam os antigos, supersticiosos e fatalistas, que ha em toda a vida humana um momento, um rapido e fugaz momento, em que, por coincidencia maravilhosa de circumstancias propicias, se realizam e re-unem todas as felicidades e glorias que essa creatura ha de gozar na terra. Para a minha vida, cheia de sonhos e vasia de altas ambições, para a minha vida de poeta que só deseja a felicidade e a gloria de viver, envelhecer e morrer tranquillamente, pen-

sando, estudando e servindo os seus ideaes de amor e de justiça, — eu, se fosse fatalista e supersticioso, acreditaria ter chegado agora esse curto e fulgido momento de suprema ventura. Nunca, entre os meus sonhos, sempre applicados á conquista de satisfações puramente intellectuaes, pouco desejadas pelos ambiciosos communs, figurou o sonho, que me pareceria estulto e vão, de ser um dia chamado a receber de todas as classes do meu paiz esta delegação honrosissima.

Pensei em fugir á responsabilidade do tremendo encargo. Mas ponderei que a distincção, se era das que não podem ser solicitadas, era tambem das que não podem ser evitadas. E comprehendí ainda que a commissão promotora da homenagem nacional ao eminente servidor da causa publica, querendo confiar esta missão a um brasileiro isento de paixão politica, desobrigado de compromissos partidarios, e fôrro de character militante, — escolhera em mim, não o mais digno, mas justamente o mais humilde, para que este preito civico, amparado pela influencia moral dos maioraes do paiz, tivesse como interprete uma vez sahida do seio da grande massa popular, — do seio deste grande povo tão mal comprehendido, quasi sempre, com o qual vivo em contacto diario pelo meu trabalho de imprensa, e cujas idéas e aspirações tantas vezes tenho achado confundidas e identificadas com as minhas.

A missão impunha-se: não só pelo alto valor da sua significação, como ainda pela afinidade completa e encantadora que existe entre o seu objecto e a

minha comprehensão individual do sentimento de patriotismo.

Felizmente, sou chamado a cumprir esta desvanecedora tarefa, quando o meu espirito já está longe das irreflexões da juventude, quando já cheguei a uma phase da vida, em que as torrentes caudaes do enthusiasmo podem ser sofreadas e medidas pela razão calma e segura. Na juventude, o patriotismo é brilho, clarão, fervor, explosão natural da alma innocente, amor inconsiderado e espontaneo. Mas, na maturidade, elle é feito de reflexão e de certeza, de carinho bem sentido e de affecto bem pensado, de gratidão reflectida e de amor consciente. Nesta idade, o patriotismo perde, é certo, o ardor, a vehemencia, o impetuoso enthusiasmo do outro; mas, em compensação, alarga-se e aprofunda-se, ganha raizes no sentimento e na intelligencia, liberta-se das idéas erroneas, emancipa-se dos preconceitos, cuja felicidade só era disfarçada pela belleza do sentimento a que se agarravam como parasitas, — e lucra em solidez o que perde em fulgor.

Eu não amo a minha Patria apenas por haver nascido dentro dos seus limites territoriaes; não a amo sómente porque a vejo bella e opulenta, dilatada por milhares e milhares de leguas, estendida á beira do mais lindo dos mares, namorada do alto do firmamento pelos astros mais formosos do mais formoso hemispherio celeste: e não a amaria sómente pela sua força e pelos seus triumphos, se ella fosse a mais forte das patrias, e se os seus triumphos fossem conquistados pela iniquidade brutal exercida sobre a fraqueza de outras...

Amo-a, porque a conheço; amo-a, porque aprendi pouco a pouco a amal-a nas suas virtudes, nos seus soffrimentos, até nos seus desvarios momentaneos e nos seus erros passageiros, — e no seu grande, nobre e inalteravel desejo de ser pacifica, de seguir o caminho da verdade, de vencer e prosperar pelo trabalho e pela cordura; amo-a, porque a sei constituida por uma raça mais triste do que alegre, mais comedida do que ousada, mais timida do que arrogante, — porem sempre animada de uma suave tolerancia e de uma divina bondade, que nunca a deixaram permanecer num erro ou numa injustiça; amo-a, quando a vejo empenhada no resgate de erros, perdoando a loucura dos filhos que a magoaram, e banhada de um luar suavissimo, alliando a energia e a meiguice; amo-a, quando a vejo, como agora a vi, defender calmamente o seu direito sem as fanfarrices que só assentam nos que não confiam na razão da sua causa, sem ferir o direito alheio, ficando tão nobremente misericordiosa e clemente na victoria, como ficaria orgulhosamente resignada na derrota; amo-a, quando a vejo, como aqui a estou vendo, glorificar o apostolo da Paz, numa festa realizada em nome da Paz e para a consolidação da Paz, com o concurso brilhante das forças de terra e mar, — justamente no triste momento historico em que as nações do velho mundo, sempre tão dadas a gabar a sua civilização e a mofar de nossa imaginaria barbaria, disputam a posse de terra entre os horrores de uma guerra cruenta. . .

E' assim que eu amo a minha Patria; e foi por isso, Paranhos Rio Branco, que aceitei a missão de vir saudar-te em seu nome!

Creio, fitando este ondear festivo e rumoroso do povo, estar contemplando um immenso estuario humano, em que de todos os pontos do Brasil, num alegre correr de vagas de enthusiasmo, vieram desaguar todos os rios do sentimento nacional. Porque não é sómente o Rio de Janeiro, capital e coração da Republica, quem aqui está saudando o grande Brasileiro. Já nos trouxe o telegrapho a adhesão de todo o paiz. E, neste mesmo momento, em qualquer dos pontos desta vasta Patria, que Rio Branco ainda tornou maior pela incorporação definitiva e pacifica do Amapá, das Missões e do Acre; nos centros povoados, onde o patriotismo collectivo se apura pela cohesão das varias almas; nos sertões quasi ermos, onde o patriotismo se afervóra no silencio do descampado, no trato amoroso da terra adorada, na contemplação enternecida das florestas magestosas e do céo explendente; onde quer que um coração brasileiro palpite, onde quer que vibre uma cellula do nosso organismo social; — ahi estará, tão viva e tão brilhante como aqui, ardendo a mesma chamma em que vejo arder, dando calor á minha palavra e fulgor á minha missão, a alma do povo fluminense.

Os homens de pensamento e os homens de acção; os homens de estudo, que vivem, apartados da agitação politica, entregues ás preoccupações serenas da arte e da sciencia; os parlamentares e os jornalistas, que vivem, de sol a sol, pensando, falando, escrevendo, agindo na luta incessante; os homens de nosso glorioso Exercito, cujas espadas valorosas se alteiam e refulgem, não para promover conquistas brutaes, nem para servir a força contra a razão, mas

para formar, unidas em torno da Patria, uma sagrada muralha, que abrigue e defenda de possiveis surpresas o seu progredir pacifico; os homens da nossa gloriosa Marinha, antes diplomatas do que guerreiros, encarregados de conduzir pelos mares largos as côres sacrosantas da nossa bandeira, a bordo de navios, cujos canhões só servirão á causa da morte no dia em que ò engano, — ou a perversidade — dos estranhos attribuir a instigações do medo o nosso proposito de viver como nação operosa e justa; os homens que vivem do amanho da terra e os que vivem da agitação fecunda do commercio; os operarios, formigueiro humano, cujo labor anonymo lentamente prepara, na sua humilde tarefa incessante, a grandeza economica do Brasil; a immensa multidão dos moços estudantes, confederação de almas jovens e ardentes, que já aprenderam, na convivencia dos grandes mestres da sciencia moderna, que a humanidade, libertada das superstições antigas, fatigada dos odios estereis, desenganada da efficacia dos conflictos barbaros, só espera o advento de uma era nova, cuja religião seja o culto da justiça e do amor entre os homens; todas as classes sociaes, todas as parcelas grandes ou pequenas, gloriosas ou modestas, cultas ou rudes, cuja addição fórma a forte massa homogenea do povo brasileiro; todos os representantes da Idéa e do Trabalho, todos os que de alguma sorte collaboram na obra santa do engrandecimento da Patria, pelo esforço do braço ou pelo esforço do cerebro, pelo acto ou pela lição, dirigindo ou obedecendo, pensando ou executando; — todos os Brasileiros, todos! estão aqui presentes em um mes-

mo offegar de peitos anciosos, em um mesmo palpitante de corações agradecidos, num mesmo olhar humedecido pela commoção, — para abençoar o teu nome, Paranhos do Rio Branco!

Nós não te abençoamos apenas porque tenhas vencido: abençoamos-te porque venceste como brasileiro e como homem; porque provaste, com as tres campanhas diplomaticas em que empenhaste o teu talento e a tua energia, que o amor da Patria não é incompativel com o amor da Humanidade; porque não fundaste as tuas victorias sobre carnificinas humanas; porque, emfim, restaurando as fronteiras da Patria, e mantendo immaculado o brilho do nome brasileiro, contribuiste para a concordia das nações sul-americanas, e poupaste o sangue dessa mocidade civil e militar, — mèsse opima de vidas, que não hesitariam um só momento em sacrificar-se pelo Brasil, mas que o Brasil reclama para o serviço da civilisação e da gloria do pensamento!

Triumphador de tres campanhas de estudo e saber, em que triumphaste pela palavra e pela penna, pelo talento e pela cordura, pela verdade e pelo amor, mereceste bem esta homenagem nacional, esta manifestação de carinho materno e festivo, com que a Terra Brasileira recompensa os teus serviços.

Olha em torno de ti: entre as mulheres brasileiras, que me ouvem e te applaudem, algumas ha, que já tiveram a doce ventura de ser mães; — e, entre essas mães, não ha uma só, que não aspire a incomparavel felicidade de ter um filho, capaz de prestar á Patria, á grande Mãe commum e adorada, os ser-

viços que lhe prestaste. . . Que gloria maior pôde caber a um homem na terra?!

Paranhos do Rio-Branco! abençoado seja o teu cerebro, porque a tua intelligencia restituiu ao Brasil os brasileiros que estavam em sua patria! abençoado seja o teu coração, porque a tua tolerancia conseguiu o que a força sómente poderia conseguir pelo morticinio e pela sangueira! abençoada seja a tua mão, porque ella teve a fortuna de assignar, tres vezes, os tratados que salvaram e mantiveram a integridade do sólo brasileiro! abençoado seja o sangue que te anima o corpo, e que depois de ter nutrido o cerebro de um Libertador, veio nutrir o cerebro de um Reivindicador! abençoado seja o teu estudo, porque as tuas vigalias fructificam em bens para a communhão! abençoado seja o teu exemplo, porque elle vem restaurar nos corações timoratos a antiga e robusta fé nos destinos da nossa nacionalidade! abençoada seja a nobre coragem, com que arriscaste em uma nova campanha a tua popularidade, porque quizeste, com isso, collocar acima das satisfações do teu amor proprio a satisfação dos teus deveres de Brasileiro! atravez dos tempos, perdurando no caminho e na gratidão das gerações, abençoado seja o teu nome, Paranhos do Rio-Branco, pelo bem que fizeste á tua terra e á tua gente, pelo teu amor da Paz, pela gloria que a Intelligencia Brasileira conquistou, concentrada na tua intelligencia victoriosa!

SOBRE AS CRIANÇAS

Infelizmente, minhas senhoras e meus senhores, não poderei fazer sobre *As Crianças* uma conferencia leve e amavel, que não chegasse a commover-vos, e apenas vos divertisse, uma conferencia suave, que, começando por um sorriso, terminasse por outro sorriso, e fluísse sem sobresaltos, sem tropeços, como a agua innocente de um ribeiro facil, sobre leito de areias lisas, entre sebes floridas. Não é possível... Em verdade, o mundo ainda é tão mal feito, e a vida tão mal organizada, que não ha talvez um só assumpto, que possa ser tratado com uma completa alegria, sem tristeza e sem ironia. Por isto, a minha palestra não será apenas de sorrisos. Algumas vezes sorriremos, mas tambem algumas vezes pensaremos com seriedade e melancolia. Não quero apenas falar como poeta; quero tambem falar como educador, porque durante vinte annos, por dever profissional, convivi com crianças em escolas primarias, e tenho a presumpção de conhecê-las um pouco.

Não pretendo fazer aqui a apologia do amor paterno e materno. Para que? Todos comprehendem e sabem o que é a paixão paterna, mixto de orgulho, de inquietação e de amor proprio, — um amor, que é feito de deveres e de medos, de responsabilidades e de angustias. Só um homem inconsciente, sem equilibrio mental e moral, um verdadeiro louco poderá olhar o seu filho, a sua criatura, sem um terror que se misture á ternura. Não pesa o acto da criação como um compromisso terrivel e sagrado sobre a alma do criador?...

O amor materno, esse, é a renuncia completa, a absoluta abnegação, o supremo altruismo. Até na poesia popular das tribus mais incultas, apparece de passo a glorificação e a natural affirmação deste culto. Ha, por exemplo, uma lenda das ilhas Banks, na Papuasia, que é um pequeno poema de suavidade e graça. Primitivamente, na Papuasia, diz a lenda, as criaturas não morriam: mudavam de pelle, de quando em quando, como as serpentes, e, a cada muda, rejuvenesciam. Ora, um dia, uma mulher, que já não era moça, e tinha um filho pequenino, dirigiu-se ao rio, em cuja agua mudou a sua pelle, deixando a pelle velha ir corrente abaixo, até ficar presa a um galho de arvore. E voltou para a casa, — moça e bella... Mas o filhinho, que só a conhecera velha e feia, não a reconheceu sob a pelle nova, e não a quiz beijar. Então, a vaidosa mulher, preferindo á sua vaidade de mulher o seu orgulho de mãe, resignada, e, mais do que resignada, feliz, voltou ao rio, despojou-se da formosura, tornou a envergar a pelle ve-

lha, e sacrificou ao seu amor materno o amor de si mesma...

Mas não quero fazer aqui, repito, a apologia deste sentimento. E não é preciso ter amor paterno ou materno para amar as crianças. Por mim, não sei dizer quanto as amo, apesar de não ter filhos, — ou talvez justamente por não os ter. Revelo uma convicção, que a principio vos espantará: tenho para mim que os melhores amigos das crianças são os que não teem filhos. O amor de pae e mãe são realmente sublimes e inegalaveis. Mas o amor, quando é acompanhado de posse, é sempre um sentimento ciumento, e até certo ponto egoista; a posse trás o ciume, e o ciume é exclusivo; o amor, quando tem um objecto preciso e definido, tem de ser concentrado nesse objecto, e não se pôde dilatar. Para explicar a idéa, tomemos um caso de ordem material. Consideremos, por exemplo, um colleccionador de quadros, possuidor de cem, duzentas, ou quinhentas telas de mestres. Este homem começou realmente a amar a pintura, em geral, e todos os bons quadros. Mas, agora, possuindo a sua galeria, o que elle ama, de facto, são *os seus quadros*: já não aprecia as outras telas, já diz mal dos quadros dos outros colleccionadores, e acha-os feios e sem valor, porque não os pode possuir... Ao contrario disto, um pobre amigo da pintura, um modesto inconophilo, como eu, que não pôde ter em sua casa um só quadro de grande valor, mas tem ás suas ordens os museus publicos, e pode todos os dias visital-os, para dar aos olhos o regalo da contemplação das obras de arte, — esse, sim, pode verdadeiramente amar a pintura, porque, não

possuindo galeria sua, não tem egoismo e preferencias de posse e vaidade, e é capaz de, com igual amor, amar todas as admiráveis telas... Já vedes que não ha contrasenso no que digo, quando opino que quem não tem filhos pôde com verdadeiro amor amar as crianças, porque ama *todas* as crianças, sem exclusividade.

Por mim, amo-as a todas, sem excepção. Rousseau disse: “j’aime Dieu, et tout les enfants”; e Amiel: “le peu de paradis que nous apercevons encore sur la terre est dû à la presence des enfants”. Estas manifestações de amor são um pouco vagas. Precisaréi a minha adoração pelas crianças, dizendo que ella é principalmente feita de pena... Tenho pena, compaixão adoradora, misericordiosa veneração de todas as crianças, das bonitas e das feias, das ricas e das pobres, das felizes e das infelizes. Tenho pena da sua innocencia, da sua fragilidade, da impossibilidade em que ellas quasi sempre se vêem de explicar o que sentem e o que pensam. Uma criança é como o cristal e como a cera. Qualquer choque, por mais brando, a abala e commove, e a faz vibrar de molecula em molecula, de atomo em atomo; e qualquer impressão, boa ou má, nella se grava de modo profundo e indelevel. E ella não sabe, não pôde explicar, não pôde exprimir o abalo, que o choque lhe causa, e a impressão, com que o abalo a marca. Tenho pena de todas, porque, por mais que as veja cercadas de cuidado e carinho, ainda as sinto moralmente isoladas, porque é difficil comprehendel-as e difficillimo guiar a sua intelligencia.

Considero que as mais felizes de todaŝ ellas ainda sãõ muito infelizes... Ccstumamos dizer, na idade madura, que temos saudade do tempo em que eramos crianças; dizemos que invejamos as crianças, porque ellas nãõ teem as nossas preoccupações, os nossos cuidados, e porque sãõ puras e innocentes. Mas sãõ justamente a sua pureza e a sua innocencia que as tornam dignas, nãõ de inveja, mas de piedade, porque as desarmam, porque mais facilmente as expõem aos assaltos da maldade ou da inconsciencia dos que as cercam. E quem imagina que as crianças nãõ soffrem moralmente commette um erro crasso: ellas soffrem, e soffrem mais do que nós, porque nãõ teem a alma callejada para o soffrimento, e porque nãõ sabem dizer o que soffrem...

Vede, primeiro, as pobres e desprotegidas. Essas, — como sãõ exploradas e martyrisadas! O problema dos menores nas fabricas é ainda o mais doloroso da sociedade moderna. A sociedade chegou á vergonhosa e humilhante obrigaçãõ de confessar que nãõ pode impedir que as crianças trabalhem nas fabricas: allega que o trabalho é uma lei fatal, e que a vontade dos paes deve ser respeitada; e, manietada, escrava d'estas duas razões tremendas, disfarçando a sua impotência e a sua crueldade, inventa ridiculos regulamentos innocuos, decreta leis palliativas, e realmente deixa que continue a ser commettido este crime do estrago, da depravaçãõ, da bestializaçãõ, do entisicamento, da matança de milhões de crianças por anno! A sociedade contenta-se com prohibir a exploraçãõ de menores de oito annos na industria... De oito annos! como se os de nove, dez, ou onze annos podem

resistir ao trabalho, á fadiga, á asphyxia lenta, ao envenenamento progressivo da agitação febril, nas usinas empestadas, no fundo das minas sem ar e sem luz, nos centros metallurgicos, onde criaturas humanas em botão, ainda sem força, respiram poeiras candentes e comem ascuas! E ainda para os pequenos de oito annos a lei é muitas vezes uma burla, porque a fiscalização perfeita é impossivel, e a crueldade e a ganancia de paes e de patrões conseguem illudir a imposição legal. Quereis ouvir uma cousa tremenda? é uma confissão, que arrepia os mais frios dos homens, esta declaração do grande philosopho inglez Stuart Mill: “a prosperidade industrial da Inglaterra repousa sobre o infanticidio”; o que quer dizer que, na Inglaterra, como em todas as nações industriaes, as grandes fortunas são amassadas com o sangue, a vida, a alma das crianças empregadas nas fabricas.

E que dizer da exploração da infancia pelos mendigos e pelos profissionaes e industriaes da mendicancia? A industria dos “compra-chicos” não se extinguiu; modificou-se, modifica-se sempre; e persiste. A profissão da mendicancia é rendosissima. Reconheçamos, porém, que nem sempre em todos os tristes e degradantes espectaculos de mendicidade ha especulação e maldade. A’s vezes, a miseria é real, a miseria é verdadeira, e o mendigo, que encontramos nas ruas, acompanhado de uma criança, é realmente pae ou mãe dessa criança, e é um invalido, um doente, que não pode trabalhar ou não consegue trabalho, e não tem pão para si nem para o filho... Que fazer? O mundo é mal feito, a sociedade é imprevidente, a assistencia é mal organizada; e não sei se algum

dia virá, em que a vida seja facil, farta e feliz para todos...

Vede, porém, agora as crianças de familias ricas ou remediadas, ás quaes, desde o nascimento, não faltam pão, carinho e cuidado. Tambem d'estas tenho pena... Em geral, as que são bem tratadas, são tratadas como pequenos animaes domesticos de collo, carling-dogs ou gatinhos angorá, ou ainda como bonecas animadas, titeres falantes, ás quaes se dão muitos carinhos e muitos vestidinhos lindos, mas ás quaes não attribuímos a faculdade do raciocinio. Acreditamos que estes pequenos animaes de estimação ou estes adoraveis calungas não pensam... Erro deploravel, — o mais pernicioso dos erros. Ha uma phrase franceza, que encerra uma grande verdade: "l'enfant est le père de l'homme". Isto quer dizer que toda a alma, toda a intelligencia, todo o raciocinio do homem já estão em germe na criança. Negar um espirito pensante, logico, comparativo, inductivo, deductivo, criador a esta criaturinha, somente porque não comprehendemos e percebemos este espirito, é um absurdo completo e revoltante. Não possuindo o dom da expressão perfeita, a criança não pode dizer-nos que está soffrendo, quando não está sendo comprehendida. No espirito de um pequenino, que ainda não sabe falar, morrem sem vida mundos de pensamentos, de sentimentos, de vontades, abafados á mingua de expressão.

D'este preconceito nosso nascem muitos crimes.

Quem nos pode dizer quanto se revoltam as crianças, quando pensam, quando sentem, quando querem dizer o que pensam e o que sentem, e não po-

dem desvendar, precisar e articular em phrases claras o seu mundo interior?

Ha uma linda melodia do grande Massenet, sobre versos de Boyer, *Les Enfants*, que diz melhor do que todas as minhas palavras. Ouvi estes versos e esta musica...

Ils sont si doux, ces innocents
Suspendus au sein de leur mère!
Dieu mit dans leurs yeux caressants
Comme un rayon de sa lumière.

Quand ils vont à pas chancelants,
Le lys s'incline jusqu'à terre,
Et les voyant passer si blancs,
Le tourtereau se croit leur frère.

Ils tiennent des propos touchants
A la nature tout entière,
Aux animaux, aux fleurs des champs,
Qui répondent à leur manière.

Vous dites: "Ce sont des tyrans!
Mais leur empire est débonnaire,
Et savent-ils les ignorants,
Que leur chanson peut vous déplaire?"

Ingrats!... leurs clairs gazouillements
Sont comme un baume salulaire;
Ce sont eux qui, dans vos tourments,
Arrivent seuls à vous distraire.

Aussi, soyez-leur indulgents;
Pour eux jamais de front sévère,
Les chérubins ont bien le temps
De connaître notre misère!...

On ne devrait faire aux enfants
Nulle peine, même légère.

Nenhum desgosto, por mais insignificante, deve ser dado ás crianças... E criminoso e imperdoavel é o desgosto, quando baseado numa injustiça. A's vezes, uma contrariedade injusta, imposta a um menino, póde magoal-o e estragal-o para toda a vida. Não ha quem esqueça as primeiras illegalidades ou semrazões, que são as que mais vivamente ficam impressas na alma. As outras maldades, as que soffremos depois de homens feitos, depois de "sermos gente", são facilmente esquecidas, porque são muitas e muito repetidas, e porque, já tendo a alma embotada, acabamos por acostumar-nos com ellas. Mas as primeiras, as que experimentamos na infancia, nunca se perdoam nem se esquecem. Houve commigo um caso, quando eu era pequeno, ha... não sei ha quantos annos... ha muitissimos annos! — um caso, que nunca olvidei e nunca olvidarei. Era eu pequeno, e, no collegio, era estudante de Historia. O meu mestre era um padre portuguez, velho, tabaquento, e carranço, que sempre tinha deante de si, na aula, um archaico compendio de Raffy, e uma immensa palmatória de jacarandá. O compendio de Raffy affirmava, com uma comica seriedade, que Deus havia criado o mundo no anno 4138 A.C. Vede bem que esta

hypothetica e absurda precisão de data nunca me sahiu da memoria... Um dia, chamado á lição, e intimado a dizer a data certa da criação do mundo, titubiei, gaguejei, atrapalhei-me, e disse: 4136... Era apenas um engano de dois annos, — uma insignificancia no formidavel computo dos innumeraveis seculos da inconcebivel e maravilhosa existencia do Universo... Mas tanto bastou para que meia duzia de bolos castigasse o meu erro! E, chorando, magoado, humilhado, desesperado, fiquei perguntando a mim mesmo porque era que Deus, sendo a suprema misericordia, não se teria lembrado de criar o mundo dois annos mais cedo, para me poupar a dor e o vexame d'aquelles bolos! Pois bem! já tenho vivido muito, já tenho soffrido muitas injustiças, e já as tenho perdoado e esquecido; mas nunca jámais até hoje esqueci nem perdoei a crueldade daquella punição, e ainda hoje considero que aquelle padre praticou naquelle dia um acção abominavel.

As injustiças infligidas ás crianças são frequentes. E nós as praticamos inconscientemente, sem medir as consequencias do que fazemos, sem nos lembrarmos que lhes estamos azedando assim a alma, que as estamos excitando ao descontentamento e á revolta, e, o que é peor, que lhes estamos ensinando pelo exemplo a pratica da injustiça. Não calculamos quanto offendemos, quanto irritamos, quanto ferimos a susceptibilidade das pobres criaturinhas, o seu orgulho em germe, o seu amor proprio em botão, quando ás vezes lhes attribuimos faltas, que ellas não commetteram, e travessuras, que ellas não fizeram. Assim, por exemplo, quando um pequeno furta uma

fruta ou um doce, não ha dahi por deante gulodice furtada que não tenha sido surripiada por elle; e basta que um dia o travesso, jogando peteca, tenha quebrado uma vidraça, para que, dahi por deante, todas as vidraças da casa, quebradas pelos criados, ou pelos gatos, ou por um pé de vento, ou por um terremoto, tenham sido despedaçadas pelo coitadinho... Isto não denota, observe-se, desamor dos paes: denota apenas irreflexão e leviandade; mas esta leviandade e esta irreflexão podem ser mais funestas do que o desamor. Isto offende o espirito infantil. Isto, além de ensinar, pela necessidade da defesa, a utilidade da dissimulação, ás crianças, serve ainda para mantel-as num terror constante, que as acovarda, e que lhes annulla e mata a independencia e o brio. Quem não conhece a anecdotia do misero pequeno, que era no collegio o bode expiatorio, o arreburinho, o culpado de tudo quanto se fazia de mau? era elle quem pagava todas as traquinadas de todos os rapazes; e tão injustamente era castigado, e tão acostumado estava a carregar o peso de todos os peccados, que, um dia, interpellado de sopetão pelo mestre, que lhe perguntava, com a cara amarrada: "Menino! quem foi que descobriu o Brasil?", o infeliz entrou a tremer, e protestou aterrado: "Não fui eu, professor, juro que não fui eu!"

Mas, para fazer felizes as crianças, não é só preciso amal-as e tratal-as com justiça: é preciso tambem, e principalmente, comprehendel-as. E nada é mais difficil. Da psychologia, o ramo mais complicado e subtil é justamente o da psychologia infantil. A idéa, que outr'ora se fazia, e infelizmente ás vezes ain-

da se faz, da infancia, é erronea, e estúpida. Quereis ver como Santo Agostinho,—um padre e um santo,—considerava a criança? “A observação da infancia prova que o homem nasce malvado e malfeitor; é preciso, portanto, na primeira idade, melhora-lo, por meio de uma educação, que deve durar dos dez até os vinte, em que entrem a vara, a férula, as penitencias, e os castigos de toda especie; depois, aos homens feitos e aos velhos, sempre haverá o tempo para a applicação da prisão e da fôrca”. E eis a opinião do sabio Broussais: “A criança prefere o mal ao bem; gosta de torturar e matar os seres vivos e quebrar todos os objectos”. Abominavel preconceito! Está claro que a criança não é ainda um ser completo, perfeito. Ha nella instinctos, que podem ir para o bem como para o mal, e que, com a educação, podem ser convertidos em virtudes, em vez de ser convertidos em vicios. Mas, para que a educação seja boa, é necessario que ella não parta de uma idéa preconcebida de antipathia. (Entre parenthesis: parece impossivel que haja alguém que tenha antipathia ás crianças... Mas ha; e, mais do que antipathia, aversão. Tanto assim, que existem em nosso idioma duas palavras que não existiriam se não correspondessem a uma idéa existente: “pedophobia”, aversão ás crianças, e “uiophobia”, aversão aos proprios filhos...) A base e o incentivo da educação deve ser a sympathia. E não foi a sympathia que inspirou aquellas phrases de Santo Agostinho e Broussais. A idéa preconcebida da antipathia e este rigor tyranico de uma educação mal orientada levam paes e educadores a um proposito deploravel: a vontade de suffocar na criança a sua

vontade propria, substituindo-a por uma vontade alheia. Muitas vezes, pretendemos ver nella um automato, uma machina. Queremos dar-lhe movimentos, sensações, sentimentos, idéas, e não lhes ensinamos a natureza e a vantagem do que lhe ensinamos. Não lhe suggerimos as idéas: nós lh'as impomos. E' este o mal.

Mas examinemos as principaes accusações, que são habitualmente feitas ás crianças: o egoismo, a crueldade, e a mentira.

O egoismo... Sim! as crianças são egoistas. Mas o egoismo, que, na idade madura, é demonstração de dureza e secura de coração, é na infancia, apenas, um effeito do instinto da conservação. Egoista, a criança? — porque? porque quer para si, da mesa o melhor prato, e do prato o melhor bocado? Mas o homem feito, que de todo se sentir limpo de tal culpa, — esse poderá atirar á criança egoista a primeira pedra. Diz-se que a Vida é um banquete... Que fazemos todos, nós, nos negocios como nos amores, na luta pelo dinheiro, pelas honras, pela gloria, pelo prazer, senão querer, desse banquete da Vida, o melhor prato, e desse prato o melhor bocado? Muitas vezes, o egoismo infantil se manifesta em ciume. Uma criança vê a sua mãe amamentar ou acalentar outra criança: amúia, zanga-se, rompe a chorar. E' o ciume; mas que é esse ciume, senão o instinto da conservação e da propriedade? Se é egoismo, é o mesmo egoismo, que na idade madura causa o nosso ciume: ciume das mulheres a quem amamos, ou dos homens a quem amamos, quando somos mulheres... Lembrar-me-ão que as crianças não teem apenas ciume de seus paes, de

suas mães, dos famulos com quem estão habituadas a viver, mas também das suas bonecas e dos seus brinquedos. Mas não esqueçamos que para a criança um brinquedo nunca é um objecto inanimado. A intelligencia infantil é pantheista e feticista: dá uma alma a tudo. Para a dona da boneca, a boneca é um ser animado, vivo, sensível, pensante. E este ciúme pela boneca já não é somente egoísmo de propriedade: é nelle talvez que transluz, além do zelo da proprietaria, o sobresalto da mãe; a boneca é filha da dona; de modo que neste egoísmo ha altruismo, — uma prematura revelação de maternalidade.

Agora a crueldade, tão duramente lembrada por Broussais. Sim! as crianças torturam, martyrisam os animaes domesticos, e magoam e matam os insectos. Mas não se trata aqui de maldade. Trata-se, ás vezes, de excesso de amor desastrado: a criança quer affagar o animal, e não sabendo affagal-o, magôa-o. Outras vezes, a crueldade apparente é um effeito do instinto da dominação: a criança quer vencer, subjugar, e ha nisto a primeira manifestação da individualidade, da vontade, da paixão do mando. E ha ainda, aqui, um outro movel, o principal: a curiosidade. Curiosidade, que pode ser assassina, mas de ferocidade inconsciente. A criança não sabe o que é a vida, nem a morte: e por isso não respeita a vida, nem teme a morte. Levae uma criança a uma camara mortuaria, ao lado de um feretro entre cirios: o que ella examinará com interesse, o que ella sentirá e comprehenderá não será a majestade da Morte, mas o aspecto novo, estranho, pittoresco do espectáculo: as luzes, os panos negros, o altar, o crucifixo, a agglome-

ração das pessoas. Depois, se lhe mostrardes o cadáver, e se lhe disserdes que alli está uma pessoa morta, a criança não sentirá respeito, nem piedade. Brincar-se com as flores das coroas e com os galões do ataúde, e será capaz de achar graça na pallidez e na immobillidade do corpo, e talvez pergunte porque é que aquella pessoa estará dormindo na sala das visitas, no meio de tanta gente, em vez de estar dormindo, sosinha, na sua cama e no seu quarto. . . Assim, não comprehendendo a morte, a criança nella acha somente campo para o exercicio da sua curiosidade. E é por causa d'este mesmo sentimento que ella, muitas vezes, mata. Um psychologo inglez, Sully, conta uma phrase, que ouviu a um pequenino de 4 annos, o qual acabava de esmagar um insecto; perguntára-lhe: “porque fizeste isto? não sabes que praticaste uma acção feia?”

E o menino, innocentemente: “Eu queria ver onde estava o sangue”.

Nas crianças, o pendor instintivo para a destruição depende sempre da curiosidade, de uma curiosidade misturada de admiração deante dos phenomenos da vida. Ruskin, o grande estheta, conta que, quando pequeno, dilacerava e esmagava flores e insectos, não por maldade, mas por uma especie de espanto admirativo. E Goethe narra uma observação propria: quando tinha 6 annos, atirou, um dia, da janella abaixo um rico vaso de porcelana, unicamente para ver como elle se comportaria ao chegar á rua. . . .”

Nós todos conservamos, na idade madura, um pouco desta curiosidade destruidora. Lembrae-vos “A Mosca Azul”, esse lindo poema de Machado de Assis.

Um pobre homem, um desgraçado, um poleá encontrou um dia uma mosca azul:

Era uma mosca azul, azas de ouro e granada,
Filha da China ou do Indostão,
Que entre as folhas brotou de uma rosa encarnada,
Em certa noite de verão.

E zumbia, e voava, e voava, e zumbia,
Refulgindo ao clarão do sol
E da lua, — melhor do que refulgiria
Um brilhante do Grão-Mogol.

Um poleá que a viu, espantado e tristonho,
Um poleá lhe perguntou:
“Mosca, esse refulgir, que mais parece um sonho,
Dize, quem foi que t’o ensinou?”

Então ella, voando, e revoando, disse:
— “Eu sou a vida, eu sou a flor
“Das graças, o padrão da eterna meninice,
“E mais a gloria, e mais o amor.”

E elle deixou-se estar a contemplal-a, mudo,
E tranquillo, como um fakir,
Como alguém que ficou deslumbrado de tudo,
Sem comparar, nem reflectir.

Entre as azas do insecto, a voitar no espaço,
Uma cousa lhe pareceu
Que surdia, com todo o resplendor de um paço,
E viu um rosto, que era o seu.

Era elle, era um rei, o rei de Cachemira,
Que tinha sobre o collo nú,
Um immenso collar de opala, e uma saphyra
Tirada ao corpo de Vischnu.

Cem mulheres em flor, cem nayras superfinas,
Aos pés delle, no liso chão,
Espreguiçam sorrindo as suas graças finas,
E todo o amor que tem lhe dão.

Mudos, graves, de pé, cem ethiopes feios,
Com grandes leques de avestruz,
Refrescam-lhes de manso os aromados seios,
Voluptuosamente nus.

Vinha a gloria depois; — quatorze reis vencidos,
E emfim as páreas triumphaes
De tresentas nações, e os parabens unidos,
Das coroas occidentaes.

Mas o melhor de tudo é que no rosto aberto
Das mulheres e dos varões
Como em agua que deixa o fundo descoberto,
Via limpos os corações.

Então elle, estendendo a mão callosa e tosca,
Afeita a só carpintejar,
Com um gesto pegou na fulgurante mosca,
Curioso de a examinar.

Quiz vel-a, quiz saber a causa do mysterio.

E, fechando-a na mão, sorriu
De contente, ao pensar que alli tinha um imperio,
E para a casa se partiu!

Alvoraçado chega, examina, e parece
Que se houve nessa occupação
Miudamente, como um homem que quizesse
Dissecar a sua illusão.

Dissecou-a, a tal ponto, e com tal arte, que ella,
Rota, baça, nojenta, vil,
Succumbiu; e com isto esvaiu-se-lhe aquella
Visão fantastica e subtil.

Hoje, quando elle ahi vai, de aloes e cardamomo
Na cabeça, com ar taful,
Dizem que ensandeceu, e que não sabe como
Perdeu a sua mosca azul...

Qual de nós não teve tambem a sua mosca azul?
Todos a encontrámos um dia, e todos a dissecámos,
para saber como ella é feita, e o que ella contém. E
porque fizemos isto? porque somos curiosos, como
as crianças; e para satisfazer a nossa curiosidade, ma-
goámos, martyrisámos, matámos a nossa propria al-
ma...

Na criança a curiosidade é constante, dominado-
ra, irresistivel. Dae-lhe um relógio: o seu primeiro

movimento será o de quebral-o, e abril-o, para encontrar dentro delle a explicação do mysterioso tic-tac. Dae-lhe uma boneca aperfeiçadada, que abre e fecha os olhos, e diz “papae” e “mamãe”: o seu primeiro movimento será o de rasgar o peito do automato, para descobrir o segredo do mecanismo. Quem não conhece o tyrannico e perturbador “porque” de todas as crianças? Quando lhes dizemos “não se deve fazer isto!”, ellas inevitavelmente perguntam: “porque?”. Ora, este “porque?” é a força que impelle todos os espiritos para todas as conquistas da arte, das sciencias e das letras. A curiosidade é a mãe da sabedoria. Se Newton não perguntasse: “porque?”, não teriamos a lei da attracção universal; se Pasteur não perguntasse: “porque?”, não teriamos o remedio contra a hydrophobia; se Shakespeare não perguntasse: “porque?”, não teriamos “Hamlet”... Este “porque” é tudo. E o “porque?” das crianças tem esta vantagem: suggere e arrasta o “porque?” das pessoas grandes que com ellas convivem, porque obriga paes e mães. e educadores a instruirem-se, para que possam responder ás perguntas dos insaciaveis curiosos pequeninos.

Vejamus agora, a terceira das accusações: a mentira. Sim! realmente as crianças são mentirosas... Mas sel-o-ão mais do que nós, e mesmo tanto quanto nós? Nós, na vida social, quasi não fazemos outra cousa senão mentir. As relações sociaes repousam quasi exclusivamente sobre artificios, embustes, ardis, manhas, subterfugios, labias e ronhas, que são a materia prima dessa fantastica industria da Mentira. Os Alcestes, como o de Molière, os misan-

thropos que teem o proposito de “rompre en visière à tout le genre humain”, são incompatíveis com a sociedade. Um homem, que sahisse por essas ruas a dizer todas as verdades, seria internado num hospício, ou seria lynchado. Que dizer da politica e da diplomacia, — como são comprehendidas e praticadas pelos mais adiantados povos do mundo? Que são ellas, afinal, senão o constante exercicio da dissimulação e da dobrez, que não são mais do que a força e a necessidade da Mentira? Machiavel, o rei da dissimulação, e Talleyrand, o imperador da dobrez, ainda são os padroeiros dos mais poderosos mestres e senhores da sciencia de governar. Que foram estes dois homens senão os supremos sacerdotes da Mentira? E ousamos accusar as crianças, ousamos dizer que ellas são mentirosas!

E' preciso lembrar que, emquanto nós mentimos por interesse ou malicia, as crianças mentem exclusivamente por imaginação. A Imaginação é uma flôr espontanea dos verdes annos, uma flôr ingenua, que só dá em arvore pequenina, e tem medo do inverno, do outono, e até do verão: é uma flôr que só dá e vive na primavera. A' proporção que vamos vivendo, vamos perdendo a imaginação: de modo que não é por causa de imaginação que mentem os homens que já são homens e as mulheres que já são senhoras... As crianças, essas mentem, porque o seu cerebro vive num perpetuo trabalho imaginativo. Um cerebro infantil é um palco, ou uma têla cinematographica, ou um kaleidoscopio milagroso, em que se representam truculentas tragedias, admiraveis dramas, hilariantes comedias, maravilhosas magicas, onde

nascem, passam, repassam, morrem, renascem continuamente universos de impressões em um só minuto. E' por isto que as crianças gostam tanto de contos de fadas... Não porque o entrecho desses contos as interesse profundamente, mas porque esse entrecho é o germe de mil outros entrechos, que d'elle nascem e se multiplicam infinitamente. Quando lhes dizemos "Era uma vez um sultão muito rico, que casou com uma princeza muito linda...", ellas não sabem o que é um sultão, nem o que é uma princeza, nem um casamento; mas este começo de fabula é para ellas o ponto de partida, para a criação de um numero sem conta de outros contos, que só ellas entendem, que ellas não podem contar, architectura de prodigiosas peças theatraes, de que ellas são ao mesmo tempo autores e espectadores. A imaginação das crianças é espantosa... E' este incalculavel poder de ideação que obriga as crianças a serem mentirosas. E, afinal, que mal pôde haver em mentir, quando a mentira, sendo deliciosa, é inoffensiva? Que é a Arte, senão uma grande, uma bellissima mentira? e, se não houvesse Arte, que seria de nós, neste mundo tristissimo?

Assim, as principaes accusações articuladas contra as crianças nada valem.

Em vez de lembrar os seus defeitos, que são os defeitos de toda a especie humana, patrimonio eterno da nossa fraqueza, — ao contrario lembremos, com vergonha, o que ás vezes ellas perdem com a nossa convivencia, e, com felicidade, o que muitas vezes nós lucrámos com a sua convivencia.

Somos nós frêquentemente que lhes ensinamos as cousas menos louvaveis e menos bellas. Falando e

conversando deante dellas, dizemos sem rebuço cousas que as depravam e desmoralisam, porque estupidamente acreditamos que ellas não teem uma intelligencia capaz de comprehender o que dizemos. Que erro! Ellas ouvem, comprehendem e aprendem tudo... Deante dellas, na vida domestica, tratamos da nossa vida privada e publica, e mostramos as nossas pequeninas paixões, resentimentos e maledicencia, ambições e despeitos, invejas e rancores: e é assim que lhes ensinamos o descontentamento, a cubiça, a mesquinharia, — e até a falta de patriotismo, porque junto dellas estamos a dizer constantemente que “este paiz está perdido”...

E lembremos quantas cousas boas e formosas ellas nos ensinam. Entre tantas cousas, ellas nos ensinam a curiosidade continua, estimulo para a pesquisa da verdade e do bem. E ensinam-nos a sinceridade, a coragem, a confiança. Porque a criança, naturalmente, nos seus moveis é sincera, corajosa e confiante: quando quer escalar um alto muro, escala-o, ainda que tenha de cahir e magoar-se, — ao contrario de nós, que, muitas vezes, deixamos de escalar as mais altas posições e as mais gloriosas honras, por falta de confiança em nossas proprias forças.

Admiremos, amemos, e procuremos comprehender as crianças!

O nascimento de Jesus Christo veio dar á Arte humana um dos seus melhores assumptos, talvez o mais vulgar e o mais formoso: o typo do Jesus-Menino, Menino-Deus, explorado na pintura e na esculptura por milhares de artistas. Notae bem! A infancia de

Jesus, passada em tão tristes soffrimentos, não parece o symbolo de todos os soffrimentos, que curtem todas as crianças? Nascido em uma tosca mangedoura, porque, como diz São Lucas, para elle e seus paes “não havia logar na estalagem”, Jesus veio ao mundo numa hora de miseria; José, pobre, e Maria, humilde e gravida, viajavam de Nazareth para Belém, aonde iam alistar-se como judeus, em obediencia ao edicto de Cesar Augusto; foi no meio da jornada que o casal desanimado viu surgir á luz o filhinho orphão de conforto, mal deitado e mal enfaixado, na companhia de pastores rudes, entre o boi paciente e o jumento resignado, cujas figuras lendarias tantas vezes a iconographia religiosa tem perpetuado. Depois desta primeira hora de penuria, quantas outras, de fome e susto, correram para o Deus recemnado! — o odio de Herodes, a caçada ao menino odiado, a matança dos innocentes, no numero dos quaes os perseguidores contavam encontrar a sua preza, e a fuga para o Egypto, sem pão e sem tecto atravez de desertos inclementes, e o regresso para a terra de Israel entre os mesmos sobresaltos. . . .

Foi porque soffreu muito em pequenino, que Jesus sempre amou, durante toda a sua vida, todas as crianças.

Jesus Christo, diz São Lucas, estava um dia dizendo as suas parabolas ao povo, quando delle se aproximaram as crianças attrahidas pela sua seducção, e quizeram abraçal-o; procuraram afastal-as os discipulos; mas o Mestre aconchegou-as ao seio, e disse: “Deixae que venham a mim os pequeninos, porque delles será o reino do céu!”

O reino do céu. . . Não basta! Eu quizera que, antes do reino do céu, desde já lhes pertença o reino do mundo. E' justo e preciso que todas ellas sejam felizes e adoradas na terra. Fracas e mal comprehendidas, ellas sempre me dão pena. Saibamos amal-as, comprehendendo-as. E saibamos educal-as, não só para o seu bem, como para o nosso proprio bem: porque ellas são bem melhores do que nós, e, sendo bem educadas por nós, serão as nossas educadoras.

TARDE

A tarde é a mais doce e triste estação do dia e da alma. Dante, no primeiro verso da “Divina Comedia”, disse que a grande visão do Inferno, do Purgatorio e do Ceu lhe appareceu no meio do caminho da sua vida. Foi em 1300 que o divino poeta começou a compor o seu poema; nascido em 1265, elle entrava então no trigesimo quinto anno de sua idade. Elle mesmo disse que é esta a idade media da existencia humana; são suas estas palavras, no “Convito”: “a nossa idade é um arco subindo e descendo; o ponto mais alto d’este arco, *il mezzo del camin*, é a idade dos trinta e cinco annos”.

Assim, entre os trinta e quarenta annos, o sol da vida está no zenith. E’ o meio-dia, a força maxima do corpo e da alma, o pincaro extremo da montanha. Ahi, começa o declinio, principio da tarde... Tarde, que ás vezes é curta, outras vezes longa, fecunda ou esteril, gloriosa ou humilhada, mas sempre bella. O começo é habitualmente esplendido. Até os cincoenta annos, o sol ainda magnifica a paizagem; o ceu é

uma planície azul, afogada em luz offuscante; mas, d'ahi por diante, o oeste, tingindo-se de ouro e purpura, apresta o rutilante sepulcro do deus moribundo... Para mim, a ultima phase é a mais formosa. Amo a tarde, e da tarde as derradeiras horas, o crepusculo, a agonia, em que nascem as ultimas esperanças, que são as melhores.

Gloria joven do sol no berço de ouro e chammas,
Alva! natal da luz, primavera do dia,
Não te amo! nem a ti, canicula bravia
Que a ti mesma te estrues no fogo que derramas!

Amo-te, hora hesitante em que se preludia
O adagio vespéral: tumba que te recamas
De luto e de esplendor, de crepes e auriflammas,
Moribunda que ris sobre a própria agonia!

Amo-te, ó tarde triste, ó tarde augusta, que, entre
Os primeiros clarões das estrellas, no ventre,
Sob os véos do mysterio e da sombra orvalhada,

Trazes a palpar, como um fruto do outono,
A noite, alma nutriz da volupia e do somno,
Perpetuação da vida e iniciação do nada!

Quando começa a symphonia da tarde, a Natureza, como a alma, pensa. Os rios choram:

Maguados, ao crepusculo dormente,
Ora em rebojos galopantes, ora
Em desmaios de pena e de demora,
Rios, choraes amarguradamente.

Desejaes regressar... Mas, leito em fora,
Correis; e misturaes, pela corrente,
Um desejo e uma angustia, entre a nascente
De onde vindes e a foz que vos devora.

Soffreis da pressa, e, a um tempo, da lembrança...
Pois no vosso clamor, que a sombra invade,
No vosso pranto, que no mar se lança,

Rios tristes! agita-se a anciedade
De todos os que vivem de esperança,
De todos os que morrem de saudade.

A montanha sonha:

Calma, entre os ventos em lufadas cheias
De um vago sussurrar de ladainha,
Sacerdotiza em prece, o vulto alteias
Do valle, quando a noite se avizinha.

Rezas sobre os desertos e as areias,
Sobre as florestas e a amplidão marinha;
E ajoelhadas rodeiam-te as aldeias,
Mudas servas aos pés de uma rainha.

Ardes num holocausto de ternura...
E abres, piedosa, a solidão bravía
Para as aguias e as nuvens, a acolhel-as;

E invades, como um sonho, a immensa altura,
— Ultima a receber o adeus do dia,
Primeira a ter a bençã das estrellas!

Revoltam-se as arvores:

Na celagem vermelha, que se banha
Na rutilante immolação do dia,
As arvores, ao longe, na montanha,
Retorcem-se espectraes á ventania.

Arvores negras, que visão estranha
Vos aterra? que horror vos arrepia?
Que pesadelo os troncos vos assanha,
Descabellando a vossa ramaria?

Tendes alma tambem... Amaes o seio
Da terra; mas sonhaes, como sonhamos,
Bracejaes, como nós, no mesmo anseio.

Infelizes, no pincaro do monte,
(Ah! não ter azas!) estendeis os ramos
A' esperança e ao mysterio do horizonte...

Mas a vinda das primeiras estrellas adoça esta
inquietação:

Desenrola-se a sombra no regaço
Da morna tarde, no esmaiado anil;
Dorme, no offego do calor febril,
A natureza, molle de cansaço.

Vagarosas estrellas! passo a passo,
O aprisco desertando, ás mil e ás mil,
Vindes do ignoto seio do redil
Num compacto rebanho, e encheis o espaço.

E emquanto, lentas, sobre a paz terrena
Vos tresmalhaes tremulamente a flux,
Uma divina musica serena

Desce rolando pela vossa luz:
Cuida-se ouvir, ovelhas de ouro! a avena
Do invisivel pastor que vos conduz...

Sobre todas as cousas, como sobre a nossa alma,
caem a paz e a resignação:

Sou como um valle, numa tarde fria,
Quando as almas dos sinos, de uma em uma,
No soluçoso adeus da ave-maria
Expiram longamente pela bruma.

E' pobre a minha messe; é nevoa e espuma
Toda a gloria e o trabalho em que eu ardia...
Mas a resignação doura e perfuma
A tristeza do termo do meu dia.

Adormecendo, no meu sonho incerto
Tenho a illusão do premio que ambiciono:
Cae o ceu sobre mim em pyrilampos...

E num recolhimento a Deus offertto
O cansado labor e o inquieto somno
Das minhas povoações e dos meus campos.

Revolta e tristeza, a principio, e, depois, re-
signação, e até alegria. Comprehende-se bem a des-

esperação, que invade o coração de uma bella mulher, quando elle sente o declinio da sua belleza:

Vê-se no espelho; e vê pela janella
A dolorosa angustia vespertina:
Pallido, morre o sol... Mas, ai! termina
Outra tarde mais triste dentro d'ella.

Outra queda mais funda lhe revela
O aço feroz, e o horror de outra ruina:
Rouba-lhe a idade, perfida e assassina,
Mais do que a vida, o orgulho de ser bella.

Fios de prata... rugas... O desgosto
Enche-a de sombras, como a suffocal-a
Numa noite que ahi vem... E no seu rosto

Uma lagrima tremula resvala,
Tremula, a scintillar, como, ao sol posto,
Uma primeira estrella em ceu de opala...

Mas, ás vezes, este soffrimento é annullado pela consciencia da nova belleza que a velhice majestosa dá á belleza feminina. Aspasia conseguiu ser extremamente bella até a extrema velhice. Porque comprehendeu o valor e a dignidade da sua tarde:

Do Hellesponto, do Egeu, do Jonio, em romaria
Vinham vel-a e admiral-a ephebos e donzellas.
E elles: "que sol nos teus cabellos brancos!" E ellas:
"Brilha mais do que a aurora o final do teu dia".

Velha, Aspasia, como um clarão, na academia
E na ágora, surgia e offuscava as mais bellas;
E, sob as cans, e sob as roupagens singelas,
Aureolada do amor de Pericles, sorria.

Ella e a Acrópole, frente a frente, eram, serenas,
Unidas no esplendor, gemeas na majestade,
A suprema harmonia, illuminando Athenas.

Aspasia, deusa clara e simples, na moldura
Do ceu, nume feliz, perfumava a cidade...
Era uma religião a sua formosura!

Na alma dos artistas, dos pensadores, que dolorosa e terrível, a principio, a consciencia da velhice, com a molestia e a queda do talento no crepusculo do vigor mental! Podeis imaginar maior tormento do que o de Beethoven, velho, quando ensurdeceu?

Surdo, na universal indifferença, um dia,
Beethoven, levantando um desvairado appello,
Sentia a terra e o mar num mudo pesadelo...
— E o seu mundo interior cantava e restrugiu!

Torvo o gesto, perdido o olhar, hirto o cabello,
Viu, sobre a orchestração que no seu craneo havia,
Os astros em torpor na immensidade fria,
O ar e os ventos sem voz, a natureza em gelo.

Era o nada, a eversão do chaos no cataclysmo,
A syncope do som no paramo profundo,
O silencio, a algidez, o vacuo, o horror no abysmo...

E Beethoven, no seu supremo desconforto,
Velho e pobre, cahiu, como um deus moribundo,
Lançando a maldição sobre o universo morto!

Mas nesta desgraça Beethoven tinha a consciencia
do seu poder; no naufragio uma cousa se salvava: o
seu orgulho; a sua maldição era ainda a força do seu
genio. O orgulho dá vigor e defesa aos que soffrem
a desventura, a enfermidade, a miseria. Não foi isto
que salvou Camões, no innominavel horror da sua
desgraça na prisão da India, no tronco de Goa?

Camões soffre na infamia da clausura,
Pária sem honra, naufrago sem nome;
E rala, na saudade que o consome,
O pobre peito contra a pedra dura.

O seu genio illumina a abjecta lura...
Mas a vida das carnes se lhe some:
Fome de pão, e, outra mais negra fome,
Falta de affecto, mingua de ventura.

Do proprio fel, dos intimos venenos,
Faz a gloria da patria e a luz da raça.
E chora, na ignominia. Mas, ao menos,

Possue, na mesquinhez da terra crassa
E na vergonha de homens tão pequenos,
O orgulho de ser grande na desgraça!

A tarde da vida não afflige sómente as grandes almas, os espiritos superiores. Esta inquietação do occaso, esta incerteza da hora dubia, esta saudade e esta desesperação acabrunham todos os homens. A ancia pela perfeição impossivel, o descontentamento pelas decepções do trabalho, as desillusões do amor enganado ou desenganado, a tristeza que causa o espectaculo das inevitaveis injustiças do viver, a tortura que suscitam as perguntas sem resposta e os mysterios sem solução do mundo physico e do mundo moral, — todos estes sentimentos, que sempre dominam o espirito durante toda a existencia, aggravam-se e exacerbam-se nesta hora dolorosa em que começa a velhice:

Oh! o ideal da perfeição, que nunca se attinge!

Nunca entrarei jámais o teu recinto:
Na seducção e no fulgor que exhalas,
Ficas vedada num radiante cinto
De riquezas, de gozos e de galas.

Amo-te, cubiçando-te... E, faminto,
Adivinho o esplendor das tuas salas,
E todo o aroma dos teus parques sinto,
E ouço a musica e o sonho em que te embalas...

Eternamente ao meu olhar pompeias,
E olho-te em vão, maravilhosa e bella,
Adarvada de altissimas ameias.

E á noite, á luz dos astros, a horas mortas,
Rondo-te, e arquejo, e choro, ó cidadella!
Como um barbaro uivando ás tuas portas.

E o arrependimento pelo gozo que se não teve,
pela ventura que não se logrou, e até pelo soffrimento
que não foi curtido...

A's vezes, uma dor me desespera...
Nestas ancias e duvidas em que ando,
Sonho e padeço, neste outono, quando
Calculo o que perdi na primavera.

Versos e amores suffoquei calando
Sem os gozar numa explosão sincera.
Ah! mais cem vidas! com que ardor quizera
Mais viver, mais penar, e amar cantando!

Sinto o que espedicei na juventude...
Chóro, neste começo da velhice,
Martyr da hypocrisia ou da virtude,

Os beijos que não tive por tolice,
Por timidez o que soffrer não pude,
E por pudor os versos que não disse...

e a solidão moral:

Ha no espaço milhões de estrellas carinhosas,
Ao alcance do teu olhar... Mas conjecturas
Aquellas que não vês, igneas e ignotas rosas,
Viçando na mais longe altura das alturas.

Ha na terra milhões de mulheres formosas,
Ao alcance do teu desejo... Mas procuras
As que não vivem, sonho e affecto que não gozas
Nem gozarás, visões passadas ou futuras.

Assim, numa abstracção de numeros e imagens,
Vives. Olhas com tédio o planeta ermo e triste,
E achas deserta e escura a abobada celeste.

E morrerás, sósinho, entre duas miragens:
As estrellas sem nome — a luz que nunca viste,
E as mulheres sem corpo — o amor que não tiveste!

E quando se imagina que morre a esperança:

Quando as estrellas surgem na tarde, surge a esperança...
Toda alma triste, no seu desgosto, sonha um Messias:
Quem sabe? o acaso, na sorte esquiva, traz a mudança
E enche de mundos as existencias que eram vasias.

Quando as estrellas brilham mais vivas, brilha a esperança...
Os olhos fulgem; loucas, ensaiam as azas frias:
Tantos amores ha pela terra, que a mão alcança!
E ha tantos astros, com outras vidas, para outros dias!

Mas de azas fracas, baixando os olhos, o sonho cansa;
No ceu e na alma, cerram-se as brumas, gelam-se as luzes:
Quando as estrellas tremem de frio, treme a esperança...

Tempo! o delirio da mocidade não reproduzes!
Dorme o passado... Quantos sepulcros, e quantas cruces!
Quando as estrellas morrem na aurora, morre a esperança...

Mas a esperança nunca morre. A tarde traz com-
sigo, ao mesmo tempo, o mal e o remedio, o soffri-

mento e a cura. Ella traz, ao lado da revolta, a resignação. As boas almas habituaem-se ao soffrimento, e chegam a amal-o. Foi o que Dante sentiu, quando chegou ao Paraiso:

... Emfim, transpondo o Inferno e o Purgatorio, Dante
Chegára á extrema luz, pela mão de Beatriz:
Triste no summo bem, triste no excelso instante,
O Poeta comprehendêra o mal de ser feliz...

Saudoso, ao igneo horror do barathro distante,
Ao vortice tartareo o olhar volvendo, quiz
Regressar á gehenna, onde a turba ullulante,
Nos torvelins raivando arde na chamma ultriz:

porque ella é a mãe de todas as illusões e consolações.

Bemdito o que na terra o fogo fez, e o tecto;
E o que uniu a charrua ao boi paciente e amigo;
E o que encontrou a enxada; e o que do chão abjecto
Fez aos beijos do sol o ouro brotar do trigo;

E o que o ferro forjou; e o piedoso architecto,
Que ideou, depois do berço e do lar, o jazigo;
E o que os fios urdiu; e o que achou o alphabeto;
E o que deu uma esmola ao primeiro mendigo;

E o que soltou ao mar a quilha, e ao vento o panno;
E o que o inventou o canto; e o que criou a lyra;
E o que domou o raio; e o que alçou o aeroplano...

Mas bemdito, entre os mais, o que no dó profundo
Descobriu a Esperança, a divina mentira,
Dando ao homem o dom de supportar o mundo!

Cansada e abatida, embora, a alma pode ser feliz
quando reconhece que trabalhou para outras almas:

Viverei! Nos meus dias descontentes,
Não soffro só por mim. Soffro, a sangrar,
Todo o infinito universal pezar,
A tristeza das cousas e dos entes.

Alheios prantos, em cachões ardentes,
Veem ao meu coração e ao meu olhar:
Tal, num estuario immenso, acolhe o mar
Todas as aguas vivas das vertentes.

Morre o infeliz, que unicamente encerra
A propria dor estrangulada em si...
Mas vive a Vida que em meus versos erra;

Vive o consolo que deixei aqui;
Vive a piedade que espalhei na terra...
Assim, não morrerei, porque soffri!

Que importa se afogue a tarde nas trevas da noite?
O extremo crepusculo traz uma nova aurora. A
Morte, que, no começo da tarde, é um motivo de horror,
é depois um attractivo de curiosidade ardente:

Sinto ás vezes, á noite, o invisivel cortejo
De outras vidas, num chaos de clarões e gemidos:
Vago tropel, voejar confuso, halito e beijo
De cousas sem figura e seres escondidos.

Miseravel, percebo, em tortura e desejo,
Um perfume, um sabor, um tacto incomprehendidos,
E vozes que não ouço, e cores que não vejo,
Um mundo superior aos meus cinco sentidos.

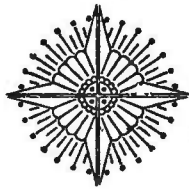
Ardo, aspiro, por ver, por saber, longe, acima,
Fora de mim, além da duvida e do espanto!
E, na sideração, que um dia me redime,

Liberto, fluctuarei, feliz, no seio ethereo,
E, ó Morte! rolares no teu piedoso manto,
Para o deslumbramento augusto do Mysterio!

Emfim, amemos e abençoemos a tarde, que é o
doce scherzo da symphonia da Vida; pensemos, so-
nhemos, sejamos bons, para que o final da sympho-
nia seja radiante e triumphal.

INDICE

Capitulos	Pags.
I — Alfredo Pujol	7
II — Machado de Assis	15
III — A Alberto de Oliveira	20
IV — Affonso Arinos	28
V — Garibaldi	33
VI — O Brasil e a guerra	43
VII — Nec nos labor iste gravabit!	51
VIII — A Patria na escola	59
IX — A' cidade de Santos	65
X — Sobre a minha geração literaria	69
XI — Bocage	82
XII — Allocuções aos meninos	104
XIII — Em marcha!	116
XIV — O cancro	123
XV — Ao Exercito Nacional	128
XVI — A' Marinha Nacional	139
XVII — Na Academia das Sciencias de Lisboa	146
XVIII — Aos homens de letras de Portugal	155
XIX — Aos estudantes mineiros	166
XX — Os escoteiros	172
XXI — A' Liga da Defesa Nacional	175
XXII — Ao Rio Grande do Sul	179
XXIII — Ao povo riograndense	185
XXIV — O negrinho do pastoreio	189
XXV — Aos estudantes do Rio Grande do Sul	195
XXVI — O exercito e a politica	202
XXVII — A lingua portugueza	207
XXVIII — Aos estudantes do Paraná	212
XXIX — Relações internacionaes	217
XXX — A' defesa nacional	222
XXXI — Os amores de Camões	240
XXXII — O feiticismo dos poetas brasileiros	268
XXXIII — Brasil	299
XXXIV — Sobre algumas lendas do Brasil	316
XXXV — Manifestação Rio-Branco	336
XXXVI — Sobre as crianças	344
XXXVII — Tarde	368



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).